



F.M. Pepper

NÃO PARE!

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Não Pare!

F.M.Pepper

www.fmpepper.com.br

Se você baixou esse livro de outro site que não for o Exilado [livrosdoexilado.org], saiba que essas pessoas de quem baixou apenas copiam material de lá além de enganar seus visitantes pedindo doações para fazer/postar seus “ebooks”.

O site do Exilado [livrosdoexilado.org] é um dos poucos sites em língua portuguesa que se preocupa em disponibilizar material de qualidade, fazer material próprio (criando ebooks) e apoiar autores iniciantes.

Cobre os donos do site e das comunidades que participa – o motivo dessa(s) pessoa(s) receberem dinheiro - se apenas “colam” o material do meu site. Lute para que esses sites façam seu próprio material e apoiem os autores iniciantes – enfim faça algo realmente produtivo.

**APOIE QUEM REALMENTE FAZ ALGO E NÃO QUEM APENAS
QUER LEVAR VANTAGEM FINGINDO SER ALGO QUE NÃO É !
(POSERBOOK)**

Capítulo 1

Arrependo-me de não ter prestado atenção aos sinais que me cercavam. Teria sido tudo diferente? Se eu pudesse imaginar que estes seriam os últimos dias da minha vida, ou melhor, da vida a que estava acostumada, faria alguma diferença?

No entanto, de uma coisa eu tinha certeza: eu deveria ter ficado em casa naquele dia e jamais ter colocado os pés naquela maldita praça. Jamais!

— Venha, Nina — chamou Stela eufórica, apontando para um showzinho a ponto de começar na praça Dam.

Quando me aproximei, foi tudo tão rápido que meu cérebro mal conseguiu processar a sequência de eventos que aconteciam diante de meus olhos.

Zoomp! Zoomp! O gemido surdo do ar sendo apunhalado. Fragmentado. *Zoomp!* Uma praça. Uma aglomeração de pessoas em uma roda. O artista de rua em uma assustadora exibição com facas voadoras. Seu olhar concentrado ficando estranho, aéreo talvez. As cintilantes facas se movimentando com incrível rapidez. O homem se aproximando. *Zoomp!* As lâminas afiadas se chocam, produzindo hipnóticas faíscas e gritos de delírio. O exibicionista se aproximando. A atmosfera cinza, o inebriante tilintar e brilho das facas, o burburinho de excitação das pessoas e... meu cérebro processando as imagens com enorme dificuldade. As letais facas cada vez mais perto. Meu estado de transe subitamente interrompido por uma voz incisiva atrás de mim:

— Abaixese!

No mesmo instante tive a sensação de que alguma pessoa havia me puxado e ao me inclinar para ver quem era senti um vento frio passar pelos meus cabelos. Só deu tempo de ouvir um *ohh!!!* das pessoas ao meu redor. Por que todas estavam olhando para mim? Aturdida, finalmente entendi o que acabara de acontecer: uma das facas havia se desprendido da mão do artista de rua e voado diretamente em minha direção. Com certeza teria transpassado meu pescoço se meu reflexo não fosse tão... tão incompreensivelmente rápido!?

— Nina, você está bem? Você está bem? — gritava Stela supernervosa. — Oh, meu Deus, foi por pouco!

— Eu estou bem! Só um pouco tonta, mãe.

— Venha, vamos embora! — Agarrou-me com agressividade pelo braço, conduzindo-me para longe da multidão. — Meu Deus, meu Deus! — ficava balbuciando e olhando em pânico para todas as direções.

— Calma, mãe. Não aconteceu nada! — respondia ainda meio desorientada.

Não conseguia compreender por que ainda me sentia muito estranha, mas não mencionaria tal fato com Stela no estado de nervos em que ela se encontrava. Devia ser pressão baixa.

Ao chegar em casa, o olhar de fúria nos olhos de Stela era evidente. Pronto! O estrago estava feito.

— Arrume suas roupas, filha — ela sacudia a cabeça transtornada. — Partiremos amanhã! É só o tempo para que eu providencie algumas coisas.

— Eu não quero ir! Mãe, nós acabamos de chegar à Holanda! Isto é um absurdo! — retrucava de maneira histérica. — Comecei o ano letivo em Oslo, pouco tempo depois já estávamos aqui em

Amsterdã e agora você já quer mudar de novo só porque eu sou a mais azarada garota da face da Terra? Você não vê que isto está me prejudicando? Será que você não pode esperar?

— Não! Além do mais, recebi uma irrecusável oferta caso atue fora da Europa... — a voz dela saía cambaleante.

— EU NÃO VOU! A gente não precisa desta oferta! — grunhia.

— Nina, se eu recusar este trabalho uma série de portas vão se fechar para mim — ela arfava. — Lembre-se que já fui referência em minha área, mas hoje não sou mais. O mercado está muito competitivo e vem engolindo os que não se adaptam. Precisamos ir!

— Por que eu não posso ser como todas as garotas da minha idade, hein? Sempre que começo a fazer amigos você parece que fica insatisfeita. Eu quero uma vida NORMAL!

— Que conversa é esta? Sempre tivemos uma vida normal e, bem... eu nunca me importei com as suas novas amizades. — Mas o semblante culpado de Stela evidenciava o contrário.

— É claro que não se importa, afinal de contas eu não tenho amigos mesmo! Eu não tenho tempo sequer de conhecê-los! Mal consigo gravar os nomes dos meus colegas! Isto é o normal para você? — indaguei com o rosto suado e em brasas, as sobrancelhas cerradas, quase obstruindo minha visão. — Já sei! — continuei sarcasticamente. — Normal para você é começar um ano letivo em Varsóvia, mudar logo em seguida para Viena e terminá-lo em Copenhague, reiniciarmos o outro ano em Oslo, mudarmos para Amsterdã, para então irmos não sei para onde, de onde logo partiremos para outro lugar, e mais outro, e outro — esbravejava aos quatro ventos. — Aliás, Stela, deve ser por isso que sou tão boa em Geografia, não é? — completei enfurecida.

— Não me chame de Stela! Você sabe que eu não gosto! — e continuou com a voz embargada. — Nina, eu te prometo que nós

vamos mudar cada vez menos. As coisas só precisam se acalmar um pouco... — puxou o ar com visível dificuldade —... e aí a gente se estabelece na cidade que você escolher. Por favor, filha, aguarde mais um pouco.

— O que precisa se acalmar?

— Nada de mais! Na hora devida eu falo — e desconversou, como sempre. Seus motivos: insondáveis. — Ah! Não tive tempo de dizer para onde vamos nos mudar... É um local que gosto muito e que você adorou quando criança. Quer uma pista?

Contaminada por uma raiva sem precedentes, não respondi com palavras impróprias àquela pergunta cretina por respeito a ela. Stela insistia:

— Não vai dar um palpite? — perguntou deixando um sorriso amarelo esboçar-se em seu rosto.

Permanecia calada.

— Nova Iorque! — exclamou feliz, aguardando minha reação.

Acertou em cheio! Apesar de não querer dar o braço a torcer, minhas expressões suavizaram-se. Se houve um local de que eu realmente tinha boas recordações, este local era Manhattan. Não que eu não gostasse de Amsterdã, seus lindos canais, passear de bicicleta pela cidade, sua vida tranquila. Mas algo dentro de mim borbulhava. Agora eu queria mais. Queria mais gente, mais agitação, e até mesmo mais buzinas, sirenes, fumaça, escadas rolantes em minha vida. É isto mesmo: eu queria mais vida na minha vida!

— Partiremos amanhã à tarde — completou, já percebendo que meu semblante melhorara.

— Por que tanta pressa, mãe? Ou você já tinha decidido?

— Não tinha nada decidido! A oferta apareceu e pronto. E é para ontem, ok? Fim de papo! — a voz grave confirmava que sua paciência estava ribanceira abaixo.

De nada adiantaria estender aquela conversa, Stela havia se fechado em seu casulo particular. Apesar de não ser um comportamento comum, dois assuntos costumavam encaminhá-la diretamente para este casulo: o primeiro era discutir algo que ela já havia decidido, como mudar repentinamente de uma cidade para outra; o segundo, que também me incomodava cada vez mais, era falar sobre nossa família, principalmente sobre o meu pai. Stela nunca falou. Nos últimos dois anos as nossas brigas aumentaram de forma exponencial. Queria saber algo sobre ele. Não teria uma foto sequer? Eu deveria ter muitas semelhanças com ele. Stela é morena, baixa, corpulenta, seus cabelos são negros assim como seus miúdos olhos. Completamente diferente de mim! Minha pele muito branca, meu biótipo longilíneo, meus fartos cabelos castanho-claros assim como meus arredondados olhos desta mesma cor eram a prova viva da herança genética herdada de meu pai. Dela havia herdado minha incapacidade de aceitar um não como resposta e meu gênio indomável... Por que não poderia me dizer algo sobre ele? Queria entender o porquê. Ele havia nos abandonado ou estaria morto?

— Estou indo acertar os detalhes da mudança. Aproveite para arrumar as malas. Não temos muito tempo — disse Stela com um olhar distante enquanto abria a porta.

Eu conhecia aquele olhar. O mesmo olhar que confirmava que minha mãe estava com seus pensamentos bem longe dali. Aqueles mesmos pensamentos que nos fizeram mudar constantemente, as mesmas neuras que insistiam em me afastar de todos ao meu redor, em me isolar. Já deveria ter me acostumado, mas a cada dia tal situação ficava mais insuportável. Queria outras pessoas para desabafar, contar meus segredos. Queria amigos de verdade! Os poucos amigos que fiz se perderam no caminho, ficaram para trás.

Amizade exige presença, e eu não ficava muito tempo em lugar algum.

— Por que tem que ser assim, mãe? — A tristeza impregnava meu murmúrio.

Ela voltou, mexeu na gargantilha do meu pescoço e me beijou a testa.

— Estou indo devolver as chaves do carro e do apartamento.

Nós nunca comprávamos nada de valor, como imóveis ou carros. Stela sempre os alugava.

— Eu te amo, filha. Mais do que tudo nesta vida.

— Eu sei, mãe. — Senti um aperto em meu peito, abaixei a cabeça e fui para o meu quarto.

Por mais chateada que ficasse com Stela, meu amor por ela era enorme. Meus ombros carregavam uma pesada sensação de dívida. A dor que podia ser vista por detrás do seu semblante sofrido acabavam me calando. Sabia que ela me amava. Mas era um amor estranho, doentio de certa forma. Talvez porque não tivéssemos família. Éramos só nós duas. Talvez porque houvesse algo mais... Toda vez que tínhamos uma discussão como esta, eu ficava me consumindo de remorso. No início até me sentia satisfeita pelo fato de ela não ter feito sua vida com outro homem. Assim eu não precisaria dividir sua atenção. Mas hoje me arrependo muitíssimo de ter pensado assim. Agora percebo que teremos que seguir caminhos diferentes um dia. Como ela ficará sem mim? Será que vai suportar? Eram perguntas constantes que me martirizavam.

Morávamos no andar superior de um espaçoso e antigo sobrado. Meu quarto ficava virado para o Sul, era claro e bem mais frio que o restante da casa. Por alguma razão, os ventos glaciais do Mar do Norte cruzavam silvando dezenas de ruas bucólicas e o

atingiam em cheio. Os móveis tinham sido alugados juntamente com o imóvel, e, da mesma forma, eram tão antigos quanto ele. De novo somente as minhas roupas, sapatos e o meu notebook. Puxei as malas que guardava embaixo da minha cama, e, como não era de espantar, não se encontravam tão empoeiradas assim, afinal de contas elas estavam constantemente sendo utilizadas na nossa solitária e agitada vida de errantes.

O tempo estava nublado, e Amsterdã despediu-se de nós com gelados beijinhos em forma de pingos de chuva.

O *check-in* teria sido tranquilo se eu não tivesse me aproximado de uma banca de jornal e visto algo que me intrigou.

— Mãe, olhe!

— Que foi?

— Meu Deus! — exclamei assustada. — Veja! O artista de rua! Foi... assassinado! Apareceu hoje boiando em um dos canais, cheio de facadas, ou algo assim.

Stela pegou o jornal de minhas mãos e leu toda a matéria em silêncio. Não falou absolutamente nada. Nem um único comentário. Seu corpo permanecia rígido e o rosto indecifrável. Não gostei daquela reação.

— Vamos — disse ela mais seca do que nunca —, temos que despachar nossas bagagens.

— O que está acontecendo? — perguntei agressivamente.

— Nada. Por quê? — retrucou de forma irônica.

— Você parece assustada... Sei lá — murmurei.

— É impressão sua.

Algo dentro de mim fazia perguntas sem sentido: *Será que Stela sabia de alguma coisa sobre aquele assassinato e não me contou? Seria por isto que estávamos saindo dali com tamanha urgência?* Não! É óbvio que não! Até porque sair às pressas de um local para outro já era seu famigerado *hobby*, e eu já deveria ter me acostumado a ele.

MAS NÃO! Faltando menos de dois meses para completar dezessete anos eu conseguia me sentir ainda mais diferente e solitária do que nunca. O que antes tentava esconder, agora fazia questão de demonstrar. Eu estava infeliz! Como minha mãe poderia achar normal viver em mais de vinte diferentes cidades e países num curto intervalo de dezessete anos? Por que tinha que ser assim? Eu queria uma vida normal! Pela primeira vez, pensava em alguma comemoração no meu aniversário, algo que nunca tive a oportunidade de ter. As razões eram diversas: a primeira é que apesar de termos conforto, nunca sobrou muito dinheiro. Não que eu visse Stela esbanjar em bolsas e sapatos da moda, mas, de alguma forma, o dinheiro desaparecia. Sei que ela sempre recebeu bons honorários por ser uma referência em sua área de atuação. Minha mãe, Stela, especializou-se em um ramo da indústria de produção de lentes de contato. Sei que fez isto por amor a mim. Nasci com um defeito em ambas as córneas. Apesar de ter uma visão perfeita, a anatomia de minhas pupilas é estranhamente incomum, fina e vertical, assemelhando-se à de uma cobra, lagarto ou de um felino, como prefiro imaginar. Assustador, eu sei, mas graças à Stela, nunca me foi constrangedor. Ela percebeu que aquela aberração poderia influenciar o modo como as pessoas me tratariam. Como sempre foi uma mãe protetora e uma mulher muito inteligente, arregaçou as mangas e começou a estudar por conta própria os meios de confecção das lentes de contato que existiam no mercado. Especializou-se nos diversos tipos de materiais, modelos e matizes das lentes que existiam no mundo, de maneira que seu grau de conhecimento ficou tão singular nesta área, que ela foi rapidamente absorvida pela indústria de produtos oftalmológicos. Fui criada como uma criança normal, sem

distinções, graças ao uso destas lentes especiais desde muito pequena. Este era o nosso segredo, embora no início eu não soubesse se era pior ficar com ou sem elas. Como incomodavam! Mas Stela nunca desistiu. Com o tempo desenvolveu lentes melhores, com maior durabilidade, feitas sob encomenda para mim. Tudo era feito em sigilo, sempre, de forma que até hoje absolutamente ninguém foi capaz de perceber que uso estes modificados corpos refratores. Acreditam apenas que uso tradicionais lentes de contato para os meus desnecessariamente chamativos olhos castanho-claros.

Em parte sinto-me culpada por nossa solitária vida de nômades, porque sempre que Stela ouvia falar de algum avanço científico na área, lá estávamos nós de novo fazendo as malas e partindo para outra cidade ou país. Hoje sei que, graças à sua experiência neste ramo de atividade, encontra-se também a desculpa perfeita para as suas costumeiras mudanças bruscas de vida e lugar, a válvula de escape para as suas habituais inconstâncias de temperamento.

Outro motivo para não ter qualquer comemoração no meu aniversário é que Stela fica particularmente tensa e com atitudes, como diria, insanas, sempre que esta data se aproxima. Complexo de envelhecimento? Neurose materna? Nunca entendi.

Ah! Esqueci de mencionar que o azar é uma constante em minha vida, apesar de não ser, tecnicamente, uma garota estabanada. Para uma mãe solitária e neurótica isto já seria prato feito, imagine se essa mãe fosse também tremendamente supersticiosa. Pois é o caso de Stela! Sempre que algum fato estranho acontecia, já era motivo para ela pensar em mudar de cidade. Como sempre fui muito azarada, aprendi a omitir acontecimentos nada convencionais que, vez ou outra, insistiam em ocorrer comigo. Cheguei a pensar que talvez fosse algum problema com a minha visão ou com as minhas lentes de contato, mas percebi a tempo que era mesmo falta de sorte.

— Vou comprar um sanduíche. Quer um?

Aterrissei.

— Não — refutei de má vontade. Estava imaginando se meu ano escolar estaria severamente comprometido.

— Que foi, Nina?

— Posso perder o meu ano letivo, mãe. Você não fica nem um pouco preocupada? — franzi as sobrancelhas.

— Você é uma excelente aluna. Vai conseguir — rebateu ela sem dar a mínima importância. Seu descaso me enervou:

— E se as matérias forem completamente diferentes? E se eu não conseguir? — retruquei histérica.

— Você sempre se saiu bem e, além do mais, tem coisa pior nesta vida...

— Pior?! Ah! Não. O pior é a minha mãe ter de levar uma vida normal, não é mesmo?

— Você não sabe de nada! Se sentisse o que eu sinto... — As palavras saíram como um gemido dentro de uma face torturada.

— Como não sei? Sou eu quem convive com você! Sou eu quem aguenta de tempos em tempos este seu olhar de depressão e suas atitudes egoístas! E em mim você não pensa?

— Claro que sim, Nina! É por você que faço estas mudanças...

— Eu nunca pedi para me mudar! — Meus olhos quase saltando das órbitas.

— Olhe! Estão começando a chamar o nosso voo. Vamos, eu como no avião! — Mudou de assunto e levantou-se rapidamente. —

Vamos, Nina! Que lerdeza!

— Mas por que a pressa? Posso saber? — explodi.

— Depois a gente discute, está bem? — e fechou a cara.

Pronto, entrara no casulo novamente. Joguei minha mochila nos ombros, peguei meu notebook e me encaminhei para a fila que se formava, com Stela logo atrás de mim, como um cão treinado pronto para me defender de qualquer ataque de um inimigo.

— Que saco! — reclamei baixinho.

Ela não me ouviu, ou fingiu não ouvir. Resolvi então colocar meu *i-pod* e não me preocupar com o que estaria por vir. Atrapalhada, deixei meu fone de ouvido se enroscar em meus cabelos e ele acabou se soltando. Ao abaixar para procurá-lo, senti uma fisgada nas costas e um calafrio muito forte passar e repassar por todo o meu corpo.

— Que estranho! — sibilei ao levantar. Mas dei de ombros e continuei andando. Virei para trás e vi Stela com a expressão petrificada, olhar acuado.

A comissária nos recebeu com um sorriso animado, o que mais aumentava a minha fúria, e indicou os nossos assentos — provavelmente pensando que tínhamos algum problema com numeração, algum tipo de dificuldade visual (mas minhas lentes estavam bem posicionadas!) ou duvidava de nossa capacidade intelectual. É... realmente eu não estava de bom humor e as comissárias não tinham culpa alguma de eu estar novamente de partida para outro local onde também não saberia por quanto tempo permaneceria.

— Ande, Nina! Você está engarrafando toda a fila.

— Tá bom!

Quando comecei a empurrar tudo de qualquer jeito para dentro do apertado bagageiro, senti novamente o calafrio passar por mim. Experimentei uma fraqueza momentânea e afundei-me no meu assento.

Stela tinha a fisionomia assustada.

— Que foi agora, mãe?

— Nada — respondeu ela com uma cara sinistra. Olhava para todos os lados. Parecia examinar cada assento da aeronave, um por um. Sentou-se reta, completamente enrijecida.

Após o jantar, tomei o meu Dramin e cochilei, exausta pela nossa saída fugitiva para os Estados Unidos. Quando acordei, as luzes da aeronave estavam apagadas e já devia ser de madrugada, pois praticamente todos os passageiros estavam dormindo, inclusive Stela. Joguei suas pernas frouxas para o lado e, aproveitando a calma, dirigi-me ao toalete. Quando estava retornando para o meu assento senti novamente aquele frio intenso passar pela espinha e subir pelas costas. Tremi. Como por reflexo, virei-me rapidamente. Nada! Não havia nada nem ninguém atrás de mim. Tive a estranha sensação, entretanto, de que estava sendo observada. Olhei ao redor e tudo parecia perfeitamente normal: a maioria dos homens roncando, crianças dormindo e babando nos colos de suas exauridas mães, além de alguns adolescentes assistindo a todos os filmes disponíveis durante a madrugada.

— Tolice! — disse a mim mesma. E retornei ao meu lugar. Subitamente, senti aquela sensação estranha acompanhada de um som diferente, e, quando olhei para trás, tudo estava igual, com exceção de ter visto um vulto negro entrar no sanitário. Fiquei confusa. Resolvi que ficaria ali no corredor aguardando até aquela pessoa sair do toalete. Poderia ser bobagem minha, mas tinha que tirar a dúvida. O tempo se passou e ninguém saía do maldito lavatório. Já estava ficando cansada com a espera.

— Esta pessoa deve estar passando muito mal — caçoei da situação para mim mesma.

Naquele momento, uma senhora bem gorda se levantou e dirigiu-se para o sanitário ocupado. Ótimo! Agora a pessoa que está lá dentro terá que sair. Foi quando não acreditei no que meus olhos presenciaram: não havia ninguém naquele lavatório! A senhora entrou e saiu calmamente. Não é possível! Enfureci-me comigo mesma. Este Dramin é forte mesmo.

— Você está procurando alguma coisa, senhorita?

— ãh? — olhei para baixo e vi um senhor bem idoso me abrindo um largo sorriso. De cima pude examinar sua calvície salpicada de sardas, sua pele sem viço.

— Tudo bem, senhorita?

— Ah! Claro! Está tudo ok. Eu estava procurando a comissária de bordo para pedir um copo d'água. — menti descaradamente. — Mas ela deve estar ocupada.

— Ou tirando uma soneca — zombou o velhinho sorrindo.

— Ou isto — sorri também.

Neste momento, o sinal de apertar o cinto de segurança foi acionado em virtude de iminente turbulência.

— Bem, vou para o meu lugar. Tchau.

— Até logo, senhorita.

Ao empurrar novamente as pernas de Stela para chegar ao meu assento, ela acordou sobressaltada:

— O que foi? Tudo bem, filha?

—Tudo — soltei um longo suspiro. — Só fui ao banheiro.

Stela olhou-me de forma carinhosa e passou os dedos pela minha farta e momentaneamente embolada cabeleira.

— Você está tão bonita. Minha menina já é uma mulher... — deixou brotar um olhar feliz por detrás de sua face fatigada de um sofrimento desconhecido. Pelo menos para mim. Mas desisti de perguntar. Hoje aceitava resignada a mudez de minha mãe. Se ela não queria falar do seu passado, é porque deveria existir uma boa razão.

— Agora é minha vez de ir ao toalete. Não vou demorar. Evite sair do seu lugar e falar com estranhos, tá, filha?

— Mas, por quê? — E, antes que ela pudesse me ouvir, já havia se retirado do meu campo de visão. — Que ótimo! — reclamei quase xingando.

De repente senti um aperto na garganta, minha língua árida e uma forte sede me consumindo. E, como num passe de mágica, uma pessoa surgiu ao meu lado. De pé, na penumbra, vi que me oferecia uma garrafinha de água.

— Olá, senhorita! — sussurrou o simpático senhor lá do fundo. Ele tinha um olhar distante. — Lembrei-me de que tinha uma garrafa de água e a trouxe para ti. Ainda está com sede?

— ãh? — soltei espantada. — Puxa! Eu... eu não sei o que houve, mas já acionei várias vezes o botão de chamada e nenhum comissário apareceu. Acho que deve ser por causa da turbulência. Por sinal, o senhor não deveria ter se levantado. É perigoso!

— Então pode pegar, ela é sua — respondeu.

— Obrigada. — Peguei a garrafa de imediato, castigada por uma sede subitamente crescente e agonizante.

Do instante que desenrosquei a tampa da garrafa até o percurso que ela fez para alcançar a minha boca, fui atingida por rajadas de luzes e sombras. Um vulto? Uma pane? Um som grave acompanhado de um soco fez a garrafa voar longe, espalhando a água pelo corredor e derrubando o velhinho. O estrondo acordou as pessoas, assustando-as. As luzes tornaram a acender. Petrificada, olhei para baixo e vi o pobre senhor caído no chão, contorcendo-se violentamente. Eu estava aturdida demais com a cena em andamento. Então ouvi um grito e vi Stela chegando com os olhos apavorados, seu rosto exangue, com a calça entreaberta, como se ela não tivesse acabado de se vestir adequadamente após utilizar o toalete:

— Oh, não! Você está bem, filha? O que houve? Que líquido é este? Você bebeu? — Stela gania, atropelando as palavras umas sobre as outras.

— O quê? A água? — A irritação fluía em minhas veias.

— Sim, Nina. A água!

— Não tive tempo. A turbulência... Qual o problema, mãe?! Por que você está assim? O que está acontecendo? — berrei revoltada com sua atitude. Ela não me respondeu. A confusão estava formada. Diversos comissários de bordo corriam de um lado para o outro tentando achar algum médico entre os passageiros.

— Ele está tendo um ataque cardíaco! — gritou um dos tripulantes. Só vimos o pobre senhor ser levado rapidamente para algum local reservado da aeronave. Eu fuzilava minha mãe com um olhar de reprovação e horror. Será que foi mesmo a pane elétrica ou o berro histérico de Stela que fez o pobre senhor ter o ataque cardíaco? Eu vi algum vulto ou foi apenas uma queda de luz que me deu esta impressão? E se aquele senhor falecesse? O pobre coitado havia batido as botas porque veio me ajudar? Por fim, os comissários pararam de passar por nós e um silêncio ensurdecedor

tomou conta de todos os passageiros, em especial de mim e de Stela. O que teria acontecido com o pobre senhor? O sentimento de culpa me invadia.

— Eu o matei! — murmurava entristecida.

— Não fale bobagem! — disse ela.

— Se ele não tivesse levantado para me ajudar...

— Nina, cale-se! Pare de chamar atenção, senão...

— Senão o quê? Você vai ter que me dar uma explicação para isso tudo!

— Eu vou dar na hora certa.

Mas ela nunca chegou a dar.

Capítulo 2

Acordei suada com Stela me abraçando fortemente contra seu peito.

— Calma, filha. Foi só um pesadelo!

— ãh? Mãe?! — indaguei ainda tonta.

— Sim, meu amor. Você gritou e quase me matou de susto. Há muito tempo você não tinha pesadelos. — E me encarou por um momento. — Com que você sonhou?

— Não me lembro de nada — respondi clinicamente.

— Melhor assim. — Encheu o peito de ar e tornou a me abraçar.

Passei longe da verdade. Menti porque me lembrava muito bem do meu pesadelo, e me custava recordar tamanha amargura que fiz Stela passar. Já o tive diversas vezes no passado. Quando tinha doze anos de idade um acontecimento deixou uma profunda cicatriz em nossa relação de mãe e filha. Fiz a loucura de acampar escondida com mais duas colegas de turma. Elas haviam contado para seus pais, mas eu não. Não contei porque já sabia a resposta. Stela nunca deixaria. E eu queria sair com outras pessoas, eu queria ter amigos! Aproveitamos um feriado prolongado e acampamos por quatro dias. Quando retornei, minha mãe estava internada em estado de choque em um hospital local. Como Stela estava frágil! A mulher forte e determinada que havia dentro dela parecia ter morrido. A febre a consumira, queimando seu corpo e sua alma sem compaixão. Delirava, pronunciando coisas estranhas, sem sentido. Os médicos diziam não encontrar a causa. Mas eu sabia qual era o

motivo: eu! O remorso foi impiedoso com minha consciência, massacrando-a. Quando me viu, sua cura foi quase instantânea, mas sua fisionomia era de tristeza e decepção. Aceitou minhas desculpas, mas com duas condições: nunca mais viajar sem antes lhe dizer para onde estava indo e sempre utilizar um determinado cordão, para ela um amuleto da sorte. Segundo Stela, não era uma joia. Embora fosse feito de fios de ouro trançados, era, no entanto, muito simples e delicado. Dele se destacava um estranho pingente feito de uma pedra para mim desconhecida. Não parecia preciosa, mas era realmente diferente. De cor sulferino bem brilhante, exalava um perfume semelhante ao do sumo do limão. Apesar do aroma ser bastante agradável, sua presença constante me gerou um pouco de enjoo no início. Mamãe costuma dizer que tenho um olfato apurado, mas minhas colegas dizem que sou muito fresca. Acho que concordo com elas. O fato é que desde então uso este cordão e não o retiro para nada. Acho até que algum tipo de ligação maior entre nós duas foi estabelecida a partir daquele terrível episódio, pois desde então Stela parece pressentir quando me encontro em alguma situação difícil e sempre surge do nada para me socorrer. Em pequena eu até que gostava de suas brilhantes exibições, mas, de uns tempos para cá suas aparições no estilo "mulher-maravilha" vêm me importunando de uma forma sufocante, efervescendo diversos atritos entre nós duas. Cheguei ao ponto de me livrar de dois celulares simplesmente para que ela não me fizesse passar por vergonhosas situações. Por diversas vezes sei que fui alvo de gozação entre os meus colegas, o que me distanciava ainda mais de todos. Há menos de um ano tivemos uma briga feroz. Após travarmos uma guerra psicológica, finalmente chegamos a um acordo quando, falsamente, ameacei abandoná-la de vez. Nosso relacionamento melhorou, e muito. Algumas recaídas de ambas as partes, mas nada que pudesse comprometer o nosso novo elo. Estávamos num momento particularmente feliz quando passeávamos por aquela maldita praça, portanto, não contaria sobre o pesadelo. Afinal de contas, para que remexer em coisas ruins do passado?

— Está na hora de levantar, dorminhoca.

— Ah, não! — soltei um muxoxo e afundei a cabeça no travesseiro.

— Em pouco tempo você se acostuma com o fuso horário, meu amor.

— Os fusos horários é que precisam se adaptar à nossa vida de ciganas, mãe — toquei na tecla que a incomodava.

— Tenho que ir. — Como sempre, ela se esquivou. — Boa sorte no novo colégio.

— Ugh!

Tudo de novo. Novo colégio a ser descartado em breve. Novos colegas cujos rostos seriam rapidamente esquecidos. Minha mente já havia se acostumado a apagar os primeiros dias em uma nova turma. Algo perfeitamente normal para quem já havia passado pelo estresse de trocar de escola mais de dezoito vezes em menos de dez anos.

Rapidamente tomei um banho e me vesti da forma mais discreta possível: calça jeans, tênis All-star, uma camiseta preta básica. A última coisa que eu queria era chamar a atenção. Como sempre, discrição era a minha palavra de ordem.

— Por aqui, querida. Minha artrose me mata, sabe? Já estou ficando cansada de mostrar a escola para tantos alunos novos. Em geral não costumamos admitir alunos novos com o ano letivo tão adiantado assim, querida. Normas da casa, sabe? É muito complicado coincidir as matérias e etc., mas não sei o que deu na cabeça do diretor este ano. Assim como você, temos mais quatro alunos novos começando exatamente nesta semana. Isto é incrível!

São todos casos especiais, assim como o seu, queridinha. — explicava-me a Sra. Nancy, secretária do colégio. Ela tinha os cabelos grisalhos arrumados num penteado de capacete, era baixa e bem gordinha.

A escola ficava no Upper East Side e era uma construção muito agradável, toda em tijolinhos marrom-avermelhados. Tinha cinco andares bem iluminados, assim como salas de aula claras e espaçosas, dois modernos laboratórios de ciências, um estúdio de artes, um ginásio bem amplo, além de uma incrível sala de música com paredes à prova de som.

— Ah! Aqui está a sua grade de matérias e horários, querida. Saiba que as classes estão divididas de acordo com a profissão escolhida por cada estudante, mas algumas matérias são comuns a todos. Sua mãe inscreveu você em psicologia, querida. Confere?

Eu confirmei com a cabeça. Definitivamente meu cérebro nunca ouviu tantos “querida” em um intervalo de tempo tão curto. Acho que ela estava tentando me fazer algum tipo de lavagem cerebral

— Ótimo! — disse checando o rádio. — Bom, querida, o dever me chama. — E deu um risinho de satisfação. — O restante da escola você vai ter que descobrir por conta própria. Boa sorte!

Era chegada a hora. Já deveria estar acostumada, mas não estava. A sensação era de que um ovo inteiro se alojara na boca do meu estômago. De qualquer maneira, usaria a tática de sempre: chegar cedo, sentar bem lá no fundo da sala e passar despercebida. A esta altura do período letivo, provavelmente estaria livre de apresentações constrangedoras.

A primeira aula seria de Química II. Dirigi-me para a sala especificada no mapa. Não gostei do que vi: as últimas carteiras estavam todas ocupadas! Meu plano já estava começando a falhar. Achei aquilo estranho, mas tudo bem. Os alunos que já haviam chegado me observavam com olhar de curiosidade e reprovação,

deviam achar que eu era uma louca perdida perambulando pelas salas da escola. Uma garota muito falante sentou-se ao meu lado, remexia alguns cadernos, fechava os olhos e balbuciava algumas fórmulas, o típico desespero de quem não está com a matéria devidamente estudada. Demorou algum tempo até que ela percebesse a minha presença.

— Oi. Meu nome é Melanie, mas pode me chamar de Melly. Você veio fazer esta prova com a gente? É algum tipo de segunda chamada? — apresentou-se meio espantada com a situação.

Pronto! O ovo inchou de novo.

— Ah, não! A prova é hoje?

— Sim. Você não sabia? — rebateu ela mais assustada ainda.

— Não. Acabei de chegar. Sou nova no colégio e na cidade — respondi desolada.

— Puxa! — Foi só o que Melly conseguiu pronunciar. — Mas, olhe, ainda tem a recuperação... se você se esforçar... eu acho que os professores terão que facilitar nas próximas provas, porque além de ter vários colegas com dificuldade na matéria, outros alunos acabaram de entrar no colégio, assim como você.

Sua intenção era a de ajudar, mas suas palavras me apunhalaram de maneira abrupta. Nunca em toda a minha vida eu havia sido reprovada em alguma matéria.

— Senhores, atenção! Quero que saiam daí do fundo da sala e se distribuam de forma equidistante, fileira sim, fileira não, uns atrás dos outros — comandou com autoridade um senhor moreno que acabara de chegar. Era magro e exibia um cavanhaque e costeletas esquisitas.

Sem muita pressa a turma se acomodou segundo as orientações dadas. As provas estavam sendo distribuídas, uma a uma, quando então ele e uma boa parte da turma notaram a minha presença, para a minha infelicidade.

— Olá! Eu sou o professor Hastings. Pelo visto você é nova na turma também, não é? — saudou-me com ar amistoso.

Foi ótimo ouvir o *também*. Saber que não havia sido jogada sozinha na arena com os leões já era de algum consolo. Só consegui assentir com a cabeça.

— Qual é o seu nome?

— Nina Scott. — Com exceção de alguns alunos que aproveitavam este momento de distração do professor para conseguir alguma cola, agora eu era o centro das atenções de toda a turma. Argh!

— Bem-vinda, Nina! Espero que já tenha conhecimento desta matéria. Mas, não se preocupe, ainda temos a prova de recuperação — concluiu tentando ajudar.

O estrago já estava feito. *Que venha a prova!*

Para a minha grata surpresa eu já tinha estudado praticamente toda a matéria que estava sendo cobrada. Terminei o teste relativamente cedo e fiquei enrolando o tempo para disfarçar. Ao entregar a prova, saí com rapidez da sala e, sem olhar para trás, ouvi alguém me chamar pelo nome:

— Niiiiina, espere! — Era Melly, correndo em minha direção. — Como foi na prova? — E, antes que eu pudesse tecer um mísero comentário, ela se adiantou em responder: — Estava muito difícil mesmo!

— Bom — disse eu meio sem graça —, por sorte eu já havia estudado esta matéria.

— Nossa, que sorte a sua! Venha, agora temos aula de História. — E como um guia de turismo, gesticulou para que eu a seguisse.

Fui acompanhando seus passos. Melanie Baylor era uma garota alegre e falante até demais. Tinha os cabelos ruivos encaracolados e muitas, mas muitas sardas no rosto e colo, o que parecia achatar o tamanho do seu pescoço. Ainda não havia concluído se ela era descolada ou apenas simplória.

Ignorando minha palpável indiferença, Melly me ciceroneava, mostrando-me áreas do colégio que a Sra. Nancy não teve tempo de me apresentar. A única que realmente chamou a minha atenção foi o refeitório. Assim como toda a escola, era muito claro e acolhedor com todas as suas janelas abertas, deixando que o sol entrasse, iluminando-o e aquecendo o ambiente.

— Venha, Nina. Vou apresentar você a outros colegas.

— Desculpe, Melly, mas eu não estou a fim — adverti de forma seca.

— Como não? — Melly parecia confusa.

— Veja, Melly, eu entrei nesta escola na metade do ano letivo — tinha que dar uma desculpa rápida —, o trabalho de minha mãe nos obriga a mudar muito de cidade, e não sei se estarei aqui até o final do ano. Aliás, não sei se estarei aqui até o final deste bimestre, portanto acho desnecessárias todas estas apresentações.

— Ah! — disse ela, surpresa. — Tudo bem! Então vamos!

— Mas você pode ficar com as suas amigas, não tem problema — assinali.

— Fala sério! Você está vendo alguma amiga por aqui? Popularidade não é o meu forte, Nina. E, pelo visto, não é o seu também — piscou. — Acho que vamos nos dar bem — e me lançou um sorriso cúmplice. — Venha, senão vamos nos atrasar para a aula de História. É com o gato do professor Clooney.

— Olá! Você é a Nina Scott? — senti alguém cutucar meu ombro.

— Ah? Oi. Como você sabe o meu nome? — perguntei com um fingido ar de curiosidade.

— Bem, é que sem querer ouvi uma conversa da Sra. Nancy — respondeu-me um garoto sentado na carteira atrás da minha. — Você é realmente uma CDF!

Se havia uma palavra que sempre me deixava aborrecida era esta: "CDF". Nerd até podia aceitar, porque eu era mesmo... Só uma nerd para ter quase dezessete anos e não saber ainda como lidar com uma cantada bobinha de algum garoto da minha idade. Mesmo que eu deixasse minha timidez e tendência genética para "bicho do mato" de lado, como conseguiria ser mais descolada e sociável levando a vida que eu era obrigada a ter?

— Exagero da minha mãe. — Minha resposta saiu azeda.

— Épa, é brincadeira! Não é para você ficar chateada comigo. É um elogio, tá bom? — e sua face desbotou.

— Tudo bem.

— Meu nome é Phillip. E estes são meus amigos — virou-se para o lado e apontou. — Peter, Frederic e Will.

Animados *ois* e *olás* foram emitidos em poucos segundos, o mesmo tempo que gastei para fazer o *check-list* dos garotos. Phillip era magro, de estatura mediana, cabelos escuros enrolados e muito

sorridente. Peter era bem pequenino e tímido. Mal conseguiu olhar para mim. Frederic era gordinho e meio bobalhão. Por fim havia o Will. Ele era moreno claro, olhos escuros e brilhantes. Parecia o cérebro do grupo. Compenetrado, falava pouco e ouvia toda a conversa com muita atenção. Gostei dele.

O professor de História entrou bufando pela sala e bateu a porta por trás de si. Parecia muito mal-humorado e não era um gato como Melly havia descrito. Pelo contrário, tinha uma enorme cara de buldogue. Já sabia que não poderia confiar muito nos gostos de minha nova colega. O professor Clooney Stamford, apesar de sua aparência nada simpática, tinha uma dinâmica incrível e, pelo que se podia notar, era bastante intolerante com qualquer um que atrapalhasse seu método de ensino. Em outras palavras, ninguém podia *abrir o bico*.

Ao término da aula o sinal tocou e novamente senti novo cutucar em meu ombro esquerdo.

— Nina, você vai ficar na nossa turma? — Phillip parecia bem animado. Animado até demais.

— Acho que sim. Depende do emprego de minha mãe — hesitei. Apesar de acostumada a ficar só, estava começando a gostar do fato de colegas quererem a minha presença.

— Tomara que sim! — Ele tinha um olhar vibrante. — A gente se vê!

— Ok!

— Parece que o Phillip gostou de você, Nina! — Melly soltou um longo suspiro assim que ele saiu.

— Não é nada disso!

— Hum... — ela retrucou com um sorrisinho malicioso. Lógico que eu havia percebido o olhar interessado de Phillip, mas tentei disfarçar. Poderia ser uma excelente aluna, mas no quesito *garotos e flertes* meu histórico era uma negação. — Tomara que apareçam mais gatos por aí... Os garotos daqui são tão pouco interessantes!

— Como assim? Não está todo mundo aí? — rebati. — Pensei que tinha sido a última a me apresentar.

— Negativo. Dois deles chegaram na segunda-feira, mas ainda faltam outros dois — completou Melly.

O dia seguinte foi bem mais tranquilo. Minha ansiedade havia desaparecido completamente só em saber que eu não seria a única aluna nova. Que coincidência ter mais quatro alunos novos começando o ano escolar na mesma semana que eu! Ao chegar cedo para a aula de Matemática II, encontrei Melly conversando com algumas garotas.

— Nina, essas são Susana e Clarice. — Melly assumira um cômico ar formal.

— Olá, tudo bem?

— Oi, Nina. Como consegue estar adiantada se viaja tanto? — perguntou-me a tal Clarice com um misto de curiosidade e inveja indisfarçável. Era uma garota magra, muito pálida, de pescoço comprido e cabelos finos e ralos.

Nem vinte e quatro horas se passaram e todo mundo já sabia da minha ridícula vida. Que grande fofqueira resolvi ter como amiga!

— Minha mãe me matriculou cedo e, por sorte, sempre consegui acompanhar e...

— Foi o que eu disse para elas! — interrompendo-me, Melly apressou-se em se explicar, ao ver que eu não havia gostado nadinha da fofoca. — E que você é muito inteligente também! — terminou quase em um murmúrio ao constatar que meu olhar a fuzilava de maneira impiedosa.

— Estávamos aqui confabulando se os novos alunos serão bonitos. — Susana mudou de assunto, comentando com um risinho maroto. Ela era o exato oposto de Clarice: corpulenta, exibía volumosos cabelos louros sobre um rosto e uma língua igualmente rechonchudos.

— O garoto sardento tem até um bom porte, mas não é interessante...

— Ah! Eu gostei — intrometeu-se Melly, toda animada.

— Já a aluna nova... — ficou evidente que não era a mim que ela se referia — é muito bonita — concluiu Clarice.

— Bonita é Nina. — *Bom, pelo menos não passei despercebida.* — A loura é exótica, ou, no mínimo, oferecida — alfinetou Susana, a líder da dupla.

— Susana — sondei tentando ser simpática —, quem são os alunos novos que chegaram?

— Melly não te mostrou? — Havia reprovação em sua voz.

— Não.

— Bem, é que eles são um pouco estranhos... Tsc! — e estalou a língua com desdém.

— Estranhos?

— É que parece que eles se conhecem, mas que não gostam um do outro. Parece que evitam até mesmo se olhar e, quando isto acontece, eles desviam o rosto um do outro. Normalmente é o contrário, né? Os alunos novos costumam se unir, como se fosse uma defesa contra toda a turma nova... sei lá! — Por detrás da malícia, Susana foi muito arguta em sua observação.

— Mas tem mais — Clarice atropelou a conversa.

— Mais como? — interroguei desconfiada.

— Eles também não são *novos* como nós, quero dizer, eles parecem ter uns vinte anos de idade, e não entre dezessete e dezoito como a maior parte da turma.

Concordando com o comentário da colega e elevando com animosidade seu nariz, Susana me apontou os novos alunos com um revirar de olhos. Parei então para observá-los: a garota estava sentada mais à frente, era loura, de cabelos curtos, lisos e espetados. Não parecia ser alta e usava roupas muito justas que acabavam evidenciando um corpo muito bem feito. Já o garoto não era realmente bonito, mas também não era feio como o haviam tachado. Lotado de sardas no rosto, que me fizeram lembrar Melly de imediato, ele era ruivo e de porte atlético. Parecia ser bem reservado, bem *na dele*. Enquanto eu o observava, tive a impressão de que, por um breve instante, a garota loura me fuzilou com um olhar furioso.

Intimamente concordei com o que foi bem observado por Susana. Todo novato, por se sentir um peixe fora d'água, costuma se aproximar de outro aluno novo e, desta forma, ele não se sente tão deslocado. Disto eu entendia muito bem. Mas, para contradizer as regras, eles estavam bem distantes entre si.

— E também não são nada sociáveis. Will tentou puxar conversa com eles, mas não deu em nada. São calados como túmulos! — acrescentou Clarice.

Pelo pouco que pude observar, se houve uma pessoa com uma conversa que parecia ser interessante até aquele momento, esta pessoa era Will.

— Como se chamam? — continuei o interrogatório.

— O ruivo chama-se John Bentley e a loura Samantha Wonders.

— Os meninos estão em polvorosa! — grunhiu Susana para mim. — Também, com este tipo de roupa... Está quase tudo de fora! — disse fazendo uma careta e apontando para o corpete superjusto e decotado que a loura vestia.

— Hum — suspirei, em parte feliz por não ser mais o centro das atenções, e em parte infeliz, por me achar feia diante daquela garota tão hipnotizante.

O final de semana chegou e com ele um vazio se fez presente dentro de mim. Queria conhecer pessoas novas e, principalmente, estava desesperada para ter os finais de semana preenchidos com outras coisas que não apenas ficar em casa estudando ou conversando com Stela. Em outras palavras: queria ter mais liberdade!

Aproveitando-me do fato de que Stela estaria trabalhando naquele sábado, e sem que ela soubesse, comecei a procurar por empregos de expediente reduzido, de preferência noturno. Assim eu poderia ir à escola de manhã, fazer meus deveres e estudar à tarde e trabalhar à noite. Para minha surpresa, consegui de imediato um emprego provisório em uma boutique bem chique de roupas femininas na quinta avenida.

Como tudo que vem muito fácil...

Capítulo 3

— Se for para começar hoje, tudo bem, queridinha. Senão pode esquecer. Temos pressa! — assinalou a gerente com uma voz arrastada e cara de zebra infeliz.

— Sem problema. Posso começar agora mesmo! — concordei satisfeita.

Liguei para Stela e disse que chegaria um pouco mais tarde porque sairia com algumas amigas. De início ela não gostou da ideia, mas como era sábado e ela estava trabalhando, um sentimento de culpa deve ter batido em sua consciência. Só comentaria sobre o emprego com minha mãe caso fosse contratada. Como ela chegava do trabalho por volta das 20h, inventaria uma série de falsos grupos de estudo para colocar em dia a matéria que havia perdido. Antes das dez já estaria em casa, e com isto Stela de nada desconfiaria.

Domingo, no meu segundo dia de experiência, as coisas na loja não iam como eu imaginava. O trabalho era maçante e, pelo que ficara óbvio, as vendedoras estavam muito insatisfeitas. Era só a gerente virar as costas que elas logo começavam a reclamar de tudo, em especial do barulho e da queda vertiginosa das vendas que ocorreu assim que o pessoal da firma de limpeza de fachadas instalou o andaime para a lavagem das pastilhas do prédio. Queixavam-se da gerente exigente demais, das clientes metidas e insuportáveis, assim como da baixa remuneração já que haviam reduzido a porcentagem de cada venda. Aliás, este era um ponto importante para mim. Percebi naquela hora que eu não teria porcentagem alguma. Minha função era coadjuvante ao trabalho

daquelas vendedoras infelizes. Em que furada eu havia me metido! Gemia absorta em meus pensamentos quando uma voz aguda abriu a porta da loja com um grande: "Oiiiiii, Nina!"

— Melly, o que você está fazendo aqui?!

Como eu estava feliz por ela me tirar alguns minutos daquele ambiente enfadonho!

— Vim fazer umas comprinhas! — Pra variar, ela exibia um sorrisinho travesso.

Num ataque inesperado, uma das vendedoras já estava entre nós duas, como um urubu pousando avidamente em sua carniça.

— Posso ajudá-la? — perguntou meio em dúvida.

— Não. Quero dizer... é brincadeira. Eu só vim dar um alô a minha amiga — Melly respondeu meio sem graça.

— Seja breve. Você sabe que a gerente não permite visitas durante o expediente — ordenou-me a vendedora com rispidez. Seu olhar de reprovação chegava a queimar.

— Ok.

— Sua mãe sabe que você está trabalhando aqui? Aiii, o que foi?! — o gritinho de Melly saiu fino quando belisquei o seu braço disfarçadamente mas com vontade.

— Com licença, é só um minuto — aproveitando-me do fato da gerente ter saído e antes de que qualquer vendedora pudesse abrir a boca para me impedir, eu já estava do lado de fora da loja trazendo Melly pelo braço.

— Melly, você está maluca? Elas acham que eu já tenho dezoito anos! Se descobrirem sobre a minha verdadeira idade, serei

despedida na mesma hora!

— Grande coisa! Vi sua cara de total desânimo lá dentro.

— É verdade — soltei —, mas vou esperar pelo menos um mês para ver se as coisas melhoram e para ganhar um pouco de experiência — argumentei sem qualquer convicção. Acho que nem Melly consegui enganar.

— Sei.

— E o que você veio fazer aqui afinal?

— Bem, é que eu gostaria de saber o que você acha de eu fazer clareamento nos meus dentes. — E, sem rodeios, exibiu um amplo e artificial sorriso.

— ãh?! — Não acreditei que ela tinha se dado ao trabalho de vir até aqui só para me fazer esta ridícula pergunta. Identifiquei uma característica em Melly inicialmente bem disfarçada em sua fisionomia displicente. Melly era ansiosa, e muito. A ponto de não aguentar esperar um único dia sequer para fazer a tal “importantíssima” indagação.

— Meus pais acham desnecessário, mas eu estava lendo aquela revista de “*Saúde e Estética*” e...

Enquanto Melly falava sobre seus planos de estética, algo inusitado começou a acontecer. Já não conseguia ouvir um som sequer: um silêncio aterrador preenchido por um ruído de fundo. A claridade havia desaparecido.

— Melly, eu preciso me sentar! — minha voz saiu fraca.

— Que foi, Nina? Você está pálida e... suando frio?

— Eu estou um pouco tonta — sibilei. Já sentia o calafrio se espalhando pelo meu corpo como sugadoras ondas eletromagnéticas.

— Venha, vamos sair daqui. Vou te levar para dentro da loja — disse Melly apressada.

— Não consigo, está tudo escuro e minhas pernas estão bambas... — E, antes que eu acabasse de falar, caí sobre a calçada. Meu tombo aconteceu sincronizado com um estrondo.

— Nãããooo!!!

Horrorizada, Melly deu um salto para trás. Seu berro estridente paralisou olhos e pernas das pessoas que passavam. Zonza, ainda tive forças para olhar para cima e ver o que o destino me reservava: um gigantesco andaime vinha despencando e cairia acelerado diretamente em cima de mim. Eu seria esmagada! Tentei esboçar algum movimento, mas nada. Nem um músculo se moveu. Tentei novamente. Em vão. Nada respondia. Braços e pernas inertes. Todo o meu corpo formigando. Fechei os olhos, cerrei os punhos e, com muita dificuldade, obriguei-me a tragar oxigênio. Bloqueada. A passagem de ar para os meus pulmões estava totalmente vetada. Eu estava me asfixiando. Ar. Eu precisava respirar. Quase perdendo a consciência, concentrei todas as minhas forças para um último e decisivo impulso. Um, dois, três...

— Ah!!

Senti um forte puxão pela cintura, como se eu fosse abruptamente lançada em outra direção. Novamente, foi tudo num piscar de olhos. Quando dei por mim, estava com o corpo todo retorcido a alguma distância das vigas metálicas e dos enormes pedaços de madeira espatifados. Miraculosamente, havia saído ilesa daquela situação aterradora.

O andaime fez curva ao cair ou eu tinha conseguido reunir forças de algum lugar dentro de mim? Meu estado de torpor só conseguiu captar as expressões de pânico e incompreensão das pessoas próximas a mim. Melly estava boquiaberta, em estado de choque, atrás de um grupo de pedestres também apavorados. Ainda caída e atordoada, investiguei ao meu redor algo que pudesse me dar alguma explicação. Nada. Nem uma pista. Mas o calafrio continuava. Então me forcei a encontrar o que nem eu sabia que deveria procurar. Em um rápido passar de olhos, vasculhei cada canto, cada movimento, cada pessoa, o que já havia ficado muito difícil, pois uma aglomeração de curiosos se formara ao meu redor. Nada de novo. Então instintivamente passei minha atenção para os semblantes dos transeuntes. Foi quando me deparei com um par de olhos absurdamente azuis por baixo de grossas e negras sobrancelhas que me faziam perder o chão, se eu já não estivesse deitada sobre ele. Era de um azul-turquesa vivo incomum, muito brilhante e tão penetrante quanto um tiro de fuzil em um coração sem um colete de proteção. Seus olhos, no meio de tantos outros, fulguravam para os meus. Sob tensão e constrangimento, desviei meu olhar com rapidez, e quando resolvi encará-los novamente eles já não estavam mais lá.

— Nina! Nina! Você está bem? — descontrolada, Melly corria ao meu encontro.

— Sim, estou bem — respondi irritada, levantando-me do chão aos tropeços.

— Você está chateada? Você deveria estar agradecida aos céus! — ela gritava, num de seus raros momentos de aspereza.

— Desculpe, Melly. É que estou um pouco tonta, não sei bem... — Eu estava era ficando preocupada. Não poderia ser só azar. Tinha que haver alguma explicação para todos aqueles "quase" acidentes em minha vida. Stela com certeza deveria saber de alguma coisa, mas se eu resolvesse perguntar, obviamente ela perceberia que

algo havia acontecido e com incrível rapidez estaríamos mudando para outra cidade ou país.

As vendedoras saíram da loja e, em vez de perguntarem sobre o meu estado, me olhavam com expressão raivosa.

— Pronto! — resmungava uma delas. — Era só isto que nos faltava para acabar de vez com as vendas do mês! Uma sanguinária manchete de jornal acontecendo bem em frente à nossa loja!

Indignada com a reação delas, sacudi a sujeira em minhas roupas, ergui a cabeça e respondi quase rosnando:

— Falem mal, mas falem de mim! Com o meu espetáculo, quem sabe agora as suas péssimas vendas não aumentam, hein? De qualquer forma, não estarei aqui para ver.

— Você não pode sair assim! — berrou outra delas.

— Não posso? Então observe! — E fui embora com Melly, sem olhar para trás e com a sensação de alívio me enchendo o peito. O celular começou a tocar e com ele minha intuição. Sem olhar o visor, fiz um pedido imediato à Melly:

— Melly, posso te pedir um favor muito importante?

— Claro. O que foi? Você ainda está tonta? Quer que eu atenda o celular para você? — perguntou preocupada.

— Não! — rugi sob tensão. — Desculpe. Eu estou bem... Mas, por favor, não conta nada do que aconteceu para a minha mãe, ok?

O aparelho berrava nas minhas costas.

— Mas por quê? — Ela olhava desconfiada para a minha mochila.

— Melly, ela só tem a mim e é uma pessoa muito nervosa e preocupada — tentei explicar enquanto pegava o impaciente objeto. — Se eu contar tudo o que acontece comigo, ela vai pirar, arrumar as nossas malas e novamente iremos nos mudar. Você me compreende?

Atônita, Melly não me respondeu.

— *O que foi, mãe?... Sim, está tudo bem, por que não estaria?... Tá bom. Tá bom, eu ligo. Já estou indo. Eu também te amo. Beijo.*

Melly me observava assombrada.

— Caramba! É por isto então que vocês se mudam tanto?

— Infelizmente, sim. Quer dizer, também por conta deste trabalho louco dela, mas eu tenho certeza que o principal motivo sou eu. Ela tem obsessão pela minha segurança e, pra variar, eu sou muito azarada, como você acabou de perceber. Ela pira! Sabe como é, né? Nós não temos família. Não temos mais ninguém...

— Puxa! — suspirou ela. — Mas, peraí, como ela ficou sabendo? Quero dizer... como ela soube que você acabou de passar por uma situação de perigo? — questionou desconfiada.

— Nós somos muito ligadas... eu acho.

— Você quer dizer que vocês conseguem pressentir que uma ou outra se encontra em perigo?

— Eu não. Só Stela consegue.

— Uau!

— Pois é.

Um silêncio.

— Tudo bem, Nina. Eu não vou contar nada para a Dona Stela.

— E nem para ninguém, tá? Vai que cai nos ouvidos dela por meio de outra pessoa e...

— Ok. Já entendi. Bico calado — completou Melly dando um selinho em seus dedos cruzados.

Caminhei para casa brigando com meus neurônios para entender como eu poderia ser tão desafortunada. Entristecida com o ridículo fracasso do meu primeiro emprego e da minha constante má sorte, acabei esquecendo completamente da data especial. Era aniversário de Stela.

— Esqueceu da sua mãezinha predileta? — ela me recebeu com um largo sorriso amarelo no rosto.

— Puxa, mãe. Desculpa. Parabéns!

— Tudo bem.

— É bolo de morango com chocolate? — tentei disfarçar.

— Claro. O nosso preferido! — disse satisfeita. Na verdade era o meu sabor predileto, e não o dela.

Era muito bom vê-la assim tão descontraída, como raras vezes eu a via. Como sempre, Stela comprava um belo bolo e soprávamos as velinhas. Pelo menos este ano ela estava feliz, e este, com certeza, seria o presente que eu, no meu mais profundo desejo, gostaria de poder lhe dar. Na verdade, era um bom presente para mim. Apesar de nunca confirmado, eu sempre soube do carinho especial que ela nutria por esta cidade. Devia ter boas recordações daqui. Stela já havia morado em Nova Iorque. Eu era pequena quando estive aqui com mamãe. Tudo de que me lembro são das nossas brincadeiras no Central Park, de botões de rosas brancas, de um sorriso feliz estampado em seu rosto constantemente triste.

Como este de agora. Se ela havia decretado uma trégua, eu a aceitaria de bom grado. Estava cansada de brigar.

— Nina, apesar de o aniversário ser meu, tenho um presente para lhe dar — disse com o olhar brilhando.

— Pode falar. — Stela nunca foi de acertar no quesito “*presentes*”, portanto, eu não estava nem um pouco curiosa.

— É uma notícia que você espera já faz algum tempo...

— O que foi?

— Não vamos deixar Nova Iorque. Eu decidi.

Meu peito começou a inflar de euforia, mas segurei a onda.

— Posso participar do baile de formatura? — permanecia incrédula.

— Claro que sim. Por que não?

— Quando acabar o ano posso me candidatar a algumas universidades? — desconfiada, tornei a indagar.

— Claro, filha!

— E se me aceitarem? Aí não vou poder mais mudar de cidade por um bom tempo, quanto mais de país, mãe! — As palavras saíram quase como um vômito. Eu estava acelerada.

— É evidente que não! Você terá de concluí-la para que possamos pensar em nos mudar de novo, não é mesmo? — ela deixou brotar um sorrisinho torto. — Além do mais, é óbvio que vão te aceitar. Você é uma aluna excelente! Com certeza também será uma excelente psicóloga.

Alguém tinha de me beliscar. Eu teria uma vida normal?! Poderia fazer planos para o futuro e não apenas viver o presente? Estava louca de felicidade, de vontade de sair correndo para a escola e contar para Melly, para o mundo inteiro. Antes que eu saísse da sala dando cambalhotas de alegria, minha mãe fez uma cara brava:

— Você está esperando alguma correspondência?

— O quê?! — pronto, pensei, estava tudo acabado. Se ela leu alguma correspondência, estaria uma fera comigo por ter lhe escondido que eu estava procurando emprego.

— Você não tem nada a me dizer? — tornou a indagar com um olhar que eu não reconhecia.

— Bem, mãe. Quer dizer, é que...

— Estou ouvindo — respondeu firme.

— Eu te escondi uma coisa.

É claro que eu não ia mencionar sobre a queda do andaime.

— O que foi?

— Na sexta-feira eu preenchi alguns formulários de empregos em diversas lojas de Manhattan. Ontem, quando me apresentei numa loja de roupas, a gerente me contratou de forma imediata. Mas não deu certo!

— Eu sei.

— ãh?! Sabe? Como? — Parei um minuto. — Já sei! Foi Melly quem lhe contou.

— Nada disto. Nina, você pode até omitir coisas mais íntimas para mim, mas não se esqueça de que mente muito mal. Só sei que

desconfiei. Primeiro porque ontem você não respondeu às minhas perguntas com objetividade, e segundo porque Melly sem querer ligou para cá procurando por você.

Droga! Tinha que ter contado para Melly logo de cara.

— Desculpa, mãe.

— Tudo bem, filha. — Seu semblante melhorara. — Eu sei que também tenho a minha parcela de culpa nesta história.

— Eu quero uma vida diferente, mãe. Quero conhecer pessoas novas e não apenas os colegas do colégio. Acho que nossa vida diferente fez de mim uma garota estranha. Eu sinto que tem algo errado em mim, mãe.

— São os hormônios, filha. Na sua idade eu também era cheia de dúvidas, também queria coisas diferentes.

— Não é isto... É que eu me sinto diferente dos meus colegas e...

— Isso passa quando chegar a hora! — interrompeu-me bruscamente. Sua resposta áspera escondia os olhos inchados, cheios de lágrimas. Ela os secou, com o pretexto de ajeitar os cabelos, bem rareados com o passar dos anos. — Tome! Esta carta chegou hoje à tarde.

Puxei o envelope, engoli o texto impresso e em questão de segundos já estava com um sorriso escancarado.

— Eles me aceitaram, mãe!

— Eu já desconfiava, filha. — Stela retrucou orgulhosa. — Mas você não acha que trabalhar à noite pode prejudicar os seus estudos? Vai acabar ficando muito cansada. Além disso, você não precisa, Nina.

— Eu sei, mãe. Mas eu quero. Nem que seja por pouco tempo — explicava agitada. — Trata-se de uma loja de departamentos que recebe montes de clientes estrangeiros. O fato de eu saber muitas línguas ajudou bastante. Fui escalada para ficar na área dos livros, CDs e DVDs, que era a que eu mais queria.

— Eu não disse que você acabaria me agradecendo por termos morado em tantos lugares diferentes? — ela me deu uma piscadela. — Tudo bem. Que assim seja e que Deus te proteja.

— Mãe, eu não estou indo para a forca! Eu só vou trabalhar. Quem sabe o fato de eu lidar com pessoas de todos os cantos do mundo já não seja um estágio para a minha psicologia?

— É. Pode ser. Vamos ver.

Capítulo 4

Acordei com um misto de alegria e excitação. O dia não estava bonito. Apesar da época, ventos frios começaram a invadir de forma violenta a ilha de Manhattan. Bati uma vitamina de banana com aveia, coloquei um casaco, e, de tão ansiosa, resolvi descer os encardidos degraus da escada do meu prédio de dois em dois, deixando o lerdo elevador para trás. Como estava bem adiantada, optei por ir a pé para a escola. A felicidade transbordava em meu peito e eu estava impaciente. Pela primeira vez em muitos anos eu conseguia visualizar pinceladas de cores na tela desbotada da minha vida. Queria ver as pessoas com pressa, ouvir muitas buzinas, gritar de felicidade. Aguardei o sinal fechar para atravessar a avenida supermovimentada. O sinal ficou vermelho para os carros, e uma grande multidão, assim como num frenético formigueiro, caminhava a passos largos de um lado para o outro, compenetrada em seu repetitivo percurso diário. Para eles e não para mim, pois meu estado de êxtase era entorpecente. Comecei a atravessar a gigantesca avenida, quando subitamente senti uma descarga elétrica contrair todos os músculos do meu corpo, aquele estranho calafrio atravessar sem piedade cada tecido, cada estrutura de meu organismo.

— Ah, não! De novo, não!

Meu oxigênio se fora e eu perdi o foco. Petrificada, perdi a compreensão do que acontecia à minha volta. Senti minhas pernas fraquejarem e meus joelhos ameaçaram se dobrar, como se alguém os acertasse por trás. Eu ia tombar. Mas eu não podia ceder. Tinha de aguentar.

— Oh, meu Deus!

A vários metros de distância, um desfocado pisca-pisca amarelo alertava-me para o escasso tempo disponível. Teria de correr! Mas como? Caminhar já era uma tarefa árdua, quase impossível. A outra calçada insinuava-se distante, quase inatingível. Eu não conseguiria alcançá-la a tempo. O horror se agigantou em meu cérebro. Naquela fração de segundo, recordei-me do andaime assassino e da sorte que vivenciei na véspera. Mas a sorte não costuma bater duas vezes no mesmo lugar, muito menos em dias seguidos. E o azar? Seria ele capaz de fazer um percurso bem distinto de sua antagonista? Não havia tempo. Eu precisava sair dali e tinha de ser naquele momento. Ordenei meu cérebro a controlar aquela estranha dor, a dar o comando para que meu corpo impotente e atordoado começasse a reagir. E, em meio a descargas elétricas, consegui utilizar forças que jamais pude imaginar que possuía. Com muita dificuldade, ordenei minhas pernas a caminharem até o meio-fio que a cada piscar de olhos parecia estar mais distante. Lentamente, muito lentamente, fui me aproximando dele e, justo quando uma pontada de alívio começou a brotar em meu peito, tornei a desequilibrar. Ou fui “desequilibrada”? Na verdade tive a sensação de que havia sido empurrada de volta para a movimentada via.

O que é que estava acontecendo comigo?

O sinal verde anunciava a largada da enlouquecida manada e, quando me dei conta, um ônibus crescia impiedoso para cima de mim, sua buzina desligando à força todos os demais sons ao meu redor. Em estado de torpor eu cambaleava e, num salto inesperado, desequilibrei-me novamente — minha impressão é que havia sido puxada violentamente pela mochila —, só que agora para o lado certo, ou seja, para a calçada. Caída de joelhos e sem entender o que havia acabado de acontecer, senti apenas o vento quente e a fumaça asfixiante do ônibus que passara a centímetros de mim, fazendo o chão e meu corpo tremerem em conjunto. Levantei a

cabeça à procura de alguma explicação, mas nada que me chamasse a atenção. Minha visão estava turva e novamente abaixei a cabeça tentando me equilibrar e levantar daquela posição vergonhosa. Naquele momento senti uma mão sustentando meu ombro e me ajudando a levantar.

— Obrigada! — agradei sem olhar.

— Você está bem? — senti um arrepio. Forcei a visão e identifiquei um rapaz alto e louro segurando-me em seus braços. Gostei.

— De onde você veio? Eu não te vi por perto e... — indaguei aturdida.

— Dali! — E me apontou a direção. — Estava passando bem na hora que tudo aconteceu. — Você está bem mesmo?

Eu balançava a cabeça sem a menor compreensão do que havia acabado de acontecer.

— Fala sério! Como você apareceu tão rápido?

— Que maneira estranha de agradecer. — Ele fez uma cara engraçada. Minha cabeça ainda rodava. — Tá bom. Eu estava passando na calçada quando ouvi um berro preocupado de uma senhora e uma buzina barulhenta de um ônibus. Olhei para trás e vi você meio bêbada, tentando o suicídio. Aí eu puxei você. Desculpa, ok? — respondeu, deixando escapular um sorrisinho no canto da boca.

— Eu não sei o que aconteceu... Acho que fiquei tonta e aí me desequilibrei — disse sem graça, ajeitando minha roupa. — Obrigada.

— Pode andar?

— C-claro que sim. Q-quero dizer, tudo bem — gaguejava.

— Acho que eu deveria me apresentar, não? Meu nome é Kevin Brum, seu salva-vidas nas horas vagas. — E me abriu um largo sorriso.

Kevin tinha as feições muito bonitas. Seus olhos verdes e suas bochechas rosadas somados aos seus cabelos loiros lembravam uma pintura caprichada de um querubim. Ele me segurava com cuidado, o que não me impediu de sentir outros tremores. Disfarcei.

— Você está muito pálida — insistiu ele.

— Estou? Mas me sinto bem agora e não posso matar aula hoje. Tenho muita matéria para colocar em dia.

Eu já me sentia bem melhor, entretanto este sentimento se alterou rapidamente ao perceber que ele observava os meus olhos de um jeito curioso. Não gostei daquilo. Será que minhas lentes tinham se deslocado?

— O que você está olhando? — cocei os olhos numa tentativa inútil de camuflá-los.

— Nada. Qual o seu nome?

— É Nina.

— Ok, Nina. Não seria melhor voltar para casa e descansar?

— Eu... eu estou bem. Sério.

— Então eu te acompanho.

— Não precisa — eu disse num tom de voz falso e convidativo.

— Vai que você resolve voltar e se atracar com um caminhão...

— Muito engraçadinho — rebati de estalo, deliciando-me com o inusitado momento.

Meu coração estava mais acelerado de tê-lo ali ao meu lado do que com o acidente propriamente dito. Enquanto caminhávamos, nosso maravilhoso silêncio foi quebrado pelos ruidosos toques do meu celular. Eu já imaginava quem era... De forma mecânica, abri a mochila e saquei aquele odioso aparelho, desligando-o logo em seguida.

— Não vai atender? — ele perguntou de maneira gentil.

— Não conheço o número — menti e desconversei: — Você também estuda aqui?

— Começo hoje. Sou novo aqui. Por quê?

— Que coincidência!

— Não vai me dizer que...? — Kevin perguntou com um sorriso nos lábios.

— Sim, também sou nova. Comecei na quarta-feira passada e...

— Nina! — Uma voz distante, e nada interessante, me sugou daquele momento tão agradável. Era Phillip, todo feliz em me ver.

— Oi, Phill — respondi sem tirar os olhos de Kevin.

— Bom, tenho que ir. A gente se encontra por aí. Basta procurar por um acidente qualquer ao meu redor. — E se despediu de mim.

— É provável — balbuciei baixinho, deixando um enorme sorriso desenhar-se em minha face. Eu conhecia minha constante falta de sorte.

E o anjo se afastou no mesmo momento em que Phillip chegava todo animado.

— E aí, Ninazinha?

— Ninazinha?! Poupe-me, Phill. Meu nome já é pequeno e você então coloca um diminutivo para aumentá-lo? Essa não!

— Tudo bem, tudo bem! Qual a sua aula agora? A minha é Geografia I.

— A minha é Biologia I, que pena! — *Graças a Deus* era o que eu realmente queria dizer. Coitado! Ele não tinha culpa, mas eu não ia aguentar conversa fiada depois de tudo que acabava de acontecer. — Então tchau, Phill.

— Te encontro no recreio. Tchau.

Caminhei lentamente para a sala de aula. Minha cabeça vagava em algum lugar bem distante dali. Não conseguia negar que a frase dita por Kevin havia mexido com a minha vaidade. Se ele pensava em me achar, é porque iria me procurar... Zilhões de pensamentos perambulavam por minha mente naquele momento, de forma que minhas pernas ficaram lentas e sem direção. Fiquei tão extasiada com aquela nova sensação, que custei a encontrar a sala de Biologia I. Quando entrei, todos os alunos já estavam sentados e a aula já havia começado.

— Droga! — reclamei baixinho. Por sorte, ninguém ouviu.

— Boa tarde, Srta. Scott! — disse o professor Swayze, com ar de gozação. Ele tinha uma cara quadrada que inutilmente tentava esconder por detrás de uma barba enorme, mas era boa gente.

— Bom dia, professor. Desculpe o atraso — respondi, corando.

— Tudo bem, não precisa se explicar... A Srta. tem crédito. Ainda.

— Obrigada — gemi, meu rosto agora púrpura de vergonha. Desabei na primeira carteira que apareceu vazia à minha frente.

— Eu acho que ela te pertence. — Era Will sentado ao meu lado e eu nem havia percebido. Ele me devolveu uma caneta que caíra de minhas coisas durante minha triunfante entrada. — E aí, Nina? Tudo bem?

— Obrigada. Tudo ótimo, Will.

— É horrível quando olham para a gente, né? — sorriu de lado através de seus óculos meio fora de moda. Ao me entregar a caneta, a manga de sua camisa levantou, deixando à mostra parte de um "W" maiúsculo tatuado na parte interna de seu antebraço direito. Por um momento me distraí. Minha mente preconceituosa jamais poderia imaginar que Will, todo certinho, estudioso e "quadradão", teria uma chamativa tatuagem em seu corpo. — Nina?

— ãh? Ah! É que eu...

— Shh! — advertiu um aluno atrás de nós.

Sorri um sorriso desbotado para Will e ele retribuiu piscando para mim.

Will parecia um garoto bem bacana e, se tirasse os tenebrosos óculos, até que ele ficaria bem interessante. Sem contar que tinha uma conversa superagradável. Daria para ficar horas trocando figurinhas com ele, mas isto não me parecia uma boa ideia por dois motivos: ele poderia pensar que eu estava interessada nele, ou então poderia me atrasar para a aula seguinte e eu não gostaria de pagar outro mico. Logo após o toque do sinal, peguei as minhas bugigangas e me levantei rapidamente.

— Tchau, Will. Estou com um pouco de pressa — sorri e me desvencilhei dele enquanto acenava para Melly, pedindo que se apressasse. Para meu alívio, ela compreendeu de imediato.

— Por que você está tão aflita? — Melly me interrogava com os olhos.

— Vem, Melly, tenho uma supernotícia para te contar, vamos!

A verdade era que meu peito estava preso em um turbilhão de emoções. Do incidente de logo cedo, sobrara apenas a parte boa, a parte em que Kevin aparecia. Eu queria contar a Melly sobre o meu encontro com o anjo louro. Contar que eu ficaria em Nova Iorque por um bom tempo e que eu havia conseguido um emprego bacana. E tudo isso era particularmente interessante porque eu agora seria igual a qualquer garota normal, ou seja, eu poderia fazer amigos e até, quem sabe, namorar. Pela primeira vez em minha vida, daria pra fazer planos para o dia seguinte, começar algo e não ter que abandonar logo em seguida.

— Viu! Não chegou quase ninguém! — disse Melly com ar de reprovação. — Não precisávamos correr tanto! Mas você pode se redimir se me contar agora a grande notícia, antes que eu exploda de curiosidade!

— Nós vamos ficar em Nova Iorque! Mamãe me prometeu que tão cedo não vamos nos mudar! Você consegue imaginar o que é isto para mim?

— Uau! Que máximo! Então não vou perder minha melhor amiga?

— Não mesmo! E também está na hora de eu começar a fazer novos amigos!

O rosto de Melly se fechou, seus lábios se uniram em uma linha bem fina.

— O que foi?

— É que estou pensando...

— E o que tem de mais?

— Pensar me dá dor de cabeça.

— ãh?!

— Falando sério... Agora você vai me deixar de lado, como sempre acontece com as minhas amigas preferidas quando elas encontram garotas mais populares.

— Deixe de ser melodramática, Melly! Você sempre será minha melhor amiga de colégio.

— Jura pela felicidade do professor Clooney? — E me mostrou os dedos cruzados.

— Do chato do professor Clooney? — segurei o riso. Melly era uma figura! — Claro! De todo o meu coração!

E começamos a gargalhar, já fazendo planos para os próximos finais de semana.

— Tem mais uma boa notícia. Consegui o emprego na Strike. Começo semana que vem.

— Demais! — E, olhando-me de soslaio, soltou: — Tem certeza que é só isso mesmo?

Caramba! Seria Melly mais ligada do que eu imaginava ou meu estado de euforia era tão evidente assim?

— Bem... Hoje cedo eu desequilibrei e só não fui atropelada bem na entrada do colégio porque um garoto me salvou. E ele era lindo!

— Gato e poderoso? Que espetáculo! — E, lançando-me uma piscadela, perguntou ansiosa: — Ele pegou o seu telefone?

— Não foi preciso.

— Hã? Como assim? — Melly chacoalhou a cabeça.

— Ele vai estudar aqui também. Ele é um dos alunos novos que ainda não havia chegado.

— Uau! — assoviou. — Isto é que é destino!

Uma multidão de alunos começou a entrar na sala, fazendo grande alvoroço. Susana, acompanhada de Clarice, veio em nossa direção.

— Os deuses ouviram as nossas preces! — Ela estava quase sem fôlego com seus múltiplos saltinhos.

— Como assim? — Melly indagou confusa.

— O aluno novo! — exclamou Susana.

— Quem? — senti o bolo se formando no meu peito.

— O aluno novo que chegou hoje é lindo! — Clarice gemia, em uma inútil tentativa de imitar os trejeitos da amiga.

— Ah! — respondi sem graça. Pronto! Elas já tinham se deparado com o *meu* anjo louro e aquilo me gerou certo mal-estar.

— E tem mais! — continuou Susana toda animadinha. — Ele também não é novo como a gente. — Muita coincidência, não é mesmo?

Com certeza era de Kevin que ela estava falando. Mal tive tempo para expressar um mísero comentário. Meu gato louro entrou na sala de aula sob a escolta dos olhares femininos e o

desdém dos masculinos. As meninas ficaram hipnotizadas e aquilo estava me dando nos nervos.

— Agora só está faltando o *bad boy* — ela acrescentou de modo teatral.

— Quem?! — As vozes saíram em uníssono.

— Hoje cedo eu vi um garoto todo marrento acertando detalhes de sua matrícula com a Sra. Nancy. Acho que deve ser o último deles.

— Muita coincidência tantos alunos novos começando na mesma época, não? — matutava Clarice displicente.

“Coincidência”?

Depois da aula concordei em ir até a casa de Melly para lhe ensinar algumas equações de Química Orgânica. O Sr. e a Sra. Baylor eram advogados e pareciam ter uma boa condição econômica. Era uma família tranquila, feliz e normal. Senti uma pontada de inveja de toda aquela harmonia. Era fácil entender porque Melly era tão leve, tão alegre.

— Não deu tempo de fazer um lauto almoço. Vou ficar te devendo essa. — E Melly me entregou um hambúrguer tamanho gigante enquanto ligava a televisão.

— Está ótimo!

— Ah! Aquela pirralha ali é Sthefanie — disse apontando para a irmã caçula, que brincava com outra coleguinha. — E também tenho um irmão mais velho, Robert. Ele está morando em Londres. É seu primeiro ano na faculdade de Direito. — E me mostrou uma foto

antiga de toda a família que pairava feliz em uma das prateleiras da estante de livros.

Enquanto comíamos, vi no noticiário da televisão algo que me arrepiou inteira.

— O que foi, Nina? Por que você está com esta cara assustada?
— indagou Melly.

— É sobre o acidente de ontem!

— Como assim?

— Está vendo este homem da televisão?

— Qual? Este maluco aí que apareceu morto? — perguntou, entupindo seu hambúrguer de *ketchup*.

— Ele mesmo — respondi nervosa.

— O que é que tem? — indagou-me dispersa, enquanto abocanhava um pedaço enorme do hambúrguer.

— Que horror! Ele foi assassinado em uma briga na delegacia onde estava detido!

— Isto é muito comum... — E Melly permanecia alheia ao meu estado de choque.

— Eu acho que ele queria me matar, Melly!

— Te matar? Você pirou? — Finalmente ela havia aterrissado de seu vôo. Estava atenta.

— Melly, eu conheço este homem! Ele entrou na loja algum tempo antes de você chegar. Ele se dizia empregado da companhia de limpeza que fazia a lavagem das pastilhas do prédio.

— E daí?

— E daí que este homem soltou o andaime propositadamente em cima de mim.

— Você está ficando paranoica! Foi só uma infeliz coincidência.

— Não! Quando ele entrou na loja, percebi que ele tinha um jeito muito estranho, falava com as vendedoras, mas ficava olhando fixamente para mim, como em transe. E a polícia suspeita de que aquilo não foi um acidente!

— Você está com mania de perseguição, mas seu problema é o azar. Tem que se benzer, eu já te disse!

Calei. Talvez Melly tivesse razão.

Para minha agonia, o tempo passara mais depressa do que gostaria, e eu não havia decidido ainda se falaria a verdade para Stela, se omitiria o incidente de hoje cedo ou se lhe mentiria descaradamente. Sabia que ela já deveria estar em casa, arrancando os cabelos. Um novo confronto à vista. A cada passo em direção ao meu prédio, meu instinto alertava sobre a possibilidade de uma nova e desgastante briga com minha mãe. Resolvi, num impulso, jogar o coitado do celular no chão, partindo-o em vários pedaços. Desculpa pronta! Ao abrir a porta, lá estava ela: petrificada, sem uma única gota de sangue, como um vampiro sedento.

— Graças a Deus! — berrou vindo ao meu encontro. Abraçava-me com vontade. — Você está bem? — seu tom de voz agora caminhando do aflito para o colérico.

— Por que esta cena toda, mãe? — retruquei no mesmo tom.

— POR QUÊ?? — ela berrava, eu me encolhi. — Qual o nosso trato, Nina?

— O celular caiu e quebrou, ouviu? Que saco! Agora tenho que te dar meu relatório diário? Tenho que estar disponível para os seus chiques vinte e quatro horas por dia? Vai ser assim? — Tentei ser convincente com aquela encenação.

— Como aconteceu? — Ela estava concentrada.

— Eu esbarrei em um colega e o aparelho voou longe.

— Quando foi?

— Hoje cedo.

—Hum. — Ela sabia que eu estava mentindo, mas preferiu parar a briga por ali. — Fique com o meu — ordenou e me estendeu o seu velho aparelho. — Preciso voltar ao trabalho! Acabei deixando alguns serviços pendentes... Não faça mais isto, filha.

— Pare de me perseguir, mãe! Droga! Se meu pai fosse vivo, nada disto aconteceria!

Mesmo sem querer, lágrimas me escapavam.

Meu pai.

O assunto proibido.

A mesma dor que nos unia e afastava.

Subitamente o semblante furioso de Stela foi substituído por um preocupado, que logo deu lugar a um pesaroso, triste. Ela caminhou lentamente para a porta e se foi sem olhar para trás.

No fundo eu sabia que minha mãe tinha razão. Eu também estava ficando muito preocupada com o rumo daqueles bizarros acontecimentos em um intervalo de tempo tão curto. Meu inexplicável mal-estar na avenida em frente ao colégio, sem falar no artista de rua em Amsterdã e no homem do andaime, ambos

mortos bem no dia seguinte aos meus acidentes... Poderia ser apenas coincidência? Na internet procurei por respostas que explicassem a sintomatologia que eu vinha apresentando: calafrios, perda de visão e desmaio. Após longo tempo de busca, uma resposta estarrecedora apareceu na tela do meu notebook:

Oi, eu sou Anna e vivo na Espanha com minha mãe. Tenho passado por episódios semelhantes aos seus, com a diferença que eu só desmaio, não tenho os calafrios e perda da visão. Pessoas surgem do nada e, de repente, resolvem me atacar. Acidentes estranhos também vêm me cercando. Antes achava que era mania de perseguição, mas agora até a minha mãe está ficando preocupada e contratou um segurança para me vigiar 24h por dia. Apesar de ser chato, me sinto bem mais confiante, e, por incrível que pareça, os episódios estão diminuindo.

De início senti brotar uma pitada de esperança em meu peito: eu não era a única a passar por tais bizarros atentados! Mas uma frase de Anna martelava minha consciência tirando-me o sono: "Pessoas surgem do nada e, de repente, resolvem me atacar..."

O que ela queria dizer com aquilo?

A resposta viria ao meu encontro, e não era boa.

Capítulo 5

Insone, levantei naquela terça-feira disposta a fazer tudo da maneira mais segura possível. Nada de descer algumas estações anteriores à minha para ir andando e apreciando a vista. Nada de atravessar grandes avenidas, mesmo que isto implicasse ter que fazer alguns percursos mais distantes. Cheguei sã e salva ao colégio.

Para me manter acordada e conseguir me distrair do eternamente chato tom de voz da Sra. Applegate, resolvi passar antes na cantina e comprar um pacote de balas de café. Assim, pelo menos eu faria parte da metade da turma que permaneceria divagando em seus pensamentos e não dormindo a ponto de babar. A cantina estava mais agitada do que eu poderia imaginar. Uma multidão de alunos bem mais jovens do que eu travava uma guerra entre si para ver quem conseguia a hercúlea façanha de ser atendido pela lerda e estrábica balconista do lugar. Resumindo: um tumulto. Decidi encarar e parti para o combate quando vi que restava apenas um único pacote da bala que queria comprar. A confusão melhorou um pouco quando o primeiro sinal tocou. O grupo de alunos mais ajuizado resolveu abandonar o local e se encaminhar para as salas de aula. Não queriam correr o risco de aguardar pelo segundo e definitivo sinal.

Eu não estava neste grupo.

— As balas de café! — gritei com esperança de que a tonta balconista me desse atenção. Meia dúzia de alunos era o suficiente para deixá-la desorientada. — Ei! Aquelas ali! — fazia de tudo para

ser ouvida, mas nada. A mulher era devagar quase parando. — Só quero a bala de café! — implorava olhando o relógio.

— A bala de café! — uma voz rouca ressoou por detrás de minha nuca.

— Obrigada... — Eu já ia lhe agradecendo quando fui surpreendida com a mais egoísta e improvável situação.

— Aquelas! Tenho pressa! — ordenou o rapaz vestido de negro e com fisionomia emburrada. Seus cabelos estavam escondidos por detrás de uma ridícula bandana, seus olhos camuflados por óculos escuros esportivos. A balconista o atendeu no mesmo instante. Era assim que tinha que lidar com ela? Ordenando?!

— O quê?! — guinchei.

A mulher parecia hipnotizada por aquele garoto. Passou o pacote de balas com a maior rapidez.

— Tome. — Ele entregou o dinheiro para a vesga que agora sorria sem parar. — Pode ficar com o troco. — E saiu caminhando a passos largos. Meu sangue ferveu instantaneamente. Eu estava “passada” com o que acabara de acontecer.

— Estas balas me pertencem! — berrei, interceptando-o.

O garoto parou e, com um semblante de indiferença, me olhou de cima a baixo. Abriu o pacote, pegou uma bala lá de dentro e começou a mastigá-la com gosto.

— Quer uma? — perguntou-me com jeito impicante, oferecendo-me uma bala. Por um momento, travei. Na verdade, congelei. E sei que em nada teve a ver com aquela atitude mesquinha dele, mas sim com o que meus olhos encaravam estupefatos: cicatrizes. Inúmeras. Sua mão era uma confusão delas. Algumas discretas, outras horrorosas.

— Este pacote me pertence! — repeti trêmula.

— Não vejo seu nome escrito nele — corrigiu-me com ar de deboche.

— Mas viu que eu já tinha pedido estas balas antes de você! — retruquei, sentindo-me estranhamente fraca e nervosa.

— Tente ser mais persuasiva na próxima vez, Tesouro.

O quê?! "Tesouro"?

O segundo sinal tocou. Teria menos de um minuto para caminhar até a sala de aula. A Sra. Applegate era intolerante com atrasos.

— Você está me atrasando — disse ele com tom arrogante. E, sem a menor educação, afastou meu ombro de seu caminho e desvencilhou-se de mim.

— Ora, seu... — mas meu raciocínio estava incompreensivelmente lerdo.

Quando dei por mim, o idiota já havia desaparecido do meu campo de visão. E fiquei ali, boquiaberta, incapaz de acreditar que existiriam pessoas tão insuportáveis e mesquinhas no mundo. A indignação virou repulsa quando me vi barrada na aula de matemática. A Sra. Applegate trancara a porta, deixando-me do lado de fora. Era a primeira vez na vida que ficava fora de uma aula que não fosse por doença.

— Cretino de uma figa! — bradei a quem quisesse ouvir. Após cinquenta minutos espumando fel, o sinal da aula seguinte tocou. Melly já estava na classe de História, acenando para mim quando cheguei. Empoleirei-me ao seu lado.

— O que houve? — perguntou preocupada.

— Nada. Eu tropecei.

— Ah, não! Teve outra vertigem?

— Não. Tropecei num *cavalo*.

— ãh?

— Deixa pra lá! — arfei e resolvi mudar o rumo da conversa antes que fosse consumida pelo ódio. — Quais as novidades?

— Como você sabia?

— Sabia do quê?

— Das novidades!

— Maneira de falar, Melly.

— Hum. — E, mudando seu semblante para um bem mais diabólico, continuou: — Kate me contou que o outro aluno novo estava lá na secretaria. Acho que ele vai começar hoje.

— E o que há de mais? — Eu já não achava a menor graça em tanto aluno novo entrando dia após dia.

— Kate disse que ele é lindo, mas assustador.

— Como assim? — A pergunta saiu áspera. Estava difícil amansar meu mau humor.

— É como se ele tivesse um rastreador dentro dos olhos, como se nos despisse por completo só em nos encarar.

Antes mesmo que Melly começasse com suas teatrais e detalhadas explicações, o prof. Clooney roçou a garganta e pediu que nos acomodássemos em silêncio no seu autoritário timbre de voz. A aula iniciaria em dois minutos. Enquanto os alunos se

acomodavam, meu anjo louro entrou pela porta e piscou ao passar por mim.

— Ele piscou para você, Nina! — soltou Melly num misto de surpresa e empolgação.

— É — respondi, sem ter um único segundo sequer para ficar em êxtase com aquela situação.

— É ele! — Melly vibrou, tamborilando os dedos na carteira.

— Quem?

Então ele apareceu: o cretino do ladrão de balas alheias! O último aluno novo que faltava chegar era justamente aquele idiota egoísta. Desta vez pude observá-lo com atenção. Era alto, de pele clara, e tinha uma aparência marrenta. Estava vestido de preto, como se viesse de um velório ou fizesse parte de algum grupo de *Darks*. Tinha os olhos escondidos por detrás das lentes escuras de seus óculos de sol, usava um lenço preto amarrado na cabeça, no estilo *bad boy*, e mantinha as mãos dentro dos bolsos. O corpo parecia musculoso sem exageros, mas também estava escondido, encoberto por uma jaqueta puída. Provavelmente tinha cerca de vinte anos. No caminho até seu lugar, passou muito próximo a mim, raspando de leve em meu braço esquerdo. Imediatamente uma onda de calafrio subiu pela minha espinha dorsal e deixou todos os meus pelos eriçados.

— Ah, não! — resmunguei baixinho, na expectativa de um desmaio iminente.

— Tudo bem, Nina? — Era Melly já percebendo minha mudança de cor.

— Tudo. — E me virei ao escutar batidinhas aceleradas na porta da sala de aula. Era a Sra. Nancy, carregando desajeitadamente uma pilha de papéis.

— Com licença, professor? — disse ela com seu habitual sorrisinho afetado.

— O que a senhora deseja? — indagou o prof. Clooney meio sem paciência.

A Sra. Nancy despejou os papéis e seu celular sobre a carteira de Melly. Devia ser uma missão impossível para ela falar em público sem poder gesticular os braços.

— Eu vim avisá-los de que vocês têm até sexta-feira para trazer suas fotos para o anuário da escola. Não teremos prorrogações. Portanto, não se esqueçam, hein?

Um burburinho se formou com aquela notícia.

— Mas esta aqui é para a minha coleção particular — disse ela depois de apanhar nossa agitada turma num clique inesperado.

— Ei, este celular é meu — reclamou Melly.

— Ops! Que distração a minha! — desculpou-se, trocou o aparelho e tornou a virar para a classe: — Olhem o passarinho!

— A senhora já acabou? — rosou o Sr. Clooney num revirar de olhos.

— Sim, sim. Obrigada, professor.

E saiu. Demorou algum tempo para a turma se acalmar. O prof. Clooney estava visivelmente desanimado com a interrupção que sofrera. Sua aula, que costumava ser superagitada e interessante, ia devagar, quase parando. O Mercantilismo era um tédio!

— Ai! O que foi? — Melly cutucou o meu braço direito com uma caneta.

— O Kevin não para de te olhar! — cochichou com uma risadinha infame.

— Pare com isto, Melly!

— É sério.

Fiquei imóvel, fingindo prestar atenção à aula. Mas, já era! Meus pensamentos estavam longe, bem longe. E se eu me virasse agora? O que ele iria achar? Resolvi me conter e não olhar para trás, quando então recebi outro cutucão.

— O que foi agora? — resmunguei baixinho.

— Você não vai acreditar, mas eu acho que o garoto marrento também está olhando fixamente para você — cochichou Melly intrigada.

— O outro garoto? — indaguei com violência. Um misto de raiva e curiosidade me alfinetou com vontade e, contrariando o comando emitido por minha massa cinzenta, virei-me à procura daquele garoto de expressão furiosa.

Estranho magnetismo. Não demorei mais que um centésimo de segundo para identificá-lo. Algo nele me dava medo, mas também me intrigava de modo irracional. Suas feições eram rudes, porém incrivelmente interessantes. Seu semblante num instante estava aéreo, noutra estava alerta e parecia perceber que eu o observava, inclinando-se em minha direção. Se seus olhos não estivessem escondidos atrás daqueles óculos escuros, eu poderia jurar que eles me fuzilavam com ferocidade. O ladrãozinho de balas me encarava. Provavelmente queria me enfrentar. Senti minha visão tornar a ficar turva e o calafrio se espalhar pelo meu corpo.

Não! Não vou desmaiar agora! Realmente, preciso procurar um médico o mais rápido possível! Forcei a recuperação imediata de minha concentração, e, graças a uma grande respirada, fiquei bem.

Quando dei por mim, Kevin me analisava de um jeito esquisito. O que estava acontecendo? Por que todos estariam me observando com tamanha intensidade? O que haveria de errado? Minhas perguntas permaneciam perdidas. Nada fazia sentido.

— Qual o principal objetivo do Mercantilismo europeu, Srta. Scott? — arguiu-me de repente o Sr. Clooney. Com certeza ele observara que eu estava completamente aérea e aproveitou a oportunidade para me repreender. De volta à Terra.

— Como?

— A Srta. não estava prestando atenção na aula?

— Estava sim, é, que... Bem... eu acho que ... — em vez de apenas me desculpar e ficar calada, caí na asneira de dizer algumas coisas que lembrava sobre o assunto. — O Mercantilismo visava o maior comércio entre as nações — respondi.

— E o que o rapaz acha disto? — rebateu voltando-se para o *bad boy*, que em nada se intimidou. Permaneceu reclinado na carteira e mastigando com vontade as malditas balas.

— Não concordo — sua resposta veio como um torpedo em minha direção: direta e letal.

Risadinhas emergiram de todos os cantos. Apontando para mim, a aluna nova de cabelo louro e espetado gargalhava sem parar.

— É mesmo? — o Sr. Clooney parecia finalmente animado com a dinâmica que a aula estava tomando. — Qual seria então? — desafiou-o. A alfinetada deu certo. O garoto se empertigou e o respondeu de cara.

— O objetivo era fortalecer o poder dos reis e dos países através da acumulação interna de ouro e prata. A resposta da

colega é superficial e evasiva — continuou com ar de descaso —, como se quisesse enrolar. Comércio por comércio sempre existiu entre os países, desde que o mundo é mundo. O mercantilismo europeu fundamentou-se no metalismo e na balança comercial favorável, pois com os metais podia-se investir em exércitos e em outras coisas mais como, por exemplo, no próprio comércio. Desta forma tentava-se não só exportar a maior quantidade de produtos possível, mas também reduzir as importações.

— Perfeito! — disse satisfeito o Sr. Clooney. — Notei que você também é novo... Qual o seu nome?

— Richard Trent.

— Parabéns, Richard.

O garoto deixou transparecer uma expressão de triunfo através de um sorrisinho sarcástico. *Idiota!* De fato, a resposta dele era compacta e perfeita. E eu sabia que eu estava enrolando, só não queria dar o braço a torcer. Mas me dei muito mal. Meu adversário era inteligente e mais preparado do que eu. Só não podia esperar o massacre que viria a seguir.

— Obrigado. Aliás, posso fazer um comentário, professor? — indagou ele com a postura marrenta e encarando-me sem parar.

— Claro.

— Acho que os alunos deviam vir mais preparados e, na falta de conhecimento do assunto, que se mantenham quietos, para não prejudicar o andamento da aula.

Cretino de uma figa! Além de petulante ainda estava me passando um sermão em público!

O professor apenas assentiu com a cabeça e me lançou um olhar de desprezo. Comecei a suar, invadida por um misto de cólera

e vergonha.

— A Srta. tem mais alguma consideração a fazer? — minha língua travou e só balancei a cabeça, completamente sem graça.

Então o Sr. Clooney me jogou a toalha. Fim do *round*! Eu havia sido nocauteada. Tive que ficar com as chacotas e o desprezo de uma turma que mal me conhecia. E aquele garoto demonstrava um convencimento que fazia todo o meu sangue entrar em ebulição. E entrou. Explodi quando, faltando poucos minutos para a aula terminar, o cretino pediu para ir ao banheiro e ao passar por mim fez questão de esbarrar em minha carteira e derrubar todas as folhas do meu fichário.

— Qual é o seu problema, hein? — esbravejei inflamada, catando as folhas no chão.

Calma, Nina. Inspire, expire, inspire...

— Não tenho culpa se você é descuidada com as suas coisas.

Como alguém conseguia ser tão cínico e antipático assim?

— Sabe o que você é? — rugi, meu rosto crispado numa expressão de fúria.

— ãh? — O Sr. Clooney me encarou boquiaberto. — Srta. Scott, sua conduta...

O ódio fez-me esquecer de todos ao redor, inclusive do professor.

— Você é um ladrão! Um idiota metido a superior! Um cretino!
— gritava sem parar.

— Vê se fica mais ligada, Tesouro.

— Ora, seu...

— QUIETOS! — bradou o Sr. Clooney.

De costas para o professor, o marginal metido a superior agachou-se e fez de conta que iria me ajudar a recolher as folhas espalhadas pelo chão quando, propositalmente, pisou em duas delas e ainda fez um presunçoso sinal com o polegar e o indicador para que eu fechasse a minha boca. Foi a gota d'água! Voei em cima dele. Esbofetei-o e ele segurou os meus braços com selvageria. Meu corpo tremia, tomado por uma repulsa sem precedentes.

— CHEGA! — ordenou nervoso o Sr. Clooney. — Menos dois pontos no próximo teste e os dois para o SOC AGORA!

SOC era o serviço de orientação comportamental do colégio.

— O que aconteceu, Nina? — tentava interceder a Dra. Charlaine. — Acho melhor algum dos dois começar a falar. E logo — ameaçou após quinze minutos de entrevista em que permanecemos mudos e nos encarando sem parar.

— Este garoto tirou o dia para tirar onda com a minha cara — rugi. — Está me perseguindo desde cedo.

— Persequindo?! — ele gargalhava de maneira irônica.

— O que houve? — indagou sem paciência a Dra. Charlaine. E, vendo que seria inútil qualquer tipo de abordagem, sentenciou: — Pois bem. Vocês pediram. Uma semana de suspensão!

— ãh? Mas, Dra. Charlaine, eu... — comecei a implorar, enquanto aquele garoto idiota esboçava um olhar de satisfação pelo meu desespero.

— Pensem antes de agir da próxima vez — respondeu de forma austera. — Pode ir, Nina.

— Mas, e ele? — argumentei exasperada.

— Vá, Nina. Liberarei Richard depois — finalizou ela.

— Droga de vida! — rugi e, antes mesmo que eu me levantasse, ele já havia se inclinado na minha direção, bloqueando a minha passagem. As mãos agora à mostra, apoiando-se nos braços da cadeira. Vacilei. As cicatrizes arderam em meus olhos. Ele percebeu. Sua expressão debochada foi assustadoramente substituída por uma fisionomia ameaçadora, quase feroz.

— Pois aproveite-a bem enquanto ainda pode, garota.

Ele não estava brincando.

— Ande logo, Nina! Deixe-a passar, Richard! — ordenou nervosa a Dra. Charlaine.

Saí da sala perplexa com o estrago que aquele dia tinha causado em meu imaculado histórico escolar. Mal conseguia compreender minhas reações, quanto mais o que acabara de acontecer.

— Sério?! — Para minha grata e inesperada surpresa, Stela ria sem parar quando lhe contei sobre minha semana de suspensão. — Finalmente!

— Finalmente?!

— Ora, Nina! Já era hora de fazer alguma estripulia em sua vida, não? Você sempre se cobrou demais, filha! Sempre foi certinha demais.

— Mas...

— Tudo bem que não quero ver você por aí partindo para briga com um colega do colégio, mas até que a suspensão foi por um

motivo bem engraçado — e continuava a gargalhar. — Eu bem que queria ter visto! — e, acrescentou, dando uma piscada maliciosa: — Você chegou a acertar algum de seus golpes?

— Ah, mãe! — E bati a porta do meu quarto, deixando-a rindo de se contorcer na sala de jantar. Para falar a verdade, eu estava aliviada com a sua reação e extremamente chateada comigo mesma por ter tido uma atitude tão infantil como aquela. Quanto mais pensava naquele garoto, mais bile produzia em meu fígado. Precisava destilar aquele veneno. Cheguei a pensar que uma semana colocando meus estudos em dia e sem botar os olhos naquele *bad boy* de uma figa viria bem a calhar.

Pensei errado.

Capítulo 6

Cheguei bem mais cedo do que o programado na *Strike* e fui direto ao meu departamento. Estranhei porque a seção em que iria trabalhar não estava mais lá. Era agora uma ala só de sapatos e acessórios masculinos.

— Trocaram de lugar. — Foi o que uma gentil vendedora estava me explicando quando o Sr. Crawford, o supervisor geral, me interceptou e me encaminhou ao térreo. Ele era um homem alto, usava óculos do tipo fundo de garrafa, que deixavam seus olhos esbugalhados ainda maiores, e estava sempre carrancudo.

— Agora as vendas vão deslanchar! — Para meu espanto, ele falava com muito entusiasmo enquanto me conduzia até a seção de CDs e DVDs. Apresentou-me aos demais vendedores da minha repartição. Todos supersimpáticos.

— Oi! Eu sou Rose, a mais antiga aqui. Pessoal, esta é Nina, a garota de sorte do setor!

— Oi — foi tudo que consegui pronunciar. Garota de sorte? Deve ser uma brincadeira de muito mau gosto. — Por que garota de sorte? — perguntei intrigada.

— Fomos promovidos justamente no seu primeiro dia de trabalho. Muita coincidência, não?

— Promovidos? Como assim?

— O desejo de todo funcionário desta loja é trabalhar no térreo, Nina. Como é local de passagem, as vendas aqui são muito

maiores do que em qualquer outra parte da loja, independentemente do produto que se esteja vendendo, entende?

— Ah! — exclamei surpresa.

Rose era a gerente da seção. Devia ter uns trinta anos de idade, era magra e tinha propositais cabelos longos e sempre soltos com a intenção de disfarçar suas orelhas de abano.

— Aquele bonitão ali é o Bob, nossa enciclopédia ambulante — continuou Rose, fingindo gritar e apontando para um rapaz gordinho, cheio de espinhas no rosto, que vestia roupas muito apertadas para o seu avantajado manequim.

— Oi, Nina — disse Bob. — Quanto à enciclopédia, é tudo mentira, mas pode acreditar no quesito beleza aqui do papai — completou rindo por baixo dos óculos sem desgrudar nem um segundo da tela de seu computador.

— Tá bom — respondi. Ele parecia ser um cara engraçado.

— E aquela ali é a Beth — gesticulou Rose —, superbem-informada de todos os lances que acontecem por aqui. Sabe como é: fofocas, festinhas, empregados novos, clientes estranhos, bacanas e até dos ladrõezinhos metidos a conquistadores, entre outros.

— Oi, Nina. Pode deixar que a mantereí informada sobre tudo que estiver rolando — retrucou Beth, uma funcionária com a pele cor de jambo, baixinha e muito falante.

— Obrigada, vou precisar — observei em tom de brincadeira.

— Então pode ficar sabendo que as vendedoras de perfumes e cosméticos já odeiam você — alertou ela com uma pitada de intriga.

— Mas por quê?

— Ora, porque tomamos o lugar delas, bobinha! — e riu com vontade.

— Puxa! — Eu não sabia se devia ficar feliz ou chateada. Desvencilhando-me dos meus pensamentos, Rose foi direto ao assunto. Mostrou-me a melhor forma de abordagem para com os clientes, como deveria ser o atendimento, como acessar os cadastros, estoque, lista de pedidos etc.

— O Sr. Crawford nos disse que você domina muitas línguas. É verdade, Nina?

— Na verdade, não domino as línguas, Rose. Apenas sei me comunicar o suficiente para me fazer entender — respondi meio constrangida.

— Quais são elas?

— Além do inglês, falo francês, espanhol, alemão e um pouco de holandês, dinamarquês e português.

— Uau! Você é uma poliglota! Sr. Crawford tinha razão. Nossas vendas vão deslanchar! — Sorrindo, ela apertou minha bochecha e saiu.

O turno passou de forma tranquila. Enquanto eu conversava com um chileno que me pedia explicações sobre as melhores coletâneas de *Trash Metal*, percebi que o chão começou a sair de debaixo dos meus pés. O calafrio passeava pelo meu corpo.

— Ah, não! De novo, não! — murmurei, apoiando-me no balcão mais próximo para não cair de boca em cima dos CDs à minha frente.

— O que foi, moça? Você está bem? — perguntou assustado o chileno.

— Sim. Só um pouco tonta.

Decidi que não iria desmaiar no meu primeiro dia de trabalho. *Hoje não!* Em questão de segundos, vi entrar em nossa seção um grande grupo de turistas japoneses. À medida que se aproximavam, o calafrio aumentava, mas eu estava disposta a lutar. Uma dor de cabeça enlouquecedora me atingiu abruptamente, como se um aneurisma tivesse a ponto de estourar meu crânio. Parecia que meu cérebro estava lutando contra alguma força estranha, penetrante.

— Você está passando mal?

— É só uma indisposição. O senhor se incomodaria de terminar o atendimento com outro colega?

— Você está muito pálida! Vá ao ambulatório, moça!

A dor de cabeça aumentava vertiginosamente. *O que quer que seja, apareça! Não vou me entregar!* Apesar da multidão ao meu redor, minha intuição me fez detectar aquilo que abalaria por definitivo as pilstras das minhas certezas. Eram os olhos azuis-turquesa mais lindos que eu já havia visto na vida. Os mesmos que me deparei logo após a queda do andaime. E eles me fitavam com ferocidade e tensão. Perdi o fôlego. Na mesma hora interceptei outro par de olhos caminhando em minha direção. Eram de Kevin e me observavam com preocupação. O que ele estaria fazendo aqui? Quis caminhar ao seu encontro, mas minhas pernas não me obedeceram. Minha cabeça latejava. Concentrei-me, fazendo força contra aquilo que me atacava mentalmente, e, quando dei por mim, não estava mais ali. Acordei sentada em uma cadeira com Rose quase me afogando com um copo d'água, Beth me abanando e Bob conversando nervosamente com o Sr. Crawford. Pude captar evidente tensão na atmosfera, como se algo horrível tivesse acontecido.

— Nina, você pode me ver? Pode me ouvir? — gritava Rose.

— Sim. Acho que minha pressão baixou. — E fui levantando, em uma inútil tentativa de disfarçar meu péssimo estado.

— É isto! É muita pressão, coitada! — defendia-me Rose. — Ela foi submetida a muito estresse. Imagina atender um grupo inteiro de japoneses logo de cara!

— Claro! — confirmou Bob ainda tenso. — Foi uma fatalidade. Ela nem sabe falar japonês!

— Mas japoneses também falam outras línguas, como inglês, por exemplo — retrucou agressivo o Sr. Crawford.

Sobre o que eles estariam falando? Será que perdi uma boa venda? Droga! Não tinha coragem nem de perguntar.

— Ela fez boas vendas logo de cara, Sr. Crawford. Não é demais? — completou Beth.

Entendi. Estavam todos me dando cobertura contra uma possível investida do Sr. Crawford.

— Tudo bem — concluiu com aspereza o supervisor. — Voltem ao trabalho!

Quando o Sr. Crawford se afastou, aproveitei para agradecê-los:

— Obrigada, pessoal. Tive isso alguns dias atrás. Acho que vou ter que fazer algum tratamento para a minha pressão — expliquei-me completamente sem graça.

— É bom mesmo, Nina. Mas, por ora, está tudo bem. Pode voltar ao seu serviço — concluiu Rose.

Após algum tempo, aproximei-me de Bob para tirar mais informações.

— Bob, o que o Sr. Crawford quis dizer sobre falar japonês? Eu fiz alguma coisa errada? Por favor, me diga.

Ele respondeu-me sem rodeios:

— Nina, você é epilética?

— Não! Claro que não! — respondi arrasada.

— Bem... — ele explicou. — Você delirou! Na verdade, você estava possuída, como se tivesse incorporado algum espírito ou coisa do tipo... Foi assustador! Ao mesmo tempo em que parecia estar inconsciente, você se contorcia e pronunciava palavras estranhas, nada com nada, entende? Parecia estar lutando contra alguma entidade, sei lá! Foi bizarro!

— Meu Deus! — foi tudo que saiu de minha garganta. — O que mais eu fiz? — Minha voz falhava, mas consegui segurar o choro.

— Bem, um alvoroço se formou. Tinha japonês correndo para todos os lados.

— Ah, não!

— Mas o pior não foi isto!

— Teve mais?

— Sim — e deu um longo suspiro. — Enquanto Beth ligava para o ambulatório, nós tivemos que nos afastar para conter aquela situação e, quando retornamos, nos deparamos com uma cena pra lá de esdrúxula: um japonês estava sobre você, só que não estava lhe ajudando. Mesmo com você inconsciente, a impressão que dava era que vocês estavam lutando. De repente, o japonês se levantou

e balbuciou algumas palavras, a única que consegui entender foi “morte”. Ele estava com um olhar muito sinistro, como se a “coisa” que estava em você tivesse sido transferida para ele, e então o sujeito começou a andar sem rumo, até que saiu pela porta da ala Leste e se suicidou, jogando-se na frente de um carro que passava naquele momento. Bem na frente da nossa loja!

— Não pode ser! — soltei horrorizada.

— Pois é! Mas não esquite a cabeça. Com certeza, tudo não passou de uma infeliz coincidência.

“Infeliz coincidência”?

Como poderia acreditar nisso depois de receber este e-mail naquela mesma noite:

Nina, estou muito preocupada! Encontrei mais duas garotas na internet que também têm a nossa idade e relatam os mesmos fatos estranhos que vêm acontecendo conosco. O problema é que, como não recebia qualquer resposta de Mary, resolvi então ligar para ela. Qual não foi a minha surpresa ao saber que Mary havia morrido! De repente! Perguntei à empregada da casa que me atendeu como havia acontecido e ela me disse que ninguém entendia. Disse que uma única testemunha a viu atravessando uma grande avenida em Londres. Segundo a mulher, ela já havia alcançado a calçada, mas, inesperadamente, um homem a agarrou e se jogou junto com ela na frente de um carro que passava em alta velocidade. Os dois morreram na hora! Ela ia fazer dezessete anos daqui a dezoito dias! Foi aí que entrei em pânico! Nina, eu farei dezessete daqui a dezenove dias! Será que eu sou a próxima? Mande um e-mail para Teresa para saber a sua data de nascimento. E você? Quando faz aniversário?

Anna.

Minha intuição dizia que algo de muito ruim estava por acontecer. Eu faria dezessete anos daqui a vinte e quatro dias. Caso viesse a acontecer, a morte de Anna seria a confirmação da minha logo a seguir? Meu Deus! Será que devo contar para Stela? Não posso! Ela surtaria. Seriam apenas caraminholas da cabeça da Anna? Mas eu também quase fui atropelada! Seria algum tipo de assinatura do criminoso? Seria um psicopata? Ou seriam vários? Será que existe algo em comum que nem suspeitamos? Ah! Bobagem! Existem milhares de garotas da mesma idade que eu pelo mundo. Estou é ficando paranoica, isto sim! Debrucei-me na cama exausta e apaguei.

Na tarde daquela terça-feira, cheguei ao trabalho extremamente tensa. Temia tomar conhecimento das consequências da desastrosa confusão da véspera. E, para a minha surpresa...

— Aí está ela! — gritou Bob.

— Não bastasse ser nossa garota da sorte agora também é a garota propaganda do setor! — pulava Rose de tanta excitação.

Com certeza devo ter feito *cara de paisagem*, ou seja, fiquei paralisada e muda com a cena diante de mim.

— Garota propaganda? — retruquei perplexa.

— Sim, lindinha — continuou Rose. — Graças à confusão de ontem, a loja hoje apresentou recorde de vendas em todos os setores, em especial o nosso. Achamos que as vendas ainda serão maiores no seu turno, porque vão querer ver a *garota do momento*.

— Ah, não!

— Fique tranquila. Seu rosto não saiu no noticiário — concluiu Beth.

Ufa! Se Stela me visse na TV sendo atacada por um japonês suicida, seria o nosso fim em Nova Iorque. Fiz algumas preces pedindo aos céus que fosse um dia calmo. Vesti meu uniforme, que na verdade era só um avental bacaninha, e fui para a minha área dentro do setor.

O expediente estava quase no fim quando uma voz macia soou bem atrás de mim:

— Olá, Nina!

Era Kevin. Lindo e louro.

— O-Oi — gaguejei.

— Tudo bem?

— Tudo! Você por aqui de novo?

— De novo?

— Sim. Você também não esteve ontem aqui? Quero dizer... durante a confusão?

— Confusão? Ontem? Infelizmente não — Kevin me interrompeu, e, antes mesmo que eu pudesse contestá-lo, ele abriu novamente aquele seu anestésico e luminoso sorriso e me deixou sem ação diante de uma proposta inesperada. — Eu gostaria de saber se eu posso acompanhá-la até a sua casa.

— Me acompanhar? — quase engasguei. — Claro!

— Que horas termina seu expediente?

— Já terminou. Só falta concluir esta venda e...

— Então te espero lá fora. Tchau. — E me deu uma piscadinha rápida.

— Tchau — respondi robotizada. Caramba! Ele é um cara sem rodeios.

Quando saí, Kevin já me aguardava em pé, encostado em um Ford Mustang azul escuro, novinho em folha. Despedia-se de um garoto magro, alto e com um quadro de calvície bem adiantado para a sua idade.

— Ah! Este é Sebastian, um amigo meu. Sebastian, esta é Nina. — Apresentou-nos com seu jeito educado de sempre.

— Oi, Nina! Já estava de saída. Então até lá, Kev!

— Até.

O garoto deu um tapinha nas costas do amigo e fez um breve aceno de cabeça para mim. Eu retribuí e tornei a olhar para Kevin, que, como sempre, estampava um enorme sorriso em seus lábios.

— Finalmente! — ele soltou feliz.

— Não quer dar uma carona ao seu amigo? — perguntei, tentando esconder meu estado de ansiedade por estar a sós com ele.

— Claro que não. — Ele fez uma cara marota e acrescentou. — Ele vai se encontrar com a namorada agora.

— Ah!

— Não nos víamos há um bom tempo — explicou-se. — Nós temos parentes em comum na Europa.

— São da mesma família?

— Mais ou menos. Venha, pode entrar.

Kevin circulou por diversas ruas dirigindo com muita desenvoltura, estacionou o carro próximo ao meu prédio, e, de repente, os assuntos se esgotaram. Estávamos os dois ali, completamente mudos. Talvez ele estivesse tão nervoso quanto eu. Tentei engatar uma ou outra conversa, mas nada parecia fluir. Por fim, comecei a falar da minha falta de sorte e o quão grata eu era a ele por ter me salvado daquele quase atropelamento. Era o assunto pelo qual ele esperava com ansiedade.

— Você fica tonta com muita frequência? — perguntou.

— Já tive algumas tonteiras na minha vida, mas nada como agora. — Abaixei a cabeça sem graça, mas, pelo canto dos olhos, dava para ver que ele me observava com atenção. — Acho que é pressão baixa.

Gentil, ele passou as costas de sua mão pela minha bochecha. Eu tremi antes mesmo de ficar ruborizada.

— Sabe, Nina, estou um pouco preocupado com você — disse num tom baixo.

— Por causa destas tonturas? Não precisa, eu...

— Também por isto, mas porque eu vi uma coisa que me deixou grilado, sei lá! — sua voz saiu mais baixa ainda, agora era ele quem estava sem graça.

— O que você viu? — indaguei.

— Sabe aquele tal do Richard?

— Aquele garoto mal-encarado? — Ele assentiu com a cabeça.
— O que tem ele?

Ele respirou profundamente e soltou:

— Nada... É que...

Meu coração dava cambalhotas de alegria, ele teria... ciúmes de mim?

— Não gostei dele desde a primeira vez que o vi. Ele tem um olhar que me dá calafrios — acrescentei.

— Calafrios? — Havia curiosidade no seu semblante.

— Por aí. Não me sinto nada bem perto dele.

— É. Isto acontece comigo também.

— Jura? — perguntei, incrédula com aquela confissão inesperada.

— Não gosto do jeito dele. — Suas bochechas vermelhas fizeram meu coração saltitar. Sim! De fato ele tinha ciúmes de mim! — Não sei dizer ao certo. — E sua fisionomia ficou rígida. — Como eu vou lhe contar isto...

— Por favor, fale!

— Bem, Nina. Eu acho que... não! Eu não tenho como provar, mas tudo me faz crer que o Richard é algum tipo de psicopata.

Meu estômago se revirou.

— Como? — sibilei, perdendo o sangue em minhas veias.

— Eu não havia ligado os fatos — soltou pensativo. — Mas, finalmente compreendi. Ontem à tarde, quando caminhava pela Lexington, eu o vi agredindo uma pobre senhora que atravessou o seu caminho. De início fiquei assustado com a cena, mas aí tudo fez sentido!

Eu o acompanhava sem conseguir assimilar o que me dizia. Ele se adiantou em explicar:

— Eu acho que ele tentou te assassinar naquela grande avenida em frente à escola! — concluiu. — Não sei não, mas também acredito que ele está de olho em mim...

— Mas como? — minha garganta estava se fechando. — Eu não o vi... — balbuciava atônita.

Kevin respirou profundamente e soltou.

— Eu o vi naquele dia, mas não liguei os fatos.

— Você o viu?

— Sim! Você não disse que se sentia mal perto dele, com calafrios? Então? Você não sabe que existem pessoas que têm o poder de afetar mentalmente a psique de outras, fazendo-as cometer atos estranhos e inexplicáveis, inclusive suicídios?

— Não é possível! — deixei escapar meu pânico.

— Sim, Nina. Eu já li sobre isto, e é perfeitamente possível. E eu acho que é o que vem acontecendo com você. Foi o que eu presenciei ontem lá no seu trabalho.

— Ontem?!

— Sim. Por isto eu fiz questão de vê-la hoje. Eu não queria te assustar ainda mais, mas você precisava saber! — Ele olhou pela janela, como se procurando as palavras corretas. — Me desculpe por ter mentido hoje mais cedo. Eu realmente estive ontem lá na *Strike*.

— Ontem? Eu sabia!

— Este convite de hoje era para ter acontecido ontem. — Seu rosto agora empalidecido. — Assim que cheguei ao seu departamento, fiquei muito assustado com o que vi.

Suas palavras me açoitavam.

— O que você viu, Kevin?

— Aquele marginal estava olhando para você de um modo muito assustador enquanto balbuciava palavras indecifráveis. De repente, um inesperado tumulto se formou e você...

— Eu o quê?

— Você entrou numa espécie de hipnose ou coisa do tipo. Quando tentei socorrê-la, senti que algo me impedia, me paralisava. Fiquei completamente sem ação, mas Richard percebeu que eu o observava. Não sei se foi isto que o impediu de ir mais adiante, só sei que o coitado do japonês não teve a nossa sorte.

Tudo que ele dizia tinha muito sentido, as peças começavam a se encaixar.

— Oh, não!

Surtei.

— Calma, não precisa se preocupar, eu... — Tremi quando ele segurou uma de minhas mãos. Meu corpo respondia de modo involuntário a qualquer contato com o dele. — Não vai acontecer nada com você. Ele já viu que estou de olho nele. Que estou com você.

— Comigo? — perguntei ainda sem juntar as ideias.

— Sim. Com você. — E abriu outro lindo sorriso que me fez enrubescer.

Agindo por conta própria, minha razão ralhava comigo. Advertia-me de que já era tarde, que eu precisava entrar e que, se Stela resolvesse aparecer, eu estaria em maus lençóis. Apesar da vontade de ficar ali com ele, resolvi não arriscar.

— Kevin, eu... eu preciso entrar.

— Eu sei. — Então, ele se inclinou, beijou minha bochecha e tornou a se afastar. Ah, não! Só isso? — Boa noite. Durma bem e tente não esquentar a cabeça, ok?

— Ok. Tchau, então — disse decepcionada, desejando que ele deixasse sua timidez de lado e se despedisse de mim de um jeito bem mais interessante que aquele.

Ele ficou parado, ainda sorrindo. Seu semblante denunciava que ele queria algo mais, mas que estava sem coragem de ir adiante. Eu estava na mesma situação.

Ao abrir a porta do carro ele novamente me chamou:

— Nina?

— Sim?

Quando tornei a me virar, ele já estava bem próximo do meu corpo. Sem deixar de sorrir para mim, aproximou seus lábios dos meus e os beijou rápida e delicadamente. Senti uma breve tontura, mas fui sugada daquele inebriante momento por um ofuscante farol que acabara de surgir na minha rua. Kevin se recompôs meio assustado.

— Acho melhor você entrar. — E, sem sucesso, tentou checar o retrovisor. Seus olhos contraíram assim que deram de cara com a luz refletida dos inoportunos faróis. — Quer sair amanhã?

— Quero.

— Te pego no mesmo horário.

— Ok — despedi-me quase sem enxergá-lo. Os indesejáveis faróis continuavam a embaçar minha visão.

E embaçariam muito mais coisas...

Capítulo 7

O dia seguinte se arrastou. Kevin não apareceu no colégio e nem comentara nada que não iria na véspera. Os demais alunos novos também haviam faltado. Que estranho! Na minha ansiedade em reencontrá-lo, as horas pareciam passar em câmera lenta. Tudo ia devagar. Pensando bastante no que ele havia dito sobre Richard, achei tudo meio exagerado. Uma pitada teatral temperada de ciúmes, talvez. O que me deixava mais empolgada ainda com o nosso encontro de logo mais.

O tumulto na *Strike* finalmente cessara e as coisas retornaram ao normal. Rose aproveitou a calmaria para sair mais cedo e resolver algumas pendências de ordem pessoal, deixando a gerência com Beth. Normalmente, ela deixava com Bob. Orgulhosa de si, Beth se esmerava em fazer tudo com extremo cuidado. Bob achava graça da situação e aproveitava para implicar com a coitada. Eu desfrutava de cada momento de sossego decorando uma série de frases de impacto que pudessem impressionar Kevin. Eu precisava ter mais desenvoltura que na noite anterior. Faltando poucos minutos para fechar a loja, ouvi Beth disparar uma série de “Sim, claro!”, “Fique à vontade!”, “Pode deixar!”, “Com certeza!”, que me deixaram intrigada. Virei-me para ver o que estava acontecendo.

— Essa não! Logo agora! — pensei alto, furiosa, quando percebi uma baita compra prestes a começar, a poucos minutos da minha tão esperada saída. De costas, segurando uma comprida lista de compras, estava um rapaz alto, de ombros largos, cabelo bem preto, liso e farto. Trajava calça preta e jaqueta pretas. Segurava um capacete preto com o desenho de um raio dourado.

Parecia ser bem interessante, porque não só os olhos de Beth estavam hipnotizados assim como seus lábios encontravam-se congelados em um sorriso tão amplo que expunha até seus sisos. Ela estaria assim porque ia realizar a melhor venda dos últimos meses ou porque o rapaz era muito gato? Pela quantidade de produtos que ele pretendia levar, aquela venda não seria nada rápida. Tinha que ser logo agora? Logo quando Kevin viria me buscar para um encontro de verdade? Devo ter nascido no dia do azar!

— Nina! — berrou Beth. — Venha me ajudar, por favor!

Eu fingi que não ouvi, empilhando alguns DVDs numa banquetta embaixo da prateleira principal. Se eu me fingisse de compenetrada, talvez ela chamasse Bob, que, apesar de mais distante, estava desocupado. Mas ela voltou a me chamar e agora com um tom bem mais enérgico do que da primeira vez. Droga!

— Nina?!

— Pois não? — tive que responder.

— Ajude-me aqui, por favor.

— Beth, eu estou um pouquinho ocupada. Não dá para chamar o Bob? — retruquei abaixada, sem olhar para ela.

— Você por acaso está vendo o Bob por aqui? — sua resposta foi azeda.

Levantei a cabeça com má vontade e, quando meus olhos fizeram a varredura, não encontraram nada ao nosso redor. Nem sinal de Bob.

— Estou indo!

Logo que me aproximei, o rapaz se virou e me recepcionou com um familiar sorriso irônico. Fiquei sem cor. Senti meus pés perderem o chão e minha visão esmorecer ao entrar em linha direta com um par de olhos deslumbrantes e atormentados, em um rosto igualmente perfeito e contraído. Ai. Meu. Deus. Não podia ser! Richard? Ah, não! Meu estômago se revirou. Sem os óculos escuros e sem aquela ridícula bandana na cabeça, ele era outra pessoa. Porém uma coisa permanecia igual: sua expressão de sarcasmo e superioridade.

— Pois não? — respondi meio atordoada, meio enfurecida.

— Nina, o Sr. Trent deseja fazer uma compra de CDs e DVDs de grande porte. Eu sugiro que você o ajude na seleção dos artistas enquanto inicio o cadastro de todos os que ele já adquiriu para que a gente consiga sair daqui antes das dez.

O som grave da aldrava se fechando encheu o recinto e o meu peito de aflição. Ah, não! A loja já havia encerrado seu turno e eu estava ali, presa, e por causa *dele*.

— Dez?! — indaguei irritada. Kevin passaria às nove.

— Desculpe-me, senhor. Nina, venha cá!

Disfarçadamente, Beth me puxou pelo braço, levou-me para uma área mais reservada da loja e se dirigiu a mim de forma educada, porém incisiva: — Este rapaz vai fazer uma das maiores compras que eu já vi neste setor. Eu pedirei a Rose para lhe dar hora extra ou parte da porcentagem desta venda, o que acho justo. Agora, se você fizer jogo duro para sair cedo no seu terceiro dia de trabalho, sinto lhe informar que é melhor não retornar amanhã. Fui clara?

— Com certeza — sussurrei cabisbaixa.

— Ok. Pode ir ajudá-lo.

Assim que me virei, Beth emendou:

— E, Nina?

— Hum?

— Afinal, não vai ser tão difícil assim, não é mesmo? — acrescentou com um sorrisinho maroto. — Fazia tempo que não via um garoto tão bonito! Bonito é pouco. Es-pe-ta-cu-lar! — e com outra risadinha virou-se para adiantar os lançamentos.

— Bem, o que mais o senhor deseja? — retornei, fingindo eficiência. O ódio que sentia por aquele garoto me fazia perder a lucidez.

— Por hoje, só isto — grunhiu e me entregou uma lista imensa de cantores e grupos de rock. — E rápido, garota! — Seus gestos desencontrados evidenciavam que ele estava ali contra a sua própria vontade. Como se estivesse sendo forçado a fazer algo que não queria.

— Como?

Quem este idiota pensa que é para mandar em mim?

— Seja rápida, ok? — rosnou e me deu um sorriso tão verdadeiro quanto uma nota de três dólares.

— Ora, seu grosso e... — tornei a encará-lo com furor e de novo me peguei divagando. Como ele conseguia ser tão... tão bonito... tão exuberante... e absurdamente insuportável?!

— Tudo bem, Sr. Trent? — gritou Beth à distância para bajulá-lo, já sentindo o clima esquentando entre nós dois.

— Perfeitamente. Estamos apenas discutindo algumas faixas de músicas! — E lhe enviou outro falso sorriso.

Como mentia com naturalidade o dissimulado! A esta hora, Kevin devia estar cansado de me esperar, ou talvez tivesse ido embora, achando que lhe dei o maior bolo, enquanto este *filhinho de papai* fica aqui enchendo a minha paciência depois do horário. Por que não chegou mais cedo? Era isso! Ele queria me enervar, eu podia sentir seu cínico olhar tripudiando sobre mim.

— Aqui está. — Depois de uma cansativa “caça ao tesouro”, despejei tudo que havia encontrado sobre o balcão. — É tudo que temos no momento.

Ele tirou vagarosamente uma das mãos do bolso da jaqueta e verificou as horas em seu relógio. Parecia estar tirando onda com a minha cara.

— Mais alguma coisa, senhor? — grunhi entre dentes.

— Por que a pressa, Tesouro? — indagava-me com escancarada ironia, divertindo-se com minha aflição.

Filho da mãe! Primeiro me manda ser rápida e agora quer ir em slow motion?

— Pare de me chamar assim! — adverti com os dentes trincados.

— Algum problema? Se for o caso, eu farei os pedidos diretamente à Beth e...

— Não! — esbravejei e fiquei aliviada ao me certificar que Beth não estava nos observando. — Deseja mais alguma coisa?!

— Muitas, deixe-me ver... — E ficou olhando para o nada, com a clara intenção de me irritar. — Está bem! Quero mais uma caixa deste conjunto aqui e duas do Pink Floyd.

Pink Floyd? Eu queria aquela coletânea há tempos. Não perdi o ensejo:

— Você pretende distribuir tudo por aí ou vai dar o mesmo CD para os seus familiares durante os próximos cinco anos? Que falta de originalidade!

— Não te pedi opinião — rebateu ele.

— Ótimo! Acabou?

Por que ele conseguia me irritar daquela maneira? Por que seu olhar me queimava tanto? Seria realmente capaz de afetar a minha psique com algum tipo de truque, como Kevin havia dito?

— Sim. Mas tem um probleminha. — Então Richard apertou os lábios, tentando esconder que se divertia à minha custa.

— Qual?

E, virando de costas para mim, dirigiu-se até o balcão onde Beth estava. Gelei.

— Beth?

— ãh? Oi! O senhor está sendo bem atendido? — Seus olhos brilhavam.

O cretino passou lentamente as mãos pelos fartos cabelos, olhou para mim e fez uma pausa cinematográfica.

Pronto! Acabo de perder meu emprego!

— Muito bem — e desferiu com seus bélicos olhos azuis um tiro certo em Beth, que se deixou abater com incrível facilidade. — É que tem um probleminha.

— Pode falar, Sr. Trent.

— Eu preciso levar toda esta mercadoria ainda hoje, senão infelizmente não poderei efetuar a compra.

— Isto não é problema! Nós temos todo o restante do que o senhor pediu no estoque. O serviço de entrega já encerrou a esta hora, mas poderemos levar a encomenda até o seu carro.

— Pois é, mas estou de moto.

— Então nós faremos um embrulho bem compactado e o prenderemos ao banco do carona. Vai nos tomar só mais alguns minutinhos, se o senhor não se importar em esperar...

— Tudo bem. Eu aguardo.

“Minutinhos”? O tempo gasto naquela maldita venda duplicou. Ou pior, triplicou. Beth se enrolou mais do que o previsto nos lançamentos, quer por falta de prática, quer por estar em êxtase diante da consumação dos astronômicos lucros. Para meu desespero, o tom de sua voz dizia tudo:

— Nina?! O Sr. Trent precisa levar a sua mercadoria ainda hoje e...

Eu tinha ouvido toda a conversa com a esperança de que Bob já tivesse retornado não sei de onde. Não poderia ir sozinha com Richard até lá fora. Se o que Kevin presenciara era verdade, eu estaria correndo um risco absurdo. Como explicar toda aquela teoria a Beth? Além de achar que agia de má vontade, me taxaria como louca, no mínimo. Comecei a tremer, deixando à mostra meu estado de nervos. Era óbvio que ele havia armado tudo aquilo! O que queria comigo afinal de contas? Podia sentir seus olhos selvagens me observando com atenção. Teria de disfarçar meu medo.

— Tudo bem, Beth. Eu o ajudo.

Beth expressou sua satisfação com um balançar de cabeça.

— Está dispensada. De lá, pode ir. Eu ainda tenho muitas coisas para lançar. Até amanhã!

— Até, Beth — disse, e inventei um álibi para que ela desse por minha falta: — Ainda retornarei para guardar umas caixas de DVDs.

— Ok — respondeu-me no modo automático.

Apostaria meus dois dentes frontais que ela não havia prestado a mínima atenção.

Fomos andando lado a lado e em silêncio até o estacionamento. Pelo horário, completamente deserto. Durante todo o tempo mantive-me alerta a qualquer movimento suspeito da parte dele. Ele caminhava em direção à moto esportiva mais imponente que eu vira em toda a minha vida, talvez uma Kawasaki Ninja top de linha. Era negra e exibia um enorme raio dourado estampado no lado direito da carenagem. Enquanto eu me esforçava em transportar o desajeitado pacote, ele carregava seus dois embrulhos com a maior facilidade, confessando a ridícula encenação. Um discreto ruído. Foi o suficiente para fazê-lo reduzir o ritmo de suas passadas. Com uma expressão sinistra, começou a olhar em todas as direções. Aterrorizada, senti uma descarga de adrenalina. Outro barulho, e Richard já estava plantado atrás de mim. Trêmulas, minhas pernas não sabiam que direção tomar.

— Ah! — gritei quando senti uma fisgada gelada me atingir por trás. O calafrio passeou novamente por mim. Olhei por cima do ombro e Richard me indicava a direção que devia seguir da pior forma possível: camuflado por detrás da jaqueta de couro, ele pressionava um objeto pontiagudo contra as minhas costas. Uma pistola?

— Nem pense em parar, garota. Continue andando — ordenou entredentes e, em estado de choque, obedeci. O horror de ter

aquele objeto pressionado contra o meu corpo parecia drenar minhas energias. Comecei a ficar fraca. Eu sabia que precisava berrar enquanto ainda tinha forças, mas minha garganta queimava, fechando-se com velocidade assustadora. — Deixe tudo aí — sussurrou em meu ouvido. Aflita, liberei-me da pesada carga colocando-a sobre o banco da moto. Novos ruídos. Um trepidar. A respiração dele me atingindo. Atordoada, vasculhei tudo ao meu redor. Nem uma alma viva que pudesse me socorrer. Absolutamente ninguém. O que fazer agora? Outros sons. Gotas d'água minando de uma rachadura do teto e mergulhando numa poça de óleo logo adiante, como um cronômetro denunciador do tempo que se esvaía.

— Não! — meu grito saiu afônico, quase um assovio rouco quando, subitamente, Richard me segurou pela cintura, imobilizando-me.

— Fique quieta!

— Solte-me!

— Sua...

— Tudo bem aí? — uma voz conhecida resgatava-me daquele pesadelo. Era Bob. — Nina?! Você está bem?

Após balbuciar qualquer coisa, Richard liberou-me de suas garras.

— Olá! Então você é o Bob? Acabei de fazer esta compra em sua loja — começou ele com a cara mais cínica deste mundo.

— Reconheci o embrulho — soltou Bob, encarando-o desconfiado. Eu continuava em choque, imóvel. Richard foi rápido:

— Nina veio me ajudar a trazer a mercadoria até a moto, já que você havia saído.

— Sei. Por que então ela está com esta cara de quem viu um fantasma?

— Porque acho que ela não estava passando bem. Parece que estava se sentindo meio estranha quando, sem querer, esbarrei nela. Então eu a segurei com força bem na hora em que ela ia desmaiar sobre estas ratazanas aqui no chão. — E apontou para os meus pés.

Bob e eu olhamos para o local indicado ao mesmo tempo. Quatro enormes ratazanas semiputrefeitas jaziam a milímetros de meu pé esquerdo.

— Ai! — Dei um pulo para trás enquanto Bob gargalhava.

— Mulheres! — zombou Bob, e os dois riram entre si. — Pode ir, Nina! Eu ajudo o moço. Estas caixas estão bem desajeitadas mesmo.

Eu estava atônita com a situação.

— Nina? — chamou Bob. — Procure logo um médico, menina. Você não está nada bem.

Assenti com a cabeça, atordoada, e saí dali o mais rápido possível.

Somente do lado de fora da *Strike* me lembrei de respirar. O que havia acabado de acontecer afinal de contas? Tinha sido tudo imaginação minha ou uma grande farsa? Estaria ficando paranoica por causa das frequentes tonturas e calafrios? Meu peito ardia. Um indefinido misto de fúria por ter perdido meu tão esperado encontro com Kevin, medo por estar desenvolvendo algum tipo de doença mental e alívio por ter escapado daquele garoto amedrontador distraiu-me de tal forma que custei a perceber a queda vertiginosa no número de pedestres pelas redondezas. Poucos carros cruzavam a avenida escancarada em frente ao grande shopping center

adormecido. Constatei imediatamente o porquê. Já passava das onze da noite, e um vendaval arrepiante anunciava uma tempestade a caminho. Saquei minha sombrinha para me proteger da chuva grossa que começava a me atingir.

— Ah, não! Ai!

A ventania era tanta que a sombrinha se entortou de uma forma estranha, partindo-se em duas partes. Uma delas voou em minha direção e a ponta afiada do cabo de alumínio atingiu meu ombro direito, furando meu casaco novinho em folha. Enquanto eu checava os danos, ouvi um ruído fino, mas, ao fazer a varredura do local, não encontrei ninguém por perto. Desconfortável com o ermo ambiente, joguei o capuz da parca sobre a cabeça e acelerei. Meu coração veio à boca quando, ao virar a esquina, percebi passos cadenciados logo atrás dos meus. Estava sendo seguida! Sem coragem de olhar para trás, apertei o ritmo a ponto de começar uma corrida. Minhas pernas bambearam ao ouvir o meu nome ecoar pela calçada deserta.

— Nina?

Meu corpo congelou. Sem comando. A voz tornou a me chamar e eu a reconheci.

— Phill?!

— Oi! Caramba! Já estava ficando preocupado com você!

— ãh?

— Depois eu explico. Agora vou te dar uma carona antes que um dilúvio desabe sobre nós — respondeu acelerado.

— Ok! — Um sorriso se estampou em minha face. Phillip era o meu anjo da guarda naquela noite macabra.

— Ainda bem que meu pai me emprestou o carro — arfou ele enquanto entrávamos no seu antigo Chevrolet Malibu e saíamos dali. — Você sempre faz hora extra assim?

— Não, Phill. Hoje foi uma loucura. Aliás, como me achou aqui?

— Melly me disse que você estava trabalhando na *Strike* e então eu resolvi te fazer uma surpresa — suspirou. — Só não imaginei que seria tão difícil! — E me olhava pelo canto do olho.

— Puxa, Phill! Você estava me esperando desde nove horas?

Ele sacudiu a cabeça, confirmando.

— Acho que um aluno novo da nossa turma também estava esperando alguém... — levantou a sobrancelha direita, indagando-me com o olhar. — O garoto louro bonitão, sabe qual é?

— O Kevin? — meus pulmões se estufaram de felicidade. Disfarcei.

Pensei em fazer algumas perguntas, mas me contive. Bem a tempo. Ele se adiantou:

— Foi embora agora há pouco... e sozinho. — Havia um certo veneno de satisfação escorrendo pelo canto de sua boca.

— Ele também estava esperando desde cedo?

— Não sei. O *lourão* estava estacionado do outro lado da avenida e eu só o vi instantes antes de ele ir embora.

— Ele não deve ter te visto.

— Pode ser — matutou. — Mas o que é isto? Tá maluco?! — Phill abriu a janela e desatou a xingar um motoqueiro que acabava de nos dar uma fechada e tanto. Mudou de ideia ao ser atingido por uma rajada violenta de vento e chuva. A tempestade tomara

proporções assustadoras. Relâmpagos rasgavam o céu negro, trovões açoitavam nossos ouvidos. — Onde estão os guardas para multar um imbecil como este?

— Em casa e bem quentinhos — brinquei. — É a chuva, Phill! A visibilidade está péssima.

Phill deu uma risada e soltou uma piadinha jocosa:

— O problema é o horário! Deve estar com pressa porque, quanto maior a demora em chegar em casa, maior a surra que vai levar da mulher.

Nós rimos. A tensão do ar se dissolveu e, para minha infelicidade, foi o suficiente para animá-lo a me bombardear com suas infrutíferas cantadas.

— Sei que você mora no East Village, só não sei o endereço exato. Sabe como é? Preciso...

— CUIDADO! — gritei ao ver um carro crescendo na sua lateral assim que entramos em uma rua transversal. Por sorte os reflexos de Phill estavam em ordem e, ao invés de frear, ele acelerou e nos fez escapar de um grave acidente.

— Você viu? Os faróis dele estavam apagados! — Phill xingava alto e ameaçou parar o carro para tirar satisfação com o condutor do outro veículo. A chuva torrencial dificultava tudo. Não conseguíamos enxergar praticamente nada à nossa frente.

— Não, Phill! Por favor! Pode ter sido sem querer! Esta chuva está muito forte!

— Está na cara que foi de propósito! — bufou ele.

— Tudo bem! E se foi mesmo de propósito? — retruquei nervosa. — E se forem vários? O que você vai fazer? Brigar com

todos? — Phill ficou assustado com a minha postura agressiva. Respirei fundo e tratei de temporizar: — Desculpe, Phill, mas não dá para enxergar nada! Se foi mesmo de propósito, é porque quem está por detrás daquele volante é doido ou está procurando algum tipo de confusão, não vê? Por que você acha que o carro estaria com os faróis apagados numa tempestade como essa?

Phill meneou a cabeça, mas dirigia tenso. Eu o convenci a reduzir a marcha em um sinal, mesmo estando aberto para nós.

— Só por precaução — adverti.

— Isto é um absurdo! — ele reclamava sem parar quando comecei a sentir o calafrio se espalhando pelo meu corpo. Mau agouro.

— Acelera, Phill — ordenei.

— Mas você não pediu para eu reduzir?

Uma sensação obstrutiva invadia minhas células.

— Acelera! — gritei, e antes que ele me desse qualquer tipo de resposta, empurrei com força a perna que se apoiava no acelerador.

— O quê?! Nossa!

Nossos pescoços chicotearam no ar. Sorrateira, aproveitando-se da pouca visibilidade e do barulho da tempestade, uma pick-up com os faróis também apagados nos acertou pela traseira, e o estrago só não foi maior porque acabávamos de acelerar.

— Estamos sendo perseguidos, Phill! — gritei, enquanto ele assumia o comando da aceleração.

— Como?! Por quê? O que é que está havendo?

— Não sei! Droga! A pick-up continua atrás de nós! — esbravejei assustada ao perceber que o demoníaco carro acendera seus faróis altos, cegando-nos por completo.

— O quê?Ah!

A pick-up raivosa havia nos acertado novamente.

— Acelera!

— Eu não sei para onde estamos indo!

— Acelera, Phill! Temos que encontrar um lugar seguro!

De repente estávamos numa corrida de horror. Carros e motos surgiam do nada, avançando desorientadamente sobre nós. O calafrio aumentava, impondo-se. Um estrondo invadiu o carro.

— Argh! — Senti meu ombro direito arder. Cacos de vidro explodiram sobre nós.

— Nina?! — Phill estava descontrolado. Olhei para o lado e minha janela não estava mais lá. Havia sido completamente estilhaçada. Estávamos cercados por motoqueiros selvagens, que atacavam nossas laterais com ferocidade. — Você está sangrando? — berrava ele. Foi quando me dei conta daquela umidade quente escorrendo sob minha parca.

— Cortei meu ombro!

Antes que eu tivesse tempo de averiguar o estrago, Phill me trouxe de volta à nossa terrível situação.

— Vamos bater!

O coitado suava em bicas, seus reflexos começando a ceder sob a ação do sistema nervoso em colapso. Ele estava sendo tomado pelo pânico quando percebeu que um caminhão avançava

sobre nós em sentido contrário enquanto a pick-up nos cercava por trás. Era o nosso fim.

— Desvia! — ordenei histérica.

— Não dá!

— Desvia! Oh, não!

Phill tinha razão. Atordoada, eu não havia me dado conta de que acabávamos de entrar em um túnel com uma única pista em funcionamento. A outra estava em obras e bloqueada por blocos de concreto. Não tínhamos para onde desviar. Seríamos esmagados e reduzidos a pó. Levei as mãos ao rosto em desespero e vi tudo acontecer em fração de segundos. Prestes a sermos imprensados contra o caminhão, uma potente moto fez uma manobra suicida, entrou alucinada entre a pick-up e o nosso carro, alterando o trajeto da pick-up e fazendo-a rodopiar. Logo em seguida nos alcançou e chocou-se violentamente contra a porta de Phill, o que o fez se assustar e perder o controle do carro. Tudo rodou e depois se apagou.

Quando recobrei meus sentidos, estava sendo arrastada para fora do carro pela janela quebrada. Um som alto e intermitente apunhalava meus ouvidos. Estilhaços de vidro, pedregulhos e poeira encobriam tudo ao meu redor. Havíamos capotado, e o Chevrolet Malibu jazia de cabeça para baixo, com a lateral esquerda esmagada contra a parede do túnel em obras, ou seja, estávamos do outro lado do túnel. O barulho e a fumaça que abafavam o lugar eram emitidos pelo caminhão que tinha sua frente separada da carroceria tombada. Ao bater na pick up, a buzina deve ter sido afetada e disparara. A pick up estava completamente destruída. Sobrara apenas a carcaça toda retorcida e a lataria espalhada em irreconhecíveis pedaços. Não tive coragem de procurar pelos seus ocupantes. Por um milagre, saí ilesa daquele acidente, mas Phill estava desacordado e tinha a cabeça coberta de sangue.

— Phill? — gritei horrorizada.

— Venha.

Reconheci de imediato aquela voz seca e repugnante, e minha visão ameaçou ficar turva. Oh, não! Richard?!

— Foi você! — balbuciei em pânico, aturdida. Senti que tinha batido com a cabeça.

— Você vem comigo! — berrou.

— Não! O que está havendo? Solte-me! — minha voz saía fraca. Pressentia o pior.

— Rápido!

— Eu não vou com você a lugar algum! — zozza, tentei esboçar algum tipo de reação, seguida por um berro abafado. Ambos em vão.

— Ah, vai sim! — Sem fazer o menor esforço, ele me levantou e pôs-me sobre a moto. Ágil como um gato, acomodou-se logo atrás de mim e deu a partida.

Kevin estaria certo? Seria aquele marginal capaz de penetrar em minha mente, deixando-me em um paralisante estado de torpor ou eu estava assim em virtude do acidente? Era tudo muito confuso. O vento congelante e a chuva torrencial começavam a mostrar seus efeitos, recobrando-me a consciência aos poucos.

— O que quer de mim? — O sangue pulsava em meus ouvidos.

— Cale a boca, senão...

— Senão o quê? O que vai fazer? Vai acabar comigo, como fez com Phill? — retruquei, tentando disfarçar meu medo em visível ascensão.

— Você é pior do que eu pensava! — ele rugiu.

— Você sabe onde eu moro?! — berrei preocupada ao vê-lo fazer com perfeição o caminho para a minha casa. Então ele mudou o trajeto e, de repente, deu uma freada brusca, parando em uma rua deserta e mal iluminada.

— Chega! — ordenou, agarrando um de meus pulsos com força descomunal. Uma descarga elétrica percorreu todo o meu corpo, deixando-me em estado de confusão mental. O familiar e paralisante calafrio me açoitava sem piedade. Quando dei por mim, ele estava me encarando, fuzilando-me com seus estupendos olhos azuis-turquesa. Um tiro certeiro, fazendo tudo ao redor perder o foco e meu raciocínio sangrar. Uma hemorragia de compreensão, o quebra-cabeça começando a tomar forma. “Estupendos olhos azuis-turquesa?!” Foi como se um filme passasse em minha cabeça em fração de segundos. *Era isso!* Seus olhos azuis eram sem sombra de dúvida os mesmos olhos que eu vi quando quase fui esmigalhada pelo andaime, os mesmos olhos que me fitaram na confusão lá na *Strike*. Será ele o assassino que vem tentando me matar todo este tempo? Será ele o mesmo psicopata que Anna mencionou? Há sete dias ele poderia ter estado em Londres e assassinado a tal de Mary...

Em choque com as recentes descobertas, não percebi a expressão de seu rosto se alterar. Richard estava rígido.

— Merda!

Naquele momento, ouvi a sirene de um carro de polícia passar pela avenida transversal àquele macabro beco. Meu peito se encheu de uma súbita esperança. *É agora! Não vou deixar que ele me leve para lugar algum. Não enquanto tiver forças para lutar.* Como reflexo, no mesmo instante em que ele subiu na moto, rapidamente dei um pulo pra trás e desatei a correr e a gritar como

uma louca, pedindo ajuda a quem quer que aparecesse no meu caminho.

— NÃO! Sua estúpida! Volte aqui! — ele trovejava.

A rua escura e desabitada em nada me ajudava. Fui surpreendida pelo ronco de um carro dobrando a esquina e acelerando em minha direção.

— Socorro! Aqui, por favor! — gritava aos prantos. Cheguei a olhar para trás com medo de que Richard já estivesse se aproximando, mas a escuridão do local bloqueava tudo.

O carro acendeu seus faróis altos ofuscando a minha visão. Tateando, tentei correr em direção daquela que parecia a única forma de sair viva dali.

— Por favor, aqui! — acenei.

Tive a impressão de que o veículo acelerava ainda mais na minha direção, ao invés de reduzir, o que instantaneamente me fez entender que aquele poderia ser o comparsa do meu algoz, vindo em seu auxílio. Afinal de contas, o que ele estaria fazendo naquele lugar abandonado, naquele exato momento? Imediatamente me pus a correr sobre a calçada imunda, porém no sentido contrário. O carro parecia um touro raivoso, investindo contra a capa vermelha de um toureiro. Eu era a capa vermelha. Minha visão começava a se adaptar, mas ainda assim não conseguia enxergar nada com precisão. Todos os postes de luz queimados ou quebrados daquela rua uniam forças à luz ofuscante que vinha daquele veículo. Enquanto meu fôlego me permitisse correr, eu lutaria pela minha vida. Para o meu azar, no rumo que tomei, a rua não tinha saída. Escondi-me atrás de um poste de concreto bem largo. Para me atingir, o sujeito teria que derrubá-lo. Mas, e se ele estivesse armado? Antes mesmo que eu pudesse pensar em uma alternativa de fuga, o nervoso carro começou a investir pesadamente contra a velha coluna de concreto que me protegia. O ronco do seu motor

rosnava, parecendo imitar a fúria de seu condutor. Eu só não conseguia entender o que estava acontecendo. O que eu havia feito de errado? Por que eu?

Abaixada, encolhida com a cabeça escondida entre os joelhos e pressentindo que o poste que me protegia estava prestes a ceder, ouvi o rugido de uma moto me atingir. Um inesperado braço estendido em minha direção.

— Suba! — ordenou Richard, mas suas mandíbulas tremiam.

— Não! — eu chorava copiosamente.

Naquele momento o carro desvairado atacou com mais violência ainda o pilar que me protegia. Este começou a ruir, as estruturas metálicas que erguiam a lâmpada já queimada caíram a poucos centímetros de meu corpo. Meu fim era evidente.

— Agrh!!! — rosnou ele.

— Ah!!!

Um forte trepidar, um estrondo colossal seguido de um clarão, meu corpo arremessado no ar: eu havia sido atingida por um raio ou pelo carro homicida? Sem dor? Antes que eu pudesse reagir ou mesmo entender o que acabara de ocorrer, a mão cheia de cicatrizes já tinha me agarrado pela cintura e me puxado para cima da moto no exato instante em que toda a estrutura desabou. Imobilizada em uma ridícula posição de bruços, minha cabeça, braços e pernas ficaram pendurados e sacolejavam a cada guinada da maldita moto. Tudo que consegui compreender era que saíamos daquele beco macabro da maneira mais rápida possível, ou seja, de qualquer jeito.

Ele acelerou de forma assustadora, pilotando como um louco. Mesmo estando encharcada, tudo em mim fervia. O vento gelado era um bálsamo para o meu rosto em chamas. A chuva torrencial já

não me incomodava mais. Por mais absurdo que pudesse parecer, naquele momento meu pânico havia desaparecido e uma espécie de alívio se insinuava. Minha sensação era de que estava saindo ileso de um terrível pesadelo. Apenas um sentimento de dúvida me oprimia: como eu podia ficar tão calma abraçada ao meu algoz? Como podia estar tranquila depois dos horrorosos momentos por que acabara de passar? Subitamente senti sua musculatura se enrijecer por completo.

— Porra! — ele rosnou ao frear a Kawasaki violentamente.

Minha estupidez não me permitiu entender o que acabava de acontecer: estávamos encurralados! Do nada, o carro ensandecido surgiu atrás de nós. Ele acelerava com furor e, sem sair do lugar, ameaçava avançar sobre nós rugindo seu motor a altíssimos decibéis. Seus coléricos faróis piscavam numa espécie de código para outro carro à nossa frente, sendo prontamente respondidos. O outro veículo, que obstruía uma das duas únicas saídas possíveis, fritava seus pneus soltando claustrofóbicas nuvens de uma fumaça escura e cheirando a borracha queimada. A terceira saída estava completamente obstruída por um gigantesco caminhão estacionado. Começava a ficar sufocada, não sei se pela ausência de oxigênio no ar ou se por um medo devastador do que estava por acontecer. Richard não hesitou:

— Você vai passar pela lateral do caminhão! — ordenou enquanto vigiava os dois carros se aproximando de nós.

— O quê? Não dá! — guinchei. — É muito apertado!

— Cale a boca e faça o que eu mando — berrou.

— Mas não dá!

— AGORA! — trovejou.

Com uma guinada que fez meus globos oculares chacoalharem em suas órbitas, a moto acelerou com extrema rapidez, e ele praticamente me despejou para a estreita passagem entre o caminhão de obras estacionado e o muro de um antigo prédio comercial. Então ele e a sua moto desapareceram, indo ao encontro dos seus supostos inimigos. Eu não quis ver mais nada. Arranhando-me ao me espremer contra aquele muro de cimento chapiscado, tentava impor alguma velocidade em minhas pernas, já que meu cérebro estava absolutamente lerdo. Ao conseguir transpor o obstáculo, desatei a correr, sem ter a mínima noção de onde estaria e para onde estava indo. Depois pensaria nisso. Por ora, teria que me esconder em algum lugar seguro, mas, para meu desespero, as poucas lojas na região já haviam fechado quer pelo horário, quer pela tempestade que não dava trégua. E agora?

Avancei pela avenida como uma alma penada. Corria a esmo e em estado de pânico, minhas lágrimas camufladas em meu rosto e corpo encharcados, meus sentidos absolutamente desnorteados. Silencioso como um gato, ele surgiu atrás de mim, quase me matando de susto.

— ãh?!

Como aquele louco havia escapado?

— Suba!

— Não!

— Rápido! Antes que eu me arrependa! — ordenou impaciente.

— NÃO! Eu não vou com você a lugar nenhum!

Descontrolada, desatei a socá-lo e xingá-lo. Nervoso, ele se livrou das minhas investidas, empurrando-me com violência. Tombei de queixo no chão e senti gosto de sangue em minha boca. Ele desceu da moto e veio em minha direção. Ainda zozna e com a

boca latejando, tentei me afastar dele, arrastando-me pelo asfalto cheio de lama.

— Eu não queria... — desatou ele a dizer com a fisionomia perturbada.

— O que vai fazer agora? — Mesmo tomada por um medo atroz, eu ainda o enfrentava. — Acabar comigo? Como fez com Phill?

Bastou. No mesmo instante, ele me puxou do meio-fio alagado, cerrou as mãos ao redor do meu pescoço e começou a estrangulá-lo. Outro jorro de compreensão. Era a hora. Dentro de mim algo sinalizava que havia chegado o momento. Os acidentes anteriores me alertaram, mas não conseguiram me preparar para este terrível momento: minha morte. Ninguém da minha idade está preparado para morrer. E eu sabia que ele ia me matar. Não havia como escapar. Eu seria estrangulada. Em segundos eu sentiria um *click* e tudo acabaria. Eu acabaria. Por que eu? Por que agora? Por um breve instante consegui pousar meus olhos nos dele e, por mais absurdo que possa parecer, não tive medo, mas sim fascinação. A fúria naquelas magnéticas safiras azuis-turquesa borbulhava de um jeito assombrosamente estupendo, quase hipnotizante. Ele era tão, tão... O que estava acontecendo comigo? Eu estava sendo hipnotizada pelo meu assassino? Seria parte de algum truque diabólico?

Subitamente Richard franziu a testa e soltou uma espécie de uivo raivoso. *Pronto! É agora!* Não havia mais nada a fazer. Resolvi então fechar os olhos e ficar imóvel, aguardando pelo pior. Esperei. Esperei... Senti que a pressão diminuía e, como nada acontecia, tornei a abrir os olhos. Deparei-me com ele me observando de um jeito estranho, como se estivesse me estudando. Foi então ele colocou sua assustadora mão sobre a minha boca e sussurrou em meu ouvido:

— Não torne a aparecer naquele colégio. Desapareça desta cidade e desfrute ao máximo o tempo que ainda tem com a sua mãe.

Pisquei e tudo ficou embaçado. O que acabara de acontecer comigo tinha sido um truque de ilusão?

Verdadeiro ou falso?

Capítulo 8

Acordei com o barulho de motocicletas acelerando na minha rua.

— Ah, não! — Eu havia esquecido de programar o despertador. Não acreditei que chegaria novamente atrasada no colégio. Meu corpo estava todo dolorido e a sensação era de que eu tinha acabado de deitar, ou melhor, que eu tinha sido atropelada por um caminhão.

“Caminhão”?

Dei um pulo da cama.

— O quê?! — exclamei assustada com o que acabava de constatar: eu estava em casa, mais precisamente no meu quarto, e usava minha camisola de sempre. Checklist: boca sem nenhum machucado e a ferida no ombro direito parecia bem menor, apesar de superdolorida. — Impossível!

Atordoada, procurei pelas minhas roupas encharcadas do temporal da véspera. E lá estavam elas. Só que bem sequinhas e, como eu as deixava sempre, largadas sobre o pufe da escrivaninha.

— Não pode ser! — Eu não podia acreditar naquilo. Muito *clichê*. Alguém quer que eu acredite que estou ficando doida, mas não vou cair neste joguinho. A noite macabra de ontem aconteceu! Eu sei que aconteceu... Ou terá sido imaginação minha? Poderia minha mente ter passado para um nível doentio mais avançado do que apenas calafrios, tonturas ou perda de visão? Poderia ela ter, simplesmente, apagado? Ou melhor, produzido situações

imaginárias? Não! Eu não estou ficando maluca! Foi então que me lembrei da parca. Sim, a parca! Ela tinha sido rasgada quando a janela do carro de Phill explodiu. Procurei o quarto todo e nem sinal dela. A dúvida crescendo em meu peito. Eu nunca a levava para o quarto mesmo. Sempre a deixava no cabideiro do hall de entrada. Com o coração acelerado, fui até a sala. Meus olhos procuraram pelo cabideiro e não havia nada nele. Então eu a vi, caída no chão. Corri até ela e a segurei em minhas mãos. Completamente seca. Inconformada, procurei pelo rasgo no ombro direito. Só um pequeno furinho. O furo que o cabo da sombrinha havia feito? Afundei o rosto em minhas mãos e ia desatar a chorar quando o telefone começou a tocar.

Stela?!

Nova taquicardia.

Onde estava minha mãe? Meu Deus, meu Deus! Eu não conseguia me lembrar de nada! Aliás, eu me lembrava de tudo. De tudo até... Até de que Richard tentara me matar. Ou não?

O telefone continuava tocando. Ao lado dele um pedaço de papel se destacava. Caminhei trôpega até ele e, ao ver o que estava escrito, desabei atordoada no sofá ao lado. Era um bilhete de Stela.

Minha querida,

O diretor da empresa praticamente me ordenou que antecipasse em uma semana a compra da nova resina de base da lente especial que estamos produzindo. Disse que o fornecedor ameaçou aumentar consideravelmente seus valores caso esta compra não fosse efetivada com urgência, logo, tive que viajar hoje mesmo. O lado bom é que volto depois de amanhã! Não consegui falar com você. Provavelmente você não carregou o seu celular de

*no*vo. Ou será que estava *desligado*? Quantas vezes devo lhe dizer que isto me preocupa muito? Ligue para mim assim que chegar, tá?

Beijos,

Mamãe.

— Pronto! Ela já deve ter infartado! Deve ser algum *Hans* comunicando o falecimento dela!

Minha mãe viaja mensalmente para a Alemanha, sede da sua empresa, a Fleischer & Koch. Ela é responsável pela compra da matéria-prima das lentes e, em especial, pelo controle de produção.

A campainha do telefone berrava agora. Olhei o identificador de chamadas: Stela. Que desculpa eu daria por não ter telefonado para ela? Estava tão tonta que não sabia nem por onde começar. O telefone gritando nos meus ouvidos conseguia me deixar à beira de um ataque de nervos. Droga!

— Oi, mãe. Desculpa, eu ia te ligar, mas eu me esqueci e... — fui interrompida com Stela tão perdida quanto eu.

— De que você está falando, filha?

— Eu não te liguei ontem porque eu trabalhei até tarde e...

— Que brincadeira é essa? — a voz dela estava amistosa.

— ãh?

— Já sei. Não consegui aguardar pela surpresa, né?

— Eu...

— Eu também não — ela se atropelava. Estava tão eufórica, que mal percebera meu estado catatônico. — Depois que a gente se falou ontem à noite, fiquei pensando no assunto e resolvi ligar

para lhe contar logo. — E fez uma pausa. — Aliás, a senhorita não está atrasada para o colégio? Pensei que fosse deixar o recado na secretária eletrônica.

Congela a cena.

"Depois que a gente se falou ontem à noite?"

Então eu havia ligado para ela? Tínhamos até conversado sobre surpresas e etc? Ah, não! Bob tinha razão. Eu não estava nada bem.

— Nina?

— ãh? Ah! Eu perdi a hora, mãe.

— Sei. Você está bem?

Ela captou meu estado de perturbação.

— Claro! — soltei tensa. — Qual era a surpresa?

— Bom, uma você já sabe.

Não. Eu nem imaginava.

— A outra é uma viagem para Madri. Você sempre quis assistir a uma tourada e... Nina? Tudo bem mesmo?

— Sim, mãe. Estou um pouco indisposta. Acho que dormi mal. Adorei a surpresa — disse dissimulada.

— Você está se alimentando direito?

— Estou. Tenho que ir, mãe.

— Ok. Até amanhã, meu amor.

Devido ao meu atraso e à minha cabeça em frangalhos, fui uma das últimas a concluir a prova de Biologia. A turma já aguardava a aula seguinte no anfiteatro anexo. Quando cheguei, o murmurinho era frenético.

Caramba! Será que todo mundo também se deu mal como eu?

Observei com mais calma e percebi que tal alvoroço não era generalizado. Apenas as garotas estavam em polvorosa. Um frenesi feminino.

— Ai! — sem que eu percebesse sua aproximação, Melly cutucou meu ombro ferido por debaixo da jaqueta jeans. Vi estrelas.

— O que foi? — xeretou indiscreta.

— Machuquei o ombro.

— Como? — Melly e sua inabalável curiosidade. Para se tornar uma exímia fofoqueira, faltava-lhe pouco.

— Num acidente.

— Que acidente? — interrogava-me no seu tradicional jeito escandaloso.

— Eu me machuquei quando a sombrinha se partiu ao meio naquela ventania horrorosa. — Quem foi o causador: a sombrinha ou a explosão? Nem eu sabia. Real e imaginário estavam entrelaçados em minha mente perturbada. Mas eu precisava tirar o episódio da véspera a limpo. — Melly, por falar em acidente, você ouviu alguma coisa sobre um acidente terrível em um túnel aqui de Manhattan?

— Quando aconteceu?

— Acho que foi ontem.

— Não. Soube de um túnel que ficou temporariamente fechado, mas era para obras ou algo assim. Por quê?

— Nada — e, disfarçando, acrescentei: — Eu preciso entregar uma anotação para o Phill. Você o viu por aí?

— Ele não veio hoje.

— Não?! — exclamei acelerada.

— Não. Ele viajou com os pais. — E mordiscou o lábio inferior.
— O que é que está havendo, Nina? Por que você está tão estranha?

— Eu? Que nada, bobagem sua.

Melly desconfiara de alguma coisa, mas não teve tempo de matutar, atordoada pela animada aproximação de uma garota gordinha que acabava de chegar do ginásio. Eu não a conhecia, mas sabia que ela era da nossa turma.

— Você viu, Melly?

— Claro! — respondeu ela cheia malícia. — Um espetáculo!

Um assovio altíssimo rasgou o anfiteatro.

— O que é que está havendo? — indaguei, mas ela nem chegou a me escutar.

— Vem cá, Nina! — Agitada, Melly me conduziu ao grupinho de meninas sentado mais ao fundo.

— Eles se pegaram pra valer? — perguntava uma delas supercuriosa.

— Não. Mas foi por pouco. Se não fosse a Sra. Norma, eles teriam se engalfinhado lá mesmo.

— Que cicatrizes sinistras eram aquelas? — arfou Susana.

“Cicatrizes”?

— Que corpo magnífico era aquele? — acrescentou Clarice agitada.

— E o rosto mal encarado então! — gemeu a gordinha.

— Posso saber sobre o que vocês estão falando, afinal de contas? — rugiu.

Elas finalmente perceberam a minha presença.

— Menina, você perdeu o maior babado dos últimos tempos! — soltou Clarice.

— O que houve?

— Acabou de acontecer. Richard e Kevin quase se pegaram lá no ginásio.

Eu perdi a cor e engoli em seco.

— Ah?! Kevin? Ele... — travei.

— Fique tranquila. Não chegou a acontecer nada com ele.

Bendita interrupção de Melly.

— Como nada? — indagou Clarice. — Os dois acabaram de chegar ao colégio e já foram suspensos!

— Por que eles brigaram? — Eu permanecia sem entender nada.

— Ninguém sabe o motivo da briga — adicionou Melly. — Mas sobre aquele corpo... Uau!

— Que corpo, Melly? — questionei com uma pontada de ciúmes. Por que eu estava assim?

— Do Richard! — esclareceu Susana. — Quando ele arrancou a camisa para partir para cima do Kevin, acabou deixando à mostra seu peitoral e suas costas lotados de cicatrizes. A mulherada ficou completamente hipnotizada. Assustador!

— Cicatrizes?! — perguntei atordoada.

— Sim. Muitas.

— Por que será que ele tem tanta cicatriz? — questionou a gordinha que se sentara ao meu lado. — Não parecem de acidente de moto...

— Deve ter sido em alguma briga — retrucou uma garota morena.

— Briga de gangues... — pensei ter matutado baixinho comigo mesma, mas foi o suficiente para Susana ouvir.

— É possível! E isto não é mais tentador ainda? — e soltou um gemidinho. — Ele deve ter pegada.

“Pegada”. É. Ele tinha. Se não fosse trágico, seria cômico ouvir aquele tipo de conversa na manhã seguinte ao meu-quase-imaginário-verdadeiro-estrangulamento.

— Ele é caladão e até meio estranho, mas parece que sabe como lidar com as mulheres, entende? — explicava a animada gordinha. — Quando ele nos olha fixo com aqueles olhos azuis maravilhosos, parece que consegue enxergar dentro da gente.

— Isto é muito constrangedor e ao mesmo tempo muito tentador, não? — comentou outra garota que até então estava muda, mas mantinha um sorriso congelado nos lábios. Enfeitiçada por ele.

— Existe algo enigmático nele... E eu pretendo descobrir! — disse a morena com um sorriso malicioso nos lábios. — Até porque o Kevin já tem dona. — Ela piscou para mim e eu corei.

E elas riam compulsivamente. Aliviada, percebi naquele momento que não era apenas em mim que aqueles olhos azuis causavam perturbação. As garotas já tinham sido alvo deles. Todas eram minúsculas estrelas sendo sugadas para a morte por aquele magnífico buraco negro.

Negras foram as notícias que Anna me enviou naquela noite:

Querida Nina,

Achei melhor deixar você a par de toda a horripilante história. Bem, encontraram a sepultura de Mary aberta ontem pela manhã. Não levaram nada de valor nem violentaram o corpo, como a polícia temia. Mas fizeram algo muito sinistro, digno destas seitas macabras que existem por aí. Eles arrancaram seus olhos! Por que alguém tiraria os olhos de uma pobre garota morta há poucos dias? Os policiais do caso dizem que é comum a utilização de órgãos humanos em rituais de magia negra, mas pretendem investigar a fundo este incidente. Eu só sei disto tudo porque foi manchete em todos os jornais aqui na Espanha. Minha mãe não me deixa mais sair de casa sozinha. Estamos em pânico. Tem algo muito errado nos rondando, isto é fato. Se cuida, tá?

Beijos,

Anna.

Eu não conseguia juntar as pistas daquela maldita charada. Na verdade, eu tinha muito poucas pistas. Talvez uma única: minhas anormais pupilas. Seria isto? Será que Anna também tem alguma deformidade em seus olhos, e, assim como eu, nunca mencionou?

Um turbilhão de teorias me assombrava.

Em nenhuma delas, entretanto, eu poderia imaginar o que descobriria em breve.

Capítulo 9

Eu estava dormindo quando Stela chegou em casa. Acordei com ela me beijando a testa.

— Estava com saudades, filha. Estou indo para o trabalho. Nos vemos lá no teatro.

— No teatro?! — indaguei sonolenta.

— Se liga, dorminhoca! — E animada acrescentou: — Seu primeiro presente, Nina. — E como eu não esboçava reação, acrescentou: — *O Fantasma da Ópera!*

Ah! A surpresa da qual eu não me recordava.

— Tava só implicando com você — fingi brincar. Stela me lançou uma piscadela e saiu apressada.

Cheguei faminta ao refeitório durante o recreio. Peguei uma bandeja e entrei numa enorme fila.

— Nina?

— Oi, Kevin! Você não tinha sido suspenso? — perguntei atabalhoada.

— Claro que não! — E me lançou um sorrisinho maroto.

— Eu queria me desculpar pelo *bolo* que eu te dei na noite do temporal, eu tive que trabalhar até tarde e...

— Não precisa se desculpar de novo — adiantou-se Kevin.

— De novo?!

Essa não! Eu já havia me desculpado e não me lembrava?

— Aliás, só aceito a desculpa se estiver tudo certo para mais tarde — continuou Kevin.

— Para mais tarde?! — a expressão de perplexidade em minha face devia ser evidente.

— Sim, Nina. Nosso encontro. Você está se sentindo bem?

— Encontro?

Era tudo o que eu mais queria, mas eu não tinha combinado nada com Kevin. Ou tinha? Comecei a suar frio e ele percebeu.

— Você se esqueceu? — indagou com semblante desapontado.

— Claro que não! — menti. — É que...

— Que?

— Kevin, eu não queria, mas preciso desmarcar nosso encontro. — Senti ódio de mim mesma por estar dizendo aquelas palavras.

— Ah, não! Por quê?

— Eu já tinha um compromisso com minha mãe — respondi inconformada.

Eu queria *matar* Stela naquela hora. Até sem planejar, ela conseguia destruir todas as minhas chances de ser uma garota normal.

— Sério? Ou você está só me dispensando? Nina, se você não quiser, não precisa...

— Sério mesmo! — consegui interrompê-lo. Ele precisava acreditar em mim. — Vamos assistir ao *Fantasma da Ópera*. Foi presente dela para o meu aniversário.

— Seu aniversário é hoje?

— Não. Só daqui a três semanas.

— Hum. — Ele abriu um largo sorriso.

— Stela é assim mesmo. A ansiedade parou nela e ficou.

— Tudo bem. A gente se vê amanhã então?

— Claro! — respondi e logo atrás de mim ouvi um assovio inoportuno:

— Com licença, pombinhos — soltou Richard com a voz arrastada. Kevin fechou a cara e me puxou para perto dele.

— Venha, Nina — disse ele encarando Richard, que, assoviando, fingia escolher uma fruta na prateleira ao lado.

— Eu só vou acabar de me servir — respondi.

O celular de Kevin começou a tocar.

— "*Tá legal. Já vou.*" — E, tampando o bocal do celular, explicou: — É minha mãe. Vou ter que sair mais cedo hoje.

Richard soltou uma gargalhada estrondosa, fazendo todo o refeitório olhar para nós. Que ódio!

— Ah! Mamãe... — O cretino fazia graça.

— Eu preciso ir — desculpou-se Kevin olhando o relógio. — Acabe de se servir e saia logo daqui, Nina. Eu te ligo mais tarde, ok?

— Ok.

Eu estava de saída quando Richard bloqueou minha passagem.

— Com licença? — rosnei.

— Adoro maçã. Ah! O fruto proibido... — comentou ele, abocanhando com vontade uma maçã. Eu forcei caminho e ele me impediu empurrando meu ombro direito. Senti a dor do contato e instintivamente levei a mão para proteger a ferida.

— Ai!

— Ops! Encostei no ombro errado. Foi mal. — E suas safiras azuis piscaram para mim.

“Ombro errado”? Senti o calafrio se espalhando pelo meu corpo e minha visão ameaçou ficar turva.

Eu não estava enlouquecendo. A noite macabra tinha acontecido!

— O acidente... Phill... Você sabe! — balbuciei aturdida.

— Eu não sei do que você está falando, Tesouro.

— Sabe sim! — rosnei.

Então ele aproximou seu rosto perfeito e assustador do meu. Com o olhar frio, disse entre dentes:

— Mas você não me ouviu. E vai pagar por isso.

E saiu.

— Nina?! Vai ficar parada aí? — Era Melly vindo ao meu encontro. — O que estava rolando?

— Ah?

Eu ainda estava tonta demais. Richard confessara. Mas como pode? Que tipo de truque ele fez comigo?

— Pare de bancar a bobinha. Por que Kevin e Richard se estranharam? — Melly insistia.

— Não sei.

— Como não sabe? Tá na cara! Os dois estão disputando você! Aquela briga de ontem deve ter sido por sua causa!

— Pare de bobeira, Melly! — retruquei, mas meu pensamento estava longe. Estava em Phill e na ameaça que Richard havia feito.

— Tudo bem. A gente conversa depois — murmurou ao perceber meu comportamento estranho.

— Desculpa, Melly. Aquele Richard é um grosso. Ele parece ter algum assunto mal resolvido com o Kevin e sempre que pode arruma um meio de infernizar a vida do meu anjo.

— “Anjo”?! Já está assim?

O sinal tocou e tínhamos que ir direto para a nossa sala. Faríamos um teste de Matemática.

— Te conto depois.

— Fala sério! — resmungou Melly, inconformada. — Eu não sei se estou mais arrasada porque vou fazer a prova de Matemática ou se é porque só vou saber dos detalhes mais tarde.

— A curiosidade mata, sabia?

— Rá! Rá!

O teste foi mais difícil do que eu imaginava, e, mesmo assim, Melly o havia concluído antes de mim. Aguardava-me sentada num murinho no lado de fora da sala, balançando as pernas no ar sem parar: — Quero saber todos os detalhes. Todinhos! — suspirou. — Antecipei umas comprinhas que iria fazer no seu bairro para hoje, assim posso ir andando com você.

— Você é terrível! — E dei de ombros. A companhia divertida de Melly veio bem a calhar. Atordoada com os últimos acontecimentos, pelo menos por alguns minutos ela me livraria da tortura mental a que havia sido submetida.

Melly praticamente me obrigou a lhe contar tudo, quero dizer, quase tudo. Omiti a noite macabra da maldita tempestade. Ao chegarmos em frente ao meu prédio, ela me fez a pergunta que a consumia: — Kevin foi abusado?

— Não, de jeito algum! Kevin é sempre muito gentil e educado.

Talvez até demais.

— Ele não tentou beijar você? — havia incredulidade em seu tom de voz.

— Me deu um selinho — respondi corando.

— Fraquinho o rapaz... — E tamborilava os dedos na mochila.

— Fraquinho?!

— Ok, ok. Dá para passar, em se tratando de um primeiro encontro, não é mesmo? — lançou-me um sorrisinho meio sem-vergonha e continuou a me sondar: — Sentiu o calafrio?

— Que calafrio?! — Ultimamente a palavra *calafrio* tinha vários significados para mim.

— As borboletas batendo dentro do estômago, menina!

— “Borboletas”? Não! Sei lá, foi tudo muito rápido e...

— E...?

— Talvez amanhã — continuei ao ver o olhar de reprovação no rosto franco de Melly.

— Amanhã?!

— Ele me convidou para sair amanhã — respondi hesitante.

— Isto é bom. Muito bommmmm. — Ela fazia caras e bocas hollywoodianas. — Vai que ele é tímido e você sem experiência...

— Experiência?! — exclamei gargalhando e aproveitei para alfinetá-la: — E você? Por acaso tem tanta experiência assim, *Dra. Melly*?

— Jura que não conta para os meus pais? — encenou um sussurro.

— Juro. O que foi?

— Eu já namorei alguns garotos — e lançou-me um sorriso apimentado — escondido de meus pais.

— Alguns? — Meu queixo caiu, mas o segurei bem a tempo para que Melly não reparasse.

— E já fiquei com outros também, né? Ninguém é de ferro — justificou-se.

Pause. Tinha que deixar a fita rolar, mas eu havia congelado. Não sei se deu para disfarçar minha expressão de perplexidade e ódio de mim mesma. Eu era a maior *nerd* de todos os tempos! A *nerd mor!* E eu que achava Melly meio tolinha e desligada... Até ela já havia ficado com vários garotos! E eu?! NÃO!!! Nunca havia namorado, sequer havia beijado algum garoto para valer. Nada vezes nada! A idiota aqui mal sabia como dar um beijo de verdade. Não poderia contar a Melly que todos os meus treinos de beijos molhados e "calientes" foram dados em copos de vidro, como ensinara a *Teen & Teens*, uma revista que comprara em Londres há uns dois anos. No mínimo, ela ia se acabar de rir e debocharia de mim pelo resto de nossas vidas.

— Com quantos garotos, Melly? — perguntei com o pensamento ainda longe.

— Ah, não me lembro.

— Deixa de ser mentirosa! Quantos? — ordenei.

— Jura que não vai se espantar?

Espantar?! Minha nossa!

— Juro. Fala logo!

— Bem... Contando com a colônia de férias...

— Melly, você é uma depravada! Que idade você tinha quando começou a distribuir beijos pela cidade inteira?

— Tô brincando! Só queria ver a sua reação. — E ria um riso solto antes de confidenciar o que eu tanto queria: — Eu já beijei uns nove garotos.

— Nove?! — deixei meu espanto à mostra.

— Ora, Nina! Em que mundo você vive? Nove não é um número tão alto assim para uma garota de dezessete anos! Não sei sobre as cidades em que você viveu, mas estou absolutamente dentro da média daqui de Nova Iorque. — Franziu a testa e deu uma fungada.

A pergunta que buzina dentro de minha cabeça naquele instante era se Melly ainda poderia ser virgem. Eu sabia que eu era uma idiota do tipo animal em extinção etc., mas o que eu precisava ter noção era se o abismo que havia entre mim e as garotas da minha idade era grande demais. Será que, como eu imaginava, sexo para elas dependia mais da curtição de uma descarga de adrenalina do que de um sentimento importante?

— Pra valer foram cinco — corrigiu Melly categórica, libertando minha mente atormentada.

— Pra valer? Como assim?

— Ora, Nina. Beijos que vale a pena ser lembrados! Os outros foram frios, sem graça. Pelo que parece, o seu beijo foi assim...

— Não foi não! — defendi-me, não querendo dar o braço a torcer. Ela percebeu a minha insegurança.

— Foi sim — afirmou, taxativa.

— Por que você diz isto? — tentei imprensá-la contra a parede, mas o tiro saiu pela culatra.

— Você já havia beijado algum garoto antes dele? — sua pergunta foi direta.

— Eu, eu...

— Já? — ela insistia, mordiscando o lábio inferior para conter um risinho.

— Não.

A resposta me consumiu de vergonha. A vontade que eu tinha naquele momento era de fazer um buraco no chão e enfiar a cabeça dentro dele.

— Então? — interrogou-me com naturalidade.

— Então o quê? — devolvi aflita.

— Você não tem experiência, como eu havia dito. — Senti um alívio imediato. Melly não gargalhou e nem mesmo tripudiou sobre minha inexistente vida amorosa. Naquele momento eu passei a gostar um pouco mais dela. — E, pode acreditar em mim — acrescentou com ar de grande conhecedora do assunto —, quando o beijo vale a pena, a gente nem respira direito no dia seguinte. Pra falar a verdade, a gente não faz nada direito nas semanas seguintes.

Quem caiu na gargalhada fui eu: — Mas isto aí não é só beijo, Melly! Você já devia estar apaixonada.

— Será? — E olhou para cima, piscando as pálpebras de maneira teatral. — Às vezes eu misturo uma coisa com a outra, sabe? Mas de uma coisa eu tenho certeza: o seu beijo não teve eletricidade.

— Eletricidade?! — Achei graça. Por hora, eu dispensaria qualquer tipo de descarga elétrica sobre o meu corpo. Já me bastavam os acontecimentos mais que estranhos dos últimos tempos...

— Mas ainda temos esperança no amanhã, não é mesmo? — e soltou sua risadinha característica. — Tenho que ir. Aproveite o espetáculo de hoje. É lindíssimo!

Ledo engano.

Não houve amanhã.

Capítulo 10

A fila de entrada estava enorme. Stela parecia estar bem mais ansiosa do que eu.

— Estou tão feliz, filha!

— Eu também, mãe. Finalmente chegou o dia, né? — disse tentando colocar algum entusiasmo em minhas palavras. Ela estava tão leve e satisfeita, que talvez fosse o momento de lhe contar sobre Kevin, sobre os bizarros acidentes e situações pelas quais vinha passando. Talvez ali, no meio de tantas pessoas, ela não armasse um escândalo. Talvez. Mas a fila começou a andar e minha coragem foi embora com ela.

— Vamos! — disse ela entusiasmada.

Acomodamo-nos em nossos assentos. O primeiro ato transcorreu de forma magnífica. Meus olhos se enchem de lágrimas a todo instante. Os de Stela também. Como era bom estar ali com minha mãe! Era tão bom vê-la tranquila e feliz! Há muito tempo eu não presenciava tal situação. Terminada a primeira parte do espetáculo, nos dirigimos para o saguão, assim como quase todo o público presente.

— Vou comprar uma Coca. Quer uma, mãe?

— Sim. Vou aproveitar para ir ao toalete. A gente se encontra aqui.

— Ok.

Enquanto aguardava Stela, o familiar calafrio trespassou meu corpo com intensidade. *Não é possível! Aqui também?* Olhei ao redor e nada havia de suspeito. Respirei fundo e me acalmei: — Não é nada, Nina! Pare com isto.

— Está falando sozinha? — Eu conhecia aquela voz suave.

— K-Kevin? — gaguejei. — O que você está fazendo aqui?

— Senti saudades. — Ele me deu uma piscadela e tratou rápido de se explicar: — Como sabia que você viria hoje aqui, aproveitei a oportunidade para lhe fazer uma surpresa!

— Puxa! — foi tudo que eu consegui dizer. E a despeito do meu ego massageado, estava mais preocupada do que propriamente feliz. E se Stela aparecesse bem agora?

— Não está contente em me ver? — ele pareceu desapontado. E com toda a razão.

— É claro que estou! É que... — respondi com urgência. — Minha mãe foi ao toalete e... — continuei tomada por uma súbita vergonha. — Ela deve chegar a qualquer momento e...

— E?

— Não quero que você fique chateado — soltei aflita. — Gostaria muito que você a conhecesse, mas não hoje. É que ela é muito ciumenta, e eu ainda não comentei nada sobre você, quero dizer, sobre nós e...

Ele percebeu meu estado de nervos. Colocou o indicador sobre os meus lábios, fazendo-me parar de falar: — Tudo bem. Já entendi. Te vejo depois então — me deu um beijo delicado no rosto e saiu, deixando-me ali a sós com a minha vergonha. Eu estava recuperando a cor quando uma voz perturbada me atingiu por trás.

— Quem era aquele rapaz? — seu olhar era de pânico.

— Mãe?!

— Quem era ele, Nina?

— Era um colega lá da escola. Por quê?

— O que ele queria com você? — insistiu ela, nervosa.

— Eu já disse! Ele é meu colega. Veio só me cumprimentar — retruquei impaciente.

Foi por um triz! A sirene tocou, convocando todos a retornar aos seus lugares. A fisionomia calma de Stela havia se transformado em uma expressão de pavor, estava completamente transtornada. Cinco minutos após nos sentarmos ela já queria ir embora.

— Não vou — disse eu ríspidamente. — Se quiser, pode ir sozinha. Encontro você em casa.

— Nina, eu não estou passando bem.

— Eu sei que é mentira sua!

Psssiuuuu! As pessoas atrás de nós reclamavam do falatório.

— Nina, vamos! — ordenava-me aflita.

— Não! — sussurrei com agressividade. — Você só quer ir embora porque me viu conversando com Kevin! Eu vou assistir ao espetáculo até o final. Se quiser, pode ir.

— Nina, nós precisamos conversar! — seu tom era de desespero.

— Não, mãe. Você vai ter que esperar um pouco e então conversaremos em casa.

Ela se calou. A partir dali já não consegui mais me concentrar na peça. Mas não cederia. Ela tinha que parar com aquela insana mania de me afastar de tudo e de todos. Minha mãe estava doente, com certeza. Olhando-a pelos cantos de meus olhos, percebi que suas mãos estavam trêmulas, sua testa tinha gotas de suor e seu olhar era de um animal sob absurda tensão. Sua fisionomia horrível me gerava uma profunda tristeza. Não conseguia acreditar no que meus olhos me confessavam: ela estava perdendo a lucidez, minha mãe estava mentalmente doente. E eu estava arrasada com aquela conclusão.

Ao término da apresentação, saímos com o aglomerado de gente, mas no grupo da frente. Stela me segurava com tamanha vontade, que suas unhas me feriram. Seus sentidos estavam em alerta como se estivéssemos prestes a ser atingidas por uma bomba ou coisa parecida. Sua expressão facial era assustadora. De todos os seus acessos de pânico, com certeza este fora o pior. Enlouquecida. Suas passadas eram tão largas e velozes, que fomos as primeiras a chegar ao saguão de entrada. Em um movimento brusco, ela parou ao adentrarmos o grande saguão e quase fomos atropeladas pelas pessoas que vinham logo atrás.

— Não! — Seus olhos se estreitaram e seus lábios tremiam.

— O que foi?

Contagiada por todo aquele estresse, avistei o que fazia Stela tremer. Era Kevin sorrindo para mim! O coitado estava de pé, próximo à porta de saída, e parecia feliz em me reencontrar. Não poderia imaginar que o ciúme de minha mãe chegasse àquele nível de insanidade.

— Kevin?! O que está acontecendo, mãe? — perguntei furiosa, mas fui puxada com violência para dentro, em sentido contrário ao

da multidão que se deslocava como uma grande barreira humana em direção à saída. Esbarrávamos em uns, tropeçávamos em outros. Meus cabelos colavam em meu rosto suado. Stela murmurava coisas indecifráveis. As pessoas nos empurravam com impaciência, claramente irritadas com o nosso antagônico trajeto.

— Venha! — ela rosnavava.

— Mãe, o que está acontecendo? Solte-me! Você enlouqueceu!

— Ele veio te buscar! Ele não vai te levar de mim! Não vai! — berrava descontrolada.

— O quê?! Quem vai o quê?

— Venha, filha! — E me puxava com força descomunal, tentando me arrastar em direção ao palco, mas não era fácil com a enorme quantidade de pessoas transitando. Resgatando-nos do nosso drama particular, alguns berros desencontrados e um princípio de tumulto nos fizeram compreender o que acontecia ao nosso redor. Fogo! Para piorar a nefasta situação, um incêndio se alastrava com velocidade pelo lindo teto do teatro, comprometendo seriamente o grande lustre central, que agora ameaçava ruir. Ele era imenso, composto de dois níveis unidos entre si, todo revestido por espelhos e cristais, que encobriam as toneladas de armações metálicas. As pessoas começaram a correr assustadas e de maneira desnordeada.

— Por aqui! — Stela ordenou nervosa.

— Ah?! Mãe, temos que sair daqui! — gritava sem sucesso. Ela estava surda, presa em seus imaginários tormentos.

Surgindo do nada, uma força brutal nos separou. Fui arremessada a uma grande distância enquanto Stela era conduzida de forma enérgica por um homem de terno em direção contrária à

minha. Ambos aparentavam estar em transe, pareciam não ver nem ouvir ninguém a seu redor.

— Solte-a! Mãe, por aí não! Mãe, não! — berrava tentando correr em sua direção, mas quanto mais eu me esforçava em alcançá-la, mais era afastada pela multidão que fugia ensandecida do fogo e do gigantesco candelabro prestes a desmoronar. Usei todas as minhas forças. Berrei o mais alto dos meus berros. Ninguém me ouvia. A confusão piorara com o primeiro nível do lustre agora preso a delgados fios. Minhas pernas cambaleavam, meu choro me afogava, sentia meus sentidos fugirem, o calafrio se apoderando de meu corpo suado de tanto empurrar, gritar e me atirar contra as pessoas tentando encontrar um caminho, uma brecha. Eu não podia desistir. Stela precisava de mim! Juntei minhas últimas forças e avancei como um animal feroz em direção ao perigo. Meus olhos não conseguiam encontrá-la. Minha visão começava a falhar. De repente eu a vi, marchando como uma sonâmbula em direção à morte. Caminhava para debaixo do descomunal lustre em via de destruição.

— Mãe, não! Pare! Por favor, mãe!

“Oh!” O redundante som de horror das pessoas evidenciava que o candelabro havia cedido mais um pouco. Seguranças perceberam a localização suicida de Stela e correram preocupados rumo a ela. Eu também queria correr em sua direção, mas minhas pernas não me obedeciam mais. Eu estava totalmente sem forças.

— Mãe, não! Não! — E caí de joelhos no mesmo momento que um ruído ensurdecedor preencheu o salão. Tinha acontecido. Sem forças para levantar, só conseguia ouvir gritos e choros de desespero e pavor das pessoas próximas.

— O primeiro nível acaba de cair! — ouvi dizer pelo rádio um dos seguranças. — O segundo também está cedendo! Um homem e uma mulher mortalmente feridos! Rápido! Chamem a ambulância!

"Mortalmente ferida"? Aquelas palavras rasgaram meu peito. Reagrupei o restante de minhas decadentes forças e tentei me dirigir a ela. Tinha de removê-la dali.

Os gritos ao redor denunciavam que a queda do segundo nível do grande lustre era iminente. Mas nada disto me importava. Stela precisava de mim e eu tinha de ajudá-la. Caminhei sem forças para a terrível cena. Enérgico, um segurança que fazia o cerco da área me impediu de passar: — Você é louca, garota? Isto está prestes a desmoronar a qualquer momento!

— Mas eu preciso ir até lá, por favor! — minha voz saía rouca.

— Nunca! Quer morrer?

— Aquela mulher é a minha mãe e eu preciso tirá-la de lá! — berrava chorando copiosamente.

— Sua mãe?! — Rugas instantâneas rasgaram o semblante do homem. — Sinto muito, mas não posso deixá-la passar. Os bombeiros já estão a caminho e vão remover os dois de lá. Vai dar tudo certo.

— O segundo nível vai cair! — eu urrava.

— São ordens! Sinto muito — finalizou a conversa abruptamente, segurando meu braço com firmeza. Comecei a fazer força para me desvencilhar dele, mas era em vão. Quanto mais eu queria escapar, mais seus dedos penetravam em minha pele, machucando-me.

— Eu preciso ajudá-la! — rugi tentando me libertar daquelas mãos enormes.

— Você não entende? Se você for para lá, também poderá morrer!

Os gritos de pânico aumentavam ao nosso redor. Eu não tinha mais tempo. Olhava para Stela, seu corpo caído ali, tão perto e tão distante de mim. Quando menos poderia imaginar, senti, de repente, aquelas gigantescas mãos se afrouxando. Olhei instintivamente para o segurança e a cena só não me surpreendeu porque naquele momento minha razão estava focada em outro lugar. Ele estava com o olhar aéreo, o mesmo olhar que vi se apoderar de Stela. Não quis entender. Aproveitei-me da situação e corri em direção à minha mãe.

O lustre desmoronado estava sobre eles. O suntuoso tapete de outrora desaparecera por debaixo de numerosos pedaços de vigas metálicas e uma chuva de mortíferos confetes de estilhaços de vidro, cristal e espelho. O corpo do homem grisalho estava imobilizado por debaixo do grande lustre assassino. Caído por cima das pernas de minha mãe, com muito sangue ao redor de sua cabeça. Gelado. Stela estava muito ferida, tinha o olhar distante, mas ainda estava acordada. Quando a vi, meu corpo se enrijeceu. O sangue havia parado de pulsar em minhas veias.

— Mãe! — eu só conseguia chorar.

— Nina?

— Sim, mamãe. Sou eu.

— Nina, você tem... correr... rápido! — soltou quase inaudível.

Eu tremia de desespero: — Vai ficar tudo bem, mãe. Os bombeiros já vão te tirar daí. Eu sabia que a estava perdendo. Minha voz saía em soluços, arrasada pela impotência diante daquela cena devastadora.

— Seu pai... seu pai...

Ah, não! Ela estava delirando.

— O que tem meu pai? Mãe, o que você quer dizer? O que tem meu pai?

— Quer você... tirar de mim... Nina... — as palavras sem o menor sentido confirmavam seu péssimo estado.

— Mãe, calma, por favor! — As lágrimas cobriam o meu rosto, meus pulmões estavam saturados de fumaça. O fogo se alastrava rapidamente pelo teto sobre nós. Nosso tempo estava se esgotando.

— Tudo que fiz foi por amor... Eu não queria que acabasse assim.

— Acabar?!

A pancada. Senti-me sendo sugada, como se estivesse sendo aspirada por dentro, como se fosse desintegrar a qualquer instante. Perdi a noção de mim, de tudo. Aquilo era uma despedida? Não. Não podia ser. Eu não podia perdê-la. Não assim. Não agora. Eu não tinha mais ninguém e eu não queria mais ninguém. Eu queria minha mãe.

— Fuja! Prometa-me...

— Não! Pára com isso, mãe. — Eu não conseguia mais respirar. A dor me sufocava. — Por favor, não me deixe, mãe! Não me deixe!

— Prometa-me...

— Mãe, não! Não faça isso comigo! — comecei a sacudi-la quando vi sua consciência se esvaindo. Impotência. Ver minha mãe morrendo bem diante de meus olhos e não poder fazer nada. — Por favor, mãe! Mãe?

— Fuja... — Ela sussurrava agora.

— Fugir do que? Não estou entendendo, mãe! — Meus berros de desespero mais pareciam uivos de sofrimento.

— Prometa-me... Mamãe te ama... fuja... — e, num último suspiro, soltou em um fraco sussurro: — Siga os sinais.

— Eu prometo! Eu prometo o que você quiser, mãe! Sinais? Que sinais? — eu não sabia o que estava prometendo, mas eu tinha de acalmá-la. — Por favor, fique comigo, mãe! Mãe? Mãe?!

E seus olhos fecharam.

Abracei seu corpo inerte. Uma onda de dor invadiu o meu peito, incapacitando-me. Fiquei imóvel, cega e surda para tudo. Devastada. Meus sentidos mais uma vez falhavam, mas agora eu não tinha mais urgência em despertá-los. Era até bom. Eu queria apagar, sumir dali. Queria acordar em outro lugar, um lugar belo e fresco, onde tudo aquilo seria um pesadelo. Isto mesmo. Eu queria acordar distante daquela dor, com Stela gargalhando e me abraçando. Aquela sensação era muito boa e meu corpo estava inerte, anestesiado. Por que as pessoas gritavam tanto? Qual o motivo de tanta inquietação? Silêncio? Agora sim, está bem melhor, e... um vulto de preto?!

— Não! Largue-me! — ordenei sem resistência ou compreensão.

Um segundo estrondo, bem maior do que o primeiro, inundou o grande teatro. O segundo nível do gigantesco candelabro havia ruído, caindo com mais violência que o primeiro. Senti alguém me agarrar e suspender. Eu não tinha forças para me afastar, e curiosamente eu também não queria. Meu corpo frouxo não exprimia qualquer resistência, deixando braços e pernas balançarem desritmados. Imagens borradas de pessoas e paisagens passavam por mim com velocidade. A única sensação de que tinha certeza era a do vento úmido, açoitando agradavelmente meu

rosto. Abaixo de mim um motor rugia como um trovão.
Interessante... Então tudo escureceu.

E deveria ter permanecido assim.

Capítulo 11

— Ela está bem? — ouvi uma voz feminina muito gentil.

— Sim. Ela estava muito cansada e acho que exagerou na dose do remédio para dormir. Já deve estar quase acordando — esclareceu uma voz masculina polida, porém seca.

“Seca”? Meus sentidos começando a se recobrar.

— Ela deve acordar com fome — observou a voz feminina.

— Deve mesmo. — E o dono da voz masculina passou os dedos por uma mecha dos meus cabelos, arrumando-os por trás de minha orelha direita.

Um arrepio. O choque daquele contato me fez acordar de imediato. Percebi pelos assentos que estava dentro de um avião. Ainda um pouco tonta, virei-me para o lado e quase tornei a desmaiar de susto.

— O que você está fazendo aqui?! O que eu estou fazendo aqui?! — atônita, soltei um grito rouco, quase afônico.

— Pode até fazer, mas um escândalo não lhe ajudará em nada — Richard explicou no seu habitual tom irônico.

Olhei em volta e não havia ninguém. Era um jatinho particular. Estávamos apenas eu, ele, a comissária de bordo, o piloto e o copiloto. Entrei em pânico.

— Não adianta berrar, fui claro? Todos aqui foram muito bem pagos para manter total discrição.

Não podia acreditar que me tornara refém de um grupo de sequestradores.

— Minha mãe? O que aconteceu com ela?

Ele permaneceu calado, encarando o encosto do assento à sua frente.

— Você a matou! — gritei e comecei a chorar. Em estado de perturbação, fiz menção de me levantar, mas aquele psicopata me impediu, segurando-me com força. Nova fraqueza e eu tornei a tombar sobre o assento.

— Leia. — E me jogou um jornal com as manchetes do dia.

Estampada na primeira página do jornal reluzia a manchete com o título "*Novo Show da Broadway: a Morte é o espetáculo*". Encharcada de lágrimas, foi doloroso demais ler tudo. Devorei as palavras até a parte em que havia a confirmação da morte de um homem de meia-idade. Passei os olhos com rapidez nas linhas restantes, e nada. Li e reli, mas nada! Não havia qualquer comentário sobre nenhuma mulher morta, nem ao menos ferida.

— Impossível! — engasguei com as lágrimas em minha garganta. — Onde ela está? O que vocês fizeram com ela?

Não podia sucumbir ao pânico. Levei um bom tempo até conseguir me recuperar do meu acesso de choro e fúria. Por fim, respirei fundo, deixei as emoções de lado, e permiti que meu cérebro agisse. Tinha de ser fria na situação em que me encontrava.

— O que você tem a ver com tudo isto? — indaguei sem olhar para ele. Concentrava-me em inspirar e expirar. Tinha certeza de

que o pânico iria me sufocar.

— Nada. Mas eu lhe avisei.

— O que você quer de mim? Nós não somos ricos! Não temos dinheiro, não percebe?

Ele achou graça.

— Não estou interessado em suas economias. Sou apenas o seu *resgatador*.

— Você é o quê?! — meu guinchado saiu abafado.

— A sua morte.

Minhas vísceras se contorceram até dar câimbras. O que era aquilo? Um joguinho macabro?

— Hã?! — Teria eu escutado aquela barbaridade? Virei-me para encará-lo, mas ele olhava fixo para a frente. — Se você é mesmo a minha morte, então por que ainda estou aqui? — rosnei e, após um longo intervalo de tempo, ele tornou a me olhar.

— Porque não era para você ter morrido com ela. Não naquele momento — sua resposta veio cortante como uma lâmina afiada. Tornei a segurar as lágrimas e olhei friamente para ele, o horror me corroendo por dentro.

— Então ela morreu?

Ele confirmou com a cabeça.

— Assim como Phill, não foi?

— Phill está vivo. Mas eu diria que ele ainda vai ficar algum tempo *fora do ar...* — soltou com ar de gozação.

— E por que não comentaram nada sobre Stela no jornal? O que vocês estão tramando?

Sem resposta.

— Por que não me deixou morrer junto dela?

Kevin tinha razão. Aquele garoto deveria ser um psicopata e, com certeza, tinha uma morte bem planejada para mim. Seria daquela seita que dilacerava os olhos de suas vítimas? E para onde estaria me levando?

— Já disse. Não era a sua hora — bufou. — Agora me deixe dormir.

— Como assim? Você sabe por acaso qual é a minha hora?! — gritei, começando a me descontrolar.

Ele comprimiu os olhos, encheu os pulmões de ar e tornou a me encarar.

— Tesouro, você é especial — sua voz estava um pouco diferente. Desta vez, não identifiquei seu costumeiro sarcasmo.

— Especial? Eu? Ah, deve ser o meu azar! A garota mais azarada deste mundo, né? — fiz ironia da minha triste sina.

— Você não é azarada. Você é...

— Sou o quê? Sortuda? Todos estes acidentes em minha vida são sinal de sorte? Ser órfã de pai, não ter família, e ainda perder a pessoa que mais amo nesta vida às vésperas de completar dezessete anos? Ser sequestrada por um psicopata? Isto é ter sorte? Puxa! Como as coisas estão mudadas! — praticamente vomitava as palavras, percebendo que começava a perder o medo da situação. Eu havia perdido tudo de mais importante em minha

vida, inclusive a paz e a esperança. Tanto fazia agora viver ou morrer. A morte, por sinal, me parecia até interessante.

— Aquelas situações foram forçadas, artificiais — disse olhando bem dentro dos meus olhos.

— Forçadas? Sei. Posso saber o porquê?

— Não lhe interessa.

— Claro que interessa, seu estúpido! — gritei.

Naquele exato momento a comissária de bordo se aproximou de nós. Seus belos cabelos tinham um tom alaranjado artificial, provavelmente para assentar com os chamativos olhos cor de mel. Mas, assim mesmo, ela era muito bonita.

— Que bom que acordou, dorminhoca! Pensei que passaria as dez horas de voo sem comer absolutamente nada! — Olhava para mim, mas dava um sorrisinho de lado para Richard.

— Dez horas?! — exclamei desnorteada.

— Sim, querida. O que vai querer: medalhão de carne com arroz à piemontese ou frango ao curry com legumes?

— Droga nenhuma! — berrei.

— Traga o medalhão de carne — ordenou ele e, virando-se para mim, ameaçou: — Se não quiser que eu empurre tudo por sua garganta adentro, é melhor tratar de comer, garota.

— Satisfeito? — enfrentei-o após meia dúzia de garfadas. — Agora sua presa está prontinha para o abate, não é?

— Você é insuportável! Volte a dormir que é o melhor para nós dois! Aonde pensa que vai? — rosnou ao me ver levantar.

— Vou ao banheiro. Posso? — Ele apenas acenou com a cabeça, bufando.

Entrei no banheiro, fechei a porta e desmoronei em prantos. Para onde aquele psicopata estaria me levando? Que conversa era aquela de eu ser especial? De não ter chegado a minha hora? Se ele sabia qual era a minha hora, é porque... porque estava planejando o meu assassinato!

— Está se sentindo bem? — era a aeromoça puxando conversa assim que saí do minúsculo toailete. Lançou-me um sorrisinho e continuou: — É raro ver um rapaz tão preocupado com a namorada. Ele não saiu do seu lado nem um minutinho sequer. Ele veio carregando você desde a sala de embarque até aqui e não aceitou que ninguém o ajudasse. Toma conta de você como um cão de seu dono. Só que melhor.

— Melhor? — dei corda para a mulher. Quem sabe ela não deixava escapar alguma informação.

— Claro! Arrumou teu corpo confortavelmente no assento, te agasalhou do frio, além de ficar te olhando o tempo todo. Ah, se eu tivesse aqueles magníficos olhos azuis vidrados em mim também... — suspirava.

— Por favor, você precisa me ajudar! — meu tom era de desespero. Se ela soubesse o porquê daqueles olhos azuis ficarem me encarando...

— Como? — indagou ela.

Não tive tempo para mais nada, um pigarro nos interrompeu.

— Já acabou? Então volte para seu assento — ordenou ele, ríspido.

A aeromoça se despediu e, antes que ela pudesse ir embora, eu a interceptei:

— Para onde estamos indo?

— Nossa! Você dormiu tanto que se esqueceu? Vamos a Roma, querida.

— Roma?!

— Ah! Roma é tão romântica nesta época do ano! Vocês vão aproveitar muito! — e saiu suspirando mais ainda.

— Por que está me levando para Roma? — perguntei aturdida.

— Vamos despistá-los — suas respostas vinham resumidas. Tava na cara que ele não era um sujeito dado a bate-papos.

— Despistar quem?

— Aqueles que querem antecipar *a sua hora* — mais direto impossível.

— “Minha hora”? — gelei. — Você quer dizer “minha morte”?

— Sim.

Agora eu odiava a sua franqueza. Recuperei meu raciocínio e continuei:

— Por que querem antecipar a minha morte?

Era inacreditável estar ali, viajando não sei para onde e conversando tranquilamente com meu futuro algoz sobre a minha morte tão iminente.

— Para que você não abra o portal entre os três mundos abaixo do *Plano*, quero dizer, das três dimensões inferiores.

Meu queixo despencou. Eu estava acompanhada não de um assassino comum, mas de um lunático.

— Portal?! Três mundos?

— Sim. Você tem a chave de comunicação entre as três dimensões inferiores — explicou-me sem esboçar um mínimo de vontade. Seu semblante permanecia indecifrável para mim.

— Eu? Chave? Três dimensões? Você é louco! — gritei histérica.

— Talvez um pouco — e riu da própria piada.

— São quantas dimensões, afinal de contas?

Ele me estudou por um momento, parecia decidir se responderia ou não.

— Quatro. A principal ou superior que chamamos de *Plano*; o *Intermediário* ou segunda dimensão; a terceira dimensão e, por fim, a última que chamamos de *Vértice*.

— Que chave é essa que eu possuo?

— Ninguém sabe ainda — e me encarou ferozmente com as suas estupendas pedras azuis. Tremi.

— Você pode ser um pouco mais claro? — perguntei, desvencilhando-me do seu olhar perturbador.

— Com exceção do *Plano*, nós acreditamos que alguma parte em você seja a chave para a comunicação das demais dimensões entre si, ou seja, dos nossos mundos entre si.

— Nossos mundos?

— Sim. O seu, o meu e o *Vértice* — explicava mastigando um chiclete com vontade.

— O que você quer dizer por meu mundo? A Terra?

— O que vocês denominam Terra nós chamamos de segunda dimensão ou *Intermediário*.

— Hum. E qual é o seu mundo?

— A terceira dimensão. Nós administramos a sua dimensão.

— Vocês vêm de outro planeta para administrar o nosso?

— Não. Nós também pertencemos a este planeta, só que em outra dimensão. São mundos que caminham paralelamente, coexistem. A diferença é que o seu mundo não sabe da existência do meu — falava displicentemente, como se fosse a coisa mais banal deste mundo.

— O quê?! — Oh, não! Eu estava conversando com um desequilibrado, um fanático por histórias sobrenaturais. — Você assiste a muitos filmes de ficção científica, não é mesmo?

Ele fingiu indiferença, tornando a olhar para o assento à sua frente.

— E a quarta dimensão? — insisti.

— É o mundo das sombras, da escuridão. Nós a chamamos de *Vértice*, mas vocês a chamam de Inferno ou coisa do tipo.

Engoli em seco.

— E o que é o *Plano*? — poderia imaginar qual seria a resposta.

— A Luz. Alguns de vocês chamam de Paraíso, outros de Céu, tem vários nomes...

— E a sua dimensão tem nome? — perguntei irônica, enquanto ele permanecia impassível.

— Sim. Chama-se Zyrk. — e se empertigou no assento. — Imagine um triângulo de cabeça para baixo. É assim que nos definimos. Em ordem, de cima para baixo estão: o *Plano*, o *Intermediário*, Zyrk e o *Vértice*.

— Zyrk?! — definitivamente eu devia estar numa história em quadrinhos.

Antes que eu pudesse continuar com as minhas centenas de perguntas, o avião começou a aterrissar. Ele se inclinou sobre mim para checar o cinto de segurança e seu pescoço ficou na direção de meu nariz. Virei o rosto com a intenção de evitá-lo, mas pude sentir o aroma de sua pele, tão penetrante e inebriante quanto ele. Tudo nele era rude e pungente, e aquilo parecia mexer comigo de uma forma muito nova, diferente de todas as sensações pelas quais já havia passado. Percebi o familiar calafrio espalhando-se com delicadeza por minha pele, uma onda de eletricidade percorrendo minha coluna dorsal. Imediatamente minha percepção reconheceu aquele impacto físico.

— Foi você!

— Eu o quê?

— Foi você que me fez sentir todos aqueles calafrios! — disse com os dentes cerrados.

Ele arqueou uma sobrancelha e deixou brotar um sorriso torto no canto da boca.

— Antes que pense em fazer qualquer besteira, como fugir, por exemplo — ele continuou com sua postura sarcástica —, fique sabendo que você não tem um mísero centavo, não tem qualquer identidade e muito menos um passaporte. Portanto, é bom que coopere, ou vai acabar presa no setor de imigração. E posso lhe garantir que será apenas perda de tempo, além do que o tratamento para um imigrante ilegal não é nada agradável.

— Aposto que é melhor que o seu! — rosnei.

— Pois vai perder sua aposta fácil, garota — disse ele, mantendo seu jeito irritante.

Pensei bem. Viajar pelo mundo era algo que eu conhecia. Infelizmente ele tinha razão.

— Vamos! — ordenou, pondo-se atrás de mim. Assim que passamos pelo setor de imigração, decidi que arrumaria um jeito de fugir daquele desequilibrado.

Sáímos do grande salão do aeroporto de mãos dadas. O calafrio ainda me abatendo e me deixando meio tonta.

— Como você faz isto comigo?

— Porque você é *receptiva*.

— Receptiva? O que quer dizer com isto? Você delirou? Solte-me agora! — vociferava.

— Calminha. Já te disse que é melhor cooperar — ele achava graça, deixando-me ainda mais furiosa.

As pessoas nem perceberam que eu não caminhava. Na verdade, eu estava flutuando. Ele me segurou pela cintura, mantendo-me erguida a poucos centímetros do chão e me conduziu até uma área pouco movimentada do estacionamento. Ah, não! De novo não! De impulso, chutei sua perna e mordi seu braço com a maior força que consegui empregar. Tudo que ouvi foi um assovio seguido de uma gargalhada diabólica.

— É tudo que você consegue? — e ria de se contorcer. O cafajeste estava gostando, o que inflava minha ira.

Chutei-o ainda mais, esperneei, gritei ao máximo, mas nada, ele se divertia com o meu desespero. Por fim, cedi, exausta. Como ele podia ser assim tão forte? Ele não tinha sentido nada? Tinha sim! Um pouco de sangue escorria pela ferida feita pelos meus dentes. Senti-me melhor em vê-lo sangrar. Por alguns instantes, quase acreditei que ele não era mesmo do meu mundo. Mas não. Ele era humano! Era apenas um desequilibrado, um psicopata. E psicopatas são mais fortes que a média, eu já tinha lido sobre isto em algum lugar...

— Vamos! — levantou-me com facilidade, apertando-me contra seu peito. Por que eu perdia as forças quando ficava muito perto dele? Que papo era aquele de ser receptiva aos calafrios dele? Seria algum tipo de hipnose? Enquanto tentava me concentrar, ele me colocou sobre uma moto esportiva tão imponente quanto aquela que havia usado em Nova Iorque. Puxou um capacete e, antes mesmo de tentar colocá-lo em minha cabeça, dei um soco e o arremessei para bem longe dali.

— Você tem um gênio e tanto, não é mesmo? — rugiu.

— Olha quem fala! — enfrentei-o.

— Pois agora vai ficar assim mesmo! — pulou na moto, e saiu dali pilotando em altíssima velocidade.

— Eu pensei que você quisesse matar apenas a mim. Não sabia que também planejava seu próprio suicídio! — ironizei aos berros. Ele parecia não se importar com absolutamente nenhuma das minhas agressões verbais. — Estamos a quase duzentos quilômetros por hora, seu louco! Por que não me empurra logo para um carro me pegar? Desta vez você pode ter mais sorte! — alfinetava-o continuamente, mas senti que estas últimas palavras o agrediram mais que as anteriores. Insisti. — Que foi? Está chateado porque eu descobri que você falhou, é?

— Você não sabe de nada!

— Sei que você é um grosso, um assassino e um louco! Não vai ganhar nada em me matar! Deixe-me ir embora!

— Eu devia mesmo — esbravejou e permanecemos calados por um longo tempo, até que ele reduziu bruscamente a velocidade da moto para conferir uma placa desbotada na estrada.

— O que pretende fazer comigo?

— Esconder você por algum tempo.

Sem que eu esperasse, ele tornou a acelerar, fazendo-me desequilibrar da moto. Mas, com um incrível reflexo, conseguiu puxar meus braços para junto de seu peito com mais força do que antes. Pude sentir o calor fluir de seu corpo musculoso aquecendo-me do frio e vento que nos cercavam. Ele não respondia a nenhuma das minhas perguntas. Esperneeii um pouco mais, mas acabei dando uma trégua. Não só por estar cansada, mas principalmente pelo medo do colossal abismo que se formava sob os nossos pés. Literalmente voávamos enquanto subíamos por uma estrada muito íngreme e estreita, a qual serpenteava uma assustadora cordilheira. Escondi meu rosto em suas costas largas. Acho que esta atitude o fez baixar um pouco a guarda.

— Por favor, deixe-me ir embora — implorei baixinho.

— Não — replicou seco, como sempre.

Não havia qualquer chance de persuadi-lo. Ele estava convicto de suas intenções, no caso, me raptar para algum objetivo macabro. Eu tinha duas opções: acabar logo com tudo e pular naquele abismo abaixo de nossos pés ou então tentar outra oportunidade de fuga.

Optei pela segunda.

Capítulo 12

Duas motos estavam estacionadas um pouco mais adiante de uma curva angulosa, onde um rapaz também vestido de preto aguardava por nós. Provavelmente seu cúmplice.

— Igor? — O rosto de Richard ficou ainda mais mal encarado do que de costume.

— Eu mesmo! — o sujeito tinha uma voz arrastada. — E aí, meu camarada? Foi difícil te encontrar, hein? Você não dá notícias... Shakur vai ficar feliz em saber que te achamos! — Era um rapaz com a aparência desconfiada, tinha um pescoço comprido com pomo de adão saliente, um corpo forte e uma cicatriz horrorosa que atravessava seu rosto de uma extremidade à outra. Seu ar era de triunfo. — Que bonequinha, não é mesmo? — babava olhando para mim. — A gente podia fazer uma festinha como aquela com a garota de Londres, tipo fritar uns olhinhos, deixe-me ver a textura... Fantástico!

“Garota de Londres”? Senti uma fisgada na cabeça.

— O que é fantástico, Igor? — outra voz, agora bem grave e até simpática surgiu logo atrás do rapaz da cicatriz. O garoto por trás dela era quase um gigante e tinha aparência bem simplória.

— Olhe, Ben! Veja os olhos desta belezura. Não me admira por que demoramos tanto para encontrá-la. Veja! São perfeitos!

Confirmado. O interesse deles era esse mesmo: minhas anormais pupilas!

— É verdade. Impressionante! — O gigante me olhava com curiosidade. E mudou de assunto: — Puxa, Rick! Sentimos sua falta!

— Obrigado, Ben. Os outros rapazes estão aí?

— Não. Estão nos esperando em Nápoles. Igor foi quem achou que talvez o encontrasse por aqui. Ele tem um faro...

— Eu sei — e franziu a testa. — E Collin?

— Está com eles, nos esperando.

— Bom — acrescentou Richard sem vontade.

— E aí? Que tal uma brincadeirinha com ela? Ainda temos tempo — insistia Igor. — Só que desta vez faremos diferente. Você começa, eu termino.

— A gente decide quem termina mais tarde — respondeu Richard impaciente. — Vamos logo.

A viagem transcorreu num clima tenso. Havia um conflito evidente entre eles. Talvez pertencessem à mesma seita, mas tivessem opiniões divergentes. Vez ou outra sentia que o rapaz da cicatriz me observava com uma curiosidade indecifrável. De modo sincronizado, sempre que eu começava a me sentir estranha, Richard acelerava. Ou será que eu me sentia mal porque ele acelerava? Minha razão estava confusa. Eu não conseguia acreditar em tudo que tinha acontecido. Eu havia perdido tudo de mais importante, meu mundo, minha vida. Como uma marionete, estava sendo jogada de um lugar para outro, prisioneira de um grupo de fanáticos de algum tipo de seita misteriosa. E, para piorar a situação, sabia que seria eliminada em breve.

— Vejam! É Collin e o nosso grupo — gritou o tal do Ben. — Estranho. Por que estão aqui e não em Nápoles? — sem malícia, expressava em voz alta aquilo que não conseguia entender.

— Vai ver ficaram com saudade da gente. Aqui, pessoal! — berrou Igor, acenando e dando um risinho irritante.

Paramos junto a um grupo de rapazes que, assim como os primeiros, também estavam vestidos de preto. Parecia uma gangue de motoqueiros. Tinham praticamente a mesma idade, em torno dos vinte anos. Um garoto se destacava no grupo por sua fisionomia má e seu olhar de superioridade. Tinha a barba por fazer e cabelos oleosos e desgrenhados. Assim como Richard, era alto e forte, mas menos atlético. Da forma como se portava e como os outros o tratavam, parecia ser o líder.

— Finalmente! — exclamou.

— Paramos para descansar, Collin — respondeu Ben.

— Não te perguntei nada, imbecil.

Ben encolheu-se. Collin virou seu olhar inicialmente para Richard e depois para mim, analisando-me por um bom tempo. Senti Richard soltar um suspiro de desaprovação, mantendo intacta uma fisionomia ilegível.

— Impressionante! Venha cá, garota.

Fiquei paralisada.

— É surda? Venha aqui, agora! — seu tom imperativo era muito pior do que o de Richard.

Diante da minha dificuldade em descer da moto, e com uma impaciência exagerada, o tal Collin deu três passos largos e parou em frente a mim. Então ele me segurou com força pelo braço e me puxou para perto dele. Depois começou a fazer ridículas piadinhas:

— É uma pena ter que acabar com uma gracinha destas, não é mesmo? — E me apresentava aos demais rapazes como se mostra

uma valiosa mercadoria de leilão. Eles riam com gosto. — Olhem a perfeição destas lentes! Inacreditável! E o odor então! Uau! — E começou a me cheirar de cima a baixo, parando ao nível do meu pescoço.

— É o cordão? — perguntou a Richard, que apenas assentiu com a cabeça.

O que haveria de errado com o meu cordão?

— Fabuloso! Que satisfação concluir uma missão como esta, não é mesmo? — Voltou a olhar para Richard, que nada respondeu, encarando-o apenas. E continuou: — Mas é uma graça! Boneca, seu lindo rosto me é familiar... Engraçado... — e deu de ombros. — Também já se foram tantas missões! — e sua gargalhada ecoava pelos seus súditos. — Deixe-me ver uma coisinha... — acrescentou, esfregando os dedos selvagens no meu rosto. Quando já passavam do meu pescoço, suas mãos foram paralisadas por Richard.

— Pode brincar à vontade com a garota, mas não a mate — advertiu irônico. — Ela é minha missão.

— Para o melhor resgatador de Zyrk, você anda bem desinformado, meu camarada — rebateu Collin após uma risadinha malévola. — Shakur ordenou que você a transferisse aos meus cuidados.

— Impossível! — rosnou Richard.

— É verdade, cara. Dá uma olhada! — E retirou um envelope do bolso de sua jaqueta, entregando-o a Richard, cujo rosto tornara-se tenso à medida que sorvia o seu conteúdo. Ele permaneceu algum tempo com os olhos fechados, sua testa lotada de vincos, até finalmente dobrar o papel, devolvendo-o a Collin.

— Se ele quer assim, pois que seja feita a vontade de Shakur — concluiu secamente.

— Ótimo!

— Mas aí não diz que é para antecipar a hora dela — retrucou Richard.

— Como?

— Você me ouviu. Aí diz apenas que é para eu deixar você concluir a minha missão, mas não menciona qualquer comando sobre antecipar a hora dela. Protocolos. Lembra-se? — retribuiu-lhe o falso sorriso.

— Não fique todo confiante só porque é o protegido de meu pai. Saiba que no futuro aquele clã me pertencerá e você poderá se arrepender de algumas atitudes do passado... — ameaçou Collin.

— Será mesmo? Muita coisa pode acontecer até lá — rebateu Richard com jeito debochado.

— Não conte com isto — Collin espumava. — Vamos logo! Já perdemos muito tempo! — ordenou ao grupo.

Estava absolutamente tonta com toda aquela conversa. Quem era Shakur? Que história era aquela de clã? Protocolos? Se entendi direito, Richard e aquele Collin não simpatizavam um com o outro. Richard deixaria Collin me matar desde que ele obedecesse à data prevista para a minha morte.

— Suba, garota! — ordenou Richard tenso.

— O que está acontecendo? — Ao perguntar, notei que ele estava completamente imóvel. Igor nos observava com atenção, mantendo sua moto logo atrás da nossa. Richard desacelerou e ficamos no pelotão de trás. Talvez para não deixar evidente que nos vigiava, Igor não acompanhou a nossa desaceleração e permaneceu mais à frente.

— Antes de falar, veja se alguém está nos observando — ralhou num sussurro.

— Quanto tempo eu tenho, afinal de contas?

— Aproximadamente uns dezoito dias. Não conseguimos identificar a data correta. Sua mãe fez um serviço excepcional. Por isto temos que levá-la para seu provável local de nascimento.

— Eu nasci aqui na Itália.

— É o que nós também achávamos, mas todos os sinais indicam a Tunísia.

— Tunísia? Impossível!

— Pois acredite.

— E chegando lá vão me matar?

Sem resposta.

Após horas de viagem, eles decidiram descansar em uma escondida parada de caminhoneiros no meio da estrada. Tudo planejado para que ninguém me visse ou conversasse comigo. Quando não era Richard, estava sempre escoltada por dois seguranças do grupo. Chances de fuga: zero.

— Agora ela vem comigo! — ordenou Collin, dando novo sorriso mordaz para Richard. — Venha, belezura! — E Collin me apontou o banco do carona em sua moto.

Gostei daquilo. Talvez fosse mais fácil me desvencilhar dele do que de Richard, sempre tão atento. Caminhei em sua direção, esboçando um discreto contentamento. Ele se deliciou com a cena. Com certeza havia uma forte rivalidade entre os dois e eu tiraria proveito dela.

Collin acelerava feito um louco, seguido de perto por Richard, que não o deixava se afastar nem por um segundo. Permanecia colado e, por vezes, eu tinha a impressão que poderíamos até nos chocar, de tão próximo que as motos se encontravam.

— Eu não quero ficar com ele! — berrei.

— O quê? — Collin parecia confuso com aquela afirmativa.

— Eu prefiro ficar com você! — tentaria qualquer insinuação para me livrar daquele bando de malucos, inclusive tramar uma briga entre eles poderia ser uma boa forma de conseguir tempo para fugir.

Ele abriu um sorriso.

— Claro, boneca!

Novas paradas se sucederam, e todas elas eram semelhantes àquela primeira. Desertas e fantasmagóricas. Collin mantinha-me afastada de um Richard visivelmente irritado.

— Quanto tempo até Mársala? — indagou Collin a um dos seus homens. Ben o seguia de perto. Notei que Richard o enviava para me vigiar sempre que precisava se afastar.

— Dois dias, se mantivermos este ritmo — disse o sujeito.

— Bom.

— Algum sinal de outro grupo? — E Collin deu uma piscada, como uma espécie de espasmo ou tique nervoso. Deveria estar com os nervos à flor da pele. O outro homem arregalou os olhos, se empertigou e, gaguejando, forneceu-lhe a resposta.

— Não, senhor. Mas surgiu um problema, nós perdemos nosso ponto de apoio em Palermo.

— O que, imbecil?

— Não conseguimos qualquer comunicação com Leila.

— Como assim? — Ben intrometeu-se, assustado.

— Ela desapareceu.

— Um resgatador não pode simplesmente desaparecer e pronto! — Collin rugiu.

— Eu sei, senhor, mas parece que foi algo pior... — o rapaz se apressou em explicar-lhe. — Leila deixou tudo para trás, como se a tivessem raptado. Não levou nada consigo. Seus afilhados também desapareceram. Sua casa em Palermo estava arrombada!

— Por Tyron! Meu pai já foi informado?

— Sim, senhor. Ele quer que a procuremos. Não tolerará qualquer ataque de outro clã.

Céus! Que tipo de conversa era aquela? Aqueles rapazes realmente acreditavam no que diziam, como se todos tivessem passado por algum tipo de lavagem cerebral. Eles viviam em um mundo imaginário. Tinham hierarquia e tudo mais. Quem seria a tal de Leila? Uma pessoa que recobrou o juízo, se mandou e agora é tida como desertora? E este líder Shakur? Seria ele o grandessíssimo charlatão que comandava esta seita de degenerados?

— Envie cinco homens em sua busca!

— Sim, senhor!

— Richard os comandará!

— Mas... — Ben tentou interceder.

— Ande! Repasse minha ordem!

Sem Richard por perto, algo me dizia que seria mais fácil arrumar um meio de me desvencilhar deles. Dois segundos depois, Richard apareceu, sua face roxa de fúria.

— Quem você pensa que é para me dar ordens? — bufava Richard.

— Pensei que se importasse com Leila... Além do mais, não fui eu, mas sim Shakur quem ordenou. — E lhe entregou uma carta. — Se for rápido, ainda conseguirá nos encontrar em Sabhã, antes da passagem.

Visivelmente aborrecido, Richard saiu trotando e pronunciando palavras em uma língua indecifrável. Collin não escondia o sorriso de satisfação, o que não me agradou em nada.

— Vamos! — ordenou ao grupo.

E rapidamente estávamos de volta à estrada. Após algumas horas, meu corpo começava a dar os primeiros sinais de cansaço. Minha musculatura contraída, repleta de ácido láctico, era a prova da minha exaustão. Precisava agir de imediato.

— Estou muito cansada. Será que não poderíamos descansar um pouco? — insinuei-me melosa.

— Não — sua resposta foi seca. Ele agora não parecia tão interessado em mim como antes. Teria sido tudo uma grande encenação apenas para implicar com Richard? Que estúpida eu era! Isso que dá fazer planos contando com prováveis circunstâncias. Nada é provável quando se lida com loucos! Detectei então uma pequena vila, cheia de minúsculas casinhas surgindo ao longe. Era a minha chance.

— Por favor! Se eu não beber alguma coisa, acho que vou desmaiar — apelei com voz teatral.

— Droga! — resmungou o sujeito, enquanto sinalizava sua desaceleração aos demais.

Eles pararam ao nosso redor.

— A garota está passando mal. Temos que prendê-la a um de vocês e continuar a viagem. Não suporto mais seu peso em minha moto!

— Eu preciso de um copo d'água, por favor! — fiz cena.

— Tragam água.

— Os cantis estavam vazios, já os jogamos fora — disse um dos rapazes, superamedrontado.

— Inúteis! Eu mesmo resolvo isto. — E me puxou de forma agressiva pelo antebraço. Caminhávamos em direção às pequenas casas de tijolinhos coloridos que eu havia visto. Assim que encontrasse qualquer pessoa, começaria a gritar, pedindo por socorro. Eu não tinha nada a perder.

O frio fez as pessoas se recolherem mais cedo e, como já tinha anoitecido, não havia nenhum transeunte pelo local. Todos os sons e luzes vinham de dentro das humildes habitações. Era horário do jantar. Vozes de pessoas conversando, sons de talheres chocando-se contra pratos, televisores ligados e crianças brincando eram facilmente identificados à medida que passávamos diante das portas. Aquela caminhada começava a me afligir. Por que não tocou logo na primeira casa? Por que parecia escolher a casa em que bateríamos? Que diferença faria? De repente ele parou. Tudo parou. Até minha respiração parou. Angústia. Apreensão. Cinco minutos se passaram. Dez. Vinte. Uma hora. O que estávamos aguardando? O que Collin estava esperando, afinal de contas? Todo o som ao nosso

redor eram os uivos do vento em sua dança sinistra, quase fúnebre. De repente, os olhos de Collin começaram a se revirar, deixando visível apenas a parte branca das órbitas, como em uma crise epiléptica. Mau sinal. Logo em seguida ele começou a soltar frases e palavras sem o menor sentido. Acuada e nervosa, senti meu coração acelerar no peito. Então seus olhos voltaram ao normal, mas ele parecia aéreo, longe dali. Eu reconheci aquele olhar, mas não me recordava de onde. Calafrios. Pronto. Agora eu tinha certeza: alguma coisa ruim ia acontecer. Eu podia pressentir.

— Vamos — comandou ele.

Com meu braço agarrado entre seus dedos, atravessamos a pequenina rua principal e paramos bem defronte a uma casa cujas paredes mesclavam a cor de sua tinta verde velha com uma grande quantidade de musgo que se entranhava. Parecia abandonada, com seus muros descascados e vidraças quebradas. Esperou mais alguns minutos, quase me matando de agonia, e então ordenou:

— Agora sim. Pode bater. — Então ele me soltou e ficou logo atrás, me observando.

Obedeci. Era chegado o momento. Minha chance de fuga. Minhas mãos tremiam tanto, que quase não consegui tocar a campainha. Pude ouvir o som de uma televisão ligada e uma voz resmungando seguida de um par de chinelos anunciando lentos passos em nossa direção. A porta finalmente se abriu e, enojada com a cena dantesca que se desenhou a minha frente, demorei alguns segundos até retomar o raciocínio. Um homem andrajoso e extremamente obeso veio me atender. Sua boca estava cheia de comida e um fio de macarrão ainda pendia pelo canto esquerdo do lábio inferior. Ele não havia nem se dado ao trabalho de abandonar o enorme e gorduroso prato, carregando-o consigo.

— O que deseja? — Tive o desprazer de ver a comida dançando de um lado para o outro sobre a sua língua flácida. Segurei a ânsia

de meu estomago e perguntei, prendendo a respiração:

— O senhor poderia me arranjar um copo d'água? — Collin me vigiava mais de perto.

— O que é isto? Não vou ajudar vagabunda nenhuma a esta hora da noite! Está pensando o quê? — Sem que ele pudesse esperar, empurrei sua gigantesca barriga para longe, precipitando-me para dentro da casa e implorei por ajuda.

— Socorro! Por favor, me ajude! Eu fui sequestrada por este homem! — berrei a plenos pulmões.

— ãh?! Quem? Você é louca?

— Cuidado! Atrás de você! — gritei. Com dificuldade, o homem se virou.

— Não tem ninguém aqui... Argh!

Foi tudo tão rápido, que meu cérebro teve dificuldade em processar o que meus olhos presenciaram. Como assim? Ele não havia enxergado Collin? O homem obeso olhava para o nada quando foi brutalmente atacado por Collin, que o socou repetidas vezes na altura do estômago, fazendo-o despencar no chão como uma jaca, ou melhor, um porco. Seus olhos arregalados, sua boca espumando. Estava morto.

— Sua mentirosa! Você vai ver! Eu vou matá-la agora mesmo!
— Collin partiu como um bicho para cima de mim. Agarrou-me pelo cabelo e jogou minha cabeça contra a parede. Tudo ao meu redor começou a girar. No chão, meio desacordada, vi seu corpo ser arremessado longe, bem no momento em que vinha me socar, trombando na mesa e caindo ao lado do abatido gordo.

— Richard? — berrou ele, assustado.

Richard?!

— Richard, não! — Collin implorava ao ver o adversário partindo contra ele.

— Collin, Collin... Com quem pensa que está lidando? — Imobilizando-o com o pé, Richard começou a esmagar o crânio de Collin com violência. No entanto, não havia raiva em sua voz, mas um sarcasmo diabólico.

— Argh!

— Collin, Collin... Será que vou ter que matar outra pessoa além dela?

— Argh!

— Tentando comer a merenda dos outros? — indagou Richard displicentemente, enquanto continuava a pressionar a cabeça do adversário. — Que feio!

— Eu, eu...

— Você não ia repartir a garota comigo? Mesmo sabendo que mal posso esperar pelo dia dela, que ando faminto por ela há um bom tempo?

— Eu ia... Argh! Não, por favor! — O pranto por clemência de Collin era vexatório.

— Muito bem. — Sem hesitar, Richard deu-lhe um chute na barriga. Presenciar Collin se contorcendo pelo chão me deixou mais atordoada ainda. Eu não sabia qual dos dois me dava mais medo naquele momento. — Verme!

Ele permaneceu de costas por um bom tempo, como se estivesse reagrupando as próprias ideias, até que veio em minha

direção:

— Venha, garota. — E me ajudou a levantar.

— Você acaba de decretar a sua *partida* antecipada! — Contorcido no chão, Collin ainda tinha coragem de ameaçá-lo. Mal consegui olhá-lo, pois Richard impedia meu campo de visão.

— Que ótimo! Assim não terei que ficar dando cobertura a um inútil.

— Você verá!

— Verei. Mas, por enquanto, é você que terá que se ver com Shakur — grunhiu Richard enquanto caminhávamos para a saída e o deixávamos caído, gemendo atrás de nós.

— Não conte nada do que viu a ninguém, compreendeu? Se abrir o bico... — ameaçou feroz, e eu assenti com a cabeça. — Ben, ajude-me aqui! Leve-a com você e cuide dela.

— O que houve?

— Ela caiu.

— Puxa!

Ben "caiu" naquela conversa mole?

— Tenho um assunto a resolver. Não tire os olhos dela, fui claro?

— Ok, Rick!

Eu me sentia muito mal. Por fora e por dentro. Queria acreditar que tudo aquilo não passava de uma destas pegadinhas da televisão. Que num passe de mágica tudo voltaria ao normal. Mas não! Presenciei outra morte cruel. O óbvio se desenhava com

nitidez: eu era refém de um grupo de assassinos. A atitude covarde de Collin e a reação tempestuosa de Richard foram a certeza disso. Após algum tempo, Richard veio ao meu encontro. Checou minha cabeça e cada osso do meu corpo.

— Ai! — reclamei da sua falta de tato.

Ele levantou uma das sobrancelhas e uniu os lábios, como que segurando o riso.

— Podemos ir! — ordenou ao grupo. — Mas antes quero que gravem uma coisa — berrou para que todos o escutassem. — A garota é minha missão! Coitado daquele que se esquecer disso.

Chegamos à cidade de Palermo. De lá, pegamos um velho e fantasmagórico navio, que parecia ter sido fretado apenas para o nosso grupo. Um senhor de aparência macabra nos aguardava no píer com um sorriso aterrador. Cada membro do grupo lhe deu duas moedas de ouro.

— Duas moedas de ouro? Uma para ir e outra para voltar? — Fui remetida a uma cena mitológica. — Ele é um barqueiro? — perguntei petrificada.

— Mais ou menos. — Richard retirou quatro moedas de ouro e as entregou àquela figura encapuzada.

— Boa viagem — a voz trêmula deixou escapar uma risadinha maldosa, guardando com satisfação as moedas de ouro que eram depositadas em suas deformadas mãos.

Definitivamente, não seria uma boa viagem.

Capítulo 13

O navio tinha uma área aberta, como a de uma balsa antiga, que servia para acomodar carros e motos. A travessia do mar Mediterrâneo levaria toda a noite. A paisagem limitava-se a uma embaçada névoa, que migrava aos poucos do cinza escuro para o negro melroado. A visibilidade era péssima. Enquanto todo o grupo esperava a chegada ao seu destino, observei que não havia mulheres naquela mórbida embarcação. Os rapazes passavam por mim com muita frequência, como se admirando um animal em extinção ou um monumento raro. Sentia-me muito mal.

— Você precisa comer. Vou pegar algo para mim também — determinou Richard. — Ben, tome conta dela enquanto isto.

— Pode deixar, Rick.

Ben parecia ser um bom sujeito. Inocente até. Aproveitei-me daquele momento a sós com ele para furtar-lhe algumas respostas.

— Todos aqui têm a mesma idade?

— Aproximadamente. Cada missão é dada para um resgatador e seu grupo de acordo com a idade da vítima.

— Vítima?

— Ops! Falei demais!

— Então vocês são mesmo um grupo de assassinos?

— Hã? C-Claro que não! Quero dizer, bem... — ele gaguejava confuso. Não o deixei pensar.

— Qual a sua idade, Ben?

— Devo ter entre dezenove e vinte e dois anos.

— Como assim? Não sabe quantos anos tem?!

— Esta coisa de idade nunca foi muito importante para a gente.

— E a de Richard?

— Hum... Acho que tem o mesmo tempo que eu... Não sei bem.

— Sei. Então — continuei —, todos vocês são resgatadores?

— Sim. Mas só existem quatro resgatadores principais. Um para cada clã. Eu sou um resgatador de ação indireta, ou seja, eu faço parte de um grupo.

— O grupo do Richard?

Ele assentiu com a cabeça.

— Assim nós podemos nos dividir e, com isto, aumentamos a eficiência de nossas missões. Passamos as coordenadas para o nosso resgatador principal e, caso não esteja por perto, ele nos transfere esta incumbência — explicou.

— Missões? Você quer dizer... as vítimas? Como eu?

— É — respondeu de imediato e, no afã de me dar sua opinião, acrescentou em baixo tom: — Tem algo estranho acontecendo, sabe?

— O quê?

— Não sei ainda... Nada — ruminou chateado consigo mesmo, talvez por ter deixado escapar o que não devia. Sua ingenuidade era evidente.

— Por que todos têm esta curiosidade mórbida sobre mim? — continuei.

— Bom, nem todos querem te matar...

— Não?! — indaguei com súbita atenção.

— Muitos de nós achamos que talvez não seja bom matar você, talvez seja chegada a hora de desobedecermos aos protocolos e deixar que você viva pra que a gente possa entender como você surgiu. Que talvez você seja um milagre de Tyron, perdoando-nos dos nossos erros, quero dizer, dos erros dos nossos antepassados. Porém, outros acham que, se quebrarmos os protocolos, maior será a ira divina, e o nosso povo estará perpetuamente condenado. É o que os principais líderes acham. Acho que eles preferem que você seja eliminada por precaução. Eles evitam correr riscos, ainda mais nestes tempos nervosos.

— Tempos nervosos?

— É. Uma guerra entre os clãs está prestes a estourar.

— Se esta guerra não estivesse tão próxima de acontecer, você acha que meu futuro seria diferente?

Ele contraiu a testa.

— Acho que não faria diferença alguma, em nenhum dos clãs. — Então Ben abaixou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos e, sem me encarar, arranhou a garganta para me confidenciar uma informação que o deixava visivelmente sem graça. — Porque ainda haveria a curiosidade masculina...

— Clãs? Curiosidade masculina?!

Ele se limitou a responder a primeira pergunta:

— Clãs são os nossos reinos e são em número de quatro: Thron, Storm, Windston e Marmon. Cada qual com seu líder. O nosso é Thron, o mais forte deles.

Meu Deus! O universo imaginário criado por eles era mais complexo do que eu podia imaginar.

— E este tal de Shakur é o seu líder? O líder de Thron? — adiantei-me.

— Sim. Ele é o mais forte e impiedoso de todos.

— E quais são os outros?

— O líder de Storm é Kaller, o de Windston é Wangor e o de Marmon, Leônidas.

— E o que você quis dizer com curiosidade masculina? — Eu queria perguntar mais coisas, mas, diante da chegada iminente de Richard, apressei-me em interrogá-lo sobre aquele comentário nada agradável. — O que quis dizer com aquilo? — insisti.

— Acho que Rick não vai gostar — continuou aos tropeços, mantendo os olhos fixos no convés.

— O que foi? Prometo manter segredo — soltei dissimulada.

— É que... Nós não temos sentimentos. — Ele suava agora, olhando furtivamente para os lados.

— Vocês não têm sentimentos? — sua resposta era tão cômica quanto esdrúxula.

— Quero dizer, temos alguns, mas...

— Mas?

— Não somos capazes de desenvolver o mais importante dos sentimentos humanos.

— Qual? — Eu não conseguia acreditar que estava tendo aquele tipo de conversa.

— O amor! — E suspirando, emendou: — Mas não é só o amor, propriamente dito. Nós não sentimos nada, sabe?

— Nada como?

Ele tentou disfarçar, checando a todo instante a chegada de algum intruso.

— Eu vejo os filmes de romance do seu mundo, acho tudo tão bonito, mas não consigo entender...

— Entender o quê?

— Sabe, o que vocês chamam de beijo, para nós é tão... tão estranho.

— Estranho como? Pode ser mais claro?

— Colocar uma boca na outra — e arranhou a garganta: — Encontrar uma língua com a outra para nós não diz absolutamente nada, sabe? Não sentimos nada. É tudo mecânico — suspirou. — Até os bebês!

— O que têm eles? — estremeceu.

— Então... — Ele parecia encabulado. — Eles são feitos apenas para dar continuidade à nossa espécie. Não existe aquela adoração que vocês têm.

— Você quer dizer que sua mãe não liga para você?

— Mãe?! Não temos mãe! Não sabemos nem quem são nossos pais! Ninguém sabe. — As palavras de Ben pareciam um triste desabafo. — As mulheres cumprem a sua obrigação de gerar um único filho e pronto. Elas apenas nos botam no mundo e somos criados pelas inférteis, que cuidam de nós até sabermos guerrear e depois somos soltos. Pertencemos apenas ao nosso clã, que seria, como vocês dizem, a nossa família.

— Mas eu ouvi que Collin é filho de Shakur.

— Ah! Isto é porque os líderes são os únicos que mantêm os filhos por perto por questão de sucessão do clã. Não porque gostem deles... Tem que haver a continuidade do sangue, não é mesmo?

— Então todos os líderes mantêm seus filhos junto deles?

— Quando estão vivos, sim. — E perdeu a cor quando um rapaz passou por nós. — É melhor pararmos esta conversa. Richard pode chegar a qualquer momento.

— Por que tem medo de Richard? — aproveitei-me da situação.

— Eu não tenho medo dele — murmurou. — É que, às vezes, ele perde a cabeça. E eu não quero estar por perto quando ele fica bravo pra valer...

Eu arregalei os olhos e ele percebeu.

— Mas ainda assim é o melhor de todos os resgatadores! — acrescentou. — E o mais completo também. Richard é forte como um touro, é inteligente, tem carisma, além de ser, indiscutivelmente, o mais habilidoso no manejo das armas e dos animais! Ele sempre foi muito severo e até agressivo, mas...

— Mas?

— Mas oferece mortes justas aos seus resgatados — suspirou.
— A não ser que...

— A não ser o quê?

— Que seja ruim para Thron. Richard sempre colocou Thron em primeiro lugar. Por isso ele é admirado por todos, principalmente Shakur. É um líder nato!

— Então ele será o líder de Thron quando Shakur morrer?

— Deveria, mas não. Será Collin, o filho de Shakur.

— Ah!

— Mas o resgatador principal assumirá a posição de líder nos reinos sem sucessores.

— Claro — respondi automaticamente. — Mas o que você queria dizer sobre a curiosidade masculina? — voltei ao assunto.

— É que... — Ele olhava de um lado para outro, seu rosto enrubescendo mais do que nunca — existe um boato que... talvez... alguém como você, possa nos fazer sentir algo mais — e sorriu sem graça para mim, envergonhado. Eu não sabia se dava uma gargalhada ou me preocupava. Aquela insanidade toda não podia ser verdade. Ou podia? Ele continuava sua explicação: — É que não temos o *tato* desenvolvido...

— O tato?

— Sim. Temos o olfato, audição e visão bem desenvolvidos. O problema está no tato, no toque. Dizem que faz parte da nossa maldição — suspirou. — Quero dizer, somos capazes de ouvir, cheirar e enxergar muito melhor do que vocês, humanos, mas somos muito limitados no que se refere ao tato. Um toque, um abraço, um beijo não são capazes de mexer em nossos corações,

nos fazer arrepiar, perder o fôlego, enfim, não são capazes de nos fazer sentir nada. Somos anestesiados para as boas sensações. Apesar do risco, os rapazes acham que se tiverem um contato maior com você, sabe?

— Sabe o quê, Ben? — Silenciosamente, Richard se aproximou de nós. Olhava desconfiado para Ben. — Você não andou falando demais, andou?

— N-Não, Rick — ele gaguejava. — Eu estava só batendo um papinho. Não é mesmo, moça?

— ãh? É claro! — entrei na defesa do pobre coitado. — Ele estava me falando um pouco sobre a Tunísia.

— Bom — Richard sepultou o assunto.

O cansaço se abateu sobre o grupo e aos poucos todos estavam dormindo. Sentei em um canto próximo ao mastro principal e me encolhi, protegendo-me da névoa gelada. Richard saiu de seu posto de vigília e se aproximou de mim.

— Proteja-se do vento — ele sussurrou.

— Por que se preocupa comigo, se está prestes a me matar?

Ele me fuzilou com seu olhar. Suas safiras brilhavam tanto, que pareciam ser constituídas por inúmeros diamantes prata-azulados. Sem resposta, como de costume. Olhou para os lados e observou que apenas nós dois estávamos acordados. Então ele fez algo que me queimou dos pés à cabeça, fazendo a fria névoa parecer uma abafada sauna. À sua rude maneira, ele se abaixou para arrumar o meu casaco, abotoando os botões um por um. Ao ajeitar a gola para cobrir-me com o capuz, ele afastou meus cabelos, puxando-os para trás da nuca, e então deslizou a ponta de seus dedos pelo meu pescoço, pousando-os abaixo de meu queixo. Neste momento tive a certeza de que não apenas eu estava arfando, mas seu peito

musculoso subia e descia rapidamente, num ritmo acelerado. Num jorro de constrangimento, abaixei a cabeça. Ele acabou de arrumar meu capuz e se levantou.

— Descanse um pouco — concluiu com ar sério e tornou a assumir seu posto de vigia.

Um turbilhão de conflitantes sentimentos devastava o meu peito em brasas. Cérebro e coração duelavam numa batalha sangrenta. Distintamente do que sentia por Kevin, meu cérebro insistia em afirmar que Richard não era confiável. Meu coração, no entanto, oscilava entre o certo e o errado, o morno e o ardente. Kevin era gentil, agradável. Richard me queimava.

Enquanto tentava adormecer, infindáveis perguntas me torturavam: Ben tinha falado sobre um risco... Seria para mim ou para eles? O que Ben queria dizer com os rapazes quererem ter um contato maior comigo? Seria o que eu estava pensando? E Richard? Teria ele todo cuidado comigo porque aguarda uma data específica? Porque cumpre o tal protocolo em favor de Thron? Seria por isto que só pretendia me liberar para Collin no momento exato da minha hora? A avidez com que meus olhos procuravam por ele me surpreendia. Não conseguia evitar as estranhas sensações que aquele garoto gerava em mim. Apesar de rude, ele era lindo. Como a morte poderia ser tão bela? O certo seria que ela fosse horripilante, como nos filmes de terror. Mas lá estava ele. Para contradizer tudo e todos. Lindíssimo! Seus cabelos negros eram acariciados de um lado para o outro pelas mãos do vento, suas sobrancelhas, igualmente negras, eram as mais perfeitas molduras para as suas preciosas safiras azuis; sua pele alva era o oposto da escuridão, trazia paz. Tudo nele era belo. Belo como a vida, nunca como a morte. Se toda esta loucura fosse verdade, eu estaria diante de uma baita contradição, mas... *Pare já com isto, Nina! Nada do que você está presenciando é real. Tudo não passa de uma grande encenação de um bando de loucos psicopatas!*

Começava a amanhecer quando Richard deu o alarme:

— Acordem! Chegamos!

Um leve alvoroço foi seguido por um silêncio. Algo estava acontecendo e eu nada conseguia compreender. Percebi que todos olhavam para um navio muito semelhante ao nosso, que também atracava no Golfo de Túnis.

— Como eles souberam? — rugiu Collin. — Você deixou pistas?

— Óbvio que não! — retrucou Richard tenso.

— Homens, escondam-na! — ordenou Collin.

Dois homens amarraram minhas mãos, me encapuzaram e me levaram para um local abafado. Conversavam aflitos entre si:

— Os resgatadores de Kaller não estão aqui à toa, você não acha? — soltou um deles.

— Com certeza! Deve ter sido o Richard! — continuou o outro.

— Não sei, não! Collin está louco para assumir o trono de Shakur... Pode muito bem ter feito uma emboscada para criar um estopim.

— Mas ainda acho que pode ser Rick. Ele anda muito estranho ultimamente, não acha? Por que Shakur mandaria Collin vigiá-lo, se não pressentisse alguma coisa?

— Pode ser.

— Já observou como ele cuida desta humana?

— Eu também cuidaria se me desse bem no final — respondeu o outro e os dois riram.

— Por falar neste assunto, que tal a gente...

De repente eles se calaram. Instantes depois, um par de mãos segurava a minha cintura, enquanto outras desabotoavam o meu casaco.

— Me faça sentir, garota! — uma das vozes parecia salivar, enquanto a outra se deliciava em risinhos impregnados de malícia.

Instintivamente, tentei chutar um deles, mas minhas pernas estavam imobilizadas. Apavorada, pus-me a berrar ao sentir aquelas mãos nojentas deslizando pelo meu corpo. Abafado pelo capuz, o grito saiu baixo. Mas não precisei berrar pela segunda vez. Senti uma lufada de vento, seguida de um movimento brusco e um estrondo. A claridade agora exposta. Parte do capuz rasgado ainda estava presa ao meu pescoço.

— Sentiu agora? — era a voz de Richard num rugido estrondoso. Mesmo parecendo assustador, cada vez mais sentia prazer em tê-lo por perto. Minha visão agora recobrada detectou onde estava a outra parte daquele maldito capuz.

Lá estava ela, pendurada junto a um corpo que flutuava. Richard havia agarrado um dos infelizes pelo pescoço e o suspendera contra uma parede de madeira coberta de limo, enquanto imobilizava o outro com a afiada lâmina de uma espada. Espada?! De perfil pude observar que havia sangue demais em suas feições.

— O que há com você? — desafiou o que estava suspenso.

— Comigo? — indagou Richard feroz.

— Não, Virtle, cale-se — ordenava o outro rapaz.

— Acha que não percebemos como está diferente? — insistiu o primeiro. — Quando Collin for o líder, você vai se dar mal. Argh! —

ameaçou entre gemidos. Richard o sufocava com uma facilidade impressionante. O homem já ia perdendo os sentidos quando seu comparsa implorou:

— Por favor, Rick, não o mate! Só estávamos curiosos, você sabe! Ela é diferente!

Quase em câmera lenta, suas mãos foram se afrouxando, e o primeiro homem caiu próximo ao outro. Richard deitou sua testa com violência naquela parede nojenta, tentando livrar-se de algo que o devorava por dentro, como se a dor fosse maior nele do que no pobre coitado ali abatido. Ainda de costas para eles, deu o comando:

— Saiam!

— Essa garota enfeitiçou você? Virou seu cão de guarda? — desafiou o rapaz que Richard quase havia estrangulado. — Antes era você quem começava estas brincadeiras e agora está assim?

— É meu último aviso, Virtle. Saia antes que eu o mate — ameaçou Richard ainda de costas.

— Vamos embora, cara. — O segundo homem puxava o colega e parecia amedrontado.

— Ok, mas não sem isso... — E, girando-se habilmente, Virtle me puxou para junto dele. Pressionando seu corpo contra o meu, passou sua língua nojenta em meu pescoço. — Deixa eu ver... Tem gosto de...

— Me solta, seu porco! — gritei, e uma fraqueza generalizada tomou conta de mim. E não foi apenas fraqueza. Angústia crescia dentro do meu peito.

Richard soltou uma gargalhada diabólica.

— Ah! Era isso? — indagou debochado. — Se tivesse me perguntado, eu lhe diria o gosto dela, cara.

— Prefiro descobrir por conta própria — rebateu Virtle no mesmo tom enquanto passava as mãos pela minha cintura, ameaçando ir além. A angústia se transformou em sofrimento, desespero, e foi quando notei que estava chorando. Eu tinha o rosto coberto de lágrimas.

Dali em diante foi tudo tão rápido, que tive dificuldade em processar o que via acontecer bem diante dos meus olhos. Em uma fração de segundo, Richard já havia se lançado sobre o tal Virtle, desferindo-lhe socos que fizeram espirrar sangue para todo o lado. Quando finalmente consegui acompanhar a velocidade dos golpes, Virtle já havia tombado. Mesmo desacordado, Richard ainda o acertava com uma sequência de investidas violentas. Assim como eu, o outro rapaz estava tão atordoado com aquela cena que, quando resolveu dar o fora dali, já era tarde demais. Richard já havia sacado um punhal.

— NÃO! — berrei sem força em meio ao pranto mas, graças aos céus, foi o suficiente para que Richard congelasse. A arma saiu trôpega das mãos dele e, ainda assim, passou de raspão pelo sujeito.

— Saia! — ordenou nervoso ao rapaz que parecia petrificado pelo choque. Quando procurei pelo sujeito, ele havia desaparecido como num passe de mágica, num piscar de olhos.

Com a fisionomia diferente, Richard veio em minha direção, desamarrou as minhas mãos e removeu o restante do capuz.

— Você está machucada? — perguntou tenso, mas não consegui responder. A fraqueza melhorara consideravelmente, mas me parecia impossível estancar o choro. As lágrimas desciam involuntariamente, drenando a dor de uma alma sofrida e contaminada. Da minha alma. Desde que eu havia entrado naquele

circo dos horrores, pela primeira vez percebi que eu não conseguiria segurar a onda. Pela primeira vez deixei cair a máscara e mostrei que eu estava sofrendo, que não aguentava mais. Eu estava tendo uma crise nervosa.

— Você está sentindo alguma coisa, Tesouro? — indagou ele aflito, sem saber o que fazer.

Em meio ao choro compulsivo, eu afundei minha cabeça em seu peito quente e todo o meu corpo tremeu. Poderia jurar que o dele também. Uma sensação de bem-estar indescritível espalhou-se por minha pele e espírito, como se dele emanasse algum tipo de energia que me revigorava e anestesiava ao mesmo tempo. Embora aturdido, Richard não tentou me afastar. Pelo contrário, segurou uma de minhas mãos e, sem dizer mais nada, deixou que eu chorasse o quanto quisesse. Para minha surpresa, vi brotar um olhar suave em sua face severa. Ele parecia comovido com meu sofrimento.

— O que vão fazer comigo? — indaguei. Ele soltou um suspiro, mas não me respondeu. Eu podia sentir as batidas aceleradas do seu coração por debaixo daquela couraça ameaçadora e, por mais estranho que possa parecer, não me senti amedrontada. Pelo contrário, tive esperanças.

— Você está melhor? — perguntou depois de alguns minutos. Fiz que sim e então Richard secou minhas lágrimas e me ajudou a levantar. Eu não conseguia descrever o que sentia no peito naquele exato momento. Medo? Atração? — Venha comigo.

Acompanhei-o até o píer, onde todos se encontravam.

— Fique aqui — decretou. — Ben, fique atento. Não deixe *ninguém* tocar nela e também não a deixe sair. Em hi-pó-te-se algu-ma! Fui claro?

— Ok, Rick! — respondeu Ben, olhando preocupado para a mão ensanguentada de Richard.

Richard se aproximou de Collin e deve ter-lhe dito algo muito interessante, pois os olhos deste último faiscaram de tanto êxtase. Algo de importante estava acontecendo ali.

— O que está acontecendo, Ben? Aonde Richard foi?

— Foi determinar estratégias.

— Estratégias?

Ben desvencilhou seu olhar do meu rosto suplicante. Nada disse, apenas deu de ombros. Todos observavam Richard, que, naquele momento, estava no cais conversando com homens do outro navio. Richard tratava em especial com um rapaz ruivo que estava de costas para nós. Ele me parecia familiar... Depois de um longo tempo, pude observar Richard dando um largo sorriso. Era a primeira vez que eu o via sorrir abertamente. Seu sorriso era hipnotizante. Depois de tudo que ele me fez passar, como eu ainda podia me sentir magneticamente vidrada por aquele rapaz? Embriagada com aquela visão espetacular, fui atingida pelas costas por uma voz irritante, sussurrando veneno ardente em meu ouvido direito. Tal presença se aproveitara de um descuido de Ben, que brincava com algumas gaivotas que nos sobrevoavam, atraindo-as com pedaços de biscoitos.

— Pois é, gracinha! — era Igor. — Está pensando que Richard tem alguma atenção especial por você? Pois está deveras enganada! Richard é um ótimo ator, sabia?

Eu meneei com a cabeça, de má vontade. Ele salivava enquanto falava:

— Ou você acha que todo aquele teatro lá das casinhas foi de verdade?

Ele radiografou a decepção em minha face. Continuava a se deliciar:

— Foi tudo uma encenação muito bem planejada entre Collin e Richard. Tudo armado para que você confiasse plenamente nele, caso precisasse... Até que foi divertido! Collin nem dormiu de tanta excitação por ter acertado a sua cara. Richard não é fácil! Fingindo ser seu protetor... Um pouquinho mais de tempo e você tinha caído nas garras dele, como previsto.

— Idiota! — bradei.

— Uh! Mas, e então? Você sabia que, para ser um excelente resgatador, tem que ser antes de tudo um exímio negociador? Ele está negociando a sua *partida* neste exato momento, se é que me entende.

— A minha morte? — indaguei incrédula.

— Não preste atenção ao que ele diz! — Ben ouviu e entrou em minha defesa. — Que prazer você tem em lhe dizer isto, Igor?

Igor soltou uma gargalhada artificial e se retirou.

Novo choque, outra decepção. Eu não sabia mais o que era verdade ou mentira. O que devia fazer? Em quem confiar? Fiquei ali paralisada e sob o castigo das chicotadas do incessante vento mediterrâneo, aguardando-o como os outros. Após um longo intervalo de tempo, Richard estava de volta. Cochichou algumas palavras com um Collin espumante de excitação.

— Experimentos? Ótimo! Quando faremos a troca? — perguntou Collin em alto tom.

— De duas a três horas. É só o tempo de eles conseguirem a autorização de Kaller — respondeu Richard.

Experimentos? Troca? Toda troca envolve dinheiro... Seria o tráfico de órgãos tão rentável a ponto de patrocinar e mobilizar tanta gente? Seriam minhas diferentes pupilas tão valiosas assim? Naquele momento senti meu sentimento de esperança se desintegrar em minúsculos fragmentos, eliminando completamente a ideia de que um milagre aconteceria em breve, de que as ações de Richard eram a prova de que ele não era tão insensível assim e que se apiedava de mim, sua futura vítima. Mas não adiantava tentar me enganar. Richard também estava me usando, negociando meu resto de existência. Compreendi que meu fim começava a ser desenhado.

Antes de me matarem, fariam experimentos comigo. Que tipos de experimentos? Não quis alimentar minha curiosidade. Senti uma certeza crescer dentro do meu peito: eu tinha de fugir! Eu era filha de Stela, uma mulher guerreira. E, assim como minha mãe, eu não aceitaria os fatos facilmente. Se realmente me restavam alguns dias, haveria de vivê-los da minha maneira.

Não foi bem assim que aconteceu...

Capítulo 14

Os rapazes foram dispensados por uma hora. Uns aproveitaram para passear por Túnis, e, se eu não estivesse naquela situação, até acharia graça em saber que as mortes também gostavam de passear, divertir-se. Outros resolveram descansar um pouco, afinal de contas, poderiam estar sobrecarregados dos trabalhos anteriores, quem saberia? Eu só podia estar delirando: é óbvio que aquilo tudo não passava de um grande espetáculo. Eles não eram *a morte* coisa alguma! Estavam muito vivos e malucos para o meu gosto! O fato é que eu estava só, acompanhada de um pensativo Ben.

— Vão me trocar, Ben?

— Acho que sim.

Ele percebeu as lágrimas que tentava esconder. Tocou com um dedo em meu rosto, com o intuito de sentir a umidade, e depois levou este dedo à boca, provando seu sabor.

— Lágrimas! — suspirou. — Só consigo tê-las por dor física, nunca por dor emocional, como nos filmes. — E continuou após um momento de reflexão: — Muitas vezes me deparei com elas. Os humanos soltam-nas quando me encontram, mas, sabe como é, por medo de mim. Mas elas eram diferentemente das suas.

— E como são as minhas? — sondei desanimada.

— São doces, como acreditei que seriam — e suspirava. — Não fique assim. Se Rick tomou esta decisão, é porque era a melhor para você.

— Mentira! — bradei, enxugando o rosto.

— Pois deveria acreditar. Rick tem andado estranho, sabe? Acho que ele sente alguma coisa por você... — parou de falar quando viu que Igor nos observava. — Venha! — E Ben me levou para uma área mais afastada. — Droga! Será que Igor me ouviu?

— Ouviu o quê? — fingi não entender.

— Nada. Nada — contestou aflito.

— Tudo certo, Ben? — Era Richard, que sempre conseguia nos surpreender com suas aparições repentinas.

— C-Claro! — gaguejou o colega.

— Deixe-a comigo agora! Pode ir! — E, dando-me as costas, seu olhar vagava para algum lugar distante, encoberto pela névoa cinza escura. Uma pequena e cintilante luz destacava-se em meio àquele nevoeiro, como uma estrela reluzindo no nada.

— Que luz é aquela? — perguntei, já que o vi olhando para ela.

— Que luz? Não vejo nada, senão este *fog* fora de época! — resmungou.

Ele não a vê? *É isto! Um sinal!* Stela me recomendou segui-los quando aparecessem! Ele está me avisando que é hora de fugir!

— Preciso ir ao banheiro.

— Tudo bem. Eu acompanho você até a porta.

Mal entrei, saí fingindo ânsia de vômito.

— Não consigo! Vocês homens são uns porcos! — Agora era o meu teatro. — Nenhuma mulher seria capaz de entrar num

banheiro destes! — E cuspi demonstrando nojo. — Estou passando mal!

Ele me fitava confuso, como se procurando uma solução viável. Observei que um dos rapazes havia acabado de chegar de seu passeio e falava sobre um grande mercado a céu aberto. Era isso!

— Por acaso você não viu nenhum banheiro feminino na cidade, nenhum shopping ou grande loja? — dirigi-me a ele, que sem ação olhou para Richard pedindo permissão para falar.

— Pode falar! — ele consentiu.

— Não vi shopping, mas tem a Almedina.

— Almedina?

— É uma espécie de mercado murado.

Stela já havia mencionado sobre estes lugares de comércio fervente, repletos de ruas estreitas e confusas, um verdadeiro labirinto. Era exatamente o que eu precisava!

— Serve! — E, virando-me para ele, implorei: — Por favor, eu preciso ir. Se não quiser ter o trabalho, deixe algum homem me vigiar. Deixe Ben ir comigo.

— Eu irei com você. — Observava-me com o semblante estranhamente modificado. — Pensando bem — continuou —, pedirei a Collin para acompanhar você. Tenho que tratar de detalhes da negociação. — Antes de se afastar, porém, ele segurou minha mão esquerda:

— Nina, tome cuidado! — Senti suas mãos suando.

— Para ir ao banheiro? — rebati em tom sarcástico.

— Existe muito tráfico de garotas brancas e da sua idade por aqui.

— Ninguém terá interesse em uma “quase defunta”, não é mesmo?

— Eles não sabem que por trás da sua beleza existe uma “quase defunta” — fiquei anestesiada com aquela resposta. — Se precisar de mim, grite meu nome — continuou com os olhos ardentes, as duas mãos agora apertando a minha.

Assenti com a cabeça. Não tinha resposta para aquele rascunho de confissão. Quase desisti do meu plano de fuga. Saber que ele me achava bela, me fez perder o chão. Percebi a tempo que deveria ser outra grande cena, de fato, uma boa estratégia da mais esperta cabeça daquele grupo de loucos. E pensar demais acabaria me confundindo... Chega! Era hora de agir.

Collin chegou bufando.

— Ande logo, sua pirralha! E nem pense em aprontar outra gracinha!

Túnis parecia ser uma cidade muito bela; exótica e eclética ao mesmo tempo. Uma boa mistura entre o ocidental e o oriental. O mercado de que o rapaz havia falado parecia ser um mix de shopping center a céu aberto dentro de um distrito histórico: fontes, palácios e mesquitas misturavam-se em meio a lojas e tendas espalhadas por todos os cantos. E assim como toda a cidade, era incrivelmente mágico e lotado, poluído com tanta informação. Fechado para o tráfego de automóveis, permitia o trânsito de um enxame de pessoas indo e vindo apressadamente, falando alto numa língua indecifrável; árabe, talvez, mas extremamente sonora. As lojas eram muito coloridas. Espremidas umas às outras, apresentavam inusitados formatos e tamanhos. Na sua maioria exibiam produtos feitos de couro e estanho. Absorta por aquele rebuscado e confuso universo, acabei tropeçando nas longas vestes

de um senhor que cruzava o nosso caminho. Refém das asquerosas mãos de Collin, acabei desequilibrando-o também e nós três trombamos sobre uma banca de lenços e objetos de bronze. Em nossa queda, levamos ao chão todos os produtos que estavam expostos no mostruário. Um estrondo seguido de um grito ecoou pelas ruas estreitas do local. Uma confusão enorme se formou. Quando olhei para o lado, Collin esquecera-se completamente de mim. Ele gemia apertando a palma de sua mão esquerda que sangrava sem parar. Ele havia caído por cima de algum objeto cortante. Ótimo! Era a hora de me mandar dali! Em meio ao caos da aglomeração de curiosos, eu peguei um enorme facão que reluzia ao meu lado, levantei-me e, sem olhar para trás, saí dali correndo como uma louca.

Quando Collin desse por minha falta, eu já estaria longe. Decidi que venderia meu cordão, faria algum dinheiro, o suficiente para me levar para um lugar bem distante de toda aquela loucura. E se não me oferecessem nada de valor por ele, eu pediria socorro na embaixada americana.

Perambulei por um labirinto de ruelas e becos estreitos. Corri sem rumo, querendo apenas me afastar daquele garoto e seus comparsas. Dirigi-me em direção a um centro comercial bem diferente do exótico mercado. De certa forma, me fazia lembrar um centro urbano ocidental, com prédios altos, ruas engarrafadas e pessoas apressadas. Achei um cybercafé e, assim que pus meus pés dentro da loja, fui advertida aos gritos pelo proprietário. Não entendia uma palavra sequer do que ele dizia, mas era evidente que estava profundamente irritado com algo que eu havia feito. Minha fisionomia paralisada de susto o fez diminuir a gritaria e se aproximar de mim. Tentei algumas línguas, inglês, espanhol e até arrisquei um péssimo italiano. Mas nada. Ele puxava com agressividade o facão que eu havia acomodado em minha cintura e balbuciava algumas palavras nervosamente. Um cliente se levantou, incomodado com aquela exibição, e se retirou, dando-lhe apenas um *merci!*

— *Merci?! Parlez-vous français?* — perguntei empolgada.

— *Oui* — disse o homem, arrastando um francês muito pior do que o meu.

— Graças a Deus! — exclamei. — Por que o senhor está irritado?

— Não pode entrar com o facão na loja!

— Ah! É isso? — respondi aliviada. — Quer comprá-lo?

O homem mostrou-se bem interessado após examinar cuidadosamente o facão repleto de pedras que reluziam. Seriam preciosas? Fez-me então uma proposta na sua própria moeda. Como não sabia se era pouco ou muito, retruquei:

— Com este dinheiro consigo me sustentar por algum tempo?

Ele fez um aceno com a cabeça, repuxando os lábios e sobrancelhas com ares de clara evidência. Por falta de opção, tive de acreditar e o negócio estava feito.

Guardei o dinheiro bem junto ao corpo, comprei um sanduíche e ainda o mastigando fiz centenas de tentativas frustradas para o celular “fora da área” de Melly. Desanimada, resolvi enviar-lhe um e-mail e outro para Anna, minha amiga internauta da Espanha. Quem sabe ela não poderia me ajudar? Após lhe contar todos os pormenores, pedi ajuda e disse onde estava. Entreguei à sorte minhas últimas gotas de esperança. Por ser menor de idade, teria que possuir uma autorização do meu responsável para fazer qualquer viagem internacional sem acompanhante. Resolvi não me consumir em lágrimas e tratei de sair rapidinho do cybercafé. Algo que Stela sempre comentava era que ficar muito tempo num mesmo lugar aumentava as chances de alguém gravar nossa fisionomia. Informação intrigante... Não quis dar entrada em nenhum hotel. Seria muito fácil me encontrar por ali, e com certeza

eles estavam me procurando. Richard e todos os outros. Após andar o dia inteiro sem rumo pelas ruas, percebi que o movimento de pessoas caíra repentinamente. Já era noite e as pessoas se recolhiam muito cedo. Exausta e com frio, entrei em uma boate. Por sorte não me pediram documentos, só queriam o dinheiro, e eu entendi porque estava escrito na parede de vidro que me separava da recepcionista. As pessoas dançavam uma mesma música eletrônica o tempo todo. Tinham o corpo completamente tatuado e pareciam estar sob efeito de algum tipo de droga. Seus olhos vagavam e esta era a parte boa, porque, com isto, não olhavam para mim. Sentei-me num canto, aproximando-me de um homem bem forte, a figura mais normal que achei naquele ambiente. Talvez fosse um segurança do local, pensei, e adormeci um sono inquieto, cheio de sombras.

O dia amanhecia quando fui obrigada a sair da boate. Eu estava em alerta e desesperada para checar alguma resposta de Melly ou Anna. As horas se arrastavam, quando, por fim, vi o cybercafé abrindo. Aguardei algum tempo escondida até que mais pessoas comesçassem a transitar pelo local, assim não seria um alvo tão fácil. Trinta minutos depois, e com o coração na mão, senti o familiar calafrio atravessar meu corpo outra vez, fazendo-me precipitar em total desespero para dentro daquele lugar. Chequei meus e-mails e nada. Tentei me convencer de que talvez elas não verificassem seus e-mails com tanta frequência. Para meu desespero, o celular de Melly continuava fora de área.

— Olá! Vai beber alguma coisa? — perguntou o proprietário, agora meu único conhecido na cidade.

— Um chocolate quente, por favor.

Deitei minha cabeça no balcão, lutando com a angústia que invadia meu peito. Fiquei algum tempo ali prostrada, contando as dezenas de minutos e aguardando algum tipo de intervenção divina. À beira de um ataque de nervos, captei ao longe duas vozes

masculinas entabulando uma entusiasmada conversa em inglês. Podia jurar que reconhecia uma delas. Desanimada, olhei para trás por cima do meu ombro esquerdo e uma inesperada visão fez meus pulmões tremerem de felicidade. Seria possível? Era Sebastian, o tal amigo que Kevin me apresentara na saída da *Strike*! O que ele estaria fazendo aqui? Será que, finalmente, Deus ouvira minhas preces e o impossível se tornara realidade?

Sem hesitar, eu me aproximei dos dois.

— Oi! — comecei meio sem graça.

— Oi — ele respondeu no mesmo tom, quase sem me olhar. A conversa continuava animada.

— Desculpe interromper — insisti. — Você não se lembra de mim, não é?

Ele finalmente parou de falar com o colega, tornou a me olhar — só que agora com atenção — e balançou a cabeça.

— Eu já te vi...

— Eu sou Nina, amiga de Kevin, lembra? — respondi aflita. — Você me cumprimentou na semana passada, lá na frente da *Strike*.

— É verdade! Tudo bem, Nina? — E abriu um simpático sorriso. — Puxa! O que você está fazendo aqui?

— É uma longa história... E você? — desconversei, tentando arrumar tempo para inventar uma boa desculpa.

— Estou a passeio. Tenho parentes na Espanha.

— Mas vai ficar aqui em Túnis? — prossegui.

— Não. Só vim conhecer o lugar. Meus pais ficaram em Toledo. Volto amanhã para lá. — E, ao me ver pensativa, adiantou-se: — O

que você está fazendo aqui?

— Minha mãe faleceu...

— Sinto muito — retrucou sem graça.

Senti um nó se formar em minha garganta. Ainda não havia processado a morte de Stela. Parecia um pesadelo terrível, de que logo acordaria. Mas o fato de estar ali falando sobre sua morte era a confirmação da minha perda. Contive as lágrimas e decidi mentir descaradamente, pois se lhe contasse tudo por que havia passado naqueles dias, ele certamente ia me achar uma louca e não me ajudaria.

— Entrei em depressão com a morte de minha mãe e resolvi largar tudo por uns dias e viajar pela Europa. Tinha que espairecer, sabe?

Enquanto me fitava compadecido, adiantei-me antes que ele resolvesse fazer alguma pergunta mais objetiva:

— Resolvi cruzar o Mediterrâneo, mas, assim que cheguei aqui, fui alvo de uma gangue de marginais. Eles me assaltaram e levaram tudo... dinheiro, documentos, etc.

— Já deu parte na embaixada americana daqui?

— Ainda não tive tempo. Foi ontem à noite.

— Ah! É melhor agir logo.

— Eu sei. — E, sem coragem de lhe pedir ajuda, fui surpreendida por uma inesperada oferta.

— Vai ser uma burocracia daquelas! — suspirou. — Você já tem dezoito anos?

Meneei a cabeça, inconformada.

— Quer uma ajuda? Meu pai tem amigos influentes...

— ãh? — meu queixo caiu. Respondi sem hesitar: — Sim, por favor!

Ele me deu um sorriso e se adiantou:

— Não quero que pense mal de mim...

— De jeito algum. Pelo contrário, faço questão de lhe pagar cada centavo gasto com juros assim que chegar a Nova Iorque.

— Não precisa dos juros. — E riu, sacando o celular do bolso. — Vou ligar para ele agora mesmo. — Pediu licença e se afastou por um breve momento. Retornou com a fisionomia diferente, justificando-se. — Temos um pequeno problema.

Ah, não! O que seria agora?

— Hoje é domingo, e meu pai não tem como acessar seus contatos — arfou. — Só amanhã!

— Puxa! — soltei infeliz. — Será que eu posso encontrá-lo amanhã então para resolver este assunto?

— Claro! Mas acho que você vai ter uma grande surpresa quando eu contar quem vem nos encontrar hoje depois almoço.

— Aqui em Túnis?! — exclamei boquiaberta.

— Aqui mesmo. Quer uma pista?

— Kevin? — indaguei com os olhos arregalados.

— Em carne e osso.

Eu tinha que me beliscar. Finalmente a sorte voltara a ficar do meu lado!

— Sério? — Eu ainda estava incrédula.

— Ele também não vai acreditar!

— Quer dizer então que esta é a famosa Nina? — perguntou o colega que tinha a fisionomia carrancuda. — Kevin vai ficar muito feliz mesmo. Afinal, ele só fala em você — soltou com ar malicioso.

Aquele último comentário conseguiu me emudecer e levar minha face ao rubro.

— Isto se antes você não a matar de vergonha, Alec! — Sebastian intercedera por mim. — Eu lhe pago um lanche, mas você terá que nos aturar um pouco mais, ok?

— Com o maior prazer — respondi feliz.

Ficamos mais umas quatro horas ali no cybercafé. Ao contrário do colega que parecia ter levantado com o pé esquerdo e a cada dez minutos se arrastava até a porta de entrada para atender ligações em seu celular, Sebastian foi gentil.

— Acho que já podemos ir! — soltou Sebastian, levantando-se. — Alec, pague a conta que acerto com você depois. Kevin já deve estar nos esperando.

— Não vejo a hora de ver a cara dele quando chegarmos com a surpresinha... — retrucou o colega, olhando-me de um jeito indecifrável.

— Não ligue para ele. Está num dia ruim... — Sebastian me confessou em segredo.

— Sem problema! — respondi, mas me enganei redondamente.

Não seria um problema, mas milhares deles.

Capítulo 15

— Nina?! O que você está fazendo aqui?! — o semblante de Kevin era de pura felicidade.

Ele me abraçou e instantaneamente senti um mal estar passageiro. *Ah, não!*

— Depois lhe conto em detalhes — respondi, enchendo os pulmões de ar.

— Eu fiquei tão preocupado com você. O que houve com sua mãe lá no teatro? Por que você não retornou minhas ligações?

O coitado não podia imaginar o drama mexicano que eu havia acabado de passar.

— Você não tem que dar um pulo no seu hotel? — indagou-o o tal de Alec impaciente. — Depois vocês conversam a sós.

— Tem razão. — E, olhando para mim, acrescentou: — Vai ser rápido! É só o tempo de pegar algumas coisas.

— Ok — assenti feliz.

Caminhamos os quatro em silêncio até o local onde ele estava hospedado. Para minha surpresa, não era um hotel propriamente dito, mais parecia um prédio abandonado numa área bem afastada do centro comercial. Algo dentro de mim não gostou daquilo e tentou me avisar, mas não lhe dei ouvidos. Não tinha por que duvidar de Kevin e seus amigos, afinal, eu havia pedido para vir com eles, e não o contrário.

— Não é bem um hotel — tratou de se explicar. — Meus pais alugaram este apartamento de um amigo endividado. Além de ser bem mais em conta, era uma maneira de ajudá-lo — e sorriu olhando para os amigos.

— Tudo bem. Eu espero aqui embaixo — retruquei um pouco agoniada com a situação.

— Aqui embaixo? Sozinha? — e me fez uma pergunta amarga, deixando transparecer sua decepção: — Nina, você está desconfiando de nós?

— N-Não é isto — gaguejei. — Desculpa. É que tenho andado um pouco tensa... Ok! Vamos subir!

Ele abriu o portão enferrujado e fez um gesto para que eu entrasse na frente deles. À medida que subia os empoeirados degraus, algo dentro de mim gritava mais e mais alto. Trêmula com a situação desconfortável que se desenhava ao meu redor, olhei para trás e vi que Kevin era o último a entrar. Ele trancou o portão e guardou as chaves no bolso do seu casaco. Logo atrás de mim subia o tal de Alec, que mais parecia um lobo faminto, salivando diante de sua presa.

É tudo imaginação minha. Só pode ser! Kevin é uma boa pessoa, logo, seus amigos também devem ser.

Nossos passos produziam estranhos ecos pelo ambiente. Pareciam gritos de advertência. Avisos sombrios de que algo muito ruim estava à espreita. Subimos em silêncio. Atordoada, todo o som que eu ouvia agora era o de minha respiração e de meu coração tamborilando dentro do peito. Novo calafrio e a visão ameaçando embaçar, minhas pernas ficando bambas. Ia acontecer de novo.

Chegamos a uma espécie de atelier, que pela quantidade de poeira e teias de aranha devia estar abandonado há muito tempo.

Minha intuição não gostou do que viu. De impulso, inventei uma desculpa ridícula:

— Puxa! Acho que perdi meu brinco! Deve ter caído lá embaixo! Vou descer só um minutinho para procurá-lo! — E, antes que eu pudesse me mover, uma mão agressiva me interceptou.

— Aonde você pensa que vai, mocinha? — era o tal de Alec.

— Vou descer rapidamente e...

— Shhh — grunhiu ele.

Eu congelei, em choque.

— Solte-a, Alec! — ordenou Kevin.

Aproximando-se de nós, Kevin me resgatou das garras de Alec e me envolveu em um abraço tenso. Aturdida com a estranha situação, respondi de forma apática ao beijo que ele me tascou logo a seguir. Meu corpo tomado por uma fraqueza estranha.

— Kevin, o que está havendo? Eu...

— Shhh — sussurrou ele em meu ouvido enquanto me imobilizava. — Não gaste suas energias.

— ãh?

— Você vai precisar delas, garota. — Kevin soltou um suspiro estranho, ouvi um estalo e minhas mãos estavam presas a uma barra de ferro. Só então percebi que tudo ali havia sido devidamente preparado: o local deserto, as algemas esperando por mim. — Aprenda como se faz, Alec — concluiu ele cheio de superioridade.

— O que está acontecendo? Não pode ser! Kevin, você é bom... Me salvou da morte! — balbuciava aturdida sem compreender um

mísero parágrafo daquele horroroso capítulo.

— Morte? Eu sou a *morte*! A *sua* morte, ouviu bem?

Aquelas palavras quase me fizeram desmaiar. Atônita. Não podia ser verdade: ele também fazia parte daqueles bizarros acontecimentos?!

— Você já deve saber que “as mortes” vêm lhe procurando há um bom tempo, não é mesmo? Que a sua adorável mãezinha conseguiu complicar um bocado as coisas para o nosso lado, criando estas ridículas lentes e colocando em você este colar enfeitado, né? Já deve saber também que Richard foi quem livrou sua cara das minhas garras por diversas vezes, não é verdade?

— Richard? Me livrou? — Eu estava completamente tonta. As informações se processavam desencontradas e a mil quilômetros por hora. Ele percebeu meu estado de perplexidade.

— Ah? Não sabia?! Que pena! Foi por isto que fugiu dele então? Fui mais convincente do que ele, não é mesmo? — soltou um riso demoníaco enquanto tragava um cigarro. — Toda aquela história sobre ele ser perigoso e tudo mais... Você caiu feito uma bobinha, como era de se esperar para uma garota da sua idade. Basta jogar charme, sorrir, ser gentil e pronto. Mas tem alguma coisa errada nessa história. Por qual motivo Richard vem poupando sua vida? O que ele tem a ganhar? Eu sei que ele nunca jogou para perder... Richard sabe de alguma coisa que eu ainda não tomei conhecimento. E eu preciso descobrir. É só por isto que não acabo com você agora mesmo — confessou, apertando com força meu rosto entre seus dedos. Sem pensar, reagi cuspidando em sua face, mas ele não se alterou. Encarando-me com semblante indiferente, ele se aproximou ainda mais de mim até que eu comecei a sentir uma ardência terrível em meu pescoço.

— Ai! — berrei de dor, tentando me desvencilhar da ponta acesa do cigarro que ele pressionava sobre minha pele. — Não!

Pare! — Quanto mais eu gemia, mais ele parecia sentir prazer. — Por favor!

— Humanos! — suspirou, finalmente removendo o maldito cigarro de minha pele queimada e tornando a dar uma tragada.

Quando levantei o rosto, ainda perturbada com o que acabara de acontecer, pude jurar que as pupilas de Kevin estavam tão verticais quanto as minhas.

Oh, não! Meu cérebro entrara em colapso: eu estava enlouquecendo também!

E ele saiu, seguido pela sombra dos seus comparsas.

Tal como Richard havia me orientado, abri o maior berreiro. Gritei tanto o seu nome, que minhas cordas vocais ficaram ardendo. A ferida no pescoço ardia sem parar, meus pulsos sangravam, minha cabeça latejava de dor. Sentia-me muito mal, mas, naquele momento, eu estava mais chocada com as afirmações de Kevin do que com seus atos. Nem suas ameaças me impressionaram tanto quanto o que dissera sobre Richard. Seria Richard capaz de ir contra a sua própria seita por minha causa? Era isso que Ben queria dizer quando comentou que ele andava estranho? No entanto, Richard permitiria a minha morte em uma data específica? Tudo era tão sem sentido, nada batia com nada. Jogada à minha própria sorte, concluí que seria impossível encontrar a lógica dessas evidências. Uma única coisa parecia certa: se era para morrer, que fosse nos braços de Richard. Apesar de violento, assustador e por vezes insuportável, algo me dizia que ele não me deixaria sofrer, que me pouparia de um fim triste. Aquela súbita certeza deixou aflorar um sentimento que eu vinha sufocando há um bom tempo, mas que sempre soube que existia. Um sentimento forte que preencheu meu peito de forma tão entorpecente que a sensação que eu tinha era de que nada mais tinha importância longe dele e que tudo seria perfeito se ele estivesse por perto.

Já devia ser de madrugada, ouvi Kevin e seus escudeiros retornando ao covil.

— Ora, ora! Ainda acordada? — perguntou Kevin, em tom de deboche.

— Ela está aproveitando os últimos minutinhos — gargalhava o amigo de aparência vampiresca. Ele ainda salivava.

Sebastian, bem mais franzino que os dois e que até então permanecera calado, chamou Kevin em um canto reservado. Acho que não queria que eu ouvisse a conversa, o que foi prontamente dispensado por Kevin:

— O que é? — Kevin permanecia irritado.

— Não acha melhor acabarmos logo com isto e mostrarmos o serviço completo para Leônidas? — sussurrou Sebastian.

— Do que você tem medo?

— Tem algo errado com esta garota, Kev.

— Não vejo nada de errado. É só uma garota que deu a sorte de ter uma mãe bem esperta. Se bem que, nem tão esperta assim... Não tão esperta quando encontrou um resgatador astuto, como eu, pela frente.

— Foi você?! — berrei com súbito ódio mortal. — Você matou minha mãe?!

— Com um prazer inenarrável, posso acrescentar. Talvez só não seja maior que o prazer que terei em acabar com você! — completou com ar de triunfo, gritando à distância.

Estava tudo muito claro agora. O semblante de desespero de Stela ao ver Kevin conversando comigo no teatro e depois nos

cercando na saída. Ela sabia de alguma coisa. Se não sabia, ao menos pressentia. Ele a matou! Mas, como, se ele não se aproximou dela? Não pude me conter e bolei uma pergunta que mexesse com seus bríos.

— Pensando bem — continuei em voz alta —, acho improvável que tenha sido você quem matou a minha mãe. Você está se aproveitando do imprevisto para ganhar a fama — e dei um risinho de escárnio.

Seus traços faciais deformaram-se no mesmo instante, e, tremendo, precipitou-se sobre mim. Agarrou uma mecha de meus cabelos e a puxou com vontade:

— Eu guiei a morte dela, sua tola! — ele rosnava. — Nós, resgatadores, somos capazes de fazer isto sempre que desejamos. Utilizamos um infeliz que esteja com suas horas contadas para dar cabo deste tipo de missão. Uma morte indireta! É muito fácil dominar a mente fraca de vocês, humanos.

— Você usou aquele homem para matá-la? — perguntei, puxando meus cabelos de volta.

— Que brilhante ela é!

— Mas como fez o lustre desmoronar? — insisti.

— Eu o preparei para aquilo, era só uma questão de tempo — concluiu.

— Era só o homem ficar segurando a minha mãe bem debaixo dele?

— Exatamente! Podia ter sido melhor. Se não fosse aquele idiota do Richard, eu teria atirado em um coelho e acertado dois.

— Kev, ainda assim acho melhor acabar logo com isto! — pedia Sebastian, em estado de evidente tensão, agora já não mais fazendo questão de esconder a conversa entre eles. — Leônidas e o nosso clã teriam sua moral elevada. Sabe que nosso líder é fraco, que não tem condições de organizar um exército, muito menos de liderá-lo. Não dê tempo para Von der Hess agir. Fique com o prestígio para você e, com certeza, será seu sucessor. Por que arriscar? Vamos acabar logo com isto!

— Ainda temos tempo! — ele trovejou. — Vou descobrir por que Richard quis mantê-la viva durante todo este tempo... Até porque, Shakur também ficaria satisfeito com a eliminação dela. Ou não?

— Vai ver ele a manteve viva e a trouxe para cá para que Collin realizasse o serviço. Você sabe que Collin só tem força física, mas não é inteligente.

Passadas algumas dúzias de minutos, percebi que Kevin e Sebastian estavam de saída do outro aposento. Fingi estar adormecida.

— Não tire os olhos dela, Alec. Ouviu bem?

E saíram trotando, deixando-me sozinha com aquele rapaz de aparência vampiresca e engordurada. Ainda de olhos fechados, ouvi um barulho típico de alguém se acomodando, fiz um leve movimento e verifiquei que Alec acabara de se deitar. Dei mais algum tempo e voltei a observá-lo com meio milímetro de pálpebras abertas. Ele se espreguiçava com vontade e, de repente, algo brilhante me cegou. Um feixe de luz entrou pela janela daquele sombrio lugar, atingiu um molho de chaves na cintura daquele ser horripilante e refletiu em meu rosto.

Um sinal! Só podia ser! Era tudo o que eu mais queria naquele momento: o molho de chaves. Abri meus olhos lentamente. Verifiquei que o infeliz se encontrava em um relaxado cochilo, mas

as chaves estavam, para minha infelicidade, bem presas a uma presilha da sua calça.

Estiquei-me o máximo possível, na inútil tentativa de me aproximar do meu objeto de soltura, minha liberdade. Droga! Tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe das preciosas chaves. Uma ideia por demais absurda alojou-se em minha cabeça: e se eu me insinuasse... Será que ele não teria a tal curiosidade masculina, que Ben havia comentado? Será que, para me possuir, ele não acabaria me soltando e me dando uma chance de escapar dali? Resolvi tentar.

— Ei? Ei, você? Pode me ajudar, por favor? — quase fiquei enjoada, de tão melada que saiu a minha voz.

O rapaz deu um pulo da sua posição original, assustado. Continuei:

— Por favor, você poderia coçar as minhas costas? Eu estou desesperada!

— Se vire sozinha! — respondeu agressivo.

— Eu já tentei, mas não consigo. Não tenho onde me esfregar!

Ele continuou me olhando, agora mudo. Vendo alguma alteração em sua fisionomia, apressei-me em implorar de forma sensual.

— Por favor, não custa nada pra você, e eu ficarei muitíssimo grata — e lancei um sorriso sedutor.

Ele pensou por algum tempo e depois vestiu seu costumeiro sorriso faminto, aproximando-se lentamente de mim.

— Onde é?

— No centro das costas, bem acima.

Ele se abaixou e começou a coçar de forma bruta. Vendo que não estava sendo bem-sucedida na minha investida, aproximei ainda mais meu rosto de sua oleosa face, sorri e disse baixinho:

— Um pouco mais para cima, bem perto do pescoço. Naquele momento, ele começou a me coçar com uma estranha vontade, aproveitei-me da situação: — Você tem as mãos fortes, sabia? Adoro homem com mãos fortes! — Para minha angústia, demorou um bom tempo até que viesse algum tipo de resposta.

— Eu sei. — De repente, ele deixou à mostra parte de seus dentes. Acho que era sua estranha forma de sorrir.

Pronto! Massageara o seu ego. Seria mais fácil ir adiante.

— Você não tem a tal... curiosidade? — sussurrei próximo ao seu ouvido e ele ficou pálido.

— É. Bem... Eu tenho — concordou suando e olhando para a porta.

— Algum problema? — perguntei assim que percebi um pequeno sinal de relutância se formar em seu rosto nojento.

— Kevin pode chegar a qualquer momento — retrucou ele com aspereza.

— E o que pode acontecer? Tem medo dele? — Era pegar ou largar, eu tinha certeza de que o havia jogado contra a parede.

— Claro que não! — vociferou. E tasquei-lhe um beijo antes mesmo que ele pudesse parar para pensar. Senti que ele estava gostando daquele meu beijo cinematográfico. Que infelicidade a minha! Meus dois primeiros beijos dispensados às duas figuras mais

horrorosas que apareceram em minha vida. Após algum tempo, ele arregalou os olhos.

— Eu senti! — exclamou.

— É mesmo? — e sorri, com terrível medo do que ele pudesse ter sentido.

Agora foi ele que me agarrou, e suas mãos invadiram minha blusa. Era tudo o que eu precisava. Numa fração de segundos, mordeu-me a língua com tamanha força, que levei um pedaço dela junto comigo. Peguei uma caneta que estava à mostra no bolso de sua camisa, e, aproveitando-me que ele relinchava feito louco, arranquei o molho de chaves de sua cintura e finquei a caneta em seu corpo, com toda a força, direcionando-a para suas partes de baixo, por entre as suas pernas.

— E isto? Você sente agora? — indaguei com ódio.

O uivo foi ensurdecedor, seus olhos cerrados de dor por frações de segundo se abriram e me deixaram horrorizada. Estavam familiarmente estranhos, como os meus. *Oh, não! Eu não estou nada bem! Será que estou vendo coisas?* Meus pensamentos se atropelavam em meio ao desespero. Minhas mãos tremiam e não conseguiam encaixar as chaves com destreza. Eram muitas. Entrei em pânico ao ver que ele começava a suportar a dor e a se voltar para mim, espumando de cólera. Droga! Droga! Droga! Nenhuma chave entrava. Pareciam todas iguais! Droga! Ele está se levantando! É essa! Por fim, uma chave entrou no cadeado enferrujado e, antes mesmo que eu pudesse girá-la, senti um golpe fortíssimo em minha cabeça e um líquido escorrendo por minha testa. Sangue.

— Não! Me solte! Socorro! — gritei ainda tonta.

Um estrondo, ruídos de metais se chocando e um gemido de dor dilacerante. Agora só enxergava vultos, as imagens estavam

turvas. Senti o calafrio percorrendo o meu corpo e, desta vez, ele me trouxe boas lembranças. Lembranças de um passado bem próximo. Senti saudades dele, de suas mãos fortes e cheias de cicatrizes, de seus olhos azuis brilhantes e até mesmo do seu jeito rude comigo. O importante era que ele estivesse comigo. Sugada daquele momento de torpor, senti meu corpo sendo abraçado e levantado. Por instinto, abri meus olhos, e quase desmaiei de tanta felicidade:

— Richard?!

— Fique quieta. Já vai passar. — Era ele mesmo, sempre seco. Minha morte salvadora.

E apaguei.

Capítulo 16

Acordei com a cabeça extremamente dolorida. Richard me carregava com facilidade, levando-me em direção a uma solitária cabana embocada no meio de enormes montanhas.

— Já cuidei da queimadura e o edema começou a ceder — disse ele apontando com o nariz para a minha testa em formato de melancia.

— O que houve? Tive que levar pontos?

— Por sorte não, mas o hematoma está considerável. — De impulso, levei minhas mãos à cabeça para ver o tamanho do estrago, mas ele me advertiu. — É melhor não tocar!

— Aiii!

— Eu te disse. — As magníficas safiras cintilaram.

— Hum. Há quanto tempo estou desacordada?

— Umas doze horas.

— Quanto tempo ainda tenho? Quinze dias? — perguntei com tempero sarcástico, sentindo-me ainda muito fraca.

— Tecnicamente, entre quatorze e dezesseis dias — respondeu-me esboçando um discreto sorriso.

Meu coração se agitou extraordinária e incompreensivelmente: seria pelo sorriso dele ou porque via o esboço de uma milagrosa

saída daquele absurdo pesadelo?

— O que você quer dizer por *tecnicamente*?

— Mudança de planos.

— Mudança de planos?! — Eu o entendia cada vez menos.

— Você mente muito mal, sabia? — arfava levando-me em seus braços.

— Eu sei. Minha mãe me dizia com frequência. Mas como...

— Eu notei que você estava mentindo ao pedir para ir no banheiro lá na cidade. Fácil de perceber.

— E fez o meu jogo?

— Sim.

— Por quê?

— Depois... — E me colocou no chão com extremo cuidado.

— Richard! — cumprimentou feliz uma senhora parada à porta da humilde choupana.

— Olá, Leila!

— Olá! Quanto tempo, filho!

Filho? E ela continuou:

— Sua aparência está péssima! O que lhe aflige?

— Nada. Eu estou bem.

— Quer que eu acredite?

Ele não respondeu.

— Venham! — A senhora me observou dos pés à cabeça em estado de êxtase, fez sinal para que entrássemos e calmamente se acomodou próximo a uma lareira. Fazia algum tipo de tapeçaria enquanto um gato preto bem balofo emaranhava-se por entre suas pernas. — Que saudades, querido! — sua voz feminina, bem fraca e terna, destoava das figuras que encontrei nos meus últimos episódios. Era agradável, perfeitamente humana e normal. Leila era uma senhora franzina, de cabelos grisalhos, olhos pequeninos como ervilhas negras e aparência bondosa.

— Leila, preciso de sua ajuda! Preciso ficar aqui esta noite e sei que pode ser perigoso para você.

— É *ela*, não é?

Richard assentiu com a cabeça.

— Que graça teria a nossa existência sem alguns perigos, não é mesmo? — Seu semblante denunciava inexorável satisfação. Então, virou-se para mim e exclamou admirada: — Incrível! Nunca pensei que eles conseguiriam... — Seus miúdos olhos estavam vidrados nos meus. — E eu que achei que tudo não passava de uma lenda... Venha cá, meu amorzinho.

— Eu estou bem aqui — funguei.

— Ela é geniosa, né? — gargalhou baixinho.

— Nem imagina o quanto — Richard foi rápido no gatilho em seu comentário maldoso.

— Com licença, Black — ela dirigiu-se ao gato. A aparente frágil senhora caminhou em minha direção e encarou-me por alguns segundos. Esboçou um movimento, ao qual me opus de imediato. — Calma! Não vou te fazer qualquer mal.

— Então me deixe ir embora!

— Eu gostaria. — E olhou para Richard, que tinha a cabeça inclinada para baixo, seus faiscantes olhos azuis fixados num pedaço de madeira solto do assoalho. — Filho, tudo bem?

— Tudo — respondeu ele.

— Sei... — Ela continuou sua inspeção sobre mim. Após estudar meus olhos por um demorado tempo, passou a mão na minha gargantilha e, quando ameaçou tirá-la, eu a impedi.

Richard emitiu um som surdo, incompreensível.

— O que foi? — ela lhe perguntou confusa. — Eu só quero examiná-la, nada mais. Posso vê-la, Nina? — pediu delicadamente.

O semblante de Richard era de tensão, mas olhou firmemente para mim e acenou com a cabeça. Trêmula e sem opção, entreguei-lhe meu amuleto da sorte.

— Incrível! — exclamava enquanto o cheirava com extrema atenção. — Como não pensei nisto antes? A pessoa que o fez é muito inteligente...

— Era! — explodi. — Era minha mãe! Vocês a mataram, seus assassinos!

Ela não me respondeu. Devolveu-me a gargantilha e voltou pensativa para a sua cadeira.

— Rick, gostaria de ter uma palavrinha a sós com você. — Deixe-a ficar um pouco com os meninos.

Richard permanecia calado, mas agora a fitava com ar austero.

— Por que a desconfiança? Você sabe que aqui não há qualquer perigo. — E, sem pedir licença, apertou um botão preso à parede.

Não ouvi nada, mas, pouco tempo depois, dois rapazes já estavam na sala, junto a nós. Um bem alto e cheio de acne no rosto e outro bem mais baixo e atarracado.

— Meninos, fiquem com ela enquanto tenho uma conversa com o irmão de vocês.

Irmãos? Como assim?

— Ok, Leila. Por Tyron! É ela? — perguntou eufórico o mais alto.

— Sim, Estwic — retorquiu a senhora.

— Uau! Hoje eu vou ter sobremesa!

— Não se atreva a tocar nela — advertiu Richard.

— Deixa disso, cara. Você sempre se amarrou nestas brincadeiras.

— É, eu sei... — explicou, recompondo-se. — Mas acho arriscado demais tentar nossas brincadeiras em uma híbrida, cara.

“Híbrida”?

E, com jeito casual, acrescentou:

— Deixei Ben encarregado de uma humana linda. Se quiser, posso transferi-la para você.

“Humana linda”?

— Mas será que não podemos nem ao menos tentar na híbrida? Ela...

— NÃO! — Richard esbravejou. — Desde quando você contesta uma ordem minha? O que é que está acontecendo com todo

mundo, droga?! Saia daqui! — Visivelmente aborrecido, Estwic se retirou.

— Estwic não fez por mal, filho! — Leila contemporizava. — Você sabe que *ela* é capaz de causar reações deste porte, não sabe?

Richard não lhe respondeu.

— Ewan, cuide de Nina enquanto converso com Rick — ordenou ela.

Sem pronunciar uma única palavra, o baixinho delicadamente me conduziu para a área externa.

Estwic não estava por perto. Ewan sentou-se em um comprido banco feito de um tronco de árvore tombado. Apontou-me o lugar ao seu lado. Ao fundo da pequena casa, uma visão magnífica: um mar de crisântemos me recepcionava com alegria. Eram tantos e num amarelo tão vivo, que pareciam executar uma coreografia. Abanavam para mim dançando ritmadamente de um lado para o outro, sob o comando de um vento fino e maestral. Não sei precisar o tempo que ficamos ali naquele descampado, o medo talvez triplicasse a demora e os frutos de minha imaginação. O que os dois estariam tramando lá dentro? Mas então por que os outros dois também não podiam estar por perto? Provavelmente havia algum tipo de hierarquia nestas seitas... *Não! Recuso-me a acreditar nesta maluquice!*

— Você quer? — Ewan ofereceu-me um pedaço de chocolate.

Balancei a cabeça negativamente.

— Você precisa recuperar as forças. Ainda tem uma longa viagem pela frente.

— Para onde?

— Para o grande deserto depois de Sabhã.

— Para que tanto trabalho?

— ãh? — Olhava-me sem entender.

— Para me matar. Por que não acabam comigo aqui mesmo?

— Ah! Isto? — e deu uma risada alta. — Não é assim que as coisas funcionam. Temos alguns protocolos a seguir.

— Protocolos? Você quer dizer rituais? Tipo o que fizeram com os olhos da garota de Londres?

Ele me fitava meio desconcertado com aquela pergunta.

— Não posso falar mais nada, sinto muito. Terá de perguntar a Richard. Como seu executor, só ele pode lhe dar qualquer esclarecimento.

— Você quer dizer que só o meu específico assassino pode me fornecer as informações que preciso?

— Sim. Nós não podemos nos intrometer na missão de outro resgatador sem permissão.

Então era sobre isto que Richard e Collin discutiam?

— Existem resgatadores de mesma patente em cada clã. — Ele se apressou em explicar.

— Então existem outros atrás de mim?

— Sim. Um de cada clã.

Percebi certo grau de imaturidade neste tal de Ewan e decidi continuar colocando lenha naquela nossa conversa de loucos. Em

algum momento ele haveria de se queimar e me entregaria informações importantes daquela farsa.

— E se o resgatador não realizar sua tarefa?

— Nunca vi isto acontecer — franziu a testa, confuso. — Por que ele faria isto?

— Digo, hipoteticamente?

— Eu acho que seria expulso de Zyrk ou preso e destituído de seu cargo. Às vezes, até castigado. Não sei dizer.

— Castigado? — Eles tinham, realmente, muita imaginação. — E seria expulso para onde?

— Ora, para o *Vértice*!

— Você quer dizer o *inferno*?

— Ah, é isso mesmo! É assim que vocês *humanos* o chamam.

— Pare de falar com ela! — ordenou Estwic, aparecendo do nada. — Sabe que não podemos confiar nos humanos!

O outro me olhava com semblante de raiva, muita raiva. E, antes mesmo que ele pudesse partir para qualquer gracinha idiota, a porta da frente se abriu como sinal de que já podíamos entrar.

Anoitecera, e as luzes daquele pequeno lugar já estavam acesas. Meu pânico de antes não havia me permitido observar quão agradável era o pequeno ambiente. Móveis talhados de imbuia estavam arrumadamente dispostos ao redor de uma ampla mesa de jantar, igualmente rústica. A pequena cozinha era separada da sala apenas por uma baixa parede de madeira coberta por uma pedra de granito marrom, fazendo papel de aparador. Cestas de vime repletas de frutas enfeitavam o ambiente. A mesa de jantar

destoava daquela visão. Ela havia sido caprichosamente colocada, requintada demais para um lugar tão simples. Guardanapos de linho, pratos de porcelana branca, talheres de prata e copos de cristais estavam adequadamente dispostos. O cardápio exposto além de apetitoso era digno de um hotel cinco estrelas: salmão ao molho de maracujá, carne assada com batatas coradas, arroz e uma bela salada.

— Espero que goste! — Leila me apontou um assento e acomodou-se bem diante de mim. Richard sentou-se ao meu lado. Rígido.

Durante o jantar somente ela e Ewan falaram. Este último para suspirar e pedir que alguém passasse uma ou outra comida para perto dele. Leila divagava sobre coisas que eu não conseguia entender, sobre um mundo único, sem divisões.

— O fim da maldição — suspirava baixo.

— O quê? — perguntou Ewan, com a boca cheia de comida.

— Nada, filho. Coma — murmurou ela, e, neste momento, senti o braço de Richard esbarrar no meu, o calafrio se espalhando por minha pele. Tentei evitar, mas não consegui deixar de olhá-lo de canto de olho. Ele estava todo arrepiado, suas negras sobrelhas cerradas sobre os profundos olhos azuis-turquesa. Olhei para frente e vi Estwic nos encarando desconfiado. Richard enfrentou-o com o olhar. Leila abafou a cena pegando uma flor do arranjo de crisântemos que enfeitava a mesa, arrancou uma pétala e a depositou em sua pequena taça de cristal. Depois a encheu de vinho, bebeu de um gole só e deu um sonoro e satisfeito suspiro:

— Os crisântemos são flores abençoadas e cheias de mistérios! Uma lenda antiga diz que uma única pétala do crisântemo colocada no fundo de uma taça de vinho é capaz de trazer vida longa e saudável.

— E você acredita nestas besteiras, Leila? — indagou Estwic impaciente.

— Eu acredito no poder dos vegetais e minerais. Acredito que de sua energia surge a força indispensável à nossa sobrevivência e... deixa pra lá! — retrucou contrariada, levantou-se e jogou um pedaço de salmão para Black, que não parava de ronronar sobre uma almofada ao pé da mesa.

O jantar havia terminado e, por mais incrível que pudesse parecer, lá estava eu calmamente ajudando aquela senhora a retirar a mesa. Uma sensação de bem-estar me invadia, como se algo me desse a certeza da chegada de dias melhores. Ewan e Estwic assistiam a um programa esportivo na pequena televisão, enquanto Richard parecia dormir recostado em um humilde sofá abaixo da janela.

— Coitado. Está exausto! — e deixou escapar um suspiro: — Ah! A maldição.

— Que maldição? — perguntei curiosa.

Num rompante, Estwic desviou seu olhar da televisão e nos encarou de um jeito tenso.

— Maldição! Cortei meu dedo! — berrou Leila.

— ãh? — continuei confusa, sem ver qualquer vestígio de sangue.

— Venha comigo! — ela exclamou, puxando-me acelerada pela manga de minha blusa. — Meninos, coloquem água para ferver enquanto vou procurar mudas de erva-doce. Estou embrulhada. Comi demais! Nina vai me ajudar. — E saímos, deixando-os para trás.

Enquanto caminhávamos para uma horta situada bem distante do terreno, Leila pegou um lampião, acendeu-o e começou a puxar conversa.

— Acho que chegou a hora, minha filha. Já era tempo...

— Do que você está falando?

— Eu não devia ter esta conversa com você. Só Rick poderia, mas acho que ele não o fará... Então resolvi quebrar os protocolos e lhe passar algumas informações para que você nos compreenda melhor.

— O que quer dizer? Vai me dar explicações antes de me matar? É esta a *hora* a que você se referia?

— Claro que não! — e riu animadamente. — A hora de, finalmente, colocarmos um fim nesta horrível maldição.

— Que maldição?

— Na maldição que acompanha o nosso povo há milhares de anos. Eu não sei exatamente como ela surgiu. Tudo que sei me foi contado pelos meus ancestrais e data de tempos muito remotos.

Agora fui eu quem deu um alto riso de deboche. Ela se empertigou.

— Você precisa acreditar na lenda! Eu lhe rogo: acredite no que vou lhe dizer. Não tenho motivo algum para lhe enganar!

— Só o motivo de me manter viva até uma determinada data e aí então...

— Mas pode ser diferente! Eu acredito que algo extraordinário está prestes a acontecer! — sua fisionomia transbordava emoção.

— O que está prestes a acontecer? Que lenda?

Ela abriu um largo sorriso. Aguardava avidamente por meu súbito interesse.

— A lenda de Zyrk. Reza a lenda que, no início dos tempos, Tyron criou apenas duas dimensões e não quatro, como hoje em dia. Eram chamadas de *Plano* e *Intermediário*.

— Tyron?

— Sim. Tyron. Nossa maior divindade.

— Seria um Deus?

— Mais do que isto! O maior de todos os Deuses. — E emendou: — Saiba que a sua dimensão também já foi a nossa em algum momento de um passado distante, e era chamada de *Intermediário*. Naquela época, meu povo ainda não havia sido banido do *Intermediário*.

— O *Intermediário*?

— Sim. É onde hoje vivem os humanos, mas de onde fomos expulsos um dia — suspirou infeliz. — Veja bem — frisou ela —, estou aqui, mas não sou daqui. Eu não sou humana, Nina. Eu estou apenas na condição de humana para poder desempenhar minhas missões. Pertencço a uma dimensão paralela à sua.

Engoli em seco. Eu queria rir, mas a dúvida começava a ser plantada dentro de meu atordoado cérebro. A gentil senhora parecia sincera.

— Então — ela continuou — Tyron, assim como um pai que reparte a sua fortuna, dividiu o seu mundo entre seus dois únicos filhos. Diz-se que a sua divisão foi muito justa e que cada irmão seria totalmente soberano e responsável por uma metade do *Intermediário*. A única incumbência dada a eles era cuidar bem daqueles que Tyron chamava de irmãos adotivos, ou seja, nós.

Entenda que antigamente éramos um único povo e não havia distinção.

Eu estava perdida naquele rico universo imaginário. Ela prosseguia com calma:

— Como já disse, éramos um único povo e só nos dividimos por causa da maldição. Vocês, humanos, tiveram a sorte de ser guiados pelo filho bom. Meus antepassados tiveram o infortúnio de ter o filho mau como seu mentor — e roçou a garganta. — Diz-se que, após muitos e muitos anos, sem que seus filhos soubessem, Tyron voltou ao *Intermediário* para examinar como cada um deles havia cuidado da sua parte e dos seus indefesos irmãos adotivos. Quando chegou aqui, ficou extremamente decepcionado e aborrecido com um dos seus filhos. O primeiro havia trabalhado duro, dando atenção a todas as suas áreas, tornando-as mais belas e habitáveis. Cuidou carinhosamente de seus irmãos e ensinou-lhes sentimentos de compaixão, perdão, amizade e o mais complexo deles: o amor. O segundo, por sua vez, fez um caminho de destruição e descaso por onde passou. Destruiu áreas belas, tornou insuportável o que antes era perfeitamente habitável e, principalmente, semeou a discórdia e o ódio. Seus irmãos adotivos ficaram maus e invejosos. Quando Tyron descobriu tudo aquilo, sofreu muito. Diz-se que o grande dilúvio de outrora nada mais foi que seu choro de decepção. Histórias!

Sorriu e continuou:

— Fingindo não saber de nada, e querendo dar mais uma chance ao filho mau, ele enviou um mensageiro ao *Intermediário*. O mensageiro comunicou aos filhos que Tyron lhes faria uma “visita” em uma determinada data. Seria o dia da prestação de contas de seus feitos. O segundo filho, por demais ardiloso, mandou espiões checarem como estava indo a metade do seu irmão, e eles ficaram assombrados com todas as maravilhas que encontraram. Cheio de cólera e decidido a arrumar um meio de escapar da ira iminente de

seu Pai, ele bolou um plano diabólico. Foi pessoalmente visitar o irmão, levando-lhe a falsa notícia de que o dia do encontro com Tyron havia sido alterado para uma data mais distante, e que ele precisava de sua ajuda. Ele o enganou contando que teve muita dificuldade em administrar a sua metade e que havia sido ludibriado por algumas das criaturas que Tyron tinha lhe conferido proteger. Sabendo de sua bondade, pediu para ficar em seu lugar só por alguns dias. Disse-lhe que gostaria de aprender suas técnicas de cuidado e os seus seguidores veriam como seria viver em um bom ambiente, e com isto também se tornariam pessoas melhores. O irmão bondoso acreditou nas palavras daquele crápula e, juntamente com seu povo, trocou de posição às vésperas do *prestar de contas*. Mas Tyron sabia de tudo! E, antes mesmo que chegasse o dia do encontro, surpreendeu os dois, aparecendo inesperadamente no *Intermediário*. Solicitou que cada um mostrasse as obras executadas. O irmão mau pediu para começar e Tyron permitiu.

— Querido Pai, antes de lhe mostrar todas as minhas obras e conquistas efetuadas, gostaria de lhe dizer que algum estrago lhe foi causado dias atrás devido ao fato de ter trocado de posição com meu irmão. Emprestei-lhe a minha parte e conduzi meus protegidos à parte dele. — O irmão bondoso ficou perplexo com aquele discurso e não conseguiu pronunciar uma única palavra. — Então — continuou o mau —, devido à sua tamanha desorganização e falta de controle sobre os seus protegidos, alguns danos lhes foram causados nestes dias, mas serão prontamente recuperados.

Tyron, sabendo que tudo aquilo era uma farsa, voltou-se para o filho bom e perguntou:

— O que tens tu a me dizer?

— Dê-me algum tempo, meu Pai, que recuperarei a parte danificada. — O filho bom teve pena do irmão e se prontificou a ajudá-lo, a despeito da sua absurda maldade.

— Filho bom! A ti não darei apenas uma parte, mas sim o todo. Vá! Tudo te pertence a partir de agora.

Depois virou-se para o filho mau e disse:

— Filho mau! Poderia apenas ter-me pedido desculpas e eu te perdoaria. Virás comigo e te ensinarei melhor aquilo em que falhei.

Mas o filho mau não aceitou ter perdido seu império. Esbravejou, blasfemou e, num acesso de fúria, atacou seu irmão pelas costas, apunhalando-o mortalmente. Diz a lenda ainda que Tyron chorou sangue naquele momento e baniu o filho mau do *Intermediário*, lançando-o para um novo e terrível plano que acabara de criar: o *Vértice*, ou o inferno, como vocês dizem. Ia fazer o mesmo com todos aqueles indivíduos maldosos que estavam sob sua influência, quando o filho bom, em seus braços, lhe fez um último pedido: que tivesse piedade daquelas pobres almas, pois elas eram fracas e manipuláveis. Tyron então olhou para aquelas perversas criaturas, que eram os meus ancestrais, e lhes mandou uma maldição:

— E vocês, horda de desgraçados! Enquanto não souberem o que é compaixão, não saberão o que é nem sentirão os efeitos do maior de todos os sentimentos: o *amor*. Vocês não saberão o que é amar! Por enquanto, tudo que posso lhes dar é uma nova dimensão e a terrível tarefa de tirar vidas, dia após dia, para que um dia vocês se cansem de viver em função da morte e de toda destruição que vêm gerando e entendam o valor da vida. Mas isto só será possível no dia em que conceberem um filho por amor. Se criado no amor, ele será a chave para o perdão, a porta de passagem entre os dois mundos.

E Leila se calou, pensativa.

— Eu sou este filho? — perguntei sob tensão.

— Acho que sim, Nina.

— E não era para vocês estarem felizes?! Isto não é bom? Os mundos se comunicarem? — bradei, sem compreender.

— Você não prestou atenção ao que eu lhe disse? — ela retrucou no mesmo tom. — O nosso mundo não sabe o que é amar! Para a grande maioria dos meus, você é um enorme perigo! Nós somos eminentemente maus, egoístas e predadores, e é por isto que estamos presos em outra dimensão, compreende? Nós somos a continuação dos nossos horrorosos ancestrais. Não temos os bons sentimentos! Só os maus! Nós somos a antítese da vida, todos nós. É só o que podemos e sabemos fazer: matar! Dia após dia, séculos após séculos.

— M-Mas então? — gaguejei atônita, completamente exangue.

— Por que ainda não matamos você? — envergou-me um sorriso pausadamente.

Balancei a cabeça com muito medo de ouvir a resposta.

— Porque eu acho que um milagre está acontecendo. Porque Tyron está mostrando compaixão por nós, depois de muito tempo esquecidos...

— Eu não entendo.

— Nem eu. Mas você está aqui, e eu não sei como... Você é o fruto do amor impossível de um dos nossos com uma dos seus.

— O quê?! — rugi, transtornada com aquela confissão.

— Sim, filha. Seu pai foi um dos nossos.

— Isto é tudo mentira! Eu nunca tive pai! — Meu cérebro ardia. Como aquele bando de homicidas poderia saber de meu pai? Onde obtiveram tal informação se Stela nunca mencionara nada sobre ele... nem mesmo para mim?

— Nina, você é fruto de um amor sem medidas.

— Pare com estas mentiras descabidas! — cuspiu as palavras.

— Você não poderia...

— Não poderia o quê? — indaguei furiosa.

— Existir! — Ela esfregou a testa. — Era para ela ter morrido antes mesmo de lhe ter concebido, entende?

— NÃO!

Paciente, ela respirou e continuou:

— O que eu quis dizer é que não pode haver qualquer contato mais *profundo* entre os nossos povos. Seria letal! — suspirou. — Além do mais, todos têm a *sua hora*. E não somos nós que decidimos. Apenas cumprimos ordens. *Dele*. Tudo na vida tem um ciclo: nascer, crescer, envelhecer, morrer. Nem todos conseguem completar o seu ciclo, mas este é outro assunto... Tudo tem um porquê. Só não nos é confidenciado. Como lhe disse, nós só executamos as ordens.

— Eu continuo não entendendo.

Confesso que havia ficado um pouco preocupada com aquela questão do *contato*.

— Melhor assim! — sua entonação ficara rude, pela primeira vez.

E se afastou. Ficou calada algum tempo enquanto escolhia as ervas ou as palavras apropriadas:

— Cada clã enviou o seu melhor resgatador para eliminá-la, sabia? Nesta altura, a coitada de sua mãe já não teria mais como proteger você de nós. — Sua voz retornara ao habitual: suave.

— E por que só agora? Por que não enviaram antes?

— Sempre estivemos atrás de você. Mas não podíamos cometer erros. Nós não podemos *matar diretamente* a pessoa errada. *Nunca!*

— Diretamente?

— Sim, quero dizer, eu não posso matar você se não for a sua hora, mas...

— Mas?

— Mas eu posso sugestionar mentalmente uma pessoa que está prestes a morrer a levar você consigo.

— Como assim? Vocês podem induzir uma pessoa a matar outra quando ela estiver perto da hora de sua morte? Induzir um assassinato?

— Sim.

— Então era por isto que nos últimos dias diversas pessoas tentaram me matar? — grunhi e me lembrei do comentário maldoso de Kevin sobre guiar a morte das pessoas.

— Isto aconteceu?

— Diversas vezes! E eu pensando que estava enlouquecendo! Era isto então?

Ela ficou pensativa por outro longo período, seus olhos turvos denunciavam sua preocupação. Tive que perguntar novamente.

— Foi o que me aconteceu?

— Sim. Como não era para você ter nascido, ficou estabelecido pelos magos que seu dia de *partida* seria o dia de sua *passagem*

definitiva. Desta forma, os seus resgatadores não poderiam buscar você antes desta data, e então utilizaram outros meios...

— Meios indiretos?

Ela assentiu.

— Mas não tiveram muito sucesso, não acha? — desdenhei da situação, achando que ela se defenderia de imediato, mas fui surpreendida por um sorriso escancarado. Seu semblante era de pura excitação.

— Acho. É um milagre! — exultava de satisfação.

— ãh?! Que milagre? — indaguei, mas ela me deu as costas e balançava a cabeça de um lado para o outro. — Por que só agora? Por que não me mataram antes?

— Não sei ao certo, talvez por ser sua data de maturidade. Mas acredito que, pelo motivo anterior, não poderíamos cometer erros. Além do mais, nunca acreditamos que esta lenda fosse verdadeira, que você existisse pra valer. Teoricamente não era para você ter nascido, por consequência, você não tinha uma época exata para morrer.

— Vocês cometem erros? *A Morte* falha?

— Depende do que você considera falhar. Que nós cumpriremos a nossa missão é fato, mas, na qualidade e no número de tentativas, é que se encontra a diferença.

— Matar de primeira seria o mais eficiente?

— Sim. Sem deixar rastros.

Minha fisionomia deixou claro que não compreendi o significado daquelas palavras, e ela continuou tranquilamente:

— Sem desencadear uma morte dolorosa.

— Dolorosa para quem?

— Sempre para quem vai. Para os que ficam, existe o aprendizado.

— Hum. E Richard... então... sempre acertou de primeira e nunca deixou rastro?

— Nunca — soltou pensativa.

— Mas se este tal Shakur é o mais temido dos líderes e Richard seu principal resgatador, significa dizer então que ele deve ser tão mau quanto seu líder, não é verdade?

— Pssiu! Fale baixo! — E deu uma espiada ao nosso redor. — Você não deve encarar desta forma. — Ela tinha o olhar apreensivo. — Quero que saiba que, para nós, zirquinianos, não existe um bom ou um mau. Há apenas o que chamamos de eficiente e não eficiente.

— Então por que ele não foi eficiente? Por que ele não fez logo o seu serviço e me liquidou de uma vez? Por que me salvou das mãos de Kevin e de Collin? Por que esta agonia?

— Ele obedece regras e... talvez exista um motivo maior — concluiu.

— Qual? Arrancar os meus olhos em praça pública? — grunhi.

Leila não me respondeu, dando de ombros.

— Eu acho que é melhor nos recolhermos, o tempo esfriou bastante.

— Você sente frio? Não disse que eram insensíveis? — ataquei.

— Nina, nós não temos os bons sentimentos existentes, em especial, o amor! Todos os demais estão presentes. Sensações como frio, fome, calor, cansaço, dor são todas iguais às de vocês. Agora chega, vamos entrar!

— Espere! — interceptei-a, aflita com o turbilhão de perguntas que se formava dentro de meu peito. — Você disse alguma coisa sobre *data de maturidade*. O que quer dizer com isto?

— É a sua data de passagem definitiva — esclareceu.

— Então minha data de passagem é o dia do meu aniversário?

— Sim. A partir dos dezessete anos ela será definitiva, por isso é chamada de data da *maturidade*.

— Só dezessete?

— Atualmente vocês andam bem imaturos com esta idade, mas, há alguns séculos, as pessoas já tinham suas famílias perfeitamente constituídas nesta faixa etária. Sem contar que as doenças nos faziam buscá-los bem mais cedo do que hoje em dia.

— Vocês morrem?

— De certa forma sim. Nós concluímos nossas missões. Todos nós temos um número de missões já determinado quando nascemos.

— Vocês nascem? Quero dizer, vocês então se casam e têm filhos como nós?

— Mais ou menos. Nós somos obrigados a continuar a nossa espécie.

Recordei-me imediatamente sobre o comentário de Ben.

— Eu já lhe disse. Nós não sabemos o que é amar — continuou Leila. — Quando muito evoluídos, desenvolvemos a capacidade do bem-querer, do cuidado com os outros. Pouquíssimos conseguem. No geral, somos completamente frios. Achei, aqui estão! — Abaixou-se e pegou algumas mudas de erva-doce e de outras plantas desconhecidas que estiveram ali durante toda a nossa conversa.

Num gesto de desespero, agarrei seu braço e supliquei-lhe a única resposta que me fazia sentido:

— Afinal de contas, o que vão fazer comigo?

Ela lentamente se soltou de mim e pousou suas mãos sobre meus ombros, seus olhos fixos nos meus.

— Se soubesse, eu *realmente* lhe diria. — Deixou suas mãos caírem e pôs-se a caminhar.

Dirigimo-nos até a porta em silêncio. Muitas coisas que Leila disse faziam sentido dentro da minha outrora vida de nômade, entretanto, a lógica berrava dentro de meu cérebro que tudo aquilo não passava de um grande teatro, uma espetacular encenação de um grupo de loucos. Antes de entrar, ela segurou meu braço mais uma vez e, com um olhar profundo, disse apenas uma frase:

— Confie nos sinais.

Eu gelei. As mesmas palavras de Stela? Meu coração deu um salto e por pouco não escapuliu por minha boca. "Sinais"? O que ela queria dizer com aquilo? Antes que eu pudesse formular qualquer pergunta, ela abriu a porta. Ewan e Estwic assistiam ao canal de esportes, vidrados em um campeonato de hóquei canadense.

— Que demora! — exclamou Estwic. — Pensei que tivessem se perdido por aí. — E riu olhando para Ewan, que nem reparou na piadinha sem graça, de tão entretido no jogo.

Acompanhei-a até a pequena cozinha anexa, observando pelo canto do olho aquela figura de Adônis dormindo no sofá. Leila me viu observando-o e sussurrou para que os outros não nos ouvissem.

— A beleza dele é aquela que você não consegue enxergar. Tenha paciência. É tudo muito novo e assustador para ele também. — O que ela queria dizer com aquelas últimas palavras? Mantive-me calada enquanto Leila divagava: — Observe estas mudas. — E apontou para as horripilantes plantas que eu não conhecia. — Elas são o exato oposto das rosas! Depois que uma rosa murcha, o que resta?

— Os espinhos — respondi.

— E quando os espinhos caem?

— Não sobra nada.

— Exato. Infelizmente, as rosas são frágeis e egoístas. Cobram um preço muito alto se quisermos a sua companhia: poucas horas para termos o prazer de observar a sua beleza exuberante e muitos dias acompanhando sua deterioração. De presente, elas nos deixam apenas seus míseros espinhos... Estas plantas, no entanto, desabrocham e florescem com a adversidade. Esquisitas e até feias, murcham e morrem sem chamar a atenção quando permanecem no seu solo de origem. Mas são guerreiras inatas. Fazem questão de nos presentear com a sua própria morte, caso queiramos a sua companhia. — E suspirou: — Quando começarem a murchar, seus espinhos cairão e uma lindíssima flor brotará de seu áspero caule. Esta rara flor, a qual chamo de Drahcir, é forte e resistente, e nos dá o prazer de admirá-la por meses a fio. Quando, por fim, sua beleza começar a se esvaír, ela novamente nos presenteia com um chá de sabor maravilhoso, que nos proporciona a cura de muitos dos nossos males. Não se deixe enganar pelas aparências... Aguarde até os espinhos dele caírem — apontou para Richard com um gesto de cabeça — e terá muito a ganhar.

O que ela queria dizer com aquilo? Aprisionada em meus pensamentos, adormeci com a cabeça caída sobre a mesa de jantar. Pelo menos é o que acho. Acordei já de dia e deitada sobre uma cama bem quentinha, acreditando por um breve instante que tudo aquilo não passara de um sonho. Fui trazida à realidade por um cochicho que se fazia ouvir pelas pequeninas aberturas da janela basculante acima de minha cabeça. Do lado de fora, duas pessoas entabulavam uma conversa tensa. A primeira voz era inconfundível, pertencia à Leila. A segunda era... de Richard.

— Nem pense em se envolver! *Ela* é minha missão — ele rugia.

Missão? É sobre mim que estão falando!

Assisti a conversa escondida por detrás da cortina.

— Eu tentaria Wangor — continuou Leila.

— Pode ser... Preciso acabar logo com isto! Eu estou ficando louco, Leila! Não consigo mais traçar planos com objetividade. Eu não aguento mais, além do mais, ela me tira do sério! — concluiu apressadamente, assim que constatou os dois outros rapazes se aproximando.

— Eu sei, mas você precisa ter paciência. Lembre-se de que ela não é um de nós, assim como o pai dela foi. Ela é diferente! Não faça nada que venha se arrepender depois, meu querido — sussurrou Leila para Richard, enquanto disfarçava acenando para os outros, chamando-os para perto deles.

— Arranjei a moto que você me pediu, Rick! Está toda preparada — aproximou-se Ewan.

— E então? A belezura vai dormir a manhã toda também? — alfinetou Estwic.

— Vou chamá-la, mas você sabia que o sono é um excelente reparador, filho? — Leila respondeu àquele comentário com repreensão. — Saiba que ela é uma humana e, como tal, é muito mais vulnerável às suas necessidades fisiológicas do que nós. — E saiu ajeitando o coque com firmeza.

Minha cabeça girava. Será que era o que eu estava imaginando? Estaria Richard se interessando por mim e sentia-se em conflito? Seria capaz de ir contra aquele grupo macabro só por minha causa? Minha alma transbordava de felicidade. Meu coração estava pra lá de agitado dentro da caixa torácica. Percebendo a aproximação de Leila, mergulhei por sob os lençóis, fingindo dormir o mais profundo dos sonos.

Não sei se fui convincente.

Capítulo 17

— Está na hora! Precisam partir. E que Tyron esteja com todos nós! — Leila despediu-se de nós com um semblante preocupado. Se não estava representando, com certeza tentava camuflar algo que a deixava muito aflita.

A viagem transcorreu tranquila. Pela primeira vez não havia tensão entre mim e aquele deus grego. Sua fúria parecia ter se abrandado.

— Está com frio? — checou, olhando-me pelos cantos de seus magníficos olhos azuis.

— Não. — Era verdade. Eu estava em brasas, mais quente do que nunca. Era incapaz de perceber o vento frio trespassando meus poros.

— Fique tranquila. Está tudo sob controle — tentou disfarçar, mas seu semblante permanecia preocupado.

— Eu estou tranquila — disse pela primeira vez, e de forma honesta, desde que meu martírio começara. Ele franziu as sobrancelhas, quase esboçando um tímido sorriso. — Para onde estamos indo?

— Para o grande deserto além de Sabhã.

— Vamos voltar para o continente africano?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— Por que tão longe? — insisti.

— Porque os portais são milenares e, portanto, só surgem em locais especiais — soltou em seu tradicional jeito seco.

— O que você quis dizer por eu ser receptiva? — fui direto ao ponto.

— Quando se tem o dom da percepção. Alguns humanos têm — berrou enquanto fazia uma manobra rápida.

— Alguns humanos?

— Sim.

— E no que consiste este dom? — gritava à medida que o motor de sua moto rugia.

— O humano perceber a nossa presença.

— Sei. Se estou olhando para você, logo eu consigo perceber sua presença, não acha óbvio?

— Você sim, mas a maioria dos seus só nos enxerga quando *nós* queremos. Espere um pouco. — E começou a diminuir a velocidade ao avistar uma humilde casinha de madeira, cercada por uma paisagem lindíssima. Cortinas quadriculadas de vermelho e branco dançavam animadas ao som do vento. Pareciam acenar para nós pelas pequenas janelas abertas, todas também pintadas de vermelho. Sua porta e telhado brancos davam o arremate final daquela simpática casa de bonecas. Mal percebi que tínhamos feito um longo percurso e que chegávamos a uma afastada área agrícola. Ele saltou da moto, me levantou com cuidado e me colocou no chão.

— Onde estamos? — perguntei.

— Em uma parada estratégica. Vamos fazer um lanche e descansar um pouco antes de continuar. A próxima etapa é bem pior.

— Mas...

— Chega de conversa! E cuidado onde pisa — ele me interrompeu bruscamente. Sua rispidez havia retornado com força total. Começou a andar em direção à pequena cabana, deixando-me para trás.

— Eu preciso de respostas! — grunhi aos quatro ventos enquanto o seguia. Ele me enervava com sua pose de general.

— Cuidado com o chão — ordenou, mantendo suas passadas firmes. — Está cheio de...

— Ah, não! — gemi logo atrás.

— Fezes bovinas!

Havia enfiado os pés em uma quantidade impressionante de estrume. Com exceção de dois estreitos caminhos de pedras, o restante era tudo lama. Um grande e desafiador atoleiro.

— Você é bem descuidada, não é mesmo? — tinha impaciência ao falar. — Aprenda a ter mais atenção no que faz e por onde anda! Não posso te vigiar o tempo todo!

Dono de uma força incrível, ele me agarrou pela cintura e me retirou daquele lamaçal. Sem que eu pudesse esperar, Richard me colocou no chão de terra firme com todo o cuidado. Seu corpo grudado ao meu e seu olhar fixo em meus olhos fizeram minha respiração vacilar. Sem graça desviei o rosto. Ele se afastou e me jogou um pedaço de pano velho para que me limpasse.

— Obrigada. Quer dizer que você pode ser invisível para várias pessoas?

— Quase todas. É só querer.

— Quem são vocês? Extraterrestres? — e lancei uma gargalhada sarcástica.

— Você ainda não entendeu absolutamente nada do que eu expliquei? Não conseguiu perceber a gravidade de todas as situações por que passou? — ele trovejava.

Engoli em seco, manchas vermelhas de vergonha começavam a afogear meu rosto. Ele continuou, irritadiço:

— Também pertencço ao seu mundo, só que em uma dimensão diferente, uma dimensão paralela à sua! Sou um resgatador!

— Então você *realmente* resgata vidas?

— Sim, como a sua! — e franziu o cenho.

Meu rosto empalideceu, senti um frio no estômago. Lembrei-me de um fato passado.

— No avião? Aquela senhora que entrou no toalete... Então quer dizer... você...

— Sim. Eu também estava naquele toalete, só que aquela senhora não foi capaz de me ver. Ela não era receptiva como você! — rugiu.

Todos já haviam me explicado inúmeras vezes, mas só agora, depois de todos aqueles acontecimentos, começava realmente a acreditar. — Então você é de fato a... a...

— A sua *Morte*! Sim! Eu sou o que vocês costumam chamar de Morte. O que mais eu tenho que dizer ou fazer para você acreditar

em mim?

Minha gargalhada nervosa foi rapidamente substituída por um choro compulsivo.

— Pare com esta loucura! — berrava. — Por que toda esta encenação? Esta gente toda atrás de mim? Por que estão fazendo isto comigo? Se você é mesmo a minha Morte, mate-me logo!

— Não. — Havia uma incompreensível dor em seu semblante.

— Por que não? Por que me torturar?

— Eu não quero te torturar. — Seus olhos azuis brilhavam mais que o lindíssimo céu sobre nós e pareciam sinceros.

Aquelas afirmações começavam a me perturbar.

— Por que eu?

— Já lhe disse. Você tem a chave do portal.

— Ah! Certo! — desdenhei. — E como pode ter tanta certeza?

— Os seus olhos.

— O que têm eles?

— São diferentes.

Eu gelei dos pés à cabeça.

— C-como notou? — gaguejei.

— Inicialmente por eliminação e uma pitada de sexto sentido.
— Ele pegou um graveto comprido e começou a rabiscar alguns desenhos no solo úmido.

— Eliminação?! — Minha pressão rolou ladeira abaixo. — Quer dizer que vocês realmente mataram outras garotas até chegar a mim?

Ele não reagiu a esta pergunta, o que me fez imaginar uma resposta terrível.

— E depois? — adiantei-me.

— Depois porque percebi que você tem uma característica impossível para os seus.

— E qual é?

— Você não é sugestionável.

— ãh?

— Você não tem a mente susceptível aos nossos comandos. Daí o porquê de nós não podermos eliminar você de maneira direta.

— Só através de outras pessoas que estavam prestes a morrer? A morte indireta?

— Exato.

Um ensurdecedor silêncio preencheu o ambiente e o meu cérebro por um longo período de tempo.

— Sua mãe era uma mulher muito perspicaz — ele reiniciou a conversa de maneira inesperada. — Conseguir enganar a morte por quase dezessete anos não é para qualquer um.

— O que você quer dizer com isto? — minha voz saiu trêmula, meu nervosismo em ascensão.

— Por que você acha que viviam mudando de cidade em cidade, de país em país?

— Devido ao emprego dela!

— Você acredita mesmo nisto? — sua voz rude tinha uma pitada de piedade camuflada.

Agora quem não tinha resposta era eu. Ele continuou:

— Por que você acha que o humor dela mudava com tamanha intensidade, de uma hora para a outra, diante de um mínimo sinal de perigo? Por que você acha que ela não gostava que você fizesse novas amizades?

— Por quê? — indaguei perplexa, quase afônica. Como ele podia saber detalhes tão íntimos de nossas vidas?

— Porque ela simplesmente sabia de tudo e queria proteger você. Desde o momento em que você foi concebida, a vida daquela mulher acabou. Ela vivia só para manter você viva. Abdicou da sua própria existência com o objetivo impossível de livrar você de nós.

— Como ela sabia? Eu não entendo...

Ele caminhava devagar, olhando ao longe um pequeno grupo de homens que acabava de sair da simpática casinha. Mais de perto pude ver que se tratava de um humilde restaurante no meio do nada. Richard dirigiu-se então para algumas rochas que ficavam ao lado de um antigo caramanchão. Limpou-as com as mãos, fez sinal para que eu me sentasse ali e depois se acomodou mais acima, bem próximo de mim.

— Seu pai era um de nós — seus olhos se estreitaram, sua testa franziu. Ele parecia sentir algum tipo de sofrimento.

— Leila me explicou mas... eu não entendo. Não pode ser! — objetei com os dentes trincados.

— Eles violentaram as regras do universo.

— ãh?! O que quer dizer?

Ele ficou mudo.

— Eles se apaixonaram? É isto?

Ele assentiu com a cabeça.

— Como aconteceu?

— Nunca entendi. Eu não sabia que era possível — murmurou, deixando as mãos encobrirem o rosto.

Eu estava perplexa com a cena. Ele respirou profundamente e continuou:

— Nós não desenvolvemos muitos sentimentos. Não temos essa aptidão.

— Você quer dizer que... a *Morte* um dia se apaixonou? Isto é ridículo! — exclamei engasgada.

— Achávamos que era lenda. A profecia era milenar...

— Profecia? — Meus neurônios ferviam.

— Sim. Mas esta é outra longa história... Não temos tempo — adiantou-se e continuou: — Eu não sei de detalhes. Só sei que em uma missão seu pai conheceu sua mãe.

— Ela também era receptiva?

— Como você.

— O que você quer dizer com “eles violentaram as regras”? — retornei ao ponto que me incomodava.

— Sua mãe deveria ter morrido há mais de dezessete anos, Nina. Ela era a missão dele! Mas seu pai não conseguiu porque se apaixonou por ela, e ela por ele. O amor deles era tão grande, que, mesmo sabendo dos riscos, preferiram continuar juntos. Foi a primeira vez em toda a existência que um de nós conseguiu conceber um filho com um dos seus. Você!

Agora meus lábios tremiam involuntariamente. Como eles poderiam ter inventado uma história tão bem bolada como aquela? Onde obtiveram todas aquelas informações sobre mim e Stela?

— E o que houve depois que fui concebida? — retruquei desconfiadíssima.

— Sua mãe fugiu.

— E meu pai?

Ele deu de ombros.

— Pouco se sabe dele depois deste episódio.

— E por que minha mãe fugiu se o amava? Nada disto faz sentido! — protestava, mas meu peito começava a pressentir o pior. Estava agitado demais.

— Para proteger você, eu acho.

— Mas, me proteger dele? Se ele nos matasse, não acabaríamos juntos? Não iríamos para o mundo dele? Quero dizer, o seu mundo? O mundo dos espíritos?

— Eu não disse que meu mundo é dos espíritos! — ele bradou nervoso. — Nós estamos apenas em outra dimensão! A única diferença é que, diferentemente de vocês, temos conhecimento do seu mundo! Então, quando uma pessoa morre, ela vai para as

outras dimensões que mencionei, o *Plano* ou o *Vértice*, e não para a minha. Fui claro?

— Então por que está me levando para a sua dimensão? — indaguei com fúria.

— Isto não lhe interessa! — ele rebateu na mesma moeda.

Aguardei algum tempo, enchi meus pulmões de ar e tomei coragem para continuar a sabatina:

— Então eles não queriam se separar?

— Exatamente — ele suspirou. — Se ele cumprisse a sua missão — matá-la —, teria que abrir mão dela. E ele estava apaixonado demais para fazer isto. Se saísse de perto dela, outro resgatador acabaria sendo enviado para concluir a missão em atraso.

— Atraso?

— Sim. Nós temos um determinado tempo para cumpri-las, em geral.

— As pessoas não têm o dia de sua morte já definido quando nascem?

— Só algumas. Excluindo a morte indireta, que, para nós, zirquinianos, é irrelevante e sem qualquer prestígio, a grande maioria das pessoas têm o livre-arbítrio, que pode lhes dar ou tirar alguns anos de vida.

— Então não existe o que chamamos de sorte?

— Como assim? Ganhar na loteria? — ele perguntou confuso.

— Um avião cair e de cem passageiros só sobraem dois, por exemplo?

— Esta sorte não. Definitivamente, estava muito longe da *hora* deles. Como eu disse, alguns podem ir um pouco antes, outros, um pouco depois, depende das circunstâncias...

— Então meu pai adiou um pouco a morte de minha mãe?

— Exato. E como ele não podia ficar com ela em tempo integral, porque tinha outras missões a executar, ele a ensinou alguns truques para manter outros de nós afastados dela enquanto trabalhava.

— Trabalhava? Rá! — dei uma gargalhada sarcástica.

— Sim, Nina. Este é nosso trabalho. Manter o equilíbrio do planeta. As pessoas têm que morrer porque outras têm que nascer. É assim que tem que ser.

— E que truques eram estes?

— Está vendo este cordão em seu pescoço?

— O que tem de mais? — tremi.

— Foi ou não pedido de sua mãe para que nunca o retirasse?

Apenas acenei com a cabeça. As evidências eram irrefutáveis. Ele se empertigou.

— Este tipo de pedra é muito rara. Leila me contou que é um rubi-escalarte artificialmente modificado. É uma pedra prensada com uma espécie rara de limão, oriunda apenas das florestas tropicais da Nova Guiné, associada a um tipo exótico de citronela que só dá em grandes altitudes. Tem ação repelente, potencializada pelo seu elevado índice de radioatividade natural.

— E como funciona?

— Nossa perseguição também é feita através da captura de cheiros, essências. Como esta pedra tem caráter repelente, ela elimina tais sinais se estiver presa ao corpo da pessoa.

— Uma simples pedra pode enganar a morte? — ri, já gozando da situação.

— Por algum tempo.

— Dezesete anos?

— Não.

— Então como você explica esta demora toda?

— Não sei. Não tenho acesso a este tipo de informação. Além do mais, existe muito mistério a respeito da morte de seu pai, da sua concepção, do desaparecimento de vocês duas etc. Tudo que sei é que sua mãe era uma mulher muito inteligente e que, quando soube que estava grávida, fugiu. Não deixou qualquer recado para seu pai. Simplesmente sumiu. Seu pai se sentiu traído e a perseguiu a vida toda. Ela sabia fugir dele como ninguém, pois ele mesmo a havia ensinado os truques. Quando finalmente a encontrou, seu coração se partiu em pedaços. Ela estava com um lindo bebê no colo e o bebê era sua filha, indiscutivelmente.

— Indiscutivelmente? — pressentia uma estrondosa enxaqueca a caminho.

— Sim. Você herdou os olhos de seu pai. — Visivelmente abatido, ele abaixou os olhos para o solo úmido. — Estas pupilas verticais pertencem à minha espécie.

Sem que eu esperasse, Richard deixou suas explicações verbais e tornou fisicamente visível aquilo que eu me recusava a acreditar. Ele se levantou, caminhou um pouco mais à frente e ficou de costas

para mim. De repente se virou, fazendo meu queixo despencar em queda livre de susto.

— O quê?! Oh! — exclamei transtornada. Suas preciosas pedras azuis haviam sido ofuscadas. Os holofotes estavam agora em suas pupilas, que me fuzilavam: verticais e lagárticas como as minhas! Meu peito queimava num misto de horror e satisfação, meu cérebro alertava-me de que eu não era mais uma aberração.

— Acredita agora? Acredita que herdou esta característica do meu mundo? — sua voz estava diferente, embargada talvez.

A sensação era de que a enxaqueca explodira algum vaso por detrás de minha córnea esquerda.

— Então era por isto... — Se morresse agora, morreria feliz. Eu tive um pai e fui concebida com amor. — Mas, seus olhos... Eu vi... Você também usa lentes? — perguntei desnorteada.

— Não. Quando chegamos à maturidade, somos capazes de ter controle sobre as nossas pupilas, contraindo-as ou dilatando-as quando desejamos, a não ser quando...

— Quando?

— Quando estamos sob forte tensão, estresse. Diante de um perigo, ela se fecha instintivamente.

— Então daqui a algum tempo as minhas pupilas irão abrir?

— Sim.

— Quando?

— Quando chegar a hora certa.

Era isto! “*Quando chegar a hora.*” A frase predileta de Stela, e que me deixava furiosa. Eu precisava saber mais.

— Então eu sou uma de vocês?

— Não. Você é muito mais. Você é uma *híbrida*! — contestou inflamado.

Toda a minha salivagem secara, engoli de forma árida. Novamente um ser diferente.

— O que meu pai fez depois de ter me descoberto?

— Ninguém sabe. Desapareceu. E outros de nós assumiram a sua missão.

— Ele não voltou para a sua dimensão?

— Se voltou, eu não sei. Ninguém sabe, eu acho... — respondeu pensativo.

Um estalo brotou em meus pensamentos acelerados:

— Tinha algum motivo para minha mãe ficar tão perturbada quando meu aniversário se aproximava?

— Sim. E era forte. — Ele quebrou o graveto com violência, seus olhos devidamente restituídos. — Só temos acesso ao meu mundo, através de um portal de entrada. Antes da sua data de maturidade, você só teria acesso a Zyrk na sua data de aniversário. Os portais só permitiriam a sua passagem nesta data específica. O que provavelmente deveria deixar sua mãe ensandecida.

— Está explicado... — soltei num infeliz murmúrio.

— Isto, devo ressaltar, porque você é uma híbrida. Aos humanos, qualquer tipo de passagem é vetada.

— Só me deixariam entrar na sua dimensão no dia do meu aniversário?

Ele assentiu a cabeça positivamente.

— E existem vários portais?

— Poucos. E eu acredito que nem você saiba qual é a sua real data de nascimento. Sua mãe deve ter registrado você em dia diferente, próximo, mas diferente do verdadeiro.

— Você disse que meus olhos permitiriam que os mundos se comunicassem. Esta comunicação... Isto não é bom? — mudei o ângulo da conversa.

— Nosso conselho dos magos e grandes líderes não chegou a uma conclusão definitiva — suspirou desanimado. — Os magos preferiram manter-se neutros e três dos quatro líderes decidiram que você deveria ser eliminada, para que se preservasse a harmonia entre os mundos. Que nada deveria ser alterado, sob o risco de perder o tão importante equilíbrio da vida. Um único clã acredita que você deve ser capturada para estudos porque seus olhos podem ser a explicação de muitas dúvidas que pairam em nosso mundo.

— Mas você não faz parte deste clã...

— Não. — Sua resposta seca me fez gelar.

— Então por que me salvou?

Apesar de não me responder, sua atitude a seguir me agradou. Ele se enrijeceu e, sem graça, não conseguiu disfarçar os olhos azuis chamuscando em faíscas.

— Venha! Vamos comer — soltou com dificuldade. — Ainda temos muito chão pela frente.

Era verdade.

Capítulo 18

Como ele havia alertado, a segunda metade do nosso trajeto foi muito cansativa. Quando dei por mim, e eu estava deitada dentro de um saco de dormir.

— Onde estamos?

— Longe.

— Onde? — insisti.

— Na entrada do grande deserto oriental. Na Argélia, próximo à fronteira da Tunísia.

— ãh? — dei um pulo. Para minha surpresa, nós já havíamos atravessado o Mediterrâneo. — Mas, por quê?

— Porque é uma excelente rota de fuga. Beba! — E me apontou um copo cheio de água.

— Eu desmaiei?

— Mais ou menos. Você estava muito cansada, então resolvi dar uma ajudinha... — comentou, lançando-me um discreto sorriso.

— Ajudinha?

E, pondo-se de pé, ordenou:

— Venha comer. — E se afastou.

Foi então que eu me deparei com o estonteante cenário. Estávamos a sós, cercados por um oceano de areia. A escuridão envergonhou-se diante da claridade de uma lua cheia e imponente. Uma toalha estendida sobre a areia acomodava uma série de iguarias: diversos tipos de frutas, queijos, pães, entre muitas outras coisas que perderam sua importância quando meus olhos detectaram aquela escultura singular. Ele se virou e seus olhos azuis-turquesa me queimaram por dentro.

— Este é um deserto milenar, um lugar mágico — suspirou e me apontou a toalha, desviando seus olhos dos meus. — Ainda não sei do que você gosta. Comprei um pouco de tudo que achei apetitoso. Espero que goste.

Ele estava aberto, sem a sua usual armadura.

— Está ótimo. Obrigada. — Sentei-me na areia assim como ele. — Estou faminta! — comentei e mordi uma nectarina.

— Está se sentindo bem? — E continuou olhando para o nada, enquanto eu o observava com avidez.

— Estou bem. Só um pouco tonta. Mas acho que isto já faz parte da minha vida ultimamente — zombei.

Estava escuro mas, pelo movimento de elevação da sua bochecha, acho que ele sorriu para o horizonte. Eu gostaria de ter visto. Algo dentro de mim dizia que estávamos indo bem. Aproveitei o momento:

— Quando inventei que precisava ir a algum banheiro decente lá em Túnis, que ideia lhe dei com aquela mentira?

— Deixar você sob os cuidados de Kaller, sem que os outros soubessem — soltou com ar triunfante. — Dos quatro clãs apenas um não quer morta, Storm. Eu não tinha conhecimento disto até o

incidente do teatro. Com certeza, se eu não te salvasse naquela noite, outro te salvaria. Um rapaz que você também conhece.

— Outro rapaz?! Quem?

— John Bentley.

— O ruivo? — perguntei completamente perdida.

— Ele mesmo. John é o principal resgatador de Storm e é um sujeito discreto. Acredito que ele estava apenas aguardando o momento exato para intervir. — Ele escolhia as palavras que ia utilizar. — A missão dele não era matar você, como a nossa. Kaller, o líder dele, quer você viva para estudos. Comenta-se que ele acredita que você é a chave para a solução de muitas coisas em meu mundo. Que o fato de você existir pode ser positivo, e não negativo como os outros três clãs imaginam. Segundo estes últimos, seria melhor aniquilar algo que nunca deveria ter existido.

— Eles estão certos — murmurei e ele se adiantou:

— Aquela sua história de ir a um banheiro melhor e etc. era perfeita!

— Perfeita?

— Sim. Você queria fugir e eu a deixaria fugir, sem que você mesma ou que alguém percebesse. Por fim, sem que ninguém soubesse da minha intromissão, eu a resgataria e a levaria para John. Desta forma, você não ficaria sujeita a uma morte infeliz e eu não seria punido por não ter cumprido minha missão.

Não era a resposta que eu gostaria de ter ouvido.

— Então você vem me salvando só para me poupar de uma morte dolorosa? Só por pena?

— Talvez você não morra. — Esquivou-se, tornando a olhar para o horizonte. — Kaller a quer viva.

— E aquela briga entre você e Collin? Igor disse que foi tudo armação dos dois para cima de mim. Quem me garante que o que você está me dizendo agora é verdade? — alfinetei-o sem piedade, instigada pelo meu orgulho ferido.

— Canalha! — E passou as mãos pelo rosto. — Realmente foi tudo uma grande armação! — tornou a puxar o ar com força. — Collin falsificou a carta de Shakur na qual supostamente este lhe passava o domínio da minha missão. E aquela história do sumiço da Leila também era pura mentira! Ele fez tudo aquilo para me afastar de você, porque sabia que eu não permitiria que nenhum deles... não permitiria que lhe causassem nenhum mal.

Em quem acreditar?

Ele percebeu meu estado de confusão e rapidamente tratou de melhorar o ânimo da nossa conversa:

— Então, voltando ao nosso outro assunto, você não imagina a cena de espanto que tive de fazer diante de um Collin apavorado com a consequência de sua própria incompetência. — E me deu um olhar maroto. — Como ele explicaria a Shakur que havia deixado uma simples garota humana lhe passar a perna? — suas feições tornaram a ficar leves, ele piscou e me deu um resplandecente sorriso. — Erroneamente acreditei que em Túnis seria fácil encontrar você. Acho que senti sua presença perto de uma cafeteria lá no centro.

— O cybercafé! Eu estive lá.

— Depois eu soube. Mas, como de costume, você complicou muito as coisas para o meu lado. Você tinha que correr imediatamente para os braços daquela víbora?

Em outro contexto seria até engraçado ouvir um assassino falar de outro assassino, uma morte excomungar outra morte.

— Mas eu não sabia que Kevin era...

— A mais terrível das suas possíveis mortes?! — repreendeu-me intolerante.

— Sim. — E abaixei a cabeça, constrangida por minha estupidez.

Suas mudanças de temperamento eram constantes, agora ele estava visivelmente irritado, encarando-me com furor.

— Não deu para perceber seu sorriso cínico e congelado durante todos aqueles dias lá no colégio? Você é tão ingênua assim? Não foi o que me pareceu lá no atelier!

— Você ouviu?

— Sim, eu ouvi a parte final da sua encenação! E posso dizer que foi bem convincente! — Richard grunhia agora.

— Foi a única saída que consegui contemplar — disse satisfeita com aquela reação tempestuosa dele.

Ele controlava a respiração com dificuldade:

— Eu sei. Eu estava ficando transtornado com a ideia daquele sujeito te agarrando... E então compreendi seu ridículo plano quando o infeliz uivou. Levei um bom tempo até conseguir quebrar a fechadura da segunda porta! — arfou. — Aquele Alec estava tão possuído que nem me ouviu arrombar a porta e partir para cima dele.

— Você o matou?

— Claro. É o que faço de melhor, lembra?

— E agora?

— Bom, Collin colocou todos nós no seu encalço. Eu lhe sugeri que nos separasse para que pudéssemos cobrir uma área maior, antes que os resgatadores dos outros clãs pusessem as mãos em você. Sem a sombra de nenhum dos rapazes do grupo, eu poderia achar você com mais facilidade e dar continuidade ao esquema que havia bolado.

— Por que você fez isto tudo? Por que me salvou tantas vezes, se seu objetivo era exatamente o oposto? — eu insisti na pergunta mais elementar de toda aquela conversa.

Ele tornou a me fuzilar, um mar revolto dentro de seus olhos rutilantes.

— Eu já lhe disse!

— Porque ainda não chegou a *minha hora*? Quer mesmo que eu acredite nisto? — imprensei-o contra a parede e desta vez sua resposta foi bem diferente, apesar de não ser a que eu desejaria ter ouvido.

— Não achei correta a forma como queriam te matar — disse em baixo tom. — Se fosse apenas para eliminá-la, tudo bem. Mas eu percebi muita maldade exalando no ar por conta de uma curiosidade animal. — E desconversou com urgência. — Está na hora de descansar. Vamos!

Permaneci imóvel, uma lágrima jogava-se desamparada por minha face. Por um instante, um breve instante, poderia jurar ter visto a expressão de seu rosto vacilar, mas, no segundo seguinte, ele já estava de pé e concluía seu massacre sobre mim.

— Será que ainda não compreendeu? Eu sou um zirquiniano! Não sou capaz de ter sentimentos humanos! Eu não sinto nem poderei sentir nada de bom por você nem por ninguém. Entenda de

uma vez por todas que eu fui criado para tirar vidas e não me apegar a elas, fui claro?

— Muito — respondi em baixo tom e fui para o meu saco de dormir.

Era madrugada quando acordei com Richard ditando novos comandos. Ele havia queimado todos os nossos vestígios.

— Rápido! Temos que partir agora!

— O que houve? Por que tudo isto? — perguntei de pé devido ao susto.

— Sem rastros, lembra-se? — subiu como um raio em sua robusta moto e me puxou para junto dele.

O frio começava a se dissipar, dando lugar a um agradável calor, que logo se intensificaria. Richard acelerava feito um louco por algo que parecia ser vestígio de uma antiga estrada. O deserto impiedoso cobrara seu preço sobre ela. O calor aumentava de forma exponencial, quase insuportável, quando chegamos a uma espécie de vilarejo no meio do nada.

Entramos em um curioso restaurante. A única e estratégica parada dos corajosos transeuntes daquela região. Apesar de simples, o local era devidamente preparado. Quatro grandes pias de porcelana encardidas denunciavam sua idade. Ficavam dispostas bem na entrada, junto ao que rudemente poderia ser chamado de hall. Toalhas não tão limpas dispunham-se penduradas ao lado de cada uma delas. Qual não foi a minha surpresa quando nos dirigimos para o salão principal! A arquitetura exterior não fazia jus à sua beleza interior. A inexpressiva fachada nos levava a crer que se tratava de um ambiente muito humilde. Para meu espanto, possuía um salão enorme, coberto apenas nas laterais. O centro

que ficava exposto e deveria ser castigado pelo sol era, no entanto, a mais interessante das paisagens. Exalava um frescor agradabilíssimo. Ocupado por um diminuto e cristalino lago e inúmeras palmeiras, era um verdadeiro oásis, a nos oferecer conforto e frescor. Algumas mesas de madeira foram colocadas entre as palmeiras e as demais formavam um grande círculo na área coberta. Escolhi ficar ali, entre as palmeiras.

— Como você descobriu este lugar? — exclamei exultante.

— Minha vida me fez conhecer os mais terríveis, mas também os mais incríveis lugares. Este é só mais um deles.

Ele me pediu licença e retirou a jaqueta. Suado, deixou à mostra seu musculoso e magnífico tórax grudado à sua camiseta branca. Não consegui conter minha expressão de puro deleite com aquela cena. Se estivesse em condições de reparar em mais alguma coisa, teria percebido que ele estava gostando da minha reação. Tive que fazer força para me concentrar na comida, mas, a cada descuido, eu me pegava admirando a perfeição de seu rosto, seu corpo, seus traços, seu contorno. Tudo nele era lindo, exuberante. Definitivamente, eu estava flertando com a morte.

— Afinal de contas, que sentimentos vocês são capazes de ter?

— Os usuais. — Ele remexia as mãos e observava de esguelha dois caminhoneiros que palitavam os dentes enquanto aguardavam a chegada da conta.

— E quais seriam? — insisti.

Ele ficou sem graça. Roçou a garganta e continuou:

— Ora, os sentimentos do meu povo são... são...

— Fale.

— Nós não sentimos nada. — soltou abatido. — Nada que valha a pena! Só o essencial para a nossa sobrevivência.

— Tais como?

— Basicamente: fome, sede, sono e dor. E sentimentos para autoproteção.

— Autoproteção?

— Sim. Quero dizer... bem... para nos defendermos de situações difíceis.

— E nas situações agradáveis? — provoquei. Ele olhou bem dentro dos meus olhos, mas permaneceu calado.

— Tudo bem! — emendei. — É verdade que vocês só possuem a dor física, nunca a dor emocional, como Ben comentou?

— Sim.

— Mas meu pai sentiu! — retruquei de imediato, sem pensar nas consequências daquela investida.

— Quem te disse isto? Foi Leila? Eu sou a morte! Não fui claro o bastante?! — bradou impaciente.

— Mas meu pai se apaixonou por minha mãe! E ele era a morte dela, assim como você é a minha! — rebati, tentando fazê-lo enxergar o que eu queria acreditar que fosse verdade. E emendei, vendo uma pitada de dúvida surgir em sua face perfeita: — Graças a este amor, eu nasci! Eu sou a prova de que é possível!

Hesitante, ele não me respondeu. Encarou-me com suas penetrantes safiras azuis-turquesas e então abaixou a cabeça. Apertava os próprios punhos com violência. Aproveitei-me daquele seu momento de dúvida e tomei uma atitude que jamais poderia

imaginar que teria coragem: eu, deliberadamente, me inclinei em sua direção. Ele levantou a cabeça, e nossos rostos ficaram a poucos centímetros, nossos olhos praticamente dentro uns dos outros. Suas pupilas começaram a vacilar, e, inconsequente, aproximei-me ainda mais.

— Isto é impossível! — ele trovejou mais alto do que nunca, jogando-se para trás.

— Mas Leila disse que... — dentro de um misto de atordoamento e decepção, eu também recuei.

— Não! — rugiu. Seu semblante visivelmente alterado. — Tudo não passa de uma lenda ridícula, garota! Quer saber? Estou cansado desta loucura! — E levantou-se num rompante.

— As pessoas do *seu mundo* são sempre grossas e inconstantes como você? — retruquei no mesmo tom.

— Vou fazer uns acertos na moto. Acabe de comer e me encontre lá fora! — esbravejou e saiu trotando, deixando o dinheiro das despesas sobre a mesa.

Contrariamente ao que ele estava esperando, não demorei nem dois minutos para ir ao seu encontro. Queria tirar a limpo aquela história sobre os meus pais, mas fui surpreendida por uma conversa que arrancou o chão sob meus pés com absurda violência. Sem que ele me visse, pude escutá-lo com perfeição por detrás da porta lateral do hall de entrada. Ele estava na varanda e falava ao celular.

— Eu sei. Eu já a encontrei, Collin.

Collin?!! Novo choque.

— Sim, é claro que ela caiu na minha conversa. — Sua voz ainda mais seca do que de costume. — Não. Ela nem imagina.

Imagina o quê? Cretino de uma figa! Meu estômago se contorceu diante da certeza escancarada: o mentiroso fazia jogo duplo! Era tão ou mais maquiavélico que Kevin.

— Já vou entregá-la.

Ah, mas não vai mesmo! Fui despertada por uma série de soluços desencontrados de um sofrido carburador. Ele pertencia a uma caminhonete para lá de idosa. Seu condutor buzina impaciente para o colega que usava o sanitário externo do restaurante. Uma pá reluziu na carroceria aberta. Nem precisei pensar: *um sinal!* Sem que ninguém percebesse, saí por uma portinhola lateral, corri abaixada e me joguei na parte traseira da caminhonete. Poucos minutos depois, estávamos de saída. Destino incerto, mas, com certeza, melhor que o que me aguardava ao lado daquele psicopata mentiroso de outro mundo. Rezava para que estivesse bem longe dali quando o filho da mãe desse por minha falta. Percebi que rezar seria insuficiente, precisaria de um milagre. Somando-se ao fato de que a estrada encontrava-se num estado lastimável, o pequeno caminhão estava caindo aos pedaços. Para piorar, eu era castigada sem piedade por um sol escaldante.

Depois de um longo tempo sacolejando naquela caçamba, comecei a ouvir vozes irritadas vindas da boleia do caminhão. Antes mesmo que eu tentasse compreendê-las, fui lançada longe e quase caí da carroceria. Dois estrondos: o pequeno caminhão havia tropeçado em uma cratera, e eu, tentando me agarrar em qualquer coisa, havia esbarrado na pá que caíra na estrada soltando um ruído para lá de alto. Paramos. Um barulho de porta abrindo e fechando. De repente o som de uma voz berrando frases indecifráveis de uma língua local. E a voz começou a ficar cada vez mais clara e alta. Um dos homens se aproximava com a intenção de buscar a pá caída. Foi tudo tão rápido que não tive como reagir. Quando o sujeito se virou para recolocar o objeto na carroceria, levou um baita susto com a minha presença e desatou a berrar. Fiquei sem reação. O colega veio com rapidez em seu auxílio e, sem

que me deixassem falar uma palavra sequer, puxaram-me pelos cabelos e me jogaram na estrada. Caída, implorei em todas as línguas que conhecia, na esperança que uma delas lhes fosse compreensível, mas nada. Nem francês. Árabe, só falavam e compreendiam árabe. A velocidade com que se desfizeram de mim foi impressionante.

Abandonada, naquele momento me deparei com o *nada* no sentido mais amplo da palavra. Não havia nada. Nem ao meu redor, nem na minha vida. Presenteada com um passado de mentiras e um presente de amarguras. Furtada de um futuro com esperança. Se morresse ali, ninguém daria por minha falta. Uma perfeita indigente. Dando de ombros com a desgraça em que me encontrava, tomei a decisão de avançar a pé pela inóspita estrada esburacada. A partir daquele momento, era só o deserto em toda a sua imponência e ainda assim decidi desafiá-lo. Nem um único veículo passara por mim desde que saíra daquele restaurante. Media o avançar do tempo a partir dos danos físicos. Bolhas e mais bolhas surgiam sob o tênis, fazendo meus pés arderem à medida que estouravam, enquanto o boné que Richard havia me dado pouco conseguia filtrar a violência dos raios solares sobre minha face. Minha pele estava severamente queimada, eu estava mais do que quente, estava febril. O sol finalmente começou a ceder e um familiar vento morno assumiu o seu lugar, sendo rapidamente sucedido pela linda lua cheia de outrora. Neguei-me a encará-la. Ela me fazia recordar *dele*. Meu corpo tremia compulsivamente, só não sabia se era devido ao impiedoso frio ou se era a febre me consumindo. Por fim, minhas pernas cambalearam e caí. Havia chegado ao máximo do meu martírio. Um ser excluído, destinado a vagar entre as dimensões. Caída, eu delirava. Eu estava em um campo verde, bem cuidado e repleto de flores de diversos tipos e cores. O aroma de lavanda no ar, meu preferido. Árvores frondosas abrigavam-me amigavelmente nas sombras de suas copas, e eu descansava tranquila e feliz, em profunda harmonia com a atmosfera ao redor. Leila estava sentada ao meu lado e sorria carinhosamente para mim. Acariciava meus volumosos cabelos

castanhos claros, que ao sol mostravam algumas mechas douradas. Depois olhou para mim, ela estava diferente agora, tinha os olhos com o mesmo defeito que os meus. Seu sorriso de repente desapareceu e seu semblante era de medo: "*Corra, Nina! Você precisa decifrar o caminho. Acredite na lenda, na sua lenda pessoal! A existência dos nossos mundos depende de você. Corra, filha!*" Eu queria perguntar de que caminho estava falando, mas ela desapareceu, como uma névoa que se dissipa.

E por que eu tinha que correr? Ao longe, uma figura singular fez meu peito se encher de felicidade: era *e/e*, lindo e me fuzilando com seu olhar penetrante. Estava vindo em minha direção, e eu não tinha medo. Ele estava diferente, usava uma capa preta e carregava algo em suas mãos que eu não conseguia identificar. Como num passe de mágica, ele já estava perto de mim. Eu lhe estendi meus braços, deixando em evidência o arfar de meu peito e ele sorriu um sorriso estranho. Não era o seu inebriante sorriso, mas sim um sorriso forçado, amarelo e familiar. Num movimento brusco, vi suas mãos levantarem algo grande e assustador: uma foice cuja lâmina reluzia de tão afiada. Gritei apavorada o seu nome, mas a figura que estava na minha frente já havia se transformado em um monstro. Ele havia se transformado naquilo que realmente era: a Morte.

— Não! — berrei.

— Tesouro, acorde! Você está delirando! Está me ouvindo? — era a voz *dele* e havia aflição nela. Lembro-me de ter recobrado a consciência e, sem pestanejar, me jogado para trás, arrastando meu corpo febril pela areia ao tentar me desvencilhar daquele cretino.

— Seu mentiroso de uma figa! — Com o resto de minhas forças, consegui me levantar. Ele tornou a me segurar.

— O que está acontecendo? Você é louca? — rugiu.

— Solte-me! Quem é você para falar de loucura? — trovejei. — Você sabe muito bem o que está acontecendo, seu canalha! Gostou do joguinho? A idiota aqui caiu direitinho, não foi?

— Joguinho?! Que joguinho? Você está delirando por causa da febre! — continuou rugindo.

— Eu ouvi sua conversa com Collin, seu mentiroso! — protestei, e, assim que senti suas mãos se afrouxando, tomei uma atitude inesperada para mim mesma: arranquei uma espécie de punhal que ele levava consigo. Sua cor transitou do vermelho púrpura para o branco pálido.

— Você entendeu tudo errado! — soltou tenso.

— Ah, é?

— Nina, eu tive que enganar Collin! Senão não teríamos nenhuma chance!

— Que ótimo! Pois agora quem não quer chance alguma sou eu! — gritava ao mesmo tempo em que apontava o punhal para o meu próprio peito.

— Nina, pare com esta brincadeira ridícula! Solte isto! — ordenou nervoso, mas ao tentar se aproximar, toquei-me com a ponta afiada daquela lâmina. Foi o suficiente para brotar um fio fino de sangue em minha blusa. Ele recuou e, por um instante, pude admirá-lo mais uma vez. Estava completamente encharcado de suor, com o rosto e os braços cobertos de areia. Para se proteger do sol, ele havia enrolado a camiseta branca ao redor de sua cabeça, deixando todos os esculpídos músculos e as inúmeras cicatrizes de seu peitoral à mostra. *Como, mesmo naquelas condições, ele podia ser tão lindo?* Num esforço colossal, consegui me livrar do seu magnetismo.

— Diga-me: o que mais eu tenho a perder? Por acaso me sobrou algo por que lutar?

— Nina, eu... — Seu semblante transtornado era a certeza de que ele percebera a gravidade do momento e meu estado de perturbação. Como mágica, suas pupilas assumiram a forma vertical, fazendo-me vacilar ao admirar outro ser semelhante ao que eu sempre fui: uma aberração. Ele se aproveitou do momento e se jogou sobre mim. Desequilibrei e caímos os dois, rolando pela areia ainda morna. O peso de seu corpo sobre o meu, uma de suas mãos imobilizando o braço com que eu segurava o punhal, sua boca a milímetros da minha...

— Me larga, seu cretino! Eu odeio você! — cuspi em seu rosto e comecei a socá-lo com o outro braço, mas ele me segurava com força.

— Você é impossível! — vociferou.

— Então por que voltou? — berrava, tentando me desvencilhar de suas enormes mãos enquanto era atingida por uma onda de eletricidade que subia e descia por minha coluna ininterruptamente: novo calafrio a caminho.

— Porque...

— Por que não me mata logo? — rosnei.

— Porque... DROGA! — trovejou com violência, fuzilando-me sem compaixão com suas penetrantes safiras. — Não consegue enxergar o que fez comigo? Você será a minha desgraça, garota! — rugiu, e, antes que eu pudesse rebatê-lo, jogou a faca longe, me apertou contra seu corpo suado, segurou meu rosto com uma força descomunal e me deu um beijo avassalador. Sua boca na minha, sôfrega, desesperada, selvagem. As fagulhas entraram em combustão. Fogo. O meu corpo ferveu. Minhas terminações nervosas explodiram de prazer. Foi maravilhoso enquanto durou,

mas durou pouco. Eu desmaiei. Na primeira vez que acordei, senti suas mãos acariciarem meus cabelos e, com cuidado, me levantar com extrema facilidade e colocar em seu colo, enquanto um vento agradável amansava a dor da minha pele em brasas. Então ele seguiu lentamente, o motor da moto agora baixo, cadenciado.

Voltei a apagar.

Capítulo 19

Primeiro chegou a audição. Barulho de água caindo no metal e uma respiração ofegante. Depois, aos poucos, vieram as imagens, nubladas. Por fim, as sensações se fizeram presentes por meio de uma substância gelada sendo esfregada em meu rosto e arrepios. Muitos deles.

— O quê?! Ai!

— Pssiu! Fique quietinha — era *ele* e sua voz estava suave como nunca. — Já estou acabando. As compressas geladas ajudaram bastante.

As imagens ainda estavam borradas, mas pouco me importava naquele momento. Por mais que eu lutasse contra a decepção que enchera de bÍlis o meu fÍgado, eu estava em êxtase ao vê-lo cuidar tão carinhosamente de mim.

— Por que não me deixou morrer? — alfinetei amarga.

— Na primeira vez que poderia ter te matado, sem querer me encostei em seu corpo e algo se mexeu dentro de mim.

Incapaz de ver sua expressão facial com precisão, podia jurar que sua voz saiu fraca, quase trêmula. Aquilo era algum tipo de confissão? Ele finalmente ia se declarar?

— Onde foi? — Não deixei minhas expectativas ganharem força.

— Num restaurante de Amsterdã, um pouco antes de você ir caminhando com sua mãe para uma praça. Naquele momento me senti fraco, impotente.

— A Praça Dam?

Ele confirmou dando um estalo com a língua.

— Fiquei em choque comigo mesmo por ter permitido que aquilo acontecesse... Ter deixado você sobreviver — justificou-se. — Foi a primeira vez que falhei — murmurou. — Convencia-me a cada instante de que aquela falha havia sido casual, que tinha sido vítima de algum poder desconhecido de um híbrido e que não ocorreria novamente. — Percebi um crisar de irritação em sua testa. — Mas não foi o que aconteceu! E falhei nas outras situações porque bem na *hora H*, não tive forças para eliminar você.

— Outras situações?!

Ele confirmou com a cabeça.

— Quais?

— Na própria Praça Dam, dentro do avião e com o andaime — o volume de sua voz quase zerado.

— Foi você então?

Ele confirmou com outro balançar de cabeça.

— E nos outros episódios, não consegui permitir que Kevin te matasse.

— Outros? Na grande avenida e...

— Na loja de departamentos e no acidente de carro. Na grande avenida não — ele me corrigiu.

— Quem me salvou lá então?

— Foi o próprio Kevin.

— O quê?! — perguntei incrédula.

— Eu sabia que Kevin trapaceava. Em vez de procurar você por conta própria, ele preferia me seguir e ver o que eu havia descoberto. Até que eu descobri você, e ele também. O lado bom disso tudo é que eu o deixei em dúvida. Ele deve ter achado que eu havia me enganado e desistido de lhe matar porque descobri a tempo que você não era a nossa complexa missão.

— Que eu não era a híbrida que estavam procurando?

— Sim. — E passou as pontas dos dedos na palma de minha mão esquerda. Tremi. Não podemos cometer erros... — murmurou.

— Eu sei. — E fechei a mão para senti-lo melhor. Eu tentava ver a expressão em seu rosto, mas me sentia diante de uma televisão sem antena. A imagem era lotada de chamuscados.

— Kevin deve ter ficado muito confuso ao me presenciar desencadeando a sua morte e logo em seguida salvando você daquele andaime em queda. Acredito que ele me testou com o episódio da grande avenida. Ali eu quase perdi você — sua voz estava rouca. — Como eu já disse, de início ele deve ter achado que eu cometi algum engano, mas, malicioso como ninguém, resolveu me colocar à prova na grande avenida. Eu não podia imaginar que ele se arriscaria tanto...

— Se arriscaria?

— Sim. Naquele momento, ele não estava invisível para os seus. — E me surpreendeu com novas revelações: — Nós agimos melhor quando estamos invisíveis, mas, por outro lado, temos maior força sensorial quando estamos visíveis — e continuou: —

Então, ficando visível, Kevin ameaçou eliminar você através de uma morte direta, mas você foi mais forte do que imaginei — comentou, colocando uma nova compressa gelada em minha testa.

— Eu?!

— Sim. Mesmo usando todas as suas forças mentais, ele não conseguia penetrar na sua psique. Nina, você não é sugestionável.

— Mas eu fico tonta, sofro calafrios.

— É quando sua mente está se defendendo de alguma intervenção nossa, boa ou má. Daí, ele teve que usar a força física. Como eu estava do outro lado da avenida, não conseguiria atravessá-la a tempo — soltou. — De início, achei que Kevin ia quebrar os protocolos e mataria você ali mesmo, antes do seu dia de passagem. Mas então compreendi que ele é um covarde de índole tão ruim, que acabou sendo atingido pelo próprio veneno. Vendo que eu não aparecia para socorrê-la, acabou sendo paralisado pelo medo da dúvida. Achou que aqueles episódios anteriores foram algum tipo de armadilha minha contra ele, e então resolveu não arriscar. Mesmo contra vontade, ele teve que salvar você.

— Ele poderia me matar antes do dia determinado?

— Poderia, mas geraria uma guerra de proporções inimagináveis no meu mundo, provavelmente com repercussão no seu, além de ser enviado para o *Vértice* na mesma hora.

— Então foi tudo encenação?

— Talvez... não tenho certeza... para forçar uma situação.

— Como assim?

— Aproveitaria o momento que eu estivesse tentando salvar você para pular fora e me incriminar pela sua morte.

— E o que foi aquela horrorosa perseguição?

— Foi Kevin caminhando para o xeque-mate — explicou, passando as mãos pelos meus cabelos. — A partir dali tive que monitorá-lo vinte e quatro horas por dia. Praticamente dormia na sua rua...

— Então aqueles ruídos de motos que me atrapalhavam o sono todas as noites...

— Eram meus e de outros também. Um vigiando o outro. — Afastou-se e foi buscar outra compressa. — Naquela noite, Kevin estava disposto a eliminá-la de vez.

— E só não o fez por sua causa — lembrei-lhe feliz.

— Tivemos sorte e alguma ajuda.

— Ajuda?

— Hoje sei que homens de Storm nos deram cobertura naquela noite, assim como alguns de Windston. Algo que não consigo entender... — Ele respirava com dificuldade e demorou algum tempo até voltar a falar. — Uma coisa estranha crescia como uma fera dentro de mim. Eu não tinha poder sobre essa coisa, e ela não me deixava machucar você, pelo contrário, queria proteger, cuidar de você. — E desconversou: — Pronto! Se quiser, já pode se levantar.

Foram necessários alguns minutos até minha visão se restabelecer.

— O que é isto? — exclamei aborrecida ao perceber meus braços enfaixados no estilo de uma múmia e meu rosto coberto por

uma oleosa pasta branca. Ele deu uma gargalhada com a minha reação.

— Não acredito que está preocupada com a aparência num momento destes! — e continuava a gargalhar.

— Mas estou horrorosa! — guinchei.

— Eu não acho.

Franzi a testa, sem lhe dar qualquer resposta, tentando ocultar a inesperada felicidade por saber que ele me achava bela e que havia retornado apenas para me buscar. Sua confissão dera-me novas esperanças e, pela primeira vez em muitos dias, me senti importante.

— A má notícia é que terá que ficar com estes curativos por alguns dias — anunciou com a voz mansa, deixando soltar uma breve risada.

— E a boa?

— A boa é que já pode tirar este creme de seu rosto. Meu boné salvou a sua pele. Literalmente. — E me lançou uma piscadela, que acertou em cheio meu já danificado raciocínio.

— Hum.

Levantei-me com certa dificuldade, meus braços sem qualquer mobilidade, enfaixados completamente retos.

— Desista da enfermagem, ok? Esta profissão definitivamente não serve pra você — disse eu em tom de desaprovação.

— Puxa! Era justamente o que eu pensava em fazer nas minhas horas vagas, entre uma e outra missão — e ria com

vontade. Seu bom humor, por mim tão esperado, agora estava me irritando.

— Pode me ajudar aqui? — resmunguei. — Com os braços deste jeito, não tenho como lavar meu próprio rosto!

E, aproximando-se de mim, abaixou-se e começou a jogar a água com delicadeza, deslizando seus dedos por minha face ardida. Começou limpando minha testa, minhas sobrancelhas, olhos, nariz, bochechas e, à medida que seus dedos caminhavam em direção aos meus lábios, senti sua respiração modificar e meu coração sapatear no peito. Ele fez uma pequena pausa e me pediu permissão para continuar. Assenti paralisada. Sua respiração estava cada vez mais forte, seu cheiro penetrando em meu cérebro. Pude perceber que seus dedos também tremiam.

— Pronto! — soltou sem mais rodeios. Impaciente, entregou-me uma toalha felpuda, afrouxou as ataduras e saiu como um foguete daquele minúsculo quarto.

Terminei o serviço esfregando a toalha em meu rosto ainda mais ruborizado pelo acontecido. Tentei me acalmar e saí logo em seguida. Ele estava de pé, olhando para o nada com a cabeça encostada nas ruínas de um enorme muro de pedras. Era palpável a sua agonia.

— Uau! — exclamei para mim mesma, admirada com a maravilhosa pintura desenhada ao nosso redor. Estávamos numa pousada construída a partir das ruínas de um antigo forte que havia sobrevivido bravamente à erosão do tempo e das guerras no grande deserto. Como prêmio por sua determinação em resistir, fora presenteado com inúmeras palmeiras, cada uma mais frondosa que a outra. Seus altíssimos e centenários troncos emergiram nas condições mais improváveis, dando-lhes um aspecto fotográfico, quase artificial de tão perfeito. — Um oásis de verdade! — soltei, tentando puxar assunto ao me aproximar.

— Existiam vários deste tipo. Restaram muito poucos.

Fui direto ao assunto que me importava.

— Diga-me logo, por que você voltou, Richard? O que quer de mim?

Ele me olhava de maneira diferente, suas safiras conseguiam brilhar ainda mais que o habitual.

— Eu sinto uma dor terrível quando estou longe de você ou quando sei que você está em perigo, mas, por outro lado, fico estranho e perco a noção de tudo quando estou ao seu lado. — Ele olhava para o chão, remexendo os pés pela areia fina. — Eu não sei o que é isto. Ben comentou que eu ando esquisito. De repente passei a observar o modo como os humanos interagem. É tudo tão sem sentido!

— Sem sentido?

— Presenciar as pessoas do seu mundo se abraçando e se beijando... Como se sentissem algo de excepcional nestes gestos tão... tão...

— Tão?

— Irrelevantes!

— *Irrelevantes?! —* perguntei exaltada.

— É que nunca significaram nada para nós!

— E aquele beijo cinematográfico que você me tascou?

— Aquilo foi... foi um erro — rebateu ele com a testa lotada de vincos. — E também é um erro ficar aqui sozinho com você.

Ele radiografou a decepção em minha face.

— Eu não devia ter feito aquilo, Nina. Nós... simplesmente não podemos.

A dor voltara a invadir seus olhos preciosos.

— Se tem tanta certeza disso, por que você está sempre nervoso? Se já está definido que nunca poderá haver nada entre nós, o que lhe aflige então? — enfrentei-o.

— Nada e tudo ao mesmo tempo — sua voz saiu baixa. Ele voltou a se calar.

— Eu sei que não é verdade! Existe um motivo específico! Você precisa me dizer! — insisti numa inflamada contestação.

Como de costume, ele me assustou com sua abrupta mudança de comportamento. Socou ferozmente o tronco de uma palmeira a seu lado. Havia sangue entre seus dedos. Voltara ao seu estado habitual: rude.

— O que é verdade para você, Nina? Quais são as suas verdades, hein? — rugia, deixando sua voz mais contraída que seus músculos.

Emudeci num instantâneo arrependimento de ter insistido naquele assunto. Seu golpe fora certo e extremamente doloroso. Ele era preciso com as palavras que empregava. Minha vida sempre fora uma mentira, uma grande e infeliz mentira, logo, quem era eu para falar sobre verdade?

— Verdade? A única verdade que tenho neste momento é que gosto de você — confessei num murmúrio sofrido. — Como nunca gostei de ninguém, Richard. Sei que não é lógico e muito menos sensato, mas é o que sinto.

Ele arregalou os olhos e ameaçou caminhar em minha direção, mas parou no meio do caminho.

— Impossível! Você não sabe o que está dizendo. Eu sou a sua morte, Nina! — seu rugido mais parecia um gemido. Desnortado, ele passava as mãos pelos cabelos e andava de um lado para o outro. Desatou a pisotear as folhas secas que estavam pelo chão em uma inútil tentativa de liberar a tensão que distorcia suas feições esculturais. — Por Tyron! Teoricamente, nós não poderíamos ter nenhum contato físico mais... — e parou para pensar na palavra que utilizaria — ...*íntimo* com nenhuma mulher humana. Mas você é diferente de tudo que conhecemos — completou. — Afinal, você é uma *híbrida*! E com híbridos não sabemos se existem reais possibilidades. Droga!

— Quer dizer que...

— Que qualquer um de nós poderia matar um dos seus muito facilmente, dispensando qualquer tipo de arma! — rosnou e voltou a me encarar com ferocidade. Ele percebeu meu semblante atordoado e se adiantou: — Um gesto impensado, um pouco mais incisivo, já seria capaz de matá-los!

— Um gesto? Você quer dizer...

— Eu não sei dizer que gestos *especificamente*! — trovejou. — Só sei que não podemos ter qualquer tipo de relacionamento físico com humanos!

Ele se virou, encostando a testa na palmeira. Estava angustiado. Caminhei em sua direção. Pela primeira vez, senti a sua dor. De impulso, abracei-o por trás, inconsequente. Ele não me repeliu, sua rigidez inicial foi rapidamente substituída por um tipo de tremor e então cuidadosamente ele se soltou de meus braços e se afastou.

— Minha vida se resume em trazer problemas para os que estão ao meu redor — sussurrei. — Me desculpe, eu não sei o que fazer, eu... eu estou perdida.

— Eu também — soltou constrangido. — É tudo absurdamente novo e sem sentido para mim. Não consigo mais ser razoável.

— Então não seja — as palavras saíram impensadas, assim como meus gestos. Sem pensar, tornei a me aproximar. Senti seu hálito quente em meu rosto. Pungente, delicioso, era diferente de tudo o que eu conhecia.

— Nina, não! Eu não posso... — Ele não me impediu, mas congelou com a minha aproximação. Talvez estivesse mais perdido do que eu. Por fim, segurou meu rosto com delicadeza e, fulgurando meus lábios trêmulos com seu olhar penetrante, tocou-os com seus dedos macios. — Não podemos — sussurrou.

— Eu sei.

Então ele afundou o rosto na curva do meu ombro e lançou os braços ao redor da minha cintura. Cautelosamente, suas mãos traçaram a linha do meu corpo gerando um caminho de arrepios enquanto as minhas percorriam os músculos e cicatrizes sob sua camisa de malha. Seus lábios úmidos fizeram uma trilha de beijos pelo meu pescoço e, prestes a encontrarem os meus, Richard parou e me presenteou com um raro sorriso de felicidade, aberto.

— Ah, Tesouro! — ele soltou um gemido de satisfação e tornou a me abraçar. — Caso tenha algum mal-estar, afaste-se imediatamente de mim, compreendeu? — advertiu-me sussurrando em meu ouvido enquanto começava a beijar meu ombro desnudo. Sempre com seu ar de comandante, só que desta vez estava entregando as armas.

Jamais me afastaria, eu queria mais era sentir! Menti de imediato, assentindo a cabeça enquanto ele me beijava. Minha pulsação ultrapassara todos os limites, meu corpo queimava num fogo enlouquecedor à medida que seus lábios se aproximavam mais e mais dos meus, percorrendo a base do meu pescoço, roçando meu queixo, até pousarem lenta e delicadamente sobre os meus.

Eu respondia da mesma forma, incrédula de poder experimentar tamanho sentimento. Eu estava indiscutivelmente louca por ele. E agora sabia que ele correspondia ao meu sentimento, ele também estava apaixonado por mim.

De repente ele fechou os olhos, franziu a testa e se afastou de mim. Curvado sobre o próprio corpo, Richard parecia sentir uma dor dilacerante.

— Richard? O que houve?

Sem resposta.

— Richard?! — insisti.

— O que senti agora foi bem mais forte que o da vez anterior, eu... — arfava, atordoado. — Eu... eu não imaginava que fosse assim.

— Nem eu. — E sorri, inundada de felicidade.

— Mas eu não poderia sentir, Nina. Não desta maneira.

Aninhei-me em seu peito largo e ficamos ainda algum tempo ali, abraçados e imóveis. Ter seu corpo forte me envolvendo era o meu porto seguro. E era disso que eu precisava. Paz. Finalmente a calma após a tempestade. Um magnífico bálsamo para minhas perdas e tormentos. Permaneci por um breve momento entregue àquelas sensações entorpecentes que emanavam de seu corpo quente e me atingiam sem cerimônia. Não comentei nada nem me afastei dele. O quebra-cabeça começava a se encaixar com perfeição. Tudo por que passei havia um motivo, e este motivo era *e/e*.

— O que está te afligindo? — tornei a insistir ao sentir sua respiração vacilante.

— Quando você desapareceu lá naquele restaurante, eu estava disposto a lhe esquecer, pensei até em abandonar tudo e deixar que outro resgatador concluísse a missão. Eu não conseguiria matá-la de qualquer maneira... — arfou. — Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. No entanto, a mínima ideia de que outro poderia eliminá-la a qualquer instante, me consumia ferozmente, como uma profunda ferida aberta. Não consegui! — E, de repente, tornou a me beijar com mais intensidade, deixando-me tonta com a emoção que fluía de dentro de seu corpo. Ele percebeu meu estado alterado e se afastou.

— Desculpe-me! Está vendo? — sua voz saiu ácida.

— O quê?

— Esta sua sensação de fraqueza, tonturas... sou eu quem as provoca.

— Eu já sabia — respondi calmamente.

— O que você não sabe é que qualquer um dos meus pode gerar isto nos seus. Sugar sua energia vital.

— ãh? — Não gostei daquilo. — Vocês extraem nossa energia?

Ele assentiu com a cabeça.

— Nunca ouviu falar no famoso “*beijo da morte*”? — E me lançou um sorriso infeliz. — Era isto que eu não conseguia te dizer. Eu sou a morte, lembra-se? — indagou sarcástico. — Por isto não entendo como você foi concebida... É inexplicável o fato que seu pai tenha vivenciado um contato mais... *profundo* com sua mãe! Ele a teria matado!

Outra facada em meu peito em recuperação. Richard bradava, deixando à mostra seu alto grau de irritação. Sua inconstância emocional me atordoava.

— Você não entende! — continuou. — Não era para eu sentir nada! Queima tudo. Só quando estou perto de você é que sinto esta febre abaixar, esta dor acalmar. Como se você fosse a minha cura, o meu remédio. Eu não sei o que fazer. Não tenho mais controle de minhas ações. E meu corpo...

— O que tem? — perguntei agora mais curiosa ainda, porque meu corpo já dava provas concretas do sentimento arrasador que nutria por ele.

Afastando-se ainda mais de mim, ele respirou profundamente, encarou as próprias mãos e desabafou:

— Não tenho controle sobre ele também.

— Como assim? — indaguei reaproximando-me com cuidado.

— Não vê? Eu tremo — e deu uma gargalhada nervosa. — A Morte tremendo! Como pode isto? — E me apontou as enormes mãos. — Elas tremem perto de você! Nunca tremeram! Nem diante das mais difíceis missões.

— Eu também tremo. Isto é normal quando estamos nervosos — expliquei.

— Quando vocês HUMANOS estão nervosos! Nós não! Nós somos frios, lembra?— respondeu-me ficando agressivo e deixando suas pupilas estreitarem-se no sentido vertical.

— Por favor — pedi delicadamente —, fique calmo.

Ele balançava a cabeça de um lado para o outro.

— Não são apenas as minhas mãos que tremem. Outras coisas estão surgindo dentro de mim, incontroláveis.

Tudo dentro de mim já havia perdido o controle há um bom tempo.

— Tesouro — sua voz agora estava empostada —, eu não tenho como te livrar *dos meus* por muito tempo. Não suporto a ideia de te matarem e menos ainda de te usarem para experiências. Só em pensar nisso, eu fico louco! Estou a ponto de explodir!

— Calma! — O mais engraçado é que estávamos ali discutindo meu desgraçado futuro e era eu quem o consolava. — E se eu tiver outro tipo de valor para Kaller? — argumentei.

— Não consigo imaginar qual — foi taxativo.

— Leila disse que eu sou parte de uma lenda. E se for verdade? Não percebe? O improvável está acontecendo bem diante de nossos olhos! Sou uma híbrida que conseguiu sobreviver por quase dezessete anos e... e você pode ter sentimentos até então impossíveis para os seus!

— Eu não sei se isto dentro de mim são bons sentimentos! — tornou a vociferar.

— Richard, veja! — peguei uma de suas mãos e a encostei em meu corpo. Queria que ele sentisse a trepidação enlouquecida de meu coração. — Eu também sinto isso.

Ele não se entregava, lutava contra aquilo que o martirizava. Suas pupilas descontroladas eram a prova do tormento que eu lhe infligia.

— Mas não são iguais aos seus! — esbravejou.

— Como pode ter tanta certeza? — indaguei-o severamente.

— Não sou capaz de ter sentimentos! Não os bons, Nina! — rugiu. — O que sinto é uma reação ao que você gera em mim! Viu o que foi capaz de fazer com aqueles rapazes? Eles perderam a cabeça como nunca antes vi acontecer! Seu poder sobre as nossas mentes e corpos é avassalador, e nos faz ter atitudes insanas como esta que estou tendo!

— Sua atitude é boa — minha voz saiu fraca.

— Mas a minha essência é má! Ainda não percebeu? — deu-me um sorriso irônico. — E acredito que o que eu sinto é o que vocês chamam de... — sua fala travou.

— De...?

— Egoísmo — acrescentou pesaroso.

Aquela confissão me deixou confusa. Definitivamente não era o que eu esperava.

— O que você quer dizer com isto? — agora era eu quem estava incisiva.

— Que eu não valho a pena, garota! Aliás, não valho nada. O medo que tenho de te perder não é por você. É por mim — arfava. — Eu estou enlouquecendo!

— Richard, eu...

— Eu sou a sua morte, Nina — murmurou. — Eu não posso esquecer que sou a sua morte... — Seu olhar transtornado era a prova cabal de que ele continuava impiedosamente torturado por uma dúvida ou medo atroz.

— Não. Você não é. — E, hesitante, caminhei em sua direção e afundei meu rosto em seu peito. Pude sentir sua respiração descompassada. Demorou algum tempo até que ele me envolvesse

em seus braços. Ficamos ali entrelaçados por um longo tempo. Não que eu sentisse, pois para mim o tempo agora passava de um jeito diferente, como se eu já estivesse em outro mundo...

— Nina, logo vai amanhecer e você precisa descansar. Sua febre está voltando.

— Como sabe?

Arqueando uma sobrancelha, ele me fitava com seu costumeiro ar de superioridade. Ele sabia e pronto!

— E você?

— Também vou descansar, vamos! — E me conduziu até o quarto.

Quando estava perto de entrar, ele me fez um pedido inusitado:

— Posso entrar?

— ãh?! — Eu estava assustada e sem graça. Ele compreendeu minha reação e com desenvoltura se retratou:

— Não é nada do que você está pensando! E nem poderíamos, lembra? — emendou e deu uma gargalhada gostosa, apressando-se em me explicar. — Seu quarto tem duas portas e eu não tenho como vigiá-las ao mesmo tempo. Ficou claro?

— Ah!

— Vou ficar dentro do quarto, mas, bem longe de você, se é o que lhe preocupa.

— Não. Quero dizer, eu...

— Tudo bem. Estamos esclarecidos — lançou-me um sorriso torto à medida que ia entrando no quarto. — Vamos! Deite-se! — E ajeitou os lençóis enquanto me apontava a cama.

— Não estou com sono. O que Leila quis dizer com “ *siga os sinais*”?

Seus olhos azuis se arregalaram por um instante, mas ele se esquivou: — A gente conversa depois. Boa noite, Tesouro.

Richard estabelecera que era o fim das conversas por aquele dia e ponto final. Dei de ombros com a situação. Estava feliz demais para brigar. Amanhã ele me daria mais explicações. Deitei-me tão confortavelmente, que me esqueci de minhas queimaduras, permanecia anestesiada.

— Boa noite — respondi em baixo tom, forçando-me a parar de olhar aquela estupenda figura à minha frente. Ele era um oásis para os meus olhos, minha miragem pessoal.

Ele abaixou-se, deu um carinhoso e demorado beijo em uma de minhas mãos e ajeitou o lençol que me cobria. Pude sentir algum grau de tensão naquele gesto.

— Sinais... — balbuciou e me envolveu em seus braços.

O que ele saberia sobre o assunto? Amanhã haveria de me responder. Agora era só endossar aquele abraço. Por mais que lutasse contra o sono, sua força era oceânica, enorme. Mergulhei tranquila naquele mar sem ondas, incapaz de imaginar o sangrento maremoto que estava por vir.

Capítulo 20

De início, pensei que estivesse sonhando, o que não seria nada inusitado dadas as circunstâncias das últimas semanas. Dois homens entabulavam uma conversa aos cochichos:

— Por que não acordam ela logo? O sol está ficando forte!

— John prometeu a Richard que a deixaria dormir o quanto quisesse.

— Bobagem! Não vai dar em nada! Ele já se mandou mesmo.

— Também acho. Rick deve estar longe a esta altura.

Rick? Era quem eu estava imaginando? Longe?! Acordei assustada. Não era um sonho, mas um pesadelo, e dos grandes. Pelo calor, o sol já se levantara há um bom tempo, e um grupo de homens invadira meu quarto.

— Richard? Richard! O que está acontecendo? — agarrada aos lençóis eu berrava atordoada com o tumulto que se formara em ambas as portas de entrada do quarto.

— Acalme-se, Nina!

— John?! O que está fazendo aqui? Onde está Richard? — gritava.

— Longe — respondeu o ruivo com indiferença.

— Mentira! Onde ele está?

— Ora, ora! Ele só cumpriu a missão dele, como sempre. Não posso negar que ele é muito bom no que faz.

— Missão?! Que missão?

— Você, é claro! Trocou você por sete mil moedas de ouro. Uma boa barganha, não posso negar... — e suspirava.

— Sete mil moedas? — engoli e não encontrei saliva: estava seca. — Mas... ele me disse que... — Todos os músculos de meu corpo paralisaram por completo. Uma contratura generalizada, inclusive cerebral.

— Vista-se — disse sem vontade.

— Não pode ser verdade — soltei desolada.

— É a pura verdade, garota — retrucou sem paciência e começou a puxar os lençóis com o intuito de me apressar. Foi o suficiente para meus nervos despertarem de seu estado catatônico.

— Não! Eu não vou sair daqui. Isto é uma armadilha! Vocês pegaram o Richard! Estão mentindo! — gritava sem parar.

— Acho que anda mal informada, sua tola. Richard foi quem mentiu para você o tempo todo — e repuxou os lábios, na inútil tentativa de camuflar um risinho. — E, pelo visto, mentiu muito bem...

— Ele... mentiu o tempo todo... para mim. — O golpe foi certo. Podia jurar que tinham enfiado pregos em minha garganta. Asfixiada, vi meu mundo girar e ruir.

— Acelerem-na! — John ordenou aos dois rapazes. Reagi antes que eles pusessem suas mãos sobre mim.

— Por que não me matam logo? Por que não acabam com este joguinho diabólico? — rosnei aos prantos.

— Só cumpro ordens, e é o que Kaller deseja. Por mim, teria ficado com as moedas de ouro também, desculpe-me a franqueza.

Eu estava paralisada, em choque.

— Arrume-se depressa!

— Eu não vou a lugar nenhum com vocês!

— Ah, vai sim, garota! Se não for por bem, irá por mal. É melhor decidir logo. Já perdemos muito tempo com essa história de deixar você dormir mais.

— Seus porcos! — chorava descontroladamente.

— Ótimo! Melhor assim. Apronte-se em cinco minutos ou sairá como está. — E saiu batendo a porta, seguido por seus capangas.

Richard havia mentido para mim também? Tudo aquilo de ontem havia sido pura encenação? Enganara-me tão facilmente quanto Kevin? Eu era realmente uma... uma idiota! Havia mordido a isca novamente. E com vontade! Fui tomada por um tremor involuntário, corpo e mente em colapso. A dor da traição deixara de ter apenas um gosto amargo, tornara-se ácida e putrefeita. O ódio consumira o que restou de minha força física e meu equilíbrio emocional. Mais do que minha possível morte, ele era um monstro sanguinário e inescrupuloso. Drenara o elixir de minha existência. Estava árida, completamente seca.

As duas portas vigiadas confessavam-me que o espetáculo em que fora forçada a atuar continuava mais sangrento do que nunca. No entanto, uma certeza gritava dentro de mim: eu não tentaria mais fugir! Pelo contrário, agora eu queria ver como aquela insana trama acabaria. Não tinha mais nada a perder... Algo branco

cintilava dentro do bolso da calça jeans pendurada. Puxei-o rapidamente, antes que alguém pudesse aparecer. Era um bilhete composto de duas palavras:

“Sinto muito”.

Direto, como sempre. Era bem típico dele... Aquele mercenário! Mentiroso! Cretino! Surtei num curto-circuito cerebral. Lavei o rosto, acabei de me vestir e saí.

Do lado de fora, toda a magia daquele Éden havia desaparecido. Uma dúzia de motos off-road distribuída pelo pátio arruinava a paisagem, a mais linda que havia visto na vida, agora um verdadeiro inferno.

— Estou pronta — soltei resignada.

— Você vem comigo — berrou John, já sobre sua moto. Subi e rapidamente ele deu a partida. Depois de um longo percurso, eles finalmente pararam para descansar. Meu corpo ardia por inteiro. A febre retornara com força total.

Estávamos em uma espécie de rodoviária perdida no meio de uma estrada que ia do nada para lugar algum. Muito suja, escura e, como sempre, longe de qualquer ser vivente. Neste ponto eu tinha que aplaudir: eles sabiam escolher um lugar desabitado como ninguém. Fuga? Impossível! Também, fugir por que e para onde? Não tinha mais medo ou objetivo. Eles desapareceram assim como os bons sentimentos que habitavam o meu peito. A Nina que eu conhecia havia morrido e sido substituída. No seu lugar, um abatido corpo sem alma.

— Tome. Você precisa se hidratar — era John Bentley trazendo-me uma garrafa de água e um salgado frio. Eu estava deitada sobre um banco de madeira velho e bolorento. Entornei toda a garrafa de uma única golada, mas deixei de lado o salgado.

— Garota, se você adoecer, não saberei tratá-la como vi que Rick foi capaz. É bom você se alimentar.

— Não tenho fome.

Ele deu de ombros e eu voltei a deitar no banco, cada vez mais infeliz e dolorida. Fui obrigada a ouvir dois de seus rapazes rindo em alto e bom tom. Eles não perceberam que eu os observava. Abri ligeiramente os olhos e vi que outros se juntavam à dupla com o intento de se informar da grande fofoca.

— É verdade! — comentou o que parecia ser o mais falador do grupo. — O faxineiro da noite viu tudo direitinho!

— Viu o quê? — perguntou um dos que acabava de chegar.

— Que Richard se deu bem duas vezes! — e gargalhava. — Ele disse que os dois se beijaram e se abraçaram o tempo todo.

— Será que ele... sentiu alguma coisa?

— Não sei. Só sei que o cara é esperto pra caramba. Pegou a grana para Shakur, logo vai ter seu status aumentado, e, ainda por cima, tirou uma casquinha da belezinha ali.

Um latejar furioso reverberava em minha cabeça.

— Será que...? — perguntou outro deles salivando, como eu já tinha visto acontecer antes.

— Apesar de arriscado, pode ser... Afinal, ela é uma híbrida. Seus olhos faiscavam uma maldosa excitação. — Ele entrou no quarto com ela e ficou um bom tempo por lá.

A punhalada não podia ter sido mais profunda. Eu sangrava. Entregara-me de corpo e alma para um mercador que só queria me usar para conseguir o tesouro de seu líder, mas que, antes de

completar a tarefa, quis tirar algum proveito da valiosa mercadoria. Cretino! Miserável! Aos poucos eles foram saindo dali, deixando-me sozinha com a minha ferida aberta. Perdi a noção de quantos dias se passaram depois daquela noite. Não tinha mais interesse no fator tempo. Seguia com o grupo, cada vez mais sem forças. Meu corpo doía e eu não lhe dava atenção. Uma morta-viva. John Bentley parecia ser uma morte educada, serena. Apesar de atencioso aos itens básicos para a minha sobrevivência — sono, água e comida —, ele pouco se dirigia a mim. Não sei se era sua característica ou se apenas respeitava o meu doloroso silêncio.

Certa tarde, no entanto, algo diferente aconteceu.

Eu estava fraca, sentada num canto de uma oficina há muito abandonada. Era um lugar sujo e sombrio, como inúmeros outros pelos quais passamos. Normal. A diferença foi o que sucedeu nos minutos seguintes. Percebi um alvoroço além do habitual, mas não tinha acesso ao que estava acontecendo, e nem queria. A despeito da minha falta de interesse, era impossível não ouvir os diálogos berrados, cada vez mais ao meu alcance. Pelo que havia entendido, um de seus homens havia morrido em uma emboscada e o outro retornara seriamente ferido. De início achei graça. Afinal, não é todo dia que se vê uma morte morrer.

— O que houve? — vociferou John para o coitado em via de partida desta para uma melhor, ou seria pior? — Fale, homem! — ordenava.

— F-Foi Collin!

— É muito sério o que você está afirmando! Tem certeza disto?
— John gritava.

— Tenho, John. Ele disse que Shakur vai destruir o nosso clã assim que souber que trapaceamos.

— Trapaceamos? O que você está dizendo, homem? Não entendo. Fale!

— Ele disse — e suas forças chegavam ao fim — que nós raptamos a garota, matamos Richard e ficamos com o dinheiro. Estão furiosos! Eles...

— Como?! Matamos Richard? Ficamos com as moedas de ouro? Fale mais, homem, fale! Eles sabem onde nós estamos? — John esbravejava, mas foi tudo que conseguiu sugar daquela pobre alma, se é que o coitado a tinha. Estava morto.

John começou a andar de um lado para o outro como uma fera enjaulada. Suas acentuadas sardas e os cabelos ruivos nunca estiveram tão vermelhos, em chamas. Seu rosto era a visão do desespero.

— Não pode ser! Ele nos trapaceou! Não estão vendo? Richard pegou o dinheiro para si próprio! Ele nos enganou e roubou os dois lados! Aquele ladrão! Trapaceiro! Ele vai ver quando eu puser as mãos nele... — irado, ele vomitava as palavras.

De início, também senti ódio mortal. Richard conseguia ser pior do que eu supunha. Salvou-me diversas vezes porque ainda não era *a hora*. Canalha! Não a *minha* hora, como me fez acreditar, mas a hora *dele*. A hora da sua bem bolada falcatrua. Depois até achei graça de tudo aquilo, achei graça da cólera de John. Seria ele capaz de sentir desespero ou só estava preocupado com a própria pele quando tivesse que prestar contas com o tal Kaller?

— Não podemos mais esperar!

— Mas ainda não estamos na *data de passagem* dela, John! Como a garota vai atravessar o portal? — perguntou aflito outro rapaz.

— A hora dela está se aproximando e, afinal de contas, quem nos garante que a data que ele nos deu é precisa? Richard mentiu o tempo todo, Tom! Temos que tentar! — esbravejava John.

— Adiantar nossos planos em vinte e quatro horas é muito arriscado — rebateu agitado. Reparei nele com atenção pela primeira vez. Tom era ruivo como John, e forte, muito forte, quase um halterofilista. Como os rapazes daquele mundo paralelo eram fortes! — Se ela conseguir a passagem antes do anoitecer, tudo bem, mas, após o anoitecer, você sabe que não poderemos entrar em Zyrk!

— Eu sei. Mas não temos alternativa — John respondeu sem muita convicção.

— Collin nos alcançará se tivermos que pernoitar por lá! — outro rapaz retrucou.

— Quem lhe garante que ele está por perto? Andem logo! Talvez o tempo esteja a nosso favor!

— Ou contra! — rosnou um terceiro rapaz, bastante contrariado. — Tudo por causa desta garota! Por que Kaller também não a quis morta como os outros?

A pergunta daquele rapaz me atingiu em cheio. Talvez tivesse sido bem melhor ter ficado sob os cuidados de Collin ou Kevin. A esta hora já estaria morta. Fim do meu sofrimento. Fim de uma jornada que nem deveria ter sido iniciada. Simplesmente, fim.

— Esta pergunta não nos cabe. Vamos! — rebateu John impaciente.

Os motores rugiram. Havia tensão no ar. E se houvesse de fato um confronto? E se me perdessem?

Penetramos no deserto sem a sua permissão. O sol cobrava o pedágio sobre nossos corpos, os redemoinhos de areia e vento navalhavam nossos rostos. A areia fofa dificultava o percurso, tornando-o hostil e penoso. A despeito do calor inclemente, meu coração estava congelado. Fui chacoalhada de meus martírios por um grito de pavor de um dos rapazes.

— John, temos que correr! Burt identificou homens de Collin a sete horas de distância do nosso grupo.

John, ao contrário do que eles imaginavam, não se afugentou. Agiu como um líder e, principalmente, como um estrategista. Com as motos ainda em movimento, ele deu comando para que todos reduzissem a velocidade e posicionando-se bem no meio deles, passou a traçar os passos seguintes, berrando como louco na tentativa de transpor os ruídos de fundo:

— Temos que dobrar este tempo! — bradou. — Owen, vá na frente e peça reforço em Zyrk. Eu seguirei para o portal, o mais rápido que conseguir, com mais dois homens me dando cobertura. Os demais ficarão na última saída a Leste.

O comando do embate estava agora realmente declarado.

— A saída Leste é muito óbvia, John! Eles devem estar planejando algo diferente! — berrava um dos motoqueiros.

— Se Richard estivesse com eles, seria provável que sim — confidenciou. — Mas Collin não teria capacidade para tanto, e esta é a nossa sorte.

Os rapazes sorriram. Ficava claro que John contava única e exclusivamente com uma arma: a estupidez de Collin. Os rapazes obedeceram e continuamos nosso caminho infernal.

A moto de John respondia com dificuldade aos seus comandos, sofrendo devido ao peso excedente: eu.

— Temos que descansar um pouco! A garota não está nada bem — ordenou John após algumas horas de viagem.

— Mas, John, estamos bem perto e ainda não tivemos qualquer notícia deles — argumentou um dos rapazes.

— De nada adiantará toda esta luta se eu entregá-la morta nos braços de Kaller. Vejam! Ela está ardendo em febre! Temos que hidratá-la e refrescá-la antes de continuar, senão ela não suportará a viagem restante.

— Vamos continuar. Eu aguento — rebati. Não que eu seja uma garota durona. Longe disso. Eu queria era levar meu corpo à exaustão máxima e, como prêmio, conseguir desfalecer e me ausentar daquela loucura. Sem que eu esperasse, John afagou meu rosto:

— Você é forte, garota. — Pela primeira vez, notei um brilho diferente em seus olhos cor de mel. — Gosto disso. — Ele me lançou um sorriso tímido e, após umedecer meu rosto em brasas com um pano molhado, tornou a comandar: — Vamos! Não temos tempo a perder! Logo vai anoitecer.

Meu esqueleto estava mole, desestruturado. John utilizou-se de uma corda e amarrou meu corpo ao dele, com medo que eu caísse. Era provável. Minha visão nítida e lúcida não era mais a mesma. As imagens iam e vinham sem que eu tivesse controle sobre elas. No entanto, uma paisagem imponente me trouxe à compreensão dos fatos por instantes. Uma enorme montanha rochosa. Rochas de todos os tamanhos esculpiam uma bela e interessante paisagem bem no meio daquele hostil oceano de areia fervente. Tive a impressão de que uma daquelas enormes rochas refletia o pôr do sol de maneira bem distinta das demais. Pura ilusão de ótica. Provável imaginação de meu estado perturbado.

— Vejam! Alguém esteve fazendo estrago recentemente por aqui. — O rapaz grandão tinha um risinho camuflado em seus lábios

e apontava para uma dezena de corpos abatidos próximos à tal rocha.

— Confira os clãs, Yly! — ordenou John.

Meio receoso, o segundo rapaz desceu de sua moto e foi em direção aos homens caídos. Checou a mão direita de cada um daqueles coitados e berrou:

— Pertencem a Thron e Marmon!

— Estranho — John murmurou aflito. — Onde estão os resgatadores de Windston? Quem poderia ter feito isto? E por quê?

— Collin também tinha mandado homens para vigiar o portal. Não é tão estúpido assim, hein, John? — soltou ao longe o tal de Tom.

— Não acredito que tenha sido ideia dele — rebateu John. — Mas, de qualquer forma, estamos com sorte. — E, olhando para o segundo rapaz, ordenou:

— Vá logo Yly, enquanto ainda está claro!

Eu estava muito mal mesmo. Constatei meu péssimo estado mental quando um dos rapazes atravessou aquele monte de pedras reluzentes e desapareceu, deixando sua moto ali jogada. *Estou tendo alucinações!* Logo depois ele retornou, saindo das mesmas rochas e correndo em nossa direção.

— Tudo ok, John. O terreno está limpo.

— Com certeza Collin não acionou ninguém em Zyrk para que Shakur não ficasse sabendo que perdera a garota. Ele pode ser burro, mas dá bastante valor à vida! Conhece o pai que tem — concluiu John.

— Vamos tentar agora! Falta muito pouco para anoitecer! — gritou o outro, muito ansioso.

Por que eles teriam esta preocupação exagerada com o anoitecer?

John desamarrou a corda que nos unia e me desceu da moto. Seu rosto fixo no meu. Senti um tremor involuntário me atingindo. Se eu estivesse em condições normais, poderia jurar que o tremor era procedente de John e não do meu abatido corpo. Ele e o rapaz grandão jogaram meus braços frouxos por cima de seus ombros e me arrastaram lentamente até o mesmo lugar onde Yly havia desaparecido, no meio daquela montanha de rochas.

— Ai! — reclamei. — O que vocês estão fazendo?

— Ela ainda não pode passar pelo portal! Ainda não está na *sua hora*! — lamentou-se John.

— O que vamos fazer? — perguntou o tal de Yly, superafrito. — Logo eles estarão aqui! Já está anoitecendo e...

— Ainda temos tempo e... — interrompeu-o John. — Bem, lutaremos até o final, como é o nosso dever.

— Mas é certo que vamos morrer!

— Se quer ir embora, então vá agora! — ralhou John, mostrando-se um líder de fato.

— Desculpe. Ficarei — murmurou Yly, encurvando-se de vergonha.

John apenas assentiu com a cabeça, atento a tudo ao seu redor. Virou-se para mim com calma e perguntou:

— Nina, eu preciso que me escute com atenção, pense com calma e me responda. Sua mãe alguma vez lhe disse a exata hora em que você nasceu?

— Minha mãe? Hora? — balbuciei, mentalmente confusa.

— Sim, Nina. Algum comentário qualquer?

— Não — murmurei.

— Desista, John. Ela não está nada bem — concluiu Tom.

— Droga! O que vamos fazer? — John pôs as mãos no rosto, nervoso.

A sorte estava lançada.

Capítulo 21

A cada cinco minutos, John pedia que eu tocasse o rochedo de entrada, ou o portal, como ele costumava chamá-lo. O sol deixava seu plantão e era devidamente substituído por uma noite magnífica. O calor dava lugar a um vento frio, cortante. Os aglomerados de rochas nos protegiam de suas rajadas violentas.

— Só nos falta agora uma tempestade de areia! — reclamava Tom, visivelmente aborrecido.

— Talvez até nos ajude, Tom! Sabe como é difícil encontrar este caminho com uma cortina de areia sobre nossos olhos. Pode nos dar um pouco mais de tempo antes do confronto — concluiu.

Confronto? Mais sangue! Meu lado racional ria da situação, mas foi rechaçado pelo emocional. Não que eles merecessem, mas algo me impelia em seu favor. Uma força estranha, incontrolável, crescia dentro de mim e alertava que eu precisava ajudar.

— Podemos deixá-la aqui e sair em busca de ajuda! — disse por fim o segundo rapaz, colocando para fora o que estava vergonhosamente guardado em sua mente há algum tempo. Não havia sugerido anteriormente por medo de assumir a sua covardia. Mas, agora, era a sua vida em jogo, e covardes nunca brincam com isto. Nunca.

— Bem pensado, Yly. Você dois saiam agora e tentem contatar alguns dos nossos na cidade mais próxima. Ficarei aqui com Nina o tempo que for necessário.

Tom percebeu que John estava dando uma ridícula desculpa. Sabia que ele não queria arriscar a vida de mais dois homens na sua batalha perdida. Se era para morrer, ele morreria sozinho. Muito nobre. Confesso que fiquei admirada com John. Sua postura me comoveu. Tarde, de fato. Mas comoveu.

— Não vou — protestou Tom de forma incisiva.

— Por que não? É uma boa ideia! — atçou o outro colega.

— Deixe de ser fraco, seu covarde! Por que não diz logo que está morrendo de medo? Sabe muito bem que não teremos como pedir ajuda. Até conseguir acionar um grupo de socorro, eles já terão matado John e capturado a garota. Eu fico. Vou dificultar um pouco as coisas para eles.

— Podemos enterrar estes corpos e nos esconder em outro lugar. Eles podem pensar que já entramos com a garota e partir atrás de nós — Yly retrucava inconformado e sem encarar nos olhos os seus colegas.

— Mesmo que a gente faça isto e que Collin continue nos perseguindo em Zyrk, de nada adiantará. — John revirou os olhos fustigados. — Nenhum dos clãs tem exata certeza da data de passagem dela. A partir de agora, todos colocarão vários homens de plantão neste e nos demais portais, ou seja, a entrada dela para Zyrk será definitivamente vetada. Se não tentarmos agora, do jeito em que nos encontramos, estará tudo acabado para nós. Se não pela morte, com certeza pela desgraça e humilhação. Não viverei com isto — concluiu.

A aflição deles me alcançou. Os minutos seguintes pareciam horas, e as horas, dias. A espera de algo ruim é realmente dolorida, lenta. Mantiveram-me sentada em uma lateral do grande rochedo protegida dos golpes do vento, mantendo meu corpo em contato permanente com o tal portal. Meu acesso ainda proibido. Após uma infinidade de horas em espera, Yly teve uma crise nervosa. Gritou,

esperneou, chorou e correu para o portal, desaparecendo magicamente bem diante de nossos olhos.

— Além de covarde, aquele imbecil é louco! — berrou Tom.

— Talvez ele não seja tão covarde... mas foi melhor assim. Não me sentirei culpado por seu fim infeliz — concluiu John. E soltou aflito: — Droga! Por que este tempo não passa logo?

— Calma, John. Não podemos perder a cabeça. Não agora — intercedeu o amigo.

— Você está certo! Sempre soube que podia contar com você. Te encontro no *Vértice*, amigão! — E deu uma risada forçada.

— Para com isto! Nada de praguejar. Nós vamos para o *Plano* e ponto final — respondeu Tom bem nervoso.

— Com certeza você vai, amigo. Eu não sei de mim... Espere! Você escutou alguma coisa? — perguntou John em alerta máximo.

— Um trepidar.

— Nina?

— O que foi? — perguntei sem ânimo.

— Nada ainda?

— Não. Sem passagem — arfei sem graça enquanto eles me olhavam apreensivos. O controle de meu corpo e raciocínio estava cada vez mais difícil. Minha lucidez se esvaía com rapidez.

— São eles, Tom! É chegado o momento. Posicione-se mais à direita — ordenou ao amigo e, ao se abaixar, disse olhando bem dentro dos meus olhos: — Nós vamos conseguir, Nina. Não vou deixar que ninguém lhe faça mal. Prometo — disse categórico.

Aproximando seu rosto do meu, afastou meus cabelos dos olhos, sorriu e me deu uma piscadela rápida. Meu estado febril conseguiu piorar depois daquele gesto inesperado. Eu estava completamente atordoada. *O que acabava de acontecer?*

— John...

— Pssiu! — ele me interrompeu. — Você fica aqui. Ouviu bem, Nina?

— ãh?

— Não adianta. Ela está delirando de febre, John — detectou o amigo.

— Não saia daqui, Nina! — berrou John como nunca antes o vi fazer. — Permaneça encostada no portal e, caso consiga passagem, só entre se tiver amanhecido, fui claro?

— Amanhecido... Por quê?

— Porque sim! Fui claro? — trovejou enquanto me dava as costas. Assenti sem compreender. Meu rosto agora exangue. — Ah! — E virou-se repentinamente para mim. — Se por acaso você conseguir passagem, lembre-se de se proteger com isto. — E lançou-me uma espécie de manta feita de um tecido linóleo, estranhamente aveludado. Para que me serviria esta capa? Seria Zyrk um lugar tão frio assim? Então reparei que todos os rapazes levavam consigo este tipo peculiar de coberta. Quem foi a culpada dos meus devaneios? A minha inocência ou a maldita febre? Cheguei a acreditar que tais vestimentas serviam para agasalhar nossos corpos das geladas noites no deserto...

Um grupo de homens surgiu ao longe, aproximando-se muito rápido. Instintivamente procurei a figura horrenda de Collin e não a encontrei. O vento forte lançava golpes de areia em nossos rostos, prejudicando nossa visão. Era quase impossível enxergar. Tremi.

Bem diferente dos arrepios que vinham me assolando, um discreto calafrio começou a tomar conta de mim. Não gostei daquilo. Sabia que tinha uma origem outra que não o meu estado doentio e, como já imaginava, era o meu cérebro alertando-me sobre o perigo iminente. Um prenúncio ruim. Passei a manter uma de minhas trêmulas mãos em contato contínuo com aquela estranha rocha. O calafrio se intensificava. Seria Richard no meio deles? Tentei distinguir as figuras mais visíveis e, para meu horror, deparei-me com a pior de minhas mortes. O calafrio, de fato, era um sinal de defesa.

— Não é Collin. É Kevin! — Ninguém me ouviu. Era quase impossível distinguir minha rouca voz dos uivos agudos do vento.

— O que você disse? — John berrou de volta.

— Acho que é Kevin!

Ele voltou a fixar o olhar e esboçou um sorriso confiante.

— É verdade! Tom, você consegue ver daí quantos são?

— Não estou entendendo. Acho que são apenas cinco! Deve ser uma cilada! — disse Tom, situado mais a frente.

John realmente abriu um sorriso.

— Não é cilada. Estamos com sorte, amigo. Não é Collin. Aquele é Kevin. E ele não tem um grupo grande como o de Collin. Deixe Kevin comigo.

— Ok, chefe. Eu cuido dos outros quatro — salivava o brutamonte.

À medida que se aproximavam, notei que Kevin fazia um sinal de trégua para os meus dois protetores. O calafrio piorava de intensidade. Meu corpo era castigado pela febre altíssima, minha

mente torturada pelo pavor de reencontrar aquele assassino inescrupuloso. John e Tom abaixaram suas armas. Armas? Meu estado febril com certeza me fez perder muitos dos detalhes, mas um erro grotesco de percepção eu havia cometido. Minha total apatia dos últimos dias me fez negligenciar algo que não passaria despercebido nem para um cego. Eles carregavam as mantas sempre amarradas a um objeto estreito, longo e reluzente. O objeto era protegido por uma bela capa com algum tipo de brasão bordado. Uma espada! Como não tinha reparado neste instrumento medieval em pleno século vinte e um? Ela destoava de todo o contexto, como dentro de um jogo dos sete erros para imbecis. Eu era a imbecil. Super.

Por que lutar com espadas se poderiam se utilizar de meios muito mais rápidos e letais? Estariam cumprindo algum tipo de ritual? Nada daquilo fazia sentido... Kevin e mais um dos seus desceram de suas motos e vieram andando em nossa direção. Kevin sorria, é claro. Aquele seu falso e contínuo sorriso amarelo céreo.

— Olá, John! — introduziu-se cinicamente.

— Olá, Kevin — a resposta foi seca.

— Os seus Ihe abandonaram? — perguntou em tom jocoso.

— O que o traz aqui? — John não estava para bate-papo.

— Ora, ora! O mesmo que você — Kevin cuspiu as palavras.

John permaneceu calado. Tom soltou uma espécie de pigarro. Kevin continuou:

— Vamos ser diretos. — Agora com um semblante nebuloso: — Eu quero a garota e estou em maior número. Logo, se você for um homem sensato, vai entregá-la sem qualquer resistência. Para o bem de todos.

— E se eu não for?

— Estupidez!

Era melhor eu me entregar. Apesar de todo o sofrimento que haviam me causado, não me agradava a ideia de ver John e Tom serem assassinados ali, bem diante de mim, e por minha causa. Estava cansada de tantas mortes. Exausta.

— John! — gritei quase sem forças. — Deixe-me ir com ele!

Os dois pararam de se encarar por um momento e se viraram para mim. John visivelmente aborrecido com a minha intromissão e Kevin curioso com o meu comportamento. Levantei-me com absurda dificuldade e, trôpega, caminhei em direção aos dois. Antes de cair no chão, fui capaz de ver John sacando sua fulgurosa espada e saltando para cima de Kevin, que prontamente se defendeu. Tom também se lançou sobre o outro rapaz e teve mais sucesso, ferindo-o seriamente e partindo para os outros três que se aproximavam.

— Venha para cá! — ordenou Kevin a um dos rapazes que digladiava com Tom. Agora John e seu parceiro lutavam cada um contra dois, e, apesar de ser evidente a superioridade dos dois, a desvantagem começava a mostrar seus efeitos. O cansaço os abatia bem mais rapidamente do que a seus oponentes. As lutas eram hipnotizantes e assustadoras. A cada peculiar ruído que soava das lâminas se chocando, era como se golpes frios estivessem me acertando em cheio os pulmões, asfixiando-me.

Um rosnado sofrido. Vi Tom ser seriamente ferido pelas costas enquanto eliminava um adversário. John, em atitude heroica, plantou-se diante de seu corpo caído e, com bravura, pôs-se a lutar contra Kevin e os dois restantes. Cobri meu rosto com as duas mãos. Não me permitiria presenciar uma carnificina como aquela.

— Foi você que eliminou Alec, não foi? — Tornei a olhar e vi que Kevin espumava, fazendo sinais para que seus dois capangas

cercassem John e dessem uma trégua nas investidas. Encurralaram-no, afastando-o do corpo abatido de Tom. — Achou que sairia impune? Que eu não vingaria a morte de meu melhor escudeiro?

— Eu não o matei — retorquiu John, ríspido.

— Antes de acabar com você, vou degolar o infeliz que está ali no chão, assim como você fez com Alec — gritou enlouquecido.

Teria Richard degolado o tal de Alec naquele nefasto atelier? Fui tomada por um misto de horror e prazer com aquela notícia.

— Mate o grandão! — ordenou Kevin para um de seus homens.

John ameaçou correr na intenção de proteger o amigo, mas foi impedido por Kevin e outro rapaz que exibia um rosto atormentado. Era óbvio que Kevin só recomeçaria a luta depois que John presenciasse a morte de seu grande companheiro. Queria vê-lo sofrer. Típico daquela víbora. O segundo capanga se aproximou de Tom e iniciou malabarismos com sua espada afiada. Um tipo de exibição antes do espetáculo propriamente dito. John urrou de cólera e partiu para cima de Kevin e seu comparsa de semblante malévolo. Novamente me vi agindo por instinto. Sempre ele. Meus pulmões se contraíram dentro de minha caixa torácica. Queriam me dizer alguma coisa... É isso!

— NÃO! — berrei, almejando desviar a atenção para mim e comecei a correr em direção oposta ao duelo. Devo ter feito a coisa certa. Imediatamente Kevin ordenou que o executor de Tom paralisasse a sua tarefa e fosse atrás de mim. A boa distância entre nós me conferiu alguns segundos de vantagem. E só. Pouco tempo depois, fraca pela febre que me consumia, eu estava de volta, arrastada pelo capanga enfurecido. De longe ouvíamos grunhidos e uma significativa redução na frequência do tilintar das espadas. A tempestade de areia nos castigava piorando a visibilidade e a nebulosa atmosfera de tensão.

— Rápido, idiota! Proteja-me! — era a voz de Kevin pedindo por socorro.

Ele estava combalido, gemendo e rolando de dor de um lado para o outro. Percebi que ele não tinha mais condições de se pôr de pé, muito menos de lutar.

Olhei ao redor e custei a entender o que minha turva visão me confienciava: um milagre havia acontecido! De pé, plantado exausto em frente ao corpo desacordado de Tom estava John. Ele respirava com muita dificuldade. Encontrava-se ferido nas costas, na cintura e no braço, mas, por sua vez, havia acabado com um deles e ferido seriamente parte do tórax e o braço direito de Kevin.

O homem me empurrou para um canto e correu para o ataque. Tudo parecia se equilibrar agora. Um contra um. Era visível que o escudeiro de Kevin estava menos cansado, mas John tinha honra, e acabar com a honra de quem a tem fundida em sua alma não é uma tarefa muito fácil. Ela se vende caro. Venderia, se o pior ainda não estivesse por ocorrer. Enquanto digladiavam concentrados entre si, percebi que uma nuvem de fumaça e areia começava a se desenhar na linha do horizonte. Pelo tamanho, deduzi que um grupo bem maior de homens aproximava-se rapidamente de nós. Algo em mim pressentia o pior: Collin e seus reforços.

Tudo tinha sido em vão: a luta, as mortes. Desesperada, voltei a tocar naquela estúpida rocha, mas nada. De repente, uma batida seca seguida de um silêncio. Virei-me assustada e vi uma cena comovente: o comparsa de Kevin havia desequilibrado, caindo abruptamente e batendo sua cabeça num amontoado de pedras. Ele estava desacordado e John poderia tê-lo aniquilado se quisesse, mas não o fez. Apenas removeu a espada das lânguidas mãos do rival e a lançou para bem longe do seu alcance. Guardou sua espada na bainha. Começou a pressionar o próprio braço para estancar o sangue que jorrava com abundância, checkou onde eu estava e caminhou com dificuldade em direção a Tom. Por um

instante minha massa cinzenta se liquefez e eu me esqueci completamente de avisá-lo sobre o perigo que se aproximava, sobre Collin. Fiquei chocada com sua atitude. Ele era nobre até com seus inimigos. Seu semblante de preocupação era a prova cabal de que o estado de saúde de seu grande amigo não era nada bom. Ele se abaixou e começou a pressionar o peito de Tom de maneira ritmada. Fui sugada do magnetismo daquela triste cena por um furtivo movimento logo atrás de John. Compreendi com dificuldade o negro capítulo que se desenhava bem na minha frente.

Quis adverti-lo. Tentei berrar. Inútil. Minha voz saiu do mesmo jeito que eu estava: fraca. Vi John ter sua panturrilha seriamente ferida em um ataque inesperado de Kevin. A víbora, que inicialmente se fingira fora de combate, aproveitara o momento de distração de seu opositor, arrastara-se silenciosamente sobre o próprio ventre e o apunhalara por trás com uma faca.

— Ahrrr! — John urrou e caiu de lado, dando chance a Kevin de roubar a espada que estava apoiada em seu cinturão. Desarmado e com visível semblante de dor, ele começou a se arrastar, trôpego, jogando seu corpo para trás, na tentativa inútil de se afastar do inimigo. Kevin conseguiu se levantar com dificuldade, empunhando a espada meio desajeitada com sua mão esquerda. Concentrado, caminhou lentamente em direção ao nobre guerreiro caído, como que saboreando o momento em seus mínimos detalhes.

Novamente o infortúnio nos assombrava, mas eu me recusava a ser refém dele. Eu tinha de lutar. Reuni o resto de minhas forças e desatei a correr em direção à iminente tragédia. Eles não perceberam a minha aproximação, ocultada pelos ruídos de fundo das motos que se aproximavam. Kevin estava sobre John e erguia a espada no ar:

— Isto é por Alec e para que os seus aprendam a lição! — berrou.

— NÃO! — continuei correndo até chocar-me bruscamente contra as costas de Kevin.

— Argh!

Eu o desequilibrei fazendo-o tombar para a frente, e, antes de cair sobre o meu próprio corpo, ainda consegui chutar a espada para longe de suas mãos assassinas. John e Kevin me fitaram com os olhos arregalados. Não houve tempo para mais nada. Fomos atingidos pela nefasta nuvem de fumaça que, se entranhando por nossos corpos, ocultou por segundos o horror que vinha nos cercando. Quando ela baixou, minha expressão de pavor foi imediatamente refletida nos olhos de John. O número de homens que dava cobertura a Collin era bem maior do que eu poderia imaginar. Deviam ser uns doze. Tudo acabado.

John olhou para mim, se certificando de que eu estava bem. Seu corpo ferido estava camuflado. A fina areia havia se aderido a ele, grudando de suor e sangue. Fez um discreto gesto com a cabeça apontando-me o portal. Eu compreendi e, já não controlando mais minhas inúteis pernas, comecei a me rastejar para a muralha de pedras.

— Onde a garota pensa que vai? — aquela voz irritante era inconfundível: Igor.

— Detenham-na! — Collin ordenou e dois de seus capangas cresceram rapidamente sobre mim. Um deles me acertou o pulso direito com a ponta afiada de um punhal.

— Aghh! — gemi e me curvei sobre os joelhos. Antes mesmo que eu pudesse estancar o sangue que jorrava da ferida, fui abruptamente puxada pelos cabelos pelo segundo rapaz.

— Seus idiotas! — berrou John. — Não vêem que ela está mal?

— Cale a boca!

Um baque surdo. Talvez uma pancada. Não consegui identificar. Meu estado cada vez mais debilitado me distanciava da realidade ao meu redor. A ferida queimava, minha cabeça latejava.

Collin gargalhava satisfeito, como um locutor destes filmes de terror de última categoria.

— Gostou do sopapo, John? Não vai ter a menor graça lhe matar agora. Não neste estado deplorável. Que pena que perdi a briga, deve ter sido boa... — E olhou em volta contando os feridos. — Kevin está morto? — perguntou a um de seus homens.

— Não, Collin. Apenas desmaiado.

— Um fraco! — desdenhou. — Quatro mortos, hein, John? Três do grupo do Kevin, um do seu.

— Nenhum do meu! — mesmo caído, John retrucou. — Tom está apenas ferido!

— É verdade... por enquanto. — E riu novamente em alto tom, sendo imitado pelo seu robotizado séquito. De maneira inesperada, a fisionomia de Collin assumiu uma fúria animal. — Achou que ficaria com o dinheiro depois de matar Richard e pegar a garota? Achou que conseguiria me passar para trás e se safaria com esta tropa ridícula?

— Eu não matei Richard!

— Ah, não? Por sinal, quantos homens você perdeu nesta empreitada, hein?

— Já te disse. Richard te enganou e a mim também! Ele pegou o dinheiro, não percebe? — John falava em tom de desespero. Era claro que ele não queria nem conseguiria lutar.

Collin era o semblante da dúvida.

— Ele está blefando! Não dê ouvidos a ele, Collin! — praguejou Igor.

— Levante-se! — ordenou Collin aos berros. — Eu não quero te matar desta forma vergonhosa. Levante e lute como um homem!

— Escute-me! — John ainda implorava.

— Seu mentiroso! — E partiu para cima de John, direcionando sua espada para o peito de seu adversário. Uma nuvem de areia o fez errar o alvo. Era Tom, que num inesperado rompante de garra e lucidez havia desviado a espada de Collin ainda no ar, chocando a sua contra a dele.

— Matem-no! — ordenou Collin irritado. Imediatamente o gigante ferido foi cercado por meia dúzia de homens, todos empunhando armas em sua direção. Era o fim para Tom.

— Não! — berrei, e todos olharam assustados para mim. Na verdade, não era bem para mim, mas sim para algo que surgia do negrume atrás de mim, saindo daquelas malditas rochas mágicas. Um tremor seguido por um tropel de cascos. Um calafrio paralisante. Um solavanco me fez cair de boca no chão, assim como os sujeitos que me imobilizavam. Minha visão não era contínua, bem como a compreensão dos fatos que ocorriam ao meu redor. Feroz e impaciente, a febre queria colocar um fim imediato naquele último capítulo de minha existência. Com muita dificuldade consegui me reerguer, mas os dois rapazes não. Jaziam mortos na areia sepultadora. Apavorada, virei o rosto na direção do que havia provocado aquelas fulminantes mortes. Uma figura com rosto encoberto e toda vestida de negro montada num imponente cavalo saía por detrás de uma nebulosa nuvem de areia. Quando tomei conhecimento do que estava acontecendo, entendi que meu corpo havia sido levantado sem a ajuda das minhas pernas. Abruptamente, o cavaleiro negro me puxou para junto de si, segurando-me com força junto a seu corpo quente. Zonza, tudo

rodava. O majestoso cavalo sob mim empinava-se nas patas traseiras e relinchava com furor anormal.

— Richard!? — A voz de Collin exalou um pânico colossal. Ele parecia estar diante de uma assombração.

“Richard?!”

Olhei para trás e, ao ver o véu cair, deixando seu rosto perfeito à mostra, quase desmaiei. Por uma breve fração de segundo, meus olhos se depararam com suas impiedosas safiras azuis e uma descarga elétrica me atingiu em cheio. Perturbada e imobilizada por suas enormes mãos, desviei o olhar e me obriguei a resistir à sua fulminante presença sobre mim. O que aquele mercenário queria agora? Já não bastavam as sete mil moedas de ouro e toda a amargura pela qual me havia feito passar?

— Bom trabalho, Collin — ele disse em tom de deboche.

— Mas... você... você estava morto!

Richard deu uma gargalhada estrondosa.

— Acertou. — Sua respiração estava mais acelerada. — Aquele Richard que você conheceu realmente está morto.

— Eu... não... eu não entendo...

O sujeito estava para lá de branco, estava translúcido.

— Você não devia acreditar em tudo que escuta, Collin! Que tal se me acompanhasse mais de perto, hein? — soltou irônico. E, mudando o tom de voz, ameaçou: — Escutem todos porque não vou dizer novamente: a híbrida é minha missão! E isto serve para você também, John — acrescentou ele, empinando o cavalo nas duas patas traseiras. — Mas, por hora, obrigado por sua ajuda.

— Seu traidor de uma figa! — Collin finalmente entendeu o que acabava de acontecer, mas estava tão petrificado, que mal reagiu à manobra seguinte de seu adversário. — O que está fazendo? — berrou por fim, atordoado. — Volte aqui e lute como um homem!

— Siga-me você se for homem o suficiente! — bramiu Richard sob o olhar amedrontado de todos ao redor, enquanto jogava uma manta sobre o meu corpo febril. Minha visão estava cada vez mais falhada, minha razão captando tudo aos pedaços, atordoada e perdida. O que ele estava fazendo? Então Richard puxou as rédeas com firmeza, fazendo o belo cavalo negro dar meia-volta e retornar em direção ao portal.

— Impeçam-no! Ele vai matá-la! — distingi os berros apavorados de John ficando para trás.

Capítulo 22

As cenas seguintes ficaram borradas em meu cérebro. Intermitentes. Só consigo me lembrar da incrível aceleração que Richard impusera ao animal, de seu musculoso braço me apertando contra seu peito, do vento gelado me atingindo e da grande muralha de pedras crescendo em nossa direção. Lembro-me ainda de ter soltado um berro de pavor e fechado os olhos, protegendo minha cabeça em seu peitoral largo e convidativo. O cavalo finalmente parou e o único som que preenchia o ambiente vinha das batidas de nossos corações acelerados. Sem coragem de reabrir os olhos, eu permanecia com a cabeça aninhada em seu peito e meu corpo imobilizado por seus braços. O que estava acontecendo, afinal? Por que ele havia retornado?

— Por quê? — sussurrei sem me mexer. Eu não precisava completar a frase. Ele sabia o que eu queria perguntar. Ambos sabíamos, e ele, assim como eu, talvez não quisesse confrontar a dura realidade estampada na face do outro. Na minha, sofrimento, amargura, decepção. Na dele, traição, cobiça, triunfo. Sua respiração quente e ofegante ficou ainda mais forte, penetrando em meus cabelos e atravessando a manta.

— Por que eles não nos seguiram? — insisti quando finalmente arrumei coragem para levantar a cabeça, dividida por emoções contraditórias: chorar, lutar, xingar e, principalmente, perdoar, ávida por seus beijos e abraços. No breve instante em que nossos olhares se cruzaram, procurei algum vestígio de remorso, culpa ou vergonha em sua face, qualquer mínima expressão que pudesse me dar esperanças de que tudo havia sido um grande engano e que ele retornara por mim, por nós. Mas não havia nada. Tudo que

encontrei foi um semblante frio, indiferente. Senti todo o ar sendo violentamente tragado dos meus pulmões. Nem uma febre alta me consumiria tanto. O gelo que irradiava de seu olhar causou um irreparável dano dentro de mim.

— Se eles nos seguissem, morreriam — respondeu ele de má vontade enquanto descia do cavalo. Estendeu a mão para me ajudar, mas recusei. Agitado, Richard rasgou a faixa dourada que amarrava o véu sobre sua cabeça.

— Deixe-me ver isso — disse ele, tomando meu braço ferido.

Com o turbante, ele fez uma espécie de torniquete para estancar meu sangramento. Enquanto ele enfaixava meu braço, eu me esforçava em não admirá-lo, o que se tornara uma tarefa hercúlea para os meus pouquíssimos e desavergonhados neurônios em funcionamento. Como alguém tão vil e inescrupuloso podia ser tão lindo?! Como, apesar de tudo, eu ainda me sentia loucamente atraída por ele?

— Por que está cuidando de mim? Sete mil moedas foi pouco, Richard? Resolveu aumentar o lance das apostas? — provoqueei.

— Não temos tempo para gracinhas, garota. Desça! — ordenou.

Olhei ao meu redor sem saber bem o que estava procurando e me deparei com um lugar muito mais amedrontador do que o deserto que acabara de atravessar. Um mar de escuridão nos ladeava. Finalmente, consegui identificar que estávamos em uma estreita gruta. Sem que eu esperasse, ele me puxou do animal. Nossos corpos tornaram a se roçar, uma palpável e intensa energia fluiu por nossas peles. Eu tremi. Ele tremeu.

— “Garota”? Já esqueceu meu nome? — tornei a provocá-lo, tomada por uma dor que me invadia sem piedade. A dor da certeza. Onde antes havia a esperança da dúvida, agora imperava a certeza

do descaso. Ele já havia se esquecido de mim, de nós. — Mas o seu nome não sai da minha cabeça, Richard — confessei encarando-o.

— Estupidez a sua — retrucou de forma ácida enquanto terminava de amarrar meu braço com a faixa. Outro golpe certo. Seria difícil me recuperar agora. Senti uma fraqueza generalizada e a respiração ficando cada vez mais difícil.

— Estúpida... porque acreditei em você... — murmurei. Mesmo de cabeça baixa, percebi como ele franzia a testa e esboçava um sorriso indecifrável. Minhas pernas começaram a tremer e tive medo de desabar. — Diga-me apenas o porquê, Richard — insisti, fazendo de tudo para me manter de pé.

— Eu disse que era um erro. Não lhe escondi que tinha minhas dúvidas — explicou em tom sarcástico.

Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Ele voltara a ser a mesma figura desprezível de quando o conheci?

— E não tem mais? — tentei enxergá-lo melhor, precisava ver sua reação, mas era quase impossível naquela escuridão.

— Não. — A fisionomia nebulosa que consegui distinguir foi imediatamente substituída por uma deformada. Meu corpo se arrepiou por inteiro. — E, se você for um pouquinho inteligente terá compreendido o que eu quis dizer.

— Você... Por quê? — Levei as mãos à boca, atordoada. Meus olhos ardiavam, mas não havia lágrimas. Seca. Desértica por dentro.

— Porque sou um zirquiniano! — E soltou uma gargalhada demoníaca. — Zirquinianos não valem nada. Será que ainda não entendeu?

— Você valia tudo para mim — rebati sem pensar, tentando controlar a vertigem que se apoderava de meu corpo. Por um

momento ele pareceu vacilar e uma veia latejou em seu pescoço. Sem pestanejar, tornou a vestir a couraça de indiferença.

— Você é que vale muito, híbrida — ironizou e meus joelhos por pouco não dobraram. O peso da decepção era demais para mim. — Valeu a pena o esforço.

— “Híbrida”? “Esforço”? — balbuciava sem conseguir acreditar na dureza daquelas palavras.

— Ainda estou lhe fazendo um favor, se quer saber.

— “Favor”? — A vertigem avançou e a visão ameaçou falhar. Respirei fundo, mas não encontrei ar. — Que favor, Richard? Do que você está falando?

— Não lhe interessa e basta deste assunto! — respondeu impaciente e, vendo minha condição perturbada, concluiu o massacre de forma irônica: — Você sempre soube o que eu sou, híbrida. Por que se iludiu?

Respire, Nina. Agente.

Lancei-lhe um sorriso tão gelado quanto a minha alma.

— Responda-me apenas: por que se esmerou em me enganar se não havia necessidade de me fazer acreditar que sentia algo por mim?

— Eu nunca enganei você — respondeu ele com a voz subitamente rouca.

— Não? Ah! — arfei. — Como imaginei... Foi só para matar sua curiosidade, só para me usar. Tem razão, Richard. Você é igual a todos os outros.

— Desde o início eu lhe disse que a deixaria sob os cuidados de John — disse ele, tentando manter a fisionomia impassível, mas começava a cerrar os punhos.

— Mas não comentou que partiria na manhã seguinte, que me venderia como uma mercadoria — rebati azeda. — Que prazer teve em me fazer sofrer após ter me usado? Eu já não tinha sido suficientemente penalizada?

Ele engoliu em seco e não me respondeu.

— E o que planeja agora, Richard? — inquiri sentindo minhas pálpebras se fechando.

Ainda sem resposta.

Agunte só mais um pouco, Nina. Já vai acabar. Concentre-se.

— Já não conseguiu o que queria? — insisti e, tateando, apoiei-me na gelada parede de pedras. Senti que ia desmaiar.

— Não! — retrucou áspero. — Você é minha missão, e de mais ninguém.

Era óbvio! Era isso que ele queria dizer: ele era a minha morte! Se alguém devia me matar, este alguém era ele.

— Ah, sim! Claro! Por que não pensei nisto antes? — soltei irônica. — Você é a minha morte...

— Sim, garota. Eu sou a sua morte! — rosnou entre dentes.

— Ótimo! — guinchei. — Então me mate agora, Richard, e acabe logo com isso!

Ele arregalou os olhos, como fazia quando estava nervoso, e começou a andar de um lado para outro.

— Foi pra isso que você voltou, não foi? Além de ficar rico, vai ganhar muito prestígio concluindo sua missão, não é? — ataquei com uma força remanescente que jamais pensei possuir.

Silêncio.

— Responda! — berrei e ele franziu o cenho.

— Não é tão simples assim, eu...

Na mosca! Nem a escuridão do entorno podia esconder a confissão estampada em seu rosto.

— O que está esperando? Mate-me agora, Richard! Não foi para isso que veio me buscar? — voltei a ordenar, aproximando-me dele. Podia jurar ter visto suas pupilas tremerem.

— NÃO! — rebateu tenso, dando um passo para trás. — Eu... eu não consigo — balbuciava transtornado sem me encarar, como se estivesse travando uma batalha interna. — Longe de você tudo fica tão fácil, tão claro, mas, quando me aproximo de você, nada faz o menor sentido, eu simplesmente não consigo ir adiante, eu...

— Não precisa se consumir. — E lancei-lhe um sorriso debochado. — Você não terá trabalho algum, afinal você já me matou há vários dias. O que você está vendo, Richard, é apenas um corpo sem alma.

— Nina, eu...

— Será que não percebeu que a decepção que me fez passar teve o mesmo efeito que um punhal cravado nas minhas costas? — indaguei feroz. — Ops! Me esqueci. Zirquinianos não sentem nada, não é mesmo? Pelo menos, nada de bom.

— Nina, eu... — Suas pupilas contraíram-se num rompante. Tenso, ele não me contestou, apenas segurou meus braços com

força e me puxou para junto dele, abraçando-me com desespero e avidez. Quis reagir, mas simplesmente não conseguia me afastar de seu magnético tórax. Nova onda de calafrios. — Eu não... — arfou. — Nina, eu não tive a intenção, eu...

— Acabe logo com isso, Richard — implorei baixinho com a cabeça afundada em seu peito. — Mas, por favor, não me deixe sofrer.

Ele me apertou com intensidade contra seu corpo quente, quase tão febril quanto o meu, e soltou um gemido.

— Me perdoe, por favor. Nina... — fuzilando-me sem compaixão, ele afastou minha cabeça de seu musculoso peitoral e a segurou entre suas mãos trêmulas.

— Não precisa me pedir desculpas, Richard — disse sentindo-me repentinamente estranha. — Eu sei que não teve culpa. Fez apenas o que foi treinado desde que nasceu: matar.

— Não! — bradou e sua testa se via lotada de vincos. — Nina, eu... — Ele hesitava. — DROGA! Eu não sei mais o que fazer! — trovejou. — Eu preciso de você! Eu quero você, Nina. Mas eu não posso! NÃO POSSO!

Seus olhos eram uma arma letal, que fulguravam sem compaixão. Laser! E me atingiram de maneira devastadora. Senti meu corpo desfalecer, mas, dentro de mim, algo sombrio permaneceu intocado e alerta, insensível à presença arrasadora que Richard exercia sobre minha matéria e espírito. Lá dentro. Borbulhando. Crescendo... ganhando forma. A resposta dentro de outra resposta. “Os zirquinianos existem para tirar vidas e não para se apegar a elas”.

Egoísmo! Este era o porquê de tudo!

De fato, Richard havia me avisado. Não era amor o que sentia por mim, mas, sim, desejo. Desejo de despertar seu corpo anestesiado. Desejo por tudo que poderia experimentar por meio de uma híbrida. Eu valia muito mais do que uma fortuna em moedas. Minha morte era sinônimo de vitória, status, poder. Ele seria o grande vencedor desta louca jornada. Mercenário e sem escrúpulos, ele já havia rolado os dados. Só que agora era a minha vez de jogar...

— Beije-me, Rick! — pedi, deixando meu rosto roçar pelas palmas de suas mãos.

— Eu não posso. Você está muito fraca. — Ele afagou o meu rosto e, delicadamente, envolveu-me junto ao seu corpo fervente. O calor que exalava de sua pele me atingia em instáveis ondas eletromagnéticas. Calafrio. Quentura. Faíscas. — Eu não posso, Tesouro — sussurrou e escondeu o rosto atormentado na curva de meu ombro, deixando suas mãos acariciarem meus cabelos e minha nuca. Tornou a se afastar e nossos olhares se sustentaram, vidrados. Por uma eternidade ou apenas uma pulsação? Impossível saber. O fator tempo desintegrou, mas era chegada a hora de colocar em prática o que havia aprendido com ele mesmo: blefar. Era o momento da cartada final: *o beijo da morte*. Agora era a minha vez de decidir e a opção era fácil: morrer. Perdera minha mãe, meus sonhos tinham sido aniquilados, minhas verdades apagadas. O pior de tudo: meu coração fora trapaceado pela única artéria de esperança que o fazia pulsar, ir adiante. Enganada e abandonada pela única pessoa em que a minha alma havia apostado todas as suas fichas. E o que me restara? Nada. Morrer era o que eu mais desejava naquele momento. Um fim para o meu martírio, um ponto final rápido e indolor.

— Beije-me — tornei a pedir, mas, na verdade, eu queria dizer mais. Dizer que, apesar de tudo, eu o amava. Que, no fundo, eu compreendia a razão da sua dualidade, de tudo. Que não o culpava por ele ser daquele jeito. Afinal de contas, a quem eu queria

enganar? Tão extraordinária e simples como uma vida que se inicia, Richard era o desfecho surpreendente, o término de uma jornada inexplicável, a minha morte.

— Ah, Tesouro — gemeu e, hesitante, tornou a me estudar com suas hipnóticas safiras azuis-turquesa. Teria captado o que não consegui dizer? Compreendido o que estava por detrás daquele pedido? Ou simplesmente agia de acordo com seu instinto zirquiniano e ansiava por desfrutar, uma vez mais, das espetaculares sensações que um híbrido poderia lhe oferecer? A resposta pouco importava agora. Eu já havia decidido.

— Richard... — sorri e aproximei meu rosto do dele, permitindo que nossas respirações se encontrassem. Após um suspiro de satisfação, ele sorriu de volta e se curvou. Apertando-me violentamente contra seu corpo, ele deixou seus lábios fundirem-se nos meus. Richard era um fio de alta tensão desencapado e me eletrocutava de prazer. Sua boca macia, sua pele ardente, suas mãos fortes... Não tive força para lutar contra, e nem queria. Foi quando aconteceu: ele sugou minha energia vital, ou o que restava dela. Senti meu coração trepidar freneticamente no peito até perder a força e parar de bater.

Há pouco mais de um mês, eu nunca havia pensado em como morreria. Paradoxalmente, a morte surgiu em meu caminho e, junto com todos os horrores, ela me trouxe felicidade, vida. A vida que eu jamais imaginaria ter. Muito além das minhas expectativas. Infelizmente, com uma mão ela me acariciava e com a outra, me ceifava. A lâmina da foice, entretanto, não era fria ou cortante, mas aveludada e entorpecente.

— Nina?!

De repente, um novo choque. Dor. Calor. Combustão. Um curto-circuito avassalador e paralisante. Senti meu corpo ser comprimido

e arremessado à estratosfera. Fogo incandescente me queimava por dentro. Tudo ardia, me consumia, me entorpecia...

— Ah, não! Nina?!

Onde eu estava? Sua voz vinha tão distante...

— Não! Não! Não! Tesouro?! Fale comigo!

Espasmos. Meu corpo foi violentamente castigado por uma sequência de espasmos incontrolláveis.

— Nina?! Eu não podia ter beijado você deste jeito! — ele esbravejava.

Eu já não sentia mais meu corpo. Imagens borradas dançavam em meu campo de visão.

— Por Tyron, o que foi que eu fiz?! Tesouro, não! — gritava apavorado.

Um lindo sonho cheio de vozes e espectros dançantes...

— Ah, não, Nina, não! Por favor, fique comigo! Nina, você consegue me ouvir? — a voz distante era trepidante.

Senti o tudo e absorvi o nada. Eu estava completa e vazia.

Que voz suave era aquela? Eu a conhecia?

— Nina, por favor! Escute-me, por favor, por favor, Tesouro, não! — implorava a voz sacudindo o meu corpo inanimado.

Minha audição conseguia distinguir um soluço de desespero açoitando a bem-vinda quietude. *Estaria sonhando?*

— Não desista, por favor, não desista — um choro compulsivo. Cortante.

Desistir...

O sonho estava perdendo a cor, a definição.

— Nina, não! Não! Eu sinto muito. Eu, eu... — Novos soluços. Uma agradável sensação percorria meu rosto. Ele era acariciado e umedecido ao mesmo tempo. Um sabor. Uma mistura de doce e salgado. Gosto de lágrima. Muitas delas. Foi a última coisa que senti. — Por favor, aguenta! Tesouro, eu... — e a bela voz desapareceu. Sem vestígios. Sem despedida.

O sonho perdeu o som. Os espectros se foram, dando lugar a um oceano de sombras e escuridão.

#

Um incômodo em minhas pálpebras. Claridade? Meu corpo sacolejava de um lado para o outro. Como reflexo de defesa, abri os olhos e me levantei num rápido impulso. Estupidez. Deveria ter permanecido como estava e de olhos bem fechados!

— Onde estou? — em pânico e atordoada, berrei para um sujeito de calvície reluzente que cavalgava à minha frente.

— Finalmente! — bradou satisfeito o homem. Ele deixou um largo sorriso se abrir logo abaixo de seu volumoso bigode avermelhado. Extasiadas pupilas verticais me saudavam, abrindo-se e fechando-se sem a mínima timidez. — Bem-vinda a Zyrk!

Ah, não!

Saiba como continua a surpreendente história de Nina. Não perca o segundo livro da série que está dando o que falar!

A Autora: "Você já dormiu demais. Está na hora de começar a sonhar."



Ser apaixonada por leitura não ia de encontro à minha origem. Vinda de uma família humilde, eu não tive acesso a livros de ficção no decorrer de minha infância. Eles eram caros e meus pais esforçavam-se por comprar os estritamente necessários (e chatos!), tais como: matemática, física, química, etc.

Tive que deixar minha paixão pela leitura de lado e começar a trabalhar desde cedo. O tempo se esvaía, como água entre os dedos, e não me sobravam minutos para os sonhos.

Porém, a mesma vida que me fez mudar de direção, deu uma guinada em sua trajetória e me colocou face a face com meu antigo e fulminante amor: os Livros de Ficção, mais especificamente, os

livros infanto-juvenis. Wokaholic assumida, vi meu mundo ficar de cabeça para baixo quando meu médico me disse que estava grávida, mas que era uma gravidez de risco e que teria que ficar de repouso durante os nove meses, caso realmente quisesse segurar o bebê em meus braços. De início, achei o máximo ficar algumas semanas sem fazer nada, só comendo besteiras e vendo todos os programas da televisão (que nunca tive a oportunidade de assistir!). Mas, os dias foram passando e, com eles, a minha paciência. Após um mês deitada, comecei a ficar nervosa e estava a um passo da depressão quando meu marido (e nas horas vagas, meu super herói) entrou em ação. Vou me recordar até os últimos dias de minha vida quando ele chegou em casa carregando um presente envolto num lindo embrulho e disse com um sorriso travesso nos lábios:

"Você já dormiu demais. Está na hora de começar a sonhar."

Abri o pacote e lá estava o meu grande amor piscando para mim: um livro de ficção. E era infanto –juvenil!

Bom, dali em diante, devorei quantidades absurdas deles. Não sei se vale a pena dizer, mas eu li quase 100 livros em menos de um ano. Loucura, não? Mas é a pura verdade. O resto são detalhes. E aqui estou eu...

Eu adoraria ouvir seus comentários e sugestões. Envie um email para: fmpepper.author@gmail.com Se quiser saber um pouco mais sobre mim, assistir ao teaser do livro e participar de promoções, visite o site WWW.fmpepper.com.br

Ah! Uma última coisinha...

Quando você virar a página, o Kindle vai lhe dar a oportunidade de dizer o quanto gostou desse livro e compartilhar seus comentários no Facebook e Twitter. Se você acredita que o livro vale a pena,

você se importaria em dizer aos seus amigos o que achou dele? Se eles gostarem, com certeza ficarão agradecidos pela indicação. Assim como eu também.

Super beijos e até a próxima!

F.M.Pepper

Se você baixou esse livro de outro site que não for o Exilado [livrosdoexilado.org], saiba que essas pessoas de quem baixou apenas copiam material de lá além de enganar seus visitantes pedindo doações para fazer/postar seus “ebooks”.

O site do Exilado [livrosdoexilado.org] é um dos poucos sites em língua portuguesa que se preocupa em disponibilizar material de qualidade, fazer material próprio (criando ebooks) e apoiar autores iniciantes.

Cobre os donos do site e das comunidades que participa – o motivo dessa(s) pessoa(s) receberem dinheiro - se apenas “colam” o material do meu site. Lute para que esses sites façam seu próprio material e apoiem os autores iniciantes – enfim faça algo realmente produtivo.

**APOIE QUEM REALMENTE FAZ ALGO E NÃO QUEM APENAS
QUER LEVAR VANTAGEM FINGINDO SER ALGO QUE NÃO É !
(POSERBOOK)**

Table of Contents

[Cover](#)

[Title](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[About the Author](#)